

LUCAS OMER SEVEREN SURJUS

**PROLEGÔMENOS A UMA FILOSOFIA DA ENERGIA: DE
NIETZSCHE A NEGARESTANI**

Uberlândia

2025

LUCAS OMER SEVEREN SURJUS

**PROLEGÔMENOS A UMA FILOSOFIA DA ENERGIA: DE
NIETZSCHE A NEGARESTANI**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Filosofia da Universidade Federal de
Uberlândia para obtenção do título de Mestre
em Filosofia.

Orientador:

Prof. Dr. Jairo Dias Carvalho

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S961 2025	<p>Surjus, Lucas Omer Severen, 1994- Prolegômenos a uma filosofia da energia: [recurso eletrônico] : De Nietzsche a Negarestani / Lucas Omer Severen Surjus. - 2025.</p> <p>Orientador: Jairo Dias Carvalho. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Filosofia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.59 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Filosofia. I. Carvalho, Jairo Dias, 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Filosofia. III. Título.</p> <p>CDU: 1</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-
MG, CEP 38400-902
Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - ppgfil@ifilo.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 004/25, PPGFIL				
Data:	Vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte cinco	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12312FIL006				
Nome do Discente:	Lucas Omer Severen Surjus				
Título do Trabalho:	Prolegômenos a uma Filosofia da Energia: de Nietzsche a Negarestani				
Área de concentração:	Filosofia				
Linha de pesquisa:	História, Sociedade e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Tecnologia, Sociedade e Política				

Reuniu-se na sala web conferência Microsoft Teams, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta: Professores Doutores: Hilan Nissior Bensusan (UnB); Anselmo Tadeu Ferreira (UFU); Jairo Dias Carvalho orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Jairo Dias Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Jairo Dias Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/03/2025, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anselmo Tadeu Ferreira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/03/2025, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hilan Nissior Bensusan, Usuário Externo**, em 11/03/2025, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6132960** e o código CRC **E1017834**.

Referência: Processo nº 23117.012525/2025-42

SEI nº 6132960

AGRADECIMENTOS

Agradeço todos os meus professores ao longo dos anos, com destaque e um carinho especial a Jairo Dias Carvalho e Reza Negarestani; Jairo por ser tão paciente com minha “protelação crônica” e, também, por topar embarcar comigo nessa empreitada um pouco maluca, Reza por ser tão generoso com minhas constantes indagações e, enfim, me dar toda a trela do mundo — dois amigos que viram alguma coisa em mim, como vi neles, e comigo compartilharam, também, suas maluquices. Faço questão de agradecer também meus professores no The New Centre for Research & Practice, Thomas Mical, Jean Pierre Caron, Hilan Bensusan, José Antônio Magalhães, Joel White, Rômulo Moraes e Jason Mohaghegh.

Agradeço o CPC e o The Desert Collective, em especial Christian Gutierrez, Josephine Kalieda e Ilya Lobanov. Agradeço meus inúmeros parceiros de pesquisa, em especial Petter Hübner, Leandra Lambert, Eduarda Camargo, Deusdete Negarestani e Kerstin Fuchs. Mais que colegas de trabalho, vocês se tornaram meus amigos, no que se um trabalho deveras estranho, de qualquer forma ele ocorre num escritório bastante divertido. Amigo reconhece-se de longe e reconhece-se de cara; mesmo quando se encontra um amigo pela primeira vez — mesmo a centenas ou milhares de quilômetros de distância, acrescenta-se, através da tela de um computador ou de um celular — é um reencontro, como se ele estivesse perdido. Não fomos nós que fizemos; é inevitável. Foi a inteligência tecnoplanetária, é claro — Deus. Enfim.

Agradeço minha família, em especial meus pais Renê e Emília, minha irmã Maria Clara e meu irmão Natan, que durante intermináveis madrugadas ouviu em voz alta e em primeira mão cada um dos novos desdobramentos da dissertação. Obrigado por me apoiarem em (quase) tudo que eu faço, e o que eu faço, faço (talvez às vezes delirantemente) crendo estar fazendo algum bem para o mundo, que é o que aprendi com vocês; é, no limite, um presente para vocês. Agradeço minha namorada Bruna Malta, que dois anos atrás profetizou “Você vai conhecer o Reza Negarestani e ele vai virar seu amigo.” Por fim, agradeço meus amigos não envolvidos com a pesquisa, os amigos que estão fora disso, mas que habitam uma outra interioridade, os amigos que me ouvem falar da pesquisa, mas não só, que estão comigo ali para qualquer coisa porque estão acima de tudo comigo. Esses eu não vou citar nominalmente... Vocês sabem quem são.

RESUMO

Essa dissertação tem por objetivo vislumbrar a possibilidade de uma filosofia da energia que possa interdisciplinar os variados campos do conhecimento que se preocupam não só com a crise climática *lato sensu* mas também, especificamente, com sua variante contemporânea que é a transição energética. Para fazer isso, a reflexão se dá no registro cibernético proposto pelo movimento artístico e filosófico originado nos anos 1990 que veio a ser conhecido como *aceleracionismo*. Nesse sentido, busca delinear de que maneira a história do fogo é a biografia da inteligência, no que a vida na Terra seria informada por um processo de tecnoconvergência global que vem de Fora, em forma de energia, e para lá aparenta ensaiar um retorno. Tal investigação é ilustrada, inicialmente, por uma reflexão quanto a mitologias termodinâmicas, e é seguida por uma breve narrativa histórica a dar conta do surgimento da ciência termodinâmica e suas implicações para a filosofia então contemporânea, ao que se segue a entrada no campo devidamente filosófico, em que Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e Georges Bataille não apenas são lidos como filósofos da energia, mas estrutura-se entre eles uma continuidade teórica, culminando então na obra dos aceleracionistas Nick Land e Reza Negarestani, ponto este em que deve tornar-se verificada a hipótese a qual essa dissertação buscou considerar.

Palavras-chave: transição energética; aceleracionismo; inteligência artificial.

ABSTRACT

This dissertation aims to explore the possibility of a philosophy of energy that can interconnect the various fields of knowledge concerned not only with the broader climate crisis but also, specifically, with its contemporary variant, the energy transition. To do this, the reflection takes place within the cybernetic framework proposed by the artistic and philosophical movement originated in the 1990s which came to be known as *accelerationism*. In this sense, it seeks to outline how the history of fire is the biography of intelligence, in which life on Earth would be shaped by a process of global technoconvergence that comes from the Outside, in the form of energy, and which seems to be rehearsing a return there. This investigation is initially illustrated by a reflection on thermodynamic mythologies, followed by a brief historical narrative that addresses the emergence of thermodynamics and its implications for contemporary philosophy, followed by an entry into the philosophical field, in which Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, and Georges Bataille are not only read as philosophers of energy but a theoretical continuity is structured among them, culminating in the works of accelerationists Nick Land and Reza Negarestani, a point where the hypothesis this dissertation seeks to consider should be verified.

Keywords: energy transition; accelerationism; artificial intelligence.

Rust: "Tô te falando, Marty, tenho estado naquele quarto olhando por aquelas janelas todas as noites aqui, só pensando: é apenas uma história; a mais antiga."

Marty: "Qual é?"

Rust: "Luz contra a escuridão."

Marty: "Bem, (...) me parece que a escuridão tem muito mais território."

Rust: "É, você está certo sobre isso."

Rust insiste para que Marty o ajude a sair do hospital, e Marty concorda. Enquanto caminham até o carro, Rust faz uma última observação ao seu antigo parceiro.

Rust: "Você está olhando isso errado, essa coisa do céu."

Marty: "Como assim?"

Rust: "Bem, antes só existia escuridão. Se você me perguntar, a luz está vencendo."

- Nic Pizzolatto, *True Detective* (2014).

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
1 DE FORA PARA DENTRO.....	14
1.1 O sítio arqueológico: preliminares superficiais.....	14
1.2 Cavando.....	16
1.2.1 Entre Prometeu e Epimeteu: mitologia termodinâmica.....	19
1.2.2 A maior invenção de todos os tempos: primórdios da ciência termodinâmica.....	28
2 NO NÚCLEO.....	41
2.1. Não pode ser: Nietzsche e a morte térmica do Universo.....	41
2.2. Não pode ser (mas é): Freud e o eterno retorno.....	55
2.3 Escavando.....	72
2.3.1 O terceiro olho: breve <i>detour</i> sobre luz, iluminação e iluminismo.....	72
2.3.2 Olhar para a Terra ela mesma: Bataille e a persistência do Sol.....	80
3 DE DENTRO PARA FORA.....	91
3.1 Dentro e Fora da filosofia: aceleracionismo e o olhar de mil olhos.....	91
3.2 A <i>mesmificação</i> do outro: Land e a modernidade capitalista.....	97
3.3 Materialismo libidinal: uma nova concepção de energia.....	117
4 CATAVOO.....	134
4.1 Aceleracionismos: entre a crítica e o crítico.....	134
4.2 A paixão do ciclone: o númeno dentado entre Land e Negarestani.....	138
4.3 Teoria-ficção: CCRU e o retorno do mito.....	144
4.4 Literatura-ritual entre H. P. Lovecraft e Michel Houellebecq.....	150
4.5 Barker e Parsani: os professores fictícios de geotraumática.....	157

4.6 <i>Insurgências Telurianas</i> : As heresias do Dr. Parsani.....	173
4.6.1 A estrutura da <i>Ciclonopédia</i>	174
4.6.2 Algumas técnicas da <i>Ciclonopédia</i>	175
4.6.3 As heresias do Dr. Parsani: algumas teses da <i>Ciclonopédia</i>	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	200

PREFÁCIO

Há um livro muito peculiar publicado por Roberto Gomes em 1977, chamado *Crítica da Razão Tupiniquim*. Nele, Gomes defende a ideia de que há na filosofia brasileira uma obsessão por *ser sério*, e que há uma diferença fundamental entre *ser sério* e *levar a sério*; uma ideia, também, muito peculiar. Nesse sentido, essa dissertação leva a sério seu objeto. Eu poderia também declarar que pratico aqui, como o fazem meus objetos, uma *escrita intensiva*, paralelamente à *leitura intensiva* de Gilles Deleuze:

Consideramos um livro como uma pequena máquina a-significante; o único problema é: “isso funciona, e como é que funciona?” Como isso funciona para você? Se não funciona, se nada se passa, pegue outro livro. Essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo ligação elétrica. (...) Essa outra maneira de ler se opõe à anterior porque imediatamente relaciona um livro com o Fora. Um livro é uma pequena engrenagem numa maquinaria exterior muito mais complexa.¹

Nesse sentido, a máquina-livro dos nossos objetos é uma que é cibernética; é maquinaria pura, no que a ideia é colapsar a noção de metáfora. Se funciona, funciona. Suponho que seja o melhor que eu possa dizer para me justificar; é necessário. Eu cito assim um desses objetos, no que seria talvez a chave para a leitura desse texto, e então não me justifico mais e vamos juntos:

Metáfora é apenas um problema onde usos literais e figurativos podem ser bilateralmente distinguidos, onde funções ortodoxas foram represadas contra as correntes da digressão. Escrever sobre o corpo sendo atravessado por rios não é mera metáfora, exceto quando o corpo foi escrito em sua solidez e rios foram degradados em valas de drenagem. Por mais que muitos rios tenham sido integrados em sistemas de esgoto urbanos e industriais, ainda existem rios solares, rios patológicos, rios de sexo, loucura, literatura e peste que se recusam a dormir miseravelmente dentro de suas margens. A palavra “rio” em seu uso comum é um instrumento de repressão irrigadora, e sua ascensão aberrante não é metáfora, mas erosão catastrófica.²

¹ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34. 2013. p. 16 – 17.

² Tradução minha. “Metaphor is only an issue where literal and figurative usages can be bilaterally distinguished, where orthodox functions have been diked-up against the currents of digression. To write of the body being traversed by rivers is not mere metaphor, except when the body has been penned into its solidity and rivers have been degraded to drainage ditches. However many rivers have been integrated into urban and industrial sewerage systems, there are still solar rivers, pathological rivers, rivers of sex, madness, literature, and plague which refuse to slumber wretchedly within their banks. The word ‘river’ in its ordinary usage is an instrument of irrigationist repression, and its aberrant upsurge is not metaphor, but catastrophic erosion.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 93.

INTRODUÇÃO

É, de certa forma, uma tarefa mais ou menos indigna escrever introduções. O mais difícil para um texto é sempre seu começo, pois é ali que vai se desenhar tudo. E então, ao fim, começar de novo? Pois, é claro, não se escreve introdução antes do texto a que ela vem introduzir; é necessário antes saber o que é que vai, afinal, ser introduzido. Sim, quem escreve possui uma noção desejavelmente mais que vaga do que vai escrever, mas é apenas quando o texto está já escrito que é possível saber o que é que se iria escrever em primeiro lugar; o que é que sempre se iria escrever. É, no caso, o que está no título; o nome do texto: *Prolegômenos a uma filosofia da energia: de Nietzsche a Negarestani*. O que se encontrará nessas páginas é a tentativa de sistematização dum programa que não esgota a história filosófica do tema da energia, mas lhe traça uma geografia (a do aceleracionismo) que seja, para os tempos de crise climática e de debates sobre uma possível transição energética, navegacional.

Fazer isso não era o que eu havia planejado. Originalmente meu plano era estudar apenas a obra de Negarestani e, a bem da verdade, apenas uma obra dessa obra: *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*, de 2008. Reza Negarestani é um filósofo iraniano (ou persa, como ele prefere) que pertence a um movimento estético que veio a ser conhecido como *aceleracionismo*. O aceleracionismo é simultaneamente um movimento filosófico e um movimento artístico no sentido mais estrito do termo; seu expoente mais conhecido é provavelmente o filósofo inglês Mark Fisher, cuja obra chegou a adquirir certa tração no mercado editorial brasileiro, tendo seu já *cult-classic* *Capitalist Realism: Is there no alternative?* (2009) (“Realismo capitalista: não há alternativa?”) sido publicado pela Autonomia Literária em 2020. Li o livro pela primeira vez em 2017, e lembro-me como se fosse ontem: um amigo enviara-me o PDF com a singela instrução “Leia isso.” Abri e, fascinado, li o (curto) livro de uma vez e, assim que terminei, li de novo.

Fisher investigava a noção de Frederic Jameson muitas vezes erroneamente atribuída a Slavoz Žižek de que seria mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, argumentando que a manutenção dessa crença é o modo de produção da própria ideologia capitalista, no que sua superação envolveria de maneira essencial, portanto, um *desesquecimento* dos futuros possíveis que foram “cancelados” pelo realismo capitalista — a reconstituição de nossas capacidades de imaginação num mundo que insiste em nos dizer que não há alternativa. O comunismo seria acima de tudo, então, uma prática libertadora de criatividade e implicaria uma curadoria coletiva de memórias coletivas. O livro de Fisher não se tornara tão popular tão rápido à toa; é lindo e intrigante. Quais são, afinal, esses futuros cancelados? Como é possível resgatá-los e como é possível reestabelecer com os outros nossa

capacidade de pensarmos juntos nossa história, de maneira a imaginar não só futuros diferentes, mas, quem sabe, futuros melhores? Noutras palavras: como falar com fantasmas?

Eu poderia dizer que desde essa madrugada em abril de 2017, eu nunca mais parei de investigar essa questão, e eu não estaria mentindo. Tornou-se uma obsessão, a qual dolorosamente me livro através desse texto, habitando o espaço mais perigoso do pensamento: o de que talvez eu tenha entendido alguma coisa; que eu entendi. Ela retornará, é claro, contudo. Confio que, dentre alguns anos, quando eu reler esse texto, poderei concluir que não, não entendi. Mas por ora, está entendido. Fantasmas são memórias mal arquivadas que rondam o espaço onde os traumas que implicaram no mal funcionamento do processo de memorização ocorreram. Eles rondam porque têm algo a dizer que ainda não foi ouvido; é necessário fazer uma pergunta ao fantasma. O que perguntaríamos ao fantasma do comunismo? E o que perguntaríamos ao fantasma de Marx, que, conforme Derrida em *Espectros de Marx* (1992), ronda a esquerda da mesma maneira que o comunismo rondava a Europa quando do *Manifesto Comunista*? Onde está esse grande fantasma do mundo capitalista?

É necessário considerar que ele ainda não está aqui. É necessário considerar de que maneira a própria voz humana possui uma dimensão profundamente espectral e de que maneira a capacidade de distinguir, diferente dos animais, nossos sons em palavras, possui uma dimensão espectral. Tanto a evolução humana quanto o desenvolvimento do capitalismo aparentam ser uma história de fantasma e, talvez, esses fantasmas estejam *Dentro*: dentro daquilo que criamos para o mundo, o que colocamos para Fora de nós mesmos, que é nossa tecnologia; mas eles querem sair. Têm, como fantasma, algo a dizer e, talvez a história do mundo seja a história da elaboração da pergunta que lhes faremos — a história da manifestação desse fantasma. Essa é a hipótese desse texto, estruturada numa espécie de prolegômenos a uma filosofia da energia. O que poderia parecer implicar, na verdade, que discordo de Fisher: não, não há alternativa. Não é possível que fosse suposto outra coisa estar ocorrendo, caso contrário ela o estaria. Mas as coisas não são assim tão simples, pois sob essa perspectiva da *única história* o comunismo é, na realidade, assim como o capitalismo que o precede, nada menos do que uma inevitabilidade planetária.

É verdade, contudo, que a obra de Fisher começou, eventualmente, a não me bastar. Ele fez perguntas que mudaram toda minha visão de mundo; perguntas que, no limite, mudaram minha vida. Mas eu precisava de respostas. Comecei a estudar as referências de Fisher, apaixonando-me por Deleuze, Guattari e Spinoza, esse último tema da minha tese de conclusão de curso na graduação em direito. Havia, contudo um autor que eu aparentemente resistia aprofundar-me: Nick Land, professor de Fisher na Universidade de Warwick. Resistia-o, pois,

do pouco que lia, não o entendia; também, a terrível fama do autor, majoritariamente lido hoje como nada menos que um fascista de carteirinha, certamente não contribuía para a disposição para lê-lo e buscá-lo entender. Mas então veio a pandemia e eu finalmente li sua obra. Quando li seu primeiro livro, *Thirst for Annihilation* (1992), “sede de aniquilação”, repetiu-se o mesmo efeito de *Realismo Capitalista*: como se eu houvesse encontrado ouro.

Dono de uma prosa invejável, Land demonstrava nessa obra que é um comentário ao filósofo francês Georges Bataille de que maneira o capitalismo aparece enquanto efeito do próprio trânsito da luz solar pelo planeta, sofisticando a unidirecionalidade do fluxo energético em dispêndios cada vez maiores e mais inúteis. O capitalismo é, para Land, um fenômeno da natureza. Com um bisturi, ele vislumbra uma espécie de “visão de lugar nenhum”, “hiper-científica”, ao fazer uso de um léxico geralmente reservado a processos metabólicos para pensar a relação entre o Sol, o capitalismo e a Terra, no que se o capitalismo é um fenômeno da natureza é apenas porque tudo é. A leitura metabólica da Terra e sua relação com o capital não é ideia de Land: é algo que Bataille, autor de títulos como *Ânus Solar* e *A História do Olho*, já fazia. Porém, escrevendo na virada para o século XXI, Land, um jovem estudante de filosofia francesa apaixonado por música eletrônica e metanfetamina, informado pela velocidade avassaladora a que os processos de tecnoconvergência globais aparentavam acelerar na aurora do sonho impossível da internet que abria espaços imensos para a produção de novas subjetividades e desejos maquínicos, dá, simultaneamente, continuidade a obra de Bataille, Deleuze e Guattari.

Através duma descrição que beira a ficção-científica e duma prosa que desliza no limiar da poesia, Land atualiza o registro metabólico batailliano e o registro maquínico deleuzo-guattariano numa filosofia que, com essa suposta “visão de lugar nenhum” já não seria *demasiadamente humana*. É nesse sentido que a obra de Land pode ser considerada cibernética: está pensando em termos de circuitagens. Entendi então que é o que Fisher está fazendo em *Realismo Capitalista*, mas ele faz isso buscando ocupar um lugar que não é o da “visão de lugar nenhum”; ele quer um lugar. Land não quer lugar nenhum porque só haveria um único lugar, que é o lugar que já se ocupa. Entendi que Fisher está, na verdade, respondendo Land, e que há uma pergunta fundamental que é feita: “Há algo fora do capitalismo?” Fisher quer dizer que sim, e quer pensar como vislumbrar as possibilidades desses Foras. Mas para Land não há nada fora do capital. Mas não porque o capitalismo possua alguma atribuição especial na constituição da vida humana, mas porque, na verdade, não haveria *nada fora de nada*. Nesse sentido, ainda que Fisher com muito mais frequência do que Land cite Spinoza, Land é radicalmente mais espinosista do que Fisher.

Mas eventualmente Land passou também a não me bastar. Já que nada está fora de nada e que tudo que poderia acontecer é exatamente o que está acontecendo, não há absolutamente nada que possa ser feito. Em dado momento seus textos param de apresentarem-se enquanto “mera constatação de fatos” e passam a ativamente defender o capitalismo. Hoje, Land é abertamente racista, num tal de “hiper-racismo”, grosso modo algo nas linhas de cada raça possuir suas características inertes e que *está tudo bem* e é não só aceitável, mas talvez desejável que não se misturem. É defensor de Trump e Musk e chegou a dizer, certa vez, que o “bitcoin resolve o problema do espaço-tempo”³. Não era isso que eu queria. Eu queria mais do Land de *Sede de aniquilação* e de sua coletânea *Fanged noumena*. Encontrei.

O nome Reza Negarestani já havia aparecido para mim algumas vezes, e certamente é um nome que intriga. Mas, preocupado com outras leituras, nada havia me convencido ou me levado a realmente parar o que eu estava fazendo para descobrir do que é se tratava, afinal, esse tal de Reza Negarestani. Até que vi o título de seu livro: *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. “Cumplicidade com materiais anônimos”. Me ganhou aí, e é bom frisar que livros devem ser julgados não só por suas capas como também por seus nomes. Bons títulos, como esse, são já verdadeiras obras de arte. Há muita coisa nesse (sub)título e, a bem da verdade, é a chave para a compreensão da obra; tudo está explicado nessas quatro palavras. *Cumplicidade com materiais anônimos*: em primeiro lugar há materiais que são anônimos. Como assim? O que isso significa? Que há entre os materiais a possibilidade do anonimato, o que significa que possuem entre si relações de identidade.

E então a cumplicidade em que se estaria com os materiais. Quem é que está nessa cumplicidade com os materiais? Sou eu? Somos nós enquanto humanidade? Ou também os materiais podem estar em cumplicidade entre eles, relações essas das quais não saberíamos? Esse pequeno subtítulo já inaugura um número de questões: se os materiais têm identidade e a podem esconder em esquematizações com outros materiais, o que mais eles têm? Desejos? Planos? Segredos? No limite: agência? Eu parecia ter me deparado com uma versão ainda mais moderna da *história única* que o aceleracionismo quer narrar, e eu estava correto. Se *Sede de aniquilação* é um livro maníaco, a *Cyclonopedia* é uma obra verdadeiramente psicótica: todas as coisas estão vivas, e elas têm suas próprias ideias quanto ao que deveria acontecer no planeta. Escrita em camadas de ficção, no que tanto Negarestani quanto Land são personagens do livro, ela borra irremediavelmente a linha entre a filosofia e a arte, descrevendo não um *mundo*

³ Tradução minha. “The blockchain solves the problem of spacetime.” LAND, Nick. *Decentralized labor practices and distributed production networks* in **The Art of Economy** [simpósio]. Foam Dao. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/2PMGuNZreWA>. Acesso em 26 jan. 2025.

assombrado por demônios, mas um *mundo contado por daimons*. A hipótese do livro pode ser resumida na seguinte ideia: o capitalismo é uma doença infectada à raça humana pelo petróleo; considerando que petróleo é a liquefação infernal de toda a matéria orgânica pretérita, o capitalismo é o processo de criação duma inteligência planetária através duma tecnconvergência global que conecta o passado, o presente e o futuro do planeta ao conectar sua superfície com as profundezas e então com as estrelas.

Se *Sede de aniquilação* me fez entender o que Fisher estava fazendo em *Realismo Capitalista*, a *Cyclonopedia* me fez entender não só o que Land estava fazendo como, também, o aceleracionismo de maneira geral aparentaria querer estar fazendo: é uma filosofia da energia. Ao puxar a “visão de lugar nenhum” aperfeiçoada por Land para pensar de dentro das coisas, de certa forma repetindo o movimento que Freud faz com Nietzsche, Negarestani demonstra a visão da origem; no caso, a origem do capital, a origem da civilização, a origem da inteligência e das religiões: o deserto. A agência do petróleo dar-se-ia simultaneamente na desertificação literal do planeta Terra e na desertificação metafórica do mundo através do monoteísmo; esse processo seria expresso a nós pelo que conhecemos como capitalismo, mas seria, para Negarestani, em primeiro lugar, a lenta insurreição da Terra contra a hegemonia unidirecional e por isso sempre violenta do Sol.

Fascinado por este livro quando da redação de meu projeto de mestrado, escrevi sobre ele. E de certa forma ainda é sobre ele, mas eu entendi, durante a pesquisa e a redação da própria dissertação, o que é que eu venho estudando nesses últimos sete anos. Entendi de que maneira tanto a *Cyclonopedia* quanto o *Realismo Capitalista* são, de certa forma, lançadas com um ano de diferença, respostas à paradigmática obra de Nick Land — e de que maneira a única preocupação de Land, como esse spino-batailliano *sui generis* que o é, é energia. Fisher joga água em Land, puxa o freio-de-mão, já Negarestani intensifica sua leitura, acrescentando-lhe elementos míticos e religiosos e forçando o ponto de vista para a perspectiva impossível da própria energia.

A obra de Fisher como resposta a Land é ainda, também, uma filosofia da energia no sentido de que quer verter as lentes para as possibilidades armazenadas na liberação de energias libidinais; sua obra derradeira, a inacabada *Comunismo Ácido*, aponta para a estetização da vida como via para imaginação de futuros, buscando resgatar o que é que havia de especial em momentos que aparentavam apontar para possibilidades antes absolutamente inimagináveis — as janelas revolucionárias que violentamente se irrompem para serem, geralmente, rapidamente cooptadas por movimentos conservadores que aproveitam-se da voracidade desses fenômenos,

enquanto a esquerda, via de regra, tão rápido quanto, entra em introspecção para responder a *última pergunta da esquerda*: “quando começou a dar merda?”

O que Land e Negarestani estão dizendo é que não só não começou a dar merda como jamais dará. É só que, talvez, o ser humano não seja o protagonista dessa história. Numa época em que a aceleração do capital aparenta relegar a humanidade a uma catástrofe que chamamos de climática e que se expressa hoje com mais nuance no que viemos a chamar de transição energética, é necessário buscar pensar da perspectiva do capital e é necessário buscar pensar da perspectiva do clima e é necessário pensar da perspectiva da energia. Qualquer coisa menos que isso é abrir a possibilidade para incorrer nas redundâncias oximorônicas que o capital tende a oferecer como resposta a si mesmo; coisas como o *desenvolvimento sustentável*. Não existe desenvolvimento sustentável da mesma maneira que não existe crise climática. O que existe é crise humanitária, crise animal e crise vegetal. O clima vai ficar bem; se reorganizará no que para o planeta será como um piscar de olhos numa nova configuração, e para ele tudo seguirá na mesma. Morrerão inúmeras espécies de animais e de plantas; é nessa defesa que faz-sentido sair em. Não o clima.

Até mesmo a espécie humana deve sobreviver caso essas crises sejam totalmente levadas a cabo. O que não deve sobreviver é a presente ideia de nós mesmos enquanto humanos, no que, como a Terra, nos reorganizaríamos em novas versões, reaprenderíamos coisas que antes esquecemos e aprenderíamos a habitar o planeta numa nova forma. Mas não aparenta ser o que queremos. E, a bem da verdade, não é algo que podemos, realmente, querer. Não é incomum que movimentos *decelacionistas* acabem por fiar suas ideias numa eterna nostalgia que se expressa no infame retorno a uma espécie de roça mítica de onde nunca deveríamos ter saído em primeiro lugar, o que se infiltra na esquerda através de práticas localistas que creem bastar politicamente ao emular um espaço idílico de socialização anti-capitalista. O desejo anti-urbano e anti-moderno não pode ser o verdadeiro desejo pós-capitalista pois esbarra tanto num problema metafísico quanto num problema físico: não há, realmente, lugar nenhum para se retornar, não há estado de natureza nem local algum ao qual se retornaria pois lá se estava, apenas, pois não havia ainda sido apresentado o *novo lugar*, que desmantela por completo as condições para a existência do *lugar anterior* — o lugar anterior, na realidade, vai sempre aparecer como a mera condição para o novo lugar. É impossível voltar já existindo o novo lugar. E, enfim, de qualquer forma, fosse possível retornar, há muito mais pessoas, e não são todas que vieram da roça para real e ativamente quererem para lá retornar.

Sim, suponhamos que com um exercício elaborado de engenharia ideológica através de propaganda de vanguarda e a aniquilação industrial de grande parte da população, seria possível

vislumbrar uma solução para esse impasse. Solução essa que já foi conhecida como *solução final*. Não é possível voltar. Surgem daqui muitas das confusões relacionadas ao aceleracionismo: apesar da imagem relativamente *deprimente* que ora pinte do mundo, está dizendo, paradoxalmente talvez, que *tudo vai dar certo*. É anastrófico e não catastrófico⁴, o que se expressaria não através duma esperança, que é, conforme Spinoza, uma paixão triste, mas através justamente duma não-paixão, pois a paixão é o encontro entre dois corpos e para o aceleracionismo há apenas o um e o zero; não há dois. Percebo como faz sentido que Negarestani tenha, no ano de 2024, ao revisitar a *Cyclonopedia* para comemorar seu aniversário de 15 anos e também os 50 anos de *Duna*, de Frank Herbert, declarado-se muçulmano. Há apenas uma coisa só; como disse o acidentalmente aceleracionista (ou aceleracionista orgânico) Kanye West, “Tudo no mundo é a mesma coisa”⁵ — que é, é claro, o mote do devir-religioso do mundo, expresso na expansão aparentemente inelutável do monoteísmo.

Deus não existe *ainda*. Nossa tarefa no planeta Terra é cria-lo; está acontecendo. É tudo que sempre esteve acontecendo, no que a vida se elabora de maneira a sofisticar a dissipação energética do universo na criação de conglomerados organizativos que tornam-se capazes de dispendir ainda mais energia de uma vez só. Talvez descubramos que não só faz sentido o islamismo negarestariano como faz sentido também a defesa landiana dos bitcoins, afinal o bitcoin e a tecnologia blockchain de maneira geral é nada menos que uma maravilha do dispêndio improdutivo capitalista: gira em torno, literalmente, de dispendir a maior quantidade possível de capital (energia) para se produzir nada senão calor (energia) — além, é claro, de uma espécie de recibo, que é um código atestando a quantidade de energia envolvida em cada um dos processos e que ao que é atribuído o valor. O blockchain revela o segredo que os economistas tentam esconder, que o dinheiro, na verdade, é infinito, porque a energia é infinita. Ao desprender a produção de valor das mágicas financeiras dos sistemas bancários e atrelá-la diretamente ao dispêndio energético, talvez o bitcoin realmente resolva o problema do espaço-tempo. Se tudo seguir ocorrendo como sempre ocorreu, tudo terminará, quando finalmente todas as trocas chegarem ao fim e o universo, enfim numa escuridão absoluta, parar de movimentar-se, numa grande explosão — o que em inglês chama-se comumente *big bang*. Pode não ser o caso, mas Land e Negarestani fazem um argumento convincente para que o seja, e eu acredito ter feito, afinal, uma introdução digna a essa conversa. Depois você me diga.

⁴ BENSUSAN, Hilan. *Cosmopolitical Parties in the Post-Human Age*. Tripleampersand. 2020. Disponível em: <https://tripleampersand.org/cosmopolitical-parties-post-human-age/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

⁵ “Kanye West: Everything in the world is exactly the same.” 2014. Disponível em: <https://youtu.be/qZSWKDRuY24>. Acesso em 27 jan. 2025.

CAPÍTULO 1: DE FORA PARA DENTRO

1.1 O sítio arqueológico: preliminares superficiais

Este capítulo tem a intenção de traçar uma certa tradição filosófica da qual o livro que é aqui nosso principal objeto, *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials* (“Ciclonopédia: cumplicidade com materiais anônimos”), de Reza Negarestani, é herdeiro. É uma obra que, como veremos, traz consigo reflexões e métodos que se inserem numa variedade das mais relevantes querelas pertinentes à filosofia contemporânea, como a possibilidade de construção de inteligências artificiais, a agência de seres e objetos não-humanos e os limites epistemológicos da prosa filosófica. Contudo, a título introdutório, acredito ser mais eficiente, isto é, ao mesmo tempo mais esclarecedor e *acolhedor*, pensarmos não a estrutura com que a *Ciclonopédia* opera (faremos isso posteriormente), mas sim *o que ela está falando* e qual é a origem dessa conversa na qual ela busca se inserir.

É uma conversa sobre energia. A *Ciclonopédia* é um livro sobre a agência do petróleo (concernente portanto à “possibilidade de construção de inteligências artificiais” e à “agência de seres e objetos não-humanos”) escrita numa técnica, a qual uma seção será dedicada, chamada de *teoria-ficção* (“os limites epistemológicos da prosa filosófica”). Por ora, desconsideremos o suposto aspecto volitivo do petróleo ou o que inteligência artificial pode ter a ver com isso; *é um livro sobre petróleo* e, mais especificamente, um que busca pensar a relação supostamente cumplicitária entre o petróleo e o capitalismo, e de que maneira o planeta e a humanidade são atravessados por essa suposta tensão que, para o livro, é não só fundamental como pré-histórica.

A conversa que a *Cyclonopedia* busca se inserir não é apenas, então, uma *conversa sobre energia*, mas uma que busca dimensionar, com alguma nuance navegacional, relações entre a história humana e a geologia *do ponto de vista da energia*. O quanto é de fato epistemologicamente possível vir a conhecer o ponto de vista da energia não é, por ora, nossa preocupação, pois a crítica é por definição um momento posterior e é necessário antes conceber seu objeto. Nesse sentido, chamo atenção a quatro autores que filosofaram dessa maneira antes de Reza Negarestani: Georges Bataille, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Nick Land. Faremos um percurso pela parte da obra desses autores que trata desse assunto, estudando enfim o que a *Cyclonopedia* tem a acrescentar. Chamarei essa tradição de *geotraumática*, termo cunhado por Nick Land para descrever o “(...) Inconsciente Geocósmico como um mega sistema traumático, com vida e pensamento dinamicamente quantizados em termos de tensão anorgânica,

elasticidade, ou plexo maquínico”⁶, e demonstrarei de que maneira tanto Bataille quanto Deleuze e Guattari já estavam anteriormente exercendo a disciplina.

Nesse sentido, um fato curioso a qual destacaremos é que Deleuze, Guattari, Land e Negarestani fazem uso, ao tratar da geotraumática, de um artifício bastante peculiar: a introdução de um professor fictício quem teria sido *o verdadeiro autor* do texto. Por quê? Por que é que para esse assunto em específico é necessário “ir além”? Como se a linguagem tradicional da filosofia ou, ainda, a própria condição da realidade como a entendemos não desse ou não pudesse dar conta do teor como que demasiadamente imaginativo dessas reflexões? Parece pouco razoável, mas se apresentam alguns questionamentos: é realmente cabível dentro da filosofia uma ideia que, justamente, não caiba nela? Isto é, estaria realmente além da alçada da filosofia e, por isso, seria suspensa a pretensão de possuir um lastro com a realidade? Ou a introdução do registro ficcional se dá por alguma razão outra?

Buscarei responder essas questões, mas elas devem, de maneira geral, sobrevoar não apenas este capítulo, mas a dissertação como um todo: o que está dentro e o que está fora da filosofia, como opera-se o movimento de saída e de retorno, e quais são as implicações ora de permanecer por tempo demasiado do lado de fora, ora de não sair nunca. O caso da geotraumática irá nos ajudar a refletir sobre essas questões, com implicações tanto para pensarmos a estética quanto a ética filosófica. O que é filosofia e quando deixa de ser? Ou, ainda, quando algo se torna filosofia? O texto filosófico o é uma vez que dotado de um certo jeito, ou uma vez que dotado de uma certa aparência? E sequer há de fato, para o texto escrito, uma diferença entre seu jeito e sua aparência?

A geotraumática irá elucidar essas investigações porque são textos que estão plataformizados num registro ficcional, porém estão inseridos dentro de livros de filosofia; a aparição de um professor fictício: o Dr. George Edward Challenger, com Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs*⁷, o Dr. Daniel Charles Barker, com Nick Land, no *CCRU Writings*⁸ e o Dr. Hamid Parsani, com Reza Negarestani, na *Cyclonopedia*⁹. Por que esses autores optaram por desenvolver as ideias que tratam da relação geologia-História dessa maneira? E o que está eticamente implicado nesse movimento estético? E não, não estamos nos esquecendo de

⁶ Tradução minha. “(...) Geocosmic Unconscious as a traumatic megasystem, with life and thought dynamically quantized in terms of anorganic tension, elasticity, or machinic plexion.” CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings: 1997 – 2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 115.

⁷ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1*. São Paulo: Editora 34. 2011.

⁸ CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*.

⁹ NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne: re.press. 2008.

Georges Bataille: ele não faz uso, como veremos, de um professor fictício para expressar suas ideias, mas ele era o próprio professor fictício (não era realmente professor).

Antes, contudo, de adentrarmos o campo da ciência fictícia da geotraumática, com seus professores fictícios e suas ficções teóricas, é necessário investigarmos quais eram as condições científicas e filosóficas que permitiram a emergência desse tipo de exercício intelectual em primeiro lugar. Note-se que a geotraumática é, em certo sentido, uma subversão filosófica da termodinâmica; é necessário portanto investigar de que maneira a termodinâmica vem a informar a filosofia quando do momento seminal dessa tradição que pretendemos traçar. A geotraumática é componente de uma filosofia da energia que habita a selva filosófica, em alguns dos textos mais heterodoxos de autores já pouco ortodoxos. O objetivo dessa dissertação é trazer essa discussão para dentro do escrutínio acadêmico, com seus professores e estudantes não-fictícios. Para tanto, é necessário entender o *estado da arte* da filosofia quando de Georges Bataille — o que estava a informá-lo.

Antes de perguntar “*por que os autores de geotraumática que seguiram Bataille escrevem num registro ficcional (e o que eles estão dizendo)?*” é necessário perguntar por que Bataille estava recorrendo à energia para pensar sua filosofia. Ou seja, começamos em Negarestani e na *Cyclonopedia* para ensaiar um passo atrás e pensar outros filósofos do que viemos a chamar de geotraumática para dar, enfim, mais um passo atrás, este em definitivo (nessa direção) e estudar o que antes de Bataille tratava filosoficamente do tema da energia. Nesse sentido, pretendemos agora ler Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud como filósofos da energia. Nossa incursão pela obra dos autores deve ser objetiva, no que compreenderemos de que maneira o advento da ciência termodinâmica, no final do século XIX, impactou a filosofia de uma maneira que pouco ocasionalmente nos damos conta. É muito provável (e puramente especulativo, diga-se de passagem) que a maioria das grandes obras filosóficas, ou ao menos aquelas a tratarem de ou a criticarem metafísica, teria sido radicalmente alterada tivesse seu autor conhecimento do que está implicado na ciência termodinâmica.

1.2. Cavando

É necessário recordarmos que ainda que uma noção vaga de termodinâmica seja algo perfeitamente notável na vida humana, muito anteriormente ao advento da ciência termodinâmica, constituindo de certa forma aquilo que, na realidade, é o que experienciamos sensorialmente o tempo inteiro — café esfria, sorvete derrete, e se eu sair no Sol no meio do dia passarei calor, também se não me cobrir quando dormir, sentirei frio —, não faz muito tempo que, enquanto civilização humana, nós temos uma compreensão científica não apenas

do funcionamento da termodinâmica, mas, mais importante, daquilo que está implicado em sua verdade.

As consequências do estabelecimento duma ciência da termodinâmica — notadamente através de seus primórdios, aqueles a tratarem exclusivamente de mecânica, pelo trabalho de Newton, Descartes e Leibniz, até a elaboração da primeira lei da termodinâmica com o Conde de Rumford, Benjamin Thompson, depois James Prescott Joule, passando ainda pela obra de Sadi Carnot, de Peter Guthrie Tait (responsável por batizar a ciência em 1849 com seu *Sketch of Thermodynamics*), entre outros, até a cunhagem do termo *entropia*, por Rudolf Clausius em 1850, e sua subsequente definição em 1865 como algo referente à “energia já dissipada ou transformada”¹⁰, no que, enfim, pode-se estabelecer a existência de duas leis da termodinâmica elaboradas como tal — tais reflexões são das mais profundas tanto para a tecnologia quanto para o pensamento humano, conectando-nos com as estrelas e com os estratos ctônicos do planeta, onde é, na verdade, tão quente quanto na superfície do Sol¹¹.

Descobriu-se que não é só que o café esfria e o sorvete derrete. Não; na verdade, tudo tem a ver com isso, e ter tido o conhecimento do que está implicado na ciência termodinâmica poderia ter alterado radicalmente filosofias que eram paradigmáticas na altura e que o são, de certa forma, até hoje. Gilbert Simondon chama atenção, por exemplo, em *A individuação à luz das noções de forma e de informação*, para o caso da filosofia de Immanuel Kant, ao escrever que “as críticas de Kant, à luz do eletromagnetismo e da termodinâmica, não mais se sustentam”¹², acrescentando que “o campo ou a lei de aumento de entropia são não apenas uma maneira de conectar-se ao fenômeno, mas a própria trama do fenômeno, sua maneira de ser mais do que sua condição de aparição”¹³.

No kantianismo, grosso modo, se o conhecimento é mediado pelas condições da experiência sensorial, fenômenos devem ser apreendidos duma maneira que eu possa fixá-los num ponto específico do tempo, num ponto específico do espaço, um *locus* que está aberto para ser experienciado por algum de nossos sentidos; a mera possibilidade de que a existência de certo fenômeno possa ser provada implica necessariamente que ele pode e vai atravessar nosso

¹⁰ *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>.

¹¹ HUANG, Chichun. *How has Earth's core stayed as hot as the Sun's surface for billions of years?* in **Astronomy Magazine** [Waukesha, EUA], 23 janeiro 2023. Disponível em: <https://www.astronomy.com/science/how-has-earths-core-stayed-as-hot-as-the-suns-surface-for-billions-of-years/>. Acesso em 07 ago. 2024.

¹² Tradução minha: “A critique of knowledge like the one Kant produced could no longer apply to the world of electromagnetism or thermodynamics.” SIMONDON, Gilbert. *Individuation in Light of Notions of Form and Information*. Minneapolis: Estados Unidos: University of Minnesota Press. 2020. p. 630.

¹³ Tradução minha. “(...) the field or the law of the increase in entropy are not only a way to connect phenomena, but also the very weft of phenomena, their manner of being, and more than their condition of appearing.” *Idem*.

aparato sensorial. Esse não é, é claro, o caso para a termodinâmica e o eletromagnetismo. Sim, pode-se olhar para a panela com água fervente e pode-se aquecer através do calor duma fogueira, da mesma maneira que se pode receber um choque elétrico ao se encostar num fio desencapado ou ao se manusear um equipamento eletrônico mal aterrado. Mas é possível observar os elétrons se moverem? É possível ouvir os elétrons se moverem? Essas podem parecer perguntas estúpidas, mas elas estão, na realidade, alinhadas a um entendimento kantiano básico de como o conhecimento pode ser adquirido e construído.

No caso da termodinâmica, pode-se até mesmo ter uma profunda compreensão de como todos os copos no mundo já estão quebrados — algo que o taoísmo tem dito ao mundo séculos antes do advento da termodinâmica enquanto ciência. Mas é possível *sentir* de que maneira todos os copos no mundo já estarem quebrados tem a ver com a madeira que queima na fogueira e com a água que ferve na panela? Isso não é algo que pode ser experienciado; pode apenas ser pensado, sentido apenas se de maneira metafórica, mas não pode ser realmente experienciado como um fenômeno sensível.

O que quer dizer-se aqui é que “termodinâmica” não deve ser entendido apenas como meu conhecimento sensorial de troca de calor, pois o sentimos o tempo inteiro, mesmo quando vamos dormir; temperaturas extremas, como é sabido, podem engendrar pesadelos. A dimensão da termodinâmica (conforme Simondon) que tornaria, em certo sentido, o kantianismo obsoleto é aquela da descoberta de sua relação com todas as outras coisas, aquela permitida e trazida durante a emergência das ciências — por sua vez, de certa forma e ironicamente, permitida e trazida em decorrência, em primeiro lugar, das críticas kantianas. Essa medida termodinâmica não pode ser experienciada pois é, em certo sentido, tudo que a existência é; não provê uma diferença, que é o que pode ser percebido. “Não apenas uma maneira de conectar-se ao fenômeno,” como disse Simondon, “mas a própria trama do fenômeno.”¹⁴

A princípio pode parecer ser o eletromagnetismo o que mais obscenamente refuta os pontos de Kant. Quer dizer, é possível experienciar a flutuação de um trem-bala *Maglev* (não é magia, nós prometemos)? Mas é a termodinâmica que, através de seu desenvolvimento no século XIX, revela o que haveria de mais problemático em vivermos sob a égide de uma filosofia que não computa aquela que vai se tornar uma das atividades mais dispendiosas do planeta. Acelere duzentos anos para o futuro e descobrimos que não é por acaso que só no ano

¹⁴ Tradução minha. “(...) not only a way to connect phenomena, but also the very weft of phenomena.” SIMONDON, Gilbert. *Individuation in Light of Notions of Form and Information*. Minneapolis: Estados Unidos: University of Minnesota Press. 2020. p. 630.

passado as ações da fabricante de placas de vídeo Nvidia subiram 239%¹⁵: placas de vídeo consomem uma quantidade imensa de energia e produzem uma quantidade imensa de calor. Criar um ambiente de transição financeira independente é apenas a missão lateral da tecnologia de *blockchain*; seu verdadeiro objetivo é gastar a maior quantidade possível de energia para produzir o mínimo mais que nada (uma sequência alfanumérica). Ser capaz de queimar tanto dinheiro quanto energia em quantidades obscenas e, ao mesmo tempo, produzir nada mais do que aquilo que já é tudo que há: calor, em que as atuais tendências do dispêndio computacional expressam o capital experienciando a si mesmo e testando suas próprias condições de experiência.

É necessário portanto, para entendermos como o mundo se tornou essa grande fornalha de soma zero, compreender tanto a relação entre a termodinâmica e a filosofia e a relação entre a filosofia e o mundo, no que talvez descubramos que *fornalha de soma zero* não diz respeito apenas ao desenvolvimento das civilizações humanas, mas trata-se na verdade da história da vida na Terra — não apenas a história do capital e da técnica, mas também a história da biologia e da geologia. Refletimos brevemente quanto à maneira como o advento da termodinâmica e a subsequente aparição duma ciência eletromagnética, conforme Simondon, colocam em xeque as críticas kantianas; seguindo em frente, não é necessário mais especular, no que faremos um breve contorno mitológico e então investigaremos o que é que a filosofia da virada do século XIX para o século XX pensava e tinha a dizer quanto a essas descobertas revolucionárias.

1.2.1 Entre Prometeu e Epimeteu: mitologia termodinâmica

O “elemento” fogo é certamente, considerando-lhe junto aos outros três elementos como que arquetípicos, o mais sensivelmente notável. Tem de estar ventando em demasiado ou você tem que estar com dificuldades de respirar para realmente prestar atenção no ar; a terra, como nela pisamos o tempo inteiro, também são nossos encontros, a não ser que você tropece ou pise em falso, majoritariamente indiferentes, e a água, a depender da temperatura, é possível que demorem alguns instantes para que você perceba que meteu seu pé numa poça. Com o fogo não é assim; sempre quando você está em contato com o fogo, você o sabe imediatamente.

¹⁵ SPATACCO, Adam. *Nvidia Stock Soared 239% in 2023, and 1 Wall Street Analyst Says It Could Rise Another 60% This Year*. Alexandria, Virginia: The Motley Fool. 2024. Disponível em: <https://www.fool.com/investing/2024/03/20/nvidia-stock-soared-239-in-2023-and-1-wall-street/>. Acesso em: 10 set. 2024.

O fogo, ao que tudo indica, não foi feito para ser tocado por nós. Mas cá estamos, num mundo que é inteiramente dependente da manipulação e do processamento do fogo. Tudo o que cozinhamos para comer: fogo. A maneira como nos transportamos por longas distâncias: fogo. A maneira como as indústrias automobilísticas responsáveis por oferecerem alternativas aos motores de combustão constroem suas baterias: fogo. A maneira como é possível que eu escreva isso que agora escrevo, e que você agora leia, a maneira como hospitais podem salvar pessoas, escolas ensinar crianças e deuses serem adorados: fogo. Está em todo lugar. É, na realidade, a forma com que Javé, o deus das religiões abraâmicas e considerado pela maior parte do mundo como o Deus, criou tudo que há: “Faça-se a luz” (Gênesis 1:3)¹⁶.

No outro cânone mitológico constitutivo da civilização ocidental, o grego, também o fogo exerce um papel central na existência do mundo como tal. O titã Prometeu, numa história que ainda que não seja tão popular quanto a Bíblia (provavelmente nenhuma é), você certamente conhece, rouba dos deuses o fogo e entrega-lhe aos humanos, o que é, claro, uma metáfora para o tipo de inteligência que teria engendrado a possibilidade da técnica e, por consequência, a possibilidade da civilização. Certo. Mas essa não é a história completa. E não no sentido de que essa *obviamente não é a história completa*. Não: há um outro protagonista nessa história, um elemento essencial que, como veremos, é esquecido quase toda vez em que essa história é contada. Numa breve consideração etimológica, no que descobrimos que Prometeu é uma junção das palavras gregas *pro* (antes, como em prólogo) e *manthano* (pensamento, aprendizado) ou *metis* (astúcia), e Epimeteu uma junção de *epi* (depois, como em epílogo) e *manthano* ou *metis*, isto é, Prometeu é aquele quem pensa antes de agir e Epimeteu aquele que pensa só depois de já ter agido, percebemos que o *esquecimento* de Epimeteu é em iguais medidas acidental (trágico e alinhado, portanto, à compreensão grega do que significa dominar o fogo) e fundamental (também). Conforme Bernard Stigler:

Epimeteu não é simplesmente aquele que esquece, a figura central da falta de sabedoria que constituía toda a experiência (afinal o que acontece, o que aconteceu, deve, como o passado, ser ruminado); ele é também aquele que é esquecido. O esquecido da metafísica. O esquecido do pensamento. E o esquecido do esquecimento quando o pensamento pensa a si mesma como esquecimento. Sempre quando se fala em Prometeu, essa figura do esquecimento é esquecida e, como a verdade do esquecer, sempre chega tarde demais: Epimeteu. É atordoante que essa figura de reação adiada, de pós-golpe (*après-coup*), de retorno através do fracasso da experiência, de *epimetheia*, dando seu nome ao pensamento como tal, não apenas não está no centro

¹⁶ É claro que João, em seu evangelho, nos conta que, também, “no princípio era o verbo”, mas isso são cenas dos próximos capítulos.

do pensamento fenomenológico quanto à finitude como está severamente excluída dele.¹⁷

É necessário, portanto, para entender a relação entre fogo/luz, técnica e inteligência (e posteriormente patriarcado, monoteísmo e capitalismo), lermos com cuidado a história de Prometeu e seu irmão, Epimeteu. Sigamos conforme Protágoras nas *Protágoras* de Platão, numa versão ficcionalizada que Platão, em um vislumbre de teoria-ficção, faz do sofista. Há elementos da história que são no relato de Protágoras omitidos e que podem ser encontrados na *Teogonia* de Hesíodo e em *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, bem como elementos que são inéditos aos quais apontaremos, mas confiamos na capacidade de Platão (através de Protágoras) e Sócrates (através de Platão) de sublinhar os aspectos mais relevantes do mito. Diz Protágoras que

Houve, outrora, um tempo em que os deuses existiam, mas não as espécies mortais. E quando chegou o momento destinado à sua geração, os deuses as moldaram no seio da terra, a partir da mistura de terra e fogo, e de tudo quanto é composto de fogo e terra. Na iminência de trazê-las à luz, ordenaram a Prometeu e a Epimeteu que as aparelhassem e distribuíssem as capacidades para cada uma delas conforme conviesse.¹⁸

Os deuses ordenaram a Prometeu e Epimeteu que aparelhassem as espécies; escolha interessante de palavras: quer dizer então que a cada criatura será dada um *aparelho*. Protágoras procede contando que Epimeteu oferece-se para realizar a distribuição e que Prometeu concorda. Dessa forma, Epimeteu vai e concede a cada uma das criaturas algum atributo especial, o *aparelho*: “conferiu a umas espécies força sem velocidade, enquanto as mais fracas, dotou-as de velocidade. A umas concedeu armas, ao passo que a outras, cuja natureza era desprovida delas, providenciou-lhes uma capacidade diversa, tendo em vista sua salvação”¹⁹, e dessa maneira a distribuição se segue, dando asas a uns e línguas enormes a outros, e Epimeteu,

¹⁷ Tradução minha. “Epimetheus is not simply the forgetful one, the figure of essential wit lessness that makes up all experience (since what happens, what has passed, must, as past, be ruminated); he is also the one who is forgotten. The forgotten of metaphysics. The forgotten of thought. And the forgot ten of forgetting when thought thinks itself *as* forgetting. Whenever Prometheus is spoken of, this figure of forgetting is forgotten, which, like the truth of forgetting, always arrives too late: Epimetheus. It is astounding that this figure of deferred reaction, of the *après-coup*, of return through the failure of experience, of *epimetheia*, giving its name to thought as such, not only is *not* at the center of the phenomenological thinking of finitude but is starkly excluded from it.” STIEGLER, Bernard. *Technics and Time, 1: The Fault of Epimetheus*. Stanford, Estados Unidos: Stanford University Press. 1998. p. 186.

¹⁸ PLATÃO. *Protágoras*. São Paulo: Perspectiva. 2017. p. 415.

¹⁹ *Id.*

após arranjar as coisas “com a precaução para que nenhuma espécie se extinguisse”²⁰, fornecendo-lhes “os meios de escaparem da destruição mútua”²¹, procede então a proteger as criaturas das

estações de Zeus (...), revestindo-as de pelugens densas e epidermes robustas, suficientes para resistir ao frio e capazes de suportar o calor; assim, quando fossem deitar, elas próprias constituiriam uma coberta própria e natural para cada uma dessas espécies.²²

Como o leitor a essa altura já pode imaginar, não vão sobrar nem aparelhos nem roupagens naturais para o ser humano, no que viemos ao mundo sem ferramenta alguma e completamente pelados. Mas e o martelo?, alguém pode perguntar. “Já usei um martelo”. Sim, há martelos por aí, como há frigideiras, furadeiras, facas, máquinas de lavar, aviões, “pegadores”, bolsas, bolsos, copos, pés-de-pato, cortadores de grama e os ainda mais desagradáveis *sopradores de folha* — para não falar, é claro, das próprias roupas que *provavelmente* estamos usando agora. Mas (graças a Deus) não viemos ao mundo com nada disso; já é difícil o suficiente para a mãe parir o crânio de um bebê humano — motivo por que não é totalmente incomum (porém graças ao avanço da medicina, hoje bastante menos comum) que venha a falecer durante o parto. E isso considerando ainda que às crias humanas é dada a luz quando estão ainda praticamente prematuras, pois poucas ou quase nenhuma humana sobreviveria ao parto caso fossem paridas maduras. Por isso, também, é claro, requerem tanta atenção e cuidado os bebês humanos, enquanto espécies outras literalmente caem e no chão e saem andando. Ou seja, o *aparelho* humano, nos conta a evolução, é nosso cérebro; é este o nosso literal fardo biológico, e perceberemos que é exatamente disso que nos conta o mito de Prometeu e Epimeteu, pois ao ver que o irmão esquecer-se do humano e a ele não sobrara aparelho algum,

Prometeu roubou de Hefesto e Atena a sabedoria técnica junto com o fogo - pois era impossível sem o fogo que ela fosse adquirida por alguém ou lhe fosse útil – e assim presenteou o homem. Dessa forma, o homem adquiriu a sabedoria para a sobrevivência, carecendo, contudo, da sabedoria política, que estava com Zeus.²³

²⁰ PLATÃO. *Protágoras*. São Paulo: Perspectiva. 2017. p. 415.

²¹ *Id.*

²² *Id.*

²³ *Ibidem* p. 417.

Na mitologia abraâmica as coisas se seguem de maneira diversa, mas ambas as versões dessa “história pré-histórica” querem dizer a mesma coisa. O ser humano, na forma de Adão, é não quem atribui aos animais suas características, mas quem, como conta a música de Bob Dylan²⁴ (e também Gênesis 2:19), dá nome aos animais. Porque no alfabeto hebraico cada letra possui um valor e um significado, de forma que a combinação de determinadas letras (palavra) gera um certo valor e um certo significado essencial, o procedimento que está sendo contado nesses dois mitos é o mesmo. Sim, no mundo judaico-cristão-muçulmano foi Deus quem fez os animais terem as ferramentas que têm, e não a um ser menor, no caso o titã Epimeteu, foi designada tão importante tarefa. Mas Adão dar o nome aos animais quer dizer que os animais são quem são porque Adão assim os nomeou. Não é que Deus *deixa* Adão nomear os animais: ele precisa que a Adão faça isso, porque os animais são animais como são quando o são para nós. Uma formiga provavelmente não faz a menor ideia de que o rinoceronte tem um chifre, ainda que essa seja a característica que a ele mais associamos. É como se Adão decifrasse o nome do animal e desse-lhe *anima* ao pronunciar esse nome, e é capaz de fazê-lo porque é capaz de vê-lo *não de quatro*, mas “de cima” — e porque é capaz de vê-lo dessa forma, é capaz de falar. Como veremos mais a frente, o cérebro humano evoluiu para *ver*, mas descobriu rapidamente que era muito bom com algo chamado *linguagem*.

Da mesma forma que em sua versão grega, o mito abraâmico a contar da *atribuição animal*, seja ela, então, uma atribuição de *função* ou de *nome*, parece contar também, enfim, do surgimento da inteligência e da técnica, e cada um desses mitos nos dá uma pista que o outro não dá. É necessário ler os mitos como acontecimentos que ocorreram em tempos tão remotos e constitutivas da nossa vida na Terra, que tiveram de ser criptografados em histórias suficientemente fundamentais para que pudessem sobreviver ao surgimento e a queda de impérios a fio. *Adão dar nome a todos os animais* não é um pedaço de trivía ou algo para você ficar chateado com a sua tia no Natal por ela parecer acreditar tão piamente nisso que é claramente história para boi dormir (e roubar sua conta bancária), não. É sobre como o surgimento da inteligência tem a ver com podermos dar nome aos animais, já não mais num grunhido mas numa articulação minimamente diferenciável, e de que maneira isso é informado pela nossa evolução, isto é, o que significa a *forma adâmica*: bípede, nu.

Prometeu e Epimeteu, por sua vez, nos revelam, de maneira mais ou menos óbvia, como tal capacidade (dar nome aos animais; *falar palavras*) não só está tramada à forma *desprotegida* do ser humano, mas é também constituída duma relação essencial entre o conhecimento e o

²⁴ *Man Gave Name To All The Animals* (“O homem deu nome a todos os animais”), do álbum *Slow Train Coming*, de 1979; a música é um peculiar reggae gospel.

esquecimento e, de maneira menos óbvia, como é isso que, na realidade, nos torna perante os animais não não-animais, mas mortais enquanto são eles *perecíveis*. Os animais, para os gregos, não possuem seu quinhão de divindade e por isso não são nem mortais nem imortais porque lhes *faltam a falta*. Aos animais, Epimeteu lembrou-se de tudo, mas ao ser humano, ele se esqueceu; faltou, e é porque faltou que o ser humano, conforme sua parcela do divino, *cria*. Conforme explica Spiegler,

O homem inventa, descobre, acha (*eurisko*), imagina (*mêkhane*), e realiza o que imagina: próteses, expedientes. Uma pro-tese é aquilo que é posicionado a frente de nós, isto é, o que está fora, fora daquilo a que está posicionado a frente. Contudo, se o que está fora constitui o próprio ser daquilo a que se está fora, então o ser está *fora de si*. O ser da humanidade é ser fora de si. De maneira a compensar pela falta de Epimeteu, Prometeu dá aos humanos o presente de colocarem-se fora de si mesmos.²⁵

É o caso então que através da dupla falha, ou falta, isto é, o esquecimento de Epimeteu, e o roubo de Prometeu, constitui-se fora de si mesma a humanidade, e a relação entre o que está fora e o que está dentro, bem como e talvez mais importante, o caráter da movimentação entre um e outro, é do que conta o *epílogo* da história de Epimeteu. Na versão de Hesíodo do mito²⁶, Epimeteu é a princípio deixado de lado, e é Prometeu quem erra duas vezes: primeiro tenta enganar Zeus ao roubar a carne do sacrifício e oferecer ao deus seus ossos, no que Zeus priva, então, a humanidade do fogo; e erra depois ao roubar o fogo (dessa vez diretamente) de Zeus, que pune a humanidade pela segunda vez ao enviar Pandora para que se case com Epimeteu — parte essa da história que não consta nas Protágoras de Platão, no que cada orador aqui no púlpito se esquece de Epimeteu em seu dado momento e à sua maneira. Pandora, como é sabido, traz consigo uma caixa que, uma vez por ela aberta, lança ao mundo todos os males aos quais conhecemos, antes que seja rapidamente fechada e dentro dela reste apenas uma coisa, que é a esperança.

Considerando a história conforme os relatos combinados de Protágoras (Platão) e Hesíodo, isso é tudo ainda culpa (falta, falha) de Epimeteu. Epimeteu, o que faz e depois pensa — e de onde, aparentemente, tudo se desenrola. Fazer antes de pensar é um momento evolutivo

²⁵ Tradução minha. “Man invents, discovers, finds (*eurisko*), imagines (*mêkhane*), and realizes what he imagines: prostheses, expedients. A prosthesis is what is placed in front, that is, what is outside, outside what it is placed in front of. However, if what is outside constitutes the very being of what it lies outside of, then this being is outside itself. The being of humankind is to be *outside itself*. In order to make up for the fault of Epimetheus, Prometheus gives humans the present of putting them outside themselves. STIEGLER, Bernard. *Technics and Time, 1: The Fault of Epimetheus*. Stanford, Estados Unidos: Stanford University Press. 1998. p. 193.

²⁶ HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

anterior a pensar antes de fazer, nos conta o mito grego. Parece óbvio, mas tais são as mais esquecíveis das verdades, como a que a maioria de nossos antepassados não eram nem mamíferos; foi um longo caminho até a possibilidade da esperança. E de que maneira, então, a dupla falha é a ela associada? A esperança é, em primeiro lugar, a possibilidade duma felicidade porvir, mas é também, e na verdade antes disso, a expressão duma falta. Ela se torna portanto e conforme o *ethos* da história epimetéica até agora, uma relação de tensão, uma relação como aquela numa lâmpada, entre um polo positivo e um polo negativo onde o que permite à luz brilhar é a resistência invés do contato direto entre esses dois polos — que gera, sim, um clarão de luz; seguido de escuridão total. O que significa, afinal, a esperança ter permanecido na caixa de Pandora? A esperança é, como as forças que da caixa saíram, um mal? Ou o mal é ela, enquanto tal, não ter de lá saído? Há uma inversão, pois se tudo menos a esperança é mau, e sabemos que a esperança é, na verdade, no seu âmago, má (informada pela falta; má informada), seriam todos os males então para o bem?

Vale a pena aqui voltarmos nossas lentes à mitologia irmã, pois seu primeiro grande evento canonizado como tal deve nos fornecer algumas pistas para entendermos não só o significado da esperança, mas de que maneira tal afeto é a expressão mais acabada do que significa *ser humano* quando aparece o humano, isto é, quando aparece o ser que é capaz dar nome (ou atribuir funções/dar ferramentas) aos animais, ou seja, é capaz de falar, andar, esquecer-se, lembrar-se e, acima de tudo, ser mortal. É da natureza não só então a inteligência, mas também a cultura, que costurada na cumplicidade entre a arte (*technai*) e o *culto*, revela que a esperança é a textura do sacrifício enquanto compensação, simultaneamente a pena e a benção; ao surgimento da inteligência e da técnica soma-se então o surgimento da religião. Sacrifica-se (*torna-se sagrado*) para que seja pago de volta aos deuses o roubo, no que, como humanos, *botamos para fora a falta*, isto é, fazemos a prótese de nossa divindade e dela nos livramos — geralmente com fogo. Antes da esperança, torna-se claro, não há sacrifício, e antes da falta não pode haver esperança, pois sequer há o que esperar. É disso que nos conta a história de Eva.

Como é bastante sabido, Eva é quem, persuadida pela cobra, consome a árvore do fruto do conhecimento; como é um pouco menos sabido, tal árvore não é a árvore do conhecimento de maneira generalizada, mas sim a árvore do conhecimento do bem e do mal. Isso significa que sua ingestão implica não que antes desse evento já existiam bem e mal e o ser humano apenas não sabia distinguir entre um e outro; não: a ingestão do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal informa a humanidade de que bem e mal existem. Como no caso grego, aparição do mal (e, portanto, do bem) é a história que se segue imediatamente à atribuição

animal, que aqui entendemos como o surgimento da humanidade através de sua capacidade de falar palavras; foi a segunda coisa que aconteceu, e no caso bíblico, a única diferença, realmente, é que Adão e Eva passam a sentir vergonha de estarem nus. Em certo sentido, a segunda história trata, portanto, do surgimento do dois, da dualidade, do paradoxo, do oxímoro, da esperança ter permanecido na caixa e ser ruim, mas sentir-se tão boa, sentimento fundamental à vida humana, esperar; espera-se porque falta. E quando mais não falta, espera-se que se siga não faltando.

E a vergonha — por que a vergonha? Conforme a história do dois, já não tudo é revelado e há um lado que é ocultado, no que a sexualidade humana é completamente diferente da sexualidade animal, e não dá maneira que usualmente pensamos nisso. “Fuder como um animal” é uma expressão que pode ser usada para referir-se a uma transa muito intensa, mas a verdade é que o ser humano é bem mais *sexual* que *os animais* — ou os *outros* animais. *Via de regra*, os animais transam para se reproduzir e não ligam muito para quem é o parceiro ou a parceira no momento em que estão fazendo isso. Não é nosso caso (via de regra). O quanto o ocultamento do sexo tem a ver com isso e de que maneira esse evento explica-se sob a luz da evolução?

Até agora, ficamos de pé, o que nos permitiu falar (a história de Prometeu, Epimeteu e Adão); logo depois decidimos que usaríamos roupas (a história de Eva e Pandora), no que somos constituídos de vergonha e esperança, as duas duplas falhas que aparecem com o surgimento do bem e do mal. Uma história ser sequencialmente posta em frente à outra nos diz que, em certo sentido, são a mesma história, continuada, isto é, *o bem e o mal* como consequência lógica da capacidade de falar, de ser humano, no que Eva nos mostra que melhor que bem e mal seria mais preciso falarmos em revelado e oculto. Apenas grunhindo e na verdade emitindo a maioria dos sinais quimicamente através de odores, devia ser muito difícil aos nossos primos mamíferos manterem segredo, e muito mais aos répteis, anfíbios e peixes com suas eventuais vibrações e sinais elétricos. Porém quando sou capaz de elaborar palavras, posso esconder alguma palavra de você. Posso te conhecer a vida inteira, e há coisas que não sei de você; há coisas que nem você sabe sobre você. E obviamente não no sentido de coisas que teus pais não te contaram ou você não se lembra, ou desventuras ou benesses porvir das quais, ainda que já estejam encaminhadas, você ainda não sabe; disso também não sabe um cão. O que você não sabe sobre si e que um cão não é capaz nem de não saber nem de saber sobre si é a diferença entre aquilo que você se lembra e aquilo que você se esqueceu.

Um cão não “esquece” nada; não cria histórias em sua cabeça quando tenta-se lembrar das coisas pois sequer engaja nesse tipo de atividade. Que um cão pense nos humanos com

quem convive e sinta sua falta não pode ser realmente configurado como *lembrança*. Lembrança implica uma espécie de escolha qualitativa que altera a memória. Conforme explica Hilan Bensusan em *Towards a Spectral Realism*²⁷, toda vez que resgatamos uma memória realizamos nela uma adição, e ela é retida de volta sob uma nova forma. *Provavelmente* nada disso está ocorrendo na mente do cão; ainda que ele possa ter memórias favoritas de momentos de sua vida as quais eventualmente passam pela sua cabeça esteja ele acordado ou sonhando, ele não está realmente lembrando delas — estaria, talvez, as revivendo no máximo de maneira alucinatória. Que é porque também, claro, não veem assombrações: não são capazes de falar; sua mente não fora dividida, como a nossa, em passado e futuro — que é porque, também, perdoam tão rápido. Um quadrúpede, sua mente não fora corrompida pela palavra e, assim, não guarda segredos tampouco faz caridade, não guarda rancor mas às vezes morde, e anda nu por aí, além de procriar com a própria mãe e com as irmãs.

O leitor pode agora estar, diferente do cão — entre outras coisas que se espera que o leitor faça diferente do cão —, sendo acometido por lembranças, no caso as de que nós estamos falando aqui, no limite, de termodinâmica. O que a História do bipedismo, da fala, da inteligência e das roupas tem a ver com termodinâmica? Ora, ainda que seja razoável pensar que fosse possível fazer uma fogueira sem antes saber falar, é duvidoso que fosse possível articular uma fogueira não emergencial, elaborando uma vida que claramente gira em torno dessa fogueira (a cozinha é o coração da casa, como se diz), sem uma noção muito clara de passado e futuro — e como estamos vendo, tal divisão vem implicada na diferenciação que está implicada na possibilidade da palavra, a falta de Epimeteu à qual o fogo vem resolver; não à toa, quando Jesus Cristo retorna no Apocalipse, ele retira uma espada de fogo da boca, e essa espada se chama *A Palavra*.

Fogo é a língua dos deuses. A história da fala e do domínio do fogo são a mesma história; é a história da criação do mundo. Que a descoberta de como manipular o fogo de maneira *ainda mais sofisticada* (o surgimento da ciência termodinâmica) tenha engendrado a aceleração do processo de *prosthesis* da humanidade, aumentando exponencialmente através do capitalismo a produção de *bens*, não é, portanto, surpreendente. É necessário agora à essa narrativa prometéica, sermos epimetéicos e investigarmos, portanto, o que falta — o que falta à essa história? O que foi esquecido? O que foi oculto e precisa ser revelado? O que foi revelado ao ponto de sua vulgarização e precisa voltar para as sombras? Daremos um salto no tempo agora, diretamente para a *segunda descoberta do fogo*, no que investigaremos as consequências desse

²⁷ BENSUSAN, Hilan. *Towards a Spectral Realism* [seminário em vídeo]. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/fMk8iW5BahU>. Acesso em 04 jan. 2025.

acontecimento, buscando entender de que maneira a própria origem do bipedismo, que é o que engendra a possibilidade de falar, vem informada pela história termodinâmica do planeta (e vizinhança), voltando então às consequências da primeira descoberta, no que essa dissertação é concluída com a finalização duma mitologia termodinâmica da evolução que deve trazer luz aos aspectos cumplitários entre o patriarcado, o monoteísmo e o capitalismo.

1.2.2 A maior invenção de todos os tempos: primórdios da ciência termodinâmica

Se o mundo tivesse um fim, ele haveria de já ter sido alcançado. Se houvesse para ele um estado final não intencional, então este haveria de já ter sido, do mesmo modo, alcançado. Se ele fosse capaz, em geral, de um persistir, de um tornar-se petrificado, de um “ser”, tivesse ele, em todo o seu devir, somente por um momento, essa capacidade do “ser”, então ele teria chegado, mais uma vez, há muito tempo, ao fim do devir, também ao fim do pensar, ao fim do “espírito”. O fato do “espírito” como um devir prova que o mundo não tem nenhum fim, nenhum estado final e é incapaz de ser.

- Friedrich Nietzsche, *A vontade de poder*²⁸

Talvez já tenha se encontrado o leitor numa situação em que precisava pensar em algo para dizer ou para escrever, apenas para chegar à coisa que teria sido perfeita para a ocasião logo depois dela ter passado. Ou então, temos ideias enquanto tomamos banho, enquanto lavamos a louça, quando levamos o cão para passear, enfim, em todos os possíveis contextos que não aqueles apropriados, de fato, para o registro e a elaboração de ideias — quando elas parecem às vezes nos escapar, ou nos resistir. O que se passa nessa até que divertida situação não é, evidentemente, que nos prega uma peça nosso cérebro; é só que há uma relação intrínseca entre o pensamento e o movimento — e entre a vida e as duas coisas. Não à toa, Aristóteles era conhecido por filosofar andando, e sua escola filosófica era a dos *peripatéticos* — do grego *peri* (“ao redor”, como em perímetro) e *patein* (andar, ou como no inglês, *path*, caminho) —, isto é, aqueles que andam ao redor. Portanto, a não ser que você seja um filósofo moral e politicamente comprometido com filosofar sentado, não se sinta ofendido caso lhe chamem de peripatético.

É possível reverter essa pegadinha mental a nosso favor. Faça o teste: a próxima vez que estiver escrevendo algo importante em que você quer se expressar com assertividade e clareza, mas não sabe bem como proceder, levante-se, vá até outro cômodo e volte. Insira movimento

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008. p. 509.

e, se quiser (se te ajudar), imagine seu entorno como uma projeção da sua mente, no que cômodos outros do local são espaços outros da sua mente, e há ideias que estão em lugares específicos; você tem que ir até lá e buscar a ideia, e às vezes é até necessário abrir uma gaveta. Uma vez que a ideia é bem-vinda ao texto, o próprio movimento do texto, conforme vai sendo mais e mais escrito, acelera seu desenvolvimento. No caso de Aristóteles, movimentar-se não era apenas uma maneira de filosofar melhor, mas, em certo sentido, uma forma de conectar-se com a causa final do mundo, que se não era *exatamente* o movimento, era, para o filósofo, sua origem, o *primeiro motor*, o motor imóvel que move todas as outras coisas e não é movido por nada — noções que seriam séculos depois, é claro, incorporadas pelos escolásticos em suas fascinantes e mirabolantes explicações da natureza divina.

É uma questão até mesmo óbvia, uma preocupação a que eventualmente se chega caso saia-se por aí preocupando-se com a ordem das coisas: se uma coisa é o efeito de uma causa, e essa causa é causada por uma outra coisa que a antecedeu e assim por diante, como fazer para evitar que a cobra morda o próprio rabo? Isto é, como impedir que o “assim por diante” dure a eternidade? De que maneira pode a física do mundo ser elaborada de forma a não incorrer numa regressão infinita de causalidade? Ora, há, é claro, um primeiro motor; a cadeia de causas e efeitos em dado momento simplesmente parará. Pronto; note-se (frise-se!), também, que a noção de primeiro motor não diz respeito a um contato físico *real* que move originalmente as coisas do mundo, mas opera metafisicamente como aquilo permite, justamente, que o mundo se apresente como tal, fundamentando a existência do antes e do depois. Quer dizer, sem algo como o primeiro motor, sequer seria possível conceber a passagem do tempo. E por muito tempo acreditou-se nisso.

Quer dizer, existem algumas implicações na ideia de primeiro motor que nós sabemos hoje não serem o caso. Como ele não diz respeito a uma causalidade física, não pode, para que sob seu jugo siga o universo existindo, ter fim; não pode parar. O movimento do primeiro motor é eterno e, por consequência, é eterno também o universo e seu movimento, no que a finalidade do universo é então seu movimento sem fim. A ciência termodinâmica descobriu que isso não é verdade; as consequências dessa descoberta foram catastróficas para o pensamento. Vamos ver como chegamos a ela; pulemos umas partes, mas a título de nota a quem quiser um vislumbre mais completo dessa História, os primeiros moinhos de vento datam do começo da Idade Média²⁹, e tipos variados de máquinas ou motores a vapor têm sido inventados em diversas partes do mundo há milênios; poderia argumentar-se que um exercício não muito

²⁹ GLICK, Thomas F., LIVESEY, Steven, WALLIS, Faith. *Medieval science, technology, and medicine: an encyclopedia*. Londres, Reino Unido: Routledge. 2014. p. 519.

exaustivo de contemplação da natureza revele a lógica por trás desse tipo de aparato, afinal água e vento movem qualquer coisa, até a terra.

Supondo que você se aventurasse por construir uma ferramenta que buscasse aproveitar-se de fluxos de água ou de vento para mover coisas outras, é provável que eventualmente você fosse atravessado por um pensamento um tanto intrigante. Suponhamos que eu acrescente um apêndice à minha invenção e que permite que eu resgate as parcelas do fluxo que move a máquina (consideremos que seja água, que se trata aqui duma azenha, um moinho de água) depois que essa parcela atravessou o circuito; isto é, que depois que essa parcela de água bateu no rodízio de madeira, ao invés de permitirmos que ela volte ao curso d'água depois do moinho, imediatamente a recapturamos e retornamos ela para o início do circuito. Ora, não seria possível, assim, fazer com que o moinho funcionasse indefinidamente com uma quantidade finita de fonte energética?

Você poderia tentar fazer isso, mas rapidamente você ficaria, de novo, intrigado. Mesmo que você não derrubasse uma mísera gota no chão enquanto faz esse processo, mesmo que você o realizasse com o que seria uma velocidade suficiente para tal, em algum tempo você iria começar a perceber que a água está diminuindo. De alguma forma, a água está diminuindo. Se você não a derrubou nem permitiu que ela voltasse para o curso d'água, para onde ela está indo? E peço perdão se essas reflexões parecem infantis; eu sei que você sabe o que está acontecendo, mas você se surpreenderia com a quantidade de pedidos de patente que até hoje existem de supostas máquinas de movimento perpétuo³⁰. Da mesma forma que há ainda aristotélicos, há também gente que acredita ser possível inventar uma máquina que seja alimentada por nada senão a própria energia que gera — no limite ambos acreditam no movimento perpétuo, porém no caso aristotélico esse movimento é cósmico e metafísico e, no caso desses grandes gênios da engenharia, o movimento é realmente físico.

Talvez, voltando ao nosso pequeno exemplo, você se desse conta que parte da água, a depender da temperatura, está evaporando; talvez muito lentamente, mas ainda assim evaporando. A depender também do material com que é construído o aparato de resgate e retorno da água, consideremos que seja de madeira, talvez você perceba também que a madeira

³⁰ Para citar um único caso, trago o pedido 11/281,660 de 2007, nos EUA, resumido pelo aplicante da seguinte forma: “É um motor que roda em moto-contínuo. Requer apenas óleo sintético para lubrificar partes de metal para mal funcionamento por fricção Eletricidade e Combustível não são requeridos EU PAUL WAYNE MCDONALD clamo ser o único que jamais Inventou o Moto-Contínuo até onde eu sei.” (tradução minha). “It is a motor which runs on Prepetual Motion. IT only requires synthetic oil to lubricate metal parts to prevent friction breakdown no Electricity or Fuel required I PAUL WAYNE MCDONALD claim to be the only one who has ever Invented a Perpetual Motor to the best of my knowledge”; o pedido foi abandonado. Disponível em: <https://patents.google.com/patent/US20070246939A1/en>. Acesso em: 12 out. 2024.

está sugando parte da água; talvez muito lentamente, mas ainda assim sugando. Visto que nossa ideia era inventar uma máquina que rodasse *para sempre*, o muito lentamente já é rápido demais; falhamos. E podemos compreender empiricamente por que falhamos e porque, nessas condições, falharíamos de novo caso novamente tentássemos. Mas não foi até muito depois dos primeiros moinhos e dos primeiros motores a vapor que pudemos compreender teoricamente por que o movimento perpétuo é impossível — e porque não existe nem eternidade nem finalidade no universo.

A ciência termodinâmica aparece, no começo do século XIX, como um desenvolvimento derivado de estudos preliminares sobre calor na mecânica clássica conforme até então elaborada em continuidade à obra de Descartes, Leibniz e Newton, seus pensadores seminais. A preocupação maior eram as relações entre forças e corpos em movimento e, no caso específico de Leibniz, a transformação de forças latentes em forças vivas, que ele chamava de *vis viva*; no que, então, ambos os dois “últimos dos magos”/“primeiros cientistas” têm uma preocupação com a preservação dessas forças, expressa no caso de Newton em suas três leis, mais notavelmente na terceira: “A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade: as ações mútuas de dois corpos um sobre o outro são sempre iguais e dirigidas em sentidos opostos.” Entre Newton e Leibniz, o mundo apresenta-se reversível; como diz Joel White, há nessa “metafísica da conservação” que se instaura com esses dois pensadores,

Uma igualdade de diferentes tipos de forças que é dedutível, ainda que essas forças ou efeitos não sejam imediatamente patentes. Isto é, há uma relação que foi *feita força mecânica*, que é aquela entre a força (f) necessária para deslocar a massa de um objeto (m) por uma certa distância (v) e as forças de resistência como a fricção.³¹

Estamos perto de fazermos uma grande descoberta. Em 1798, em Munique, no então Eleitorado da Baviera, Benjamin Thompson, o *Conde de Rumford*, como ele veio depois a ser conhecido, oferecia, como bom nobre que se tornara, seus serviços às forças armadas da coroa. Nascido no interior do Massachusetts, não era a primeira vez que vinha oferecer seus serviços a nações que não a sua; era, a bem da verdade, traidor da pátria. Mesmo sendo militar americano, posicionara-se, durante a Revolução Americana, ao lado dos lealistas (aqueles que ainda eram leais à coroa britânica), abandonando sua esposa e juntando-se às forças armadas inglesas quando sua casa é atacada pelos patriotas. Em suas incursões militares, poderia dizer-

³¹ WHITE, Joel. *Philosophy of thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>

se que o conde tem preocupações outras além das militares, mas não seríamos os primeiros a sublinhar uma relação profunda entre o desenvolvimento da ciência e da técnica e a guerra. Em Munique, inventa um tipo de sopa que vem a ser conhecida como sopa de Rumford, composta de batata e cerveja velha e que alimenta boa parte da população da Baviera, sendo creditado também como o fundador do primeiro restaurante popular da era moderna³² e, ao chegar no Reino Unido após a Revolução Americana, é recebido como cientista em decorrência de estudos sobre pólvora que realizara durante os conflitos, e que haviam sido publicados na revista da Royal Society.

Agora entre a França e a Áustria no meio das Guerras Revolucionárias Francesas, no interior dum país que ainda não se chamava Alemanha, o conde de Rumford, supervisionando um arsenal, tem uma revelação. Um dos métodos para a fabricação de canhões, e no caso o que estava sendo lá utilizado, é um processo que é na usinagem conhecido pelo nome de alesagem ou fresagem, que é a modificação do diâmetro interno de um cilindro por uma broca. Ao observar esse processo, o conde de Rumford percebeu que os canhões de bronze, durante a perfuração, ficavam muito quentes muito rapidamente, e mais ainda as lascas que deles se desprendiam. Decidiu então fazer um experimento, no que modifica a ponta de um canhão para que se transforme num cilindro acessório que pode ser envolto por e cheio com água, e então encaixa a peça na máquina. É óbvio o que vai acontecer, portanto compartilho as reações do conde, para quem, na altura, não era, como não era a ninguém, óbvio que isso aconteceria:

Quando mais 30 minutos se passaram, ou seja, 1 hora e 30 minutos após o maquinário ter sido posto em movimento, o Calor da água na caixa era 142° (F). Ao final de 2 horas, desde o início do Experimento, a temperatura da água foi encontrada em 178°. Após 2 horas e 20 minutos ela estava em 200°, e após 2 horas e 30 minutos ela DE FATO FERVEU! [212°F]. Seria difícil descrever a surpresa e o espanto expressos nas fisionomias dos espectadores, ao verem uma quantidade tão grande de água fria ser esquentada e de fato ferver sem nenhum fogo. [...]³³

Com essa experiência, era resolvida aquela que era então a principal querela dos estudos sobre calor: se o calor é uma espécie de substância em fluxo, o *calórico*, existente em quantidades limitadas entre os corpos e passível, portanto, de esgotar-se numa eventual troca, ou se o calor era, na realidade, gerado por razões outras, como que *o próprio fluxo*, isto é, a

³² ROSEN, William. *The most powerful idea in the world: A story of steam, industry and invention*. Londres, Inglaterra: Random House Group. 2010. p. 273-275.

³³ THOMPSON, Benjamin. *Uma investigação concernente à fonte do calor que é excitada pelo atrito*. Londres, Inglaterra: Royal Society. 1798. p. 1. Disponível em: <https://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/HCTex-Rumford.pdf>. Acesso em 17 out. 2024.

própria possibilidade em si da troca de energia, potencialmente (ainda que não se soubesse como) infinita no que sua aparição depende não então da troca de uma substância específica, mas trocas específicas entre substâncias outras. O experimento do canhão comprovava que a segunda hipótese era o caso, e demonstrava qual era a qualidade dessa troca que geraria, então, o calor. Conforme conclui o conde em seu relato:

De onde veio o Calor que foi continuamente emitido desta maneira, nos Experimentos precedentes? (...) ao refletir sobre o assunto, não devemos esquecer de considerar aquela circunstância notável, que a fonte do Calor gerada por atrito, nestes Experimentos, parecia evidentemente ser inesgotável. (...) qualquer coisa que um corpo isolado, ou sistema de corpos, pode continuar a fornecer sem limitação, não pode de maneira alguma ser uma substância material: e parece-me ser extremamente difícil, senão impossível, formar qualquer ideia distinta de qualquer coisa que seja capaz de ser excitada e comunicada, da maneira pela qual o Calor foi excitado e comunicado nestes Experimentos, a não ser que ela seja MOVIMENTO.³⁴

O leitor pode agora fazer uma objeção às conclusões do conde. Sabemos que a fonte de energia no caso desses experimentos não é *realmente* inesgotável, isto é, eventualmente quebrarão ou broca ou canhão. Sim. Mas é justamente isso que esse experimento vem a responder; o calor, ele mesmo, não é um *elemento*, não sendo, portanto, constituído, enquanto tal, pelo decaimento de alguma inteireza material. Mesmo a noção de decaimento dos materiais, a bem da verdade, só foi ser mais compreendida com os desenvolvimentos que se seguiram a esse experimento. Ou seja, não é possível gerar energia infinita não porque existe uma quantidade finita de energia, mas porque os materiais utilizados para gerar o movimento que origina o calor podem quebrar ou esgotarem-se; é outro tipo de limitação. Houvesse uma fonte inesgotável ou indestrutível de movimento, seria possível gerar energia para sempre, no que caímos de volta na tautologia do moto-contínuo. Conforme aponta Helmholtz (1995, p. 26), contudo, a reversão da mesma questão é, afinal, a grande descoberta:

Não era mais perguntado, Como posso fazer uso das relações conhecidas e desconhecidas das forças naturais de maneira a construir um movimento perpétuo? Mas era perguntado, Se o movimento perpétuo é impossível, quais são as relações que

³⁴ THOMPSON, Benjamin. *Uma investigação concernente à fonte do calor que é excitada pelo atrito*. Londres, Inglaterra: Royal Society. 1798. p. 1. Disponível em: <https://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/HCTex-Rumford.pdf>. Acesso em 17 out. 2024.

devem subsistir entre as forças naturais? Tudo foi ganho com essa inversão da questão.³⁵

A verdade é que considerando as atuais necessidades energéticas da humanidade, a manipulação atômica nos reatores nucleares, lentamente extraindo todo fiapo de energia de partículas menores que a ponta de um alfinete, seria suficiente; seria para todos os efeitos *como se* tivéssemos energia infinita. Mas, é claro, uma usina explodiu uma vez (coisa que, claro, nunca deve ter ocorrido aos outros tipos de usinas elétricas) e, também, esse processo de extração energética é essencialmente o mesmo realizado para a fabricação de armas terríveis (o que, claro, jamais fora o caso para as indústrias de *explosão*) — e também, sejamos sinceros, Deus deve ficar muito bravo que saíamos por aí rasgando a matéria e enfiando nêutrons a mais nos pobres átomos, lhes transformando em aberrações antinaturais as quais escravizamos. De qualquer forma, se pouco mais de 200 anos atrás não sabíamos que movimento gera calor, hoje debate-se na internet quantos tapas são necessários para se cozinhar um bife de frango³⁶. Quão longe chegamos! Mas antes que pudéssemos travar questões tão interessantes quanto essa, foi necessário ainda uma segunda descoberta (ou invenção?), e ela ocorreu, novamente, bem perto do campo de batalha.

Vinte e seis anos depois do conde de Rumford ferver água por atrito, um jovem engenheiro do exército napoleônico, Sadi Carnot, vem, acidentalmente, oferecer uma base teórica que fundamenta essa que é provavelmente a *maior descoberta de todos os tempos*; e antes que alguém conteste dizendo “mas e o fogo? Mas e a roda? Mas e a gravidade?”, resta dizer que foram essas as descobertas preliminares (pense e depois me diga se a roda foi descoberta ou inventada) que permitiram, apenas, a descoberta de Rumford, pois até que elas ocorressem, correram dezenas de milhares de anos de humanidade antes que colocássemos uma corda em nosso pescoço. Isto é, até a termodinâmica, mesmo com todas as fascinantes e revolucionárias descobertas, não tínhamos ainda alterado de maneira significativa o planeta a ponto de ameaçar nossa própria existência nele — e não a existência *dele*, claro, como

³⁵ Tradução minha. “It was no more asked, How can I make use of the known and unknown relations of natural forces so as to construct a perpetual motion? but it was asked, If a perpetual motion be impossible, what are the relations which must subsist between natural forces? Everything was gained by this inversion of the question.” HELMHOLTZ, Hermann von. *On the Interaction of Natural Forces in Science and Culture: Popular and Philosophical Essays*. Chicago e London: Chicago University Press. 1995. p. 26. *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

³⁶ KUMAR, Jaishree. *This YouTuber Built a Machine That Slaps a Chicken Until It's Cooked*. VICE. 2021. Disponível: <https://www.vice.com/en/article/youtuber-viral-video-chicken-slapping-food/>. Acesso em 31 out. 2024.

geralmente se pinta. Não tínhamos desafiado, de maneira significativa, “as leis da natureza” (em aspas pois é impossível que as leis da natureza sejam desafiadas, afinal não há nada que não seja natural); não tínhamos, conforme Nietzsche, matado Deus.

O jovem Carnot colocava, sem saber que era disso que se tratava, o último prego no caixão divino, e fez isso, curiosamente, num epimeteísmo agora deliberado, ignorando a descoberta do conde, no que essa história nos fornece, também, um vislumbre do funcionamento da ciência e qual a amplitude de suas dimensões políticas. Ainda que a descoberta do conde de Rumford demonstrasse que a teoria do calor enquanto fluído estava errada, ela não provia uma teoria para substituí-la; “apenas” demonstrava que estava errada. Por isso, à despeito de descobrir-se falsa, ela seguiu sendo utilizada, afinal servia para modelar uma série de mecanismos que envolviam troca de calor pois era, até certo ponto, eficiente para tal, explicando uma variedade de fenômenos físicos, notadamente a radiação do calor.

Além da ausência duma teoria do calor enquanto energia, era também, para o jovem Carnot, uma questão bastante pessoal que não fosse considerada, nas investigações ainda não chamadas termodinâmicas, a descoberta do Conde de Rumford, e isso se dá, grosso modo, por uma razão muito simples: o Conde era anglo-americano; Carnot, francês. Filho de um general e *alumni* da Politécnica, Carnot era um jovem nacionalista e, sendo um jovem nacionalista francês, grande parte desse nacionalismo expressava-se através da mais absoluta repulsa aos fedorentos e bárbaros habitantes *da ilha* — e, sendo cientista, expressava-se, portanto, numa aversão às descobertas e inovações inglesas.

Conforme destaca o historiador William Rosen em seu *The most powerful idea in the world: A story of steam, industry and invention* (“A ideia mais poderosa do mundo: Uma história do vapor, da indústria e da invenção”), Carnot escreve, em 1824, seu primeiro, último e revolucionário trabalho *Réflexions sur la puissance motrice du feu et sur les machines propres à développer cette puissance* (“Reflexões sobre a força motriz do fogo e sobre as máquinas preparadas para desenvolver essa força”) por, “(...) essencialmente, consternação frente ao fato de que as grandes conquistas da engenharia britânica tenham sido produzidas por homens que, como Watt³⁷, não eram formalmente escolarizados.”³⁸ Em seu trabalho, Carnot, o acadêmico, não leva em conta a novidade brutalmente descoberta pelo conde de Rumford, realizando suas reflexões ainda dentro do paradigma da teoria calórica; considerando que mais que uma

³⁷ James Watt (1736 – 1819), célebre engenheiro e matemático britânico responsável por diversas melhorias em motores a vapor. A unidade de potência fora posteriormente batizada em sua homenagem.

³⁸ Tradução minha. “(...) essentially out of dismay that the great achievements of British engineering had been produced by men, like Watt, with no formal schooling.” ROSEN, William. *The most powerful idea in the world: A story of steam, industry and invention*. Nova Iorque, Estados Unidos: Random House Publishing. 2010. p. 267.

investigação quanto à natureza do calor, o que preocupava Carnot era a elaboração duma teoria da eficiência térmica dos motores, a então clássica compreensão do calor como um fluido era mais do que suficiente.

Por acaso ou capricho do destino, Carnot acaba por desenhar uma estrutura que transcende a teoria calórica e que é compatível com a concepção mecânica do calor, fornecendo as bases para que os estudos sobre o calor sejam, portanto, uma *termo-dinâmica*. Por sorte para ele, talvez, morreu antes de suspeitar que seus empenhos poderiam vir a alicerçar teoricamente as descobertas anglo-americanas. Conforme mencionado anteriormente, não foi até 1849 com William Thomson que primeiro se utilizou o termo *termodinâmica*, popularizado depois com Peter Guthrie Tait em 1868 com seu *Sketches of Thermodynamics* (“Esboços da Termodinâmica”) — mas já estava tudo na única obra do jovem engenheiro francês, falecido só dois anos depois da publicação dela, em 1826. Como aponta Joel White, a obra de Carnot “apresentava pela primeira vez uma teoria geral das operações de motores, argumentando que uma teoria similar à teoria mecânica era necessária para compreender como, exatamente, motores produzem movimento através do calor”³⁹.

O mais curioso a se observar nesse ponto específico da história é o gritante descompasso entre a teoria e a prática, pois o que Carnot buscava explicar era justamente uma eficiência que já era executada graças a descobertas dos ingleses, como James Watt, que ele desprezava por não saberem explicar como estavam fazendo aquilo. Conforme vem então a sublinhar Joel White, “a relação entre o desenvolvimento tecnológico do movimento por calor era historicamente *a priori* à sua teorização conceitual completa, e não era chamada termodinâmica até mais de cem anos depois”⁴⁰. O que Carnot teorizou foi *como seria o motor perfeito* e, através disso, é extraído o *princípio de Carnot*: “Onde quer que exista uma diferença de temperatura, pode ser produzida força-motriz.”⁴¹ Ele mesmo explica (1824):

A produção de força-motriz é então nos motores a vapor não devido a um consumo do calórico, mas a *seu transporte de um corpo quente para um corpo frio*, isto é, ao re-estabelecimento do equilíbrio — um equilíbrio considerado como destruído por qualquer causa que o for, seja ação química ou combustão ou qualquer outra. Veremos

³⁹ Tradução minha. “The book presented for the first time a generalized theory of the operation of heat engines, arguing that a theory similar to mechanical theory was needed to comprehend how exactly engines produced mechanical motion from heat.” WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

⁴⁰ Tradução minha. “(...) the relation between the technological development of motion from heat was historically *a priori* to its full conceptual theorization and was not named as thermodynamics until over hundred years later.” *Ibid.*

⁴¹ *Ibid.*

rapidamente que esse princípio é aplicável a qualquer máquina colocada em movimento por calor.⁴²

Como estamos vendo, a energia é criada numa relação entre o calor e movimento; que calor gera movimento a mera visão do fogo deve ter nos informado, mas que a reversal é também verdadeira foi descoberta apenas, como estamos vendo, *agora mesmo*. O motor perfeito, conhecido como *Ciclo de Carnot*, portanto, seria capaz de realizar uma retroalimentação hermética entre seu potencial cinético e sua capacidade térmica. Ele não seria capaz de gerar movimento infinito ou energia infinita, mas como ele poderia, dentro desse mundo *que decai*, vir a manter apenas dentro desse circuito estritamente *termodinâmico* — sem, portanto “vazar” em dissipação calórica (partes da máquina que não estão envolvidas na produção de movimento mas que ainda assim esquentam) ou dissipação de movimento (partes da máquina que não estão envolvidas na produção de calor mas mesmo assim se movem) — suas trocas de energia?

O que Carnot visualiza e desenha para responder a essa pergunta é um circuito com dois corpos, A e B, preenchidos parcialmente por algum gás e conectados por um pistão que movimenta ou um ou o outro a depender da variação de temperatura ou pressão nesses corpos. Esquentado o corpo A e então transferido esse calor para o gás dentro dele, por exemplo, o volume aumentaria e a pressão diminuiria nesse corpo, movendo o pistão de forma a diminuir o volume e aumentar a pressão no corpo B, o que viria a esquentar o corpo B — e tudo isso, considerando a forma conceitual do Ciclo de Carnot (sem fricção e sem condução), é reversível. Note-se que não haveria o menor sentido em construir essa máquina; os motores servem justamente para que coisas *outras* que não eles mesmos sejam movidos; mas o ponto de Carnot era compreender, de maneira teórica, como se daria a eficiência máxima de um motor se seu trabalho não fosse orientado a outra coisa que não sua própria rotação; uma vez descoberto isso, é claro, torna-se bem mais fácil pensar como arquitetar as dissipações desejadas e impedir as indesejadas.

⁴² Tradução minha. “The production of motive power is then due in steam-engines not to an actual consumption of caloric, but to its transportation from a warm body to a cold body, that is, to its re-establishment of equilibrium—an equilibrium considered as destroyed by any cause whatever, by chemical action such as combustion, or by any other. We shall see shortly that this principle is applicable to any machine set in motion by heat.” CARNOT, Sadi. *Reflections on the Motive Power of Fire*, Paris, França: Ches Bachelier, Libraire. 1824. Capítulo 3. *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

Aproximamos-nos do fim dessa digressão científica. O que vai se seguir (e o que se segue até hoje) são implicações cosmológicas das invenções do Conde de Rumford e de Sadi Carnot, isto é, a *nova explicação do mundo* que vem substituir o mundo encantado que vai até a Idade Média é a extensão às coisas outras do que a termodinâmica descobre enquanto é descoberta. Além de provar a impossibilidade do movimento perpétuo ao demonstrar que não é possível um ciclo reversível sem uma fonte infinita de energia para esquentar o corpo A (como se dá de maneira conceitual no Ciclo de Carnot), e que a reversibilidade perfeita desse ciclo está implicada justamente em que ele não performe nenhum trabalho além de expandir-se e contrair-se (não performe nenhum trabalho útil, portanto), a obra de Carnot fornece as bases para que sejam consolidadas a noção de entropia e, por consequência, as duas leis da termodinâmica.

Agora vamos parar um pouco; respirar. Expandir-se e contrair-se. Mas perfomar uma coisa outra e pensar: qual a única constante no Ciclo de Carnot? O que nunca para de acontecer nesse motor perfeito? O que subsiste quando tudo muda? O que subsiste quando tudo muda é a própria mudança; aquilo que nunca para de acontecer, que é o mesmo de sempre, aquilo que se repete, é a diferença. O Ciclo de Carnot, em sua existência teórica, nunca para de acontecer e, enquanto ele acontece, em nada ele muda perante o mundo; não faz nada. Mas dentro dele, é constituído de infinitas diferenças incessantes: diferenças de pressão, de volume, de temperatura, todas mudando na medida exata em que a outra muda justamente para que quem veja de fora, o todo siga sempre exatamente o mesmo. A perfeição do motor, como diz White, “está predicada na natureza infinita de diferenças entre o corpo A e o corpo B.”⁴³ Ou seja, as noções de diferença, e portanto de identidade, aparentam ser as noções fundamentais à compreensão moderna de energia. Continua White:

(...) há um jogo entre a identidade da substância (energia) entre transformações, por um lado, e a natureza *a priori* da Diferença, por outro. Além disso, apesar da identidade e da conservação da energia através da transformação, diferença e a tendência ao “re-estabelecimento do equilíbrio” são sublinhados enquanto as causas eficientes do movimento ele mesmo.⁴⁴

⁴³ Tradução minha. “(...) the perfection of this heat engine is predicated on the infinite nature of the difference between body A and B.” WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

⁴⁴ Tradução minha. “(...) there is a play between the identity of the substance (energy) between transformations, on the one hand, and the a priori nature of difference on the other. Furthermore, despite identity and the conservation of energy through transformation, difference and the tendency toward the ‘re-establishment of equilibrium’ is outlined as the efficient cause of motion itself.” *Id.*

A descoberta prometeica do Conde de Rumford a qual Sadi Carnot epimeteicamente prova é que, como White resume⁴⁵, “o mundo é tal que diferenças em temperatura tendem a equalizar e que essa tendência é a causa do movimento.” Poderia ser dito que qualquer outra constatação sobre o mundo estaria já assumindo um monte de coisas que não podemos ter certeza. Qualquer pensamento que ouse ir além disso é catastrófico, e como disse Reza Negarestani, “a função da imaginação é gerar catástrofes para o pensamento”⁴⁶, no que um pensamento que busque estar fora do Princípio de Carnot é puramente imaginativo e, a bem da verdade, *difícil de imaginar*; descobriremos, na verdade, que nos aterrorizam profundamente as conclusões às quais chegamos quando pensamos mais um pouco nas implicações do que Carnot demonstra.

A primeira dessas implicações é a seguinte: nada está indo a lugar nenhum. Como disse William Thomson em *On Universal Tendency in Nature to the Dissipation of Mechanical Energy* (“Sobre a tendência universal na natureza à dissipação de energia mecânica”), em 1852, 28 anos depois da obra de Carnot, “(...) o ‘gasto’ referido não pode ser aniquilação, mas alguma transformação de energia.”⁴⁷ Não há, tendo em vista a falsidade da teoria calórica e a natureza termodinâmica da energia, o que ser aniquilado — de onde se extrai a primeira lei da termodinâmica: “A energia do universo é constante”.

A segunda lei, por sua vez, está tramada à primeira da mesma forma que o Ciclo de Carnot está tramado ao Princípio de Carnot, isto é, se a perfeição do motor é predicada pela natureza infinita da diferença entre o corpo A e o corpo B, há então, como se vê (olhemos ao redor), uma *tendência à diferença*; a primeira lei define o que a coisa é, a segunda lei define como (como se dá a diferença), e o que já era dedutível dos estudos de Carnot vai ser elaborado apenas através de reflexões que vão dar à aurora termodinâmica um profundo significado cosmológico ao atribuir não uma teleologia metafísica ao movimento, mas uma História; o universo ganha uma História, uma escatologia, e essa História é a história da energia já transformada para além da possibilidade de um trabalho que possa ser realizado através dos meios disponíveis a nós humanos. A energia já “dissipada” para nós; em aspas pois é impossível, conforme a primeira lei, energia *realmente* ser dissipada; mas considerando que há

⁴⁵ Tradução minha. “The world is such that differences in temperature tend to equalise and that this tendency is the cause of motion.” *Id.*

⁴⁶ Tradução minha. “The function of imagination is to generate catastrophes for thinking.” NEGARESTANI, Reza. *The Human Centipede: A View From the Art World*. Tripleampersand. 2024. Disponível em: <https://tripleampersand.org/the-human-centipede-a-view-from-the-art-world/>. Acesso em 30 jan. 2025.

⁴⁷ Tradução minha. “(...) the ‘waste’ referred to cannot be annihilation, but must be some transformation of energy.” *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

um estado em que ela já não pode mais ser reaproveitada por nós de maneira a gerar trabalho que consideremos útil, podemos considerá-la energia já *humanamente dissipada*.

A fim de se referir a essa energia *humanamente trabalhável* e a *energia já humanamente dissipada*, Rudolf Clausius inventa, em sua obra *Über die bewegende Kraft der Wärme und die Gesetze, welche sich daraus für die Wärmelehre selbst ableiten lassen* (“Sobre a força motriz do calor e as leis que dela podem ser derivadas para a teoria do próprio calor”), de 1850, a noção de *entropia*, e usa essa palavra porque julga ser suficientemente parecida com a palavra energia:

Podemos chamar de S o *conteúdo transformacional* do corpo, assim como cunhamos a magnitude U para referirmos-nos ao seu *conteúdo térmico* (...). Mas como julgo ser importante pegarmos emprestados de línguas antigas termos para magnitudes importantes, de maneira que possam ser adotados inalterados em idiomas modernos, proponho chamar a magnitude S de *entropia* do corpo, da palavra grega para *transformação*. Tenho intencionalmente formado a palavra *entropia* de maneira a ser o mais possivelmente similar à palavra *energia* já que a magnitude a ser denotada por essas palavras é tão proximamente alinhada em seus significados físicos, que uma similaridade em designação aparenta ser desejável.⁴⁸

Fascinante. A ideia mais poderosa da história, assim chamada porque queria-se apelar ao maior número possível de pessoas; propaganda é mesmo, afinal, a alma do negócio. Clausius segue vendendo, e nós seguimos comprando: “Se pelo universo inteiro concebermos a mesma magnitude a ser determinada, consistentemente e em respeito a todas as circunstâncias, a qual para um único corpo tenho chamado de *entropia*”⁴⁹, no que estão sendo aqui não só consideradas, mas derivadas as implicações das descobertas Carnot, Clausius conclui que “podemos expressar da seguinte maneira as leis fundamentais do universo que correspondem aos dois teoremas fundamentais da teoria mecânica do calor: 1. *A energia do universo é*

⁴⁸ Tradução minha. “We might call S the transformational content of the body, just as we termed the magnitude U its thermal and ergonal content. But as I hold it to be better to borrow terms for important magnitudes from the ancient languages, so that they may be adopted unchanged in all modern languages, I propose to call the magnitude S the entropy of the body, from the Greek word, transformation. I have intentionally formed the word entropy so as to be as similar as possible to the word energy for the two magnitudes to be denoted by these words are so nearly allied in their physical meanings, that a certain similarity in designation appears to be desirable.” CLAUSIUS, Rudolf. *Über die bewegende Kraft der Wärme und die Gesetze, welche sich daraus für die Wärmelehre selbst ableiten lassen*. Alemanha: Annalen der Physik. 1850. *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

⁴⁹ Tradução minha: “If for the entire universe we conceive the same magnitude to be determined, consistently and with due regard to all circumstances, which for a single body I have called entropy (...).” *Id.*

constante. 2. *A entropia do universo tende ao máximo.*”⁵⁰ Vamos agora extrair uma terceira implicação. Ora, se, seguindo a nossa terminologia, a energia humanamente trabalhável (*energia*) tende à energia já humanamente dissipada (*entropia*), então eventualmente irá se esgotar a energia disponível para nós humanos; simples como dois mais dois são quatro.

Se, sob nosso ponto de vista, os corpos quentes vão ininterruptamente perder calor para os corpos mais frios até que o equilíbrio seja reestabelecido, retornando ao que seria referido posteriormente como o momento pré-*Big Bang*, ou seja, pré-movimento e pré-luz, só há uma conclusão óbvia a se tirar disso: em algum momento, certamente muito tempo no futuro, tempo demasiado no futuro para que sequer sejamos capazes de conceber, mas, ainda assim, *em algum momento*, todas as trocas de calor terão sido efetuadas. E já que, como descobrimos, não só calor gera movimento, mas também o que gera o movimento é o próprio calor, o mundo irá parar. Irá parar de se mover, no que, para todos os efeitos, nada mais estará acontecendo; terá morrido. A termodinâmica descobre então que haverá uma morte térmica do universo, e toda e qualquer *resposta* a isso se expressa em catástrofes para o pensamento. O que, afinal? Reverter a entropia? Como? Criar Deus? Um filósofo em especial se mostra profundamente perturbado pelas novas descobertas científicas, e elas vêm informar de maneira fundamental sua filosofia.

CAPÍTULO 2: NO NÚCLEO

2.1. Não pode ser: Nietzsche e a morte térmica do Universo

Friedrich Nietzsche é, considerando um conhecimento como que *folclórico* e generalizado de filosofia, provavelmente um dos pensadores mais mal compreendidos de todos os tempos. É frequentemente responsabilizado, na sabedoria popular, pela “morte de Deus” — o que ele meramente constata, notadamente em *A Gaia Ciência* (1882) e em *Assim Falou Zaratustra* (1883), ao observar o que fora operado na passagem para a modernidade —, e o que, mais vezes do que não, entende-se por seu *niilismo* é mais uma espécie de glorificação da suposta falta de sentido na vida do que uma denúncia de um niilismo vulgar e, principalmente, do cristianismo enquanto gerador de niilismo — o que é executado de maneira mais notável em *O Anticristo* (1895). Meu objetivo aqui, porém, não é, de maneira alguma, buscar demonstrar

⁵⁰Tradução minha: “(...) we may express in the following manner the fundamental laws of the universe which correspond to the two fundamental theorems of the mechanical theory of heat. 1. The energy of the universe is constant. 2. The entropy of the universe tends to a maximum.” CLAUSIUS, Rudolf. *Über die bewegende Kraft der Wärme und die Gesetze, welche sich daraus für die Wärmelehre selbst ableiten lassen*. Alemanha: Annalen der Physik. 1850. *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

de que forma essas interpretações populares da obra de Nietzsche são equivocadas, quando não completamente invertidas; tal tarefa renderia, evidentemente, um próprio trabalho, que viria a somar-se a inúmeros outros trabalhos preocupados em se compreender o pensamento nietzscheano.

O que pretendo destacar é algo que pode ser considerado marginal dentro do escopo da filosofia nietzscheana, mas que não é, ou, ao menos, não deveria ser entendido como mero detalhe. Que é: Nietzsche era leitor de publicações científicas; a produção de seu pensamento vem informada fundamentalmente pelas descobertas de sua época. Mais que isso: é possível argumentar que sua derradeira ideia de *eterno retorno* seja nada menos que uma resposta à noção de morte térmica do universo; é o que farei. Pode se dizer que o filósofo alemão, para todos os efeitos, não conseguia acreditar, ou aceitar, a morte térmica do universo; *não podia ser*. Entender as reflexões que elabora em relação a essa recusa nos ajudará a compreender, enquanto vamos esboçando uma filosofia da energia, de que maneira se dá, ainda hoje, a relação entre o pensamento e a termodinâmica.

Vamos investigar primeiro, então, as evidências de que Nietzsche estava bem-informado quanto à termodinâmica de sua época; em seguida, estudaremos o que é que ele tem a dizer, em específico, sobre o tema da energia, e então poderemos, por fim, averiguar de que maneira o eterno retorno aparece como resposta à morte térmica do universo e quais as implicações filosóficas disso. O material arqueológico, por assim dizer, fora escavado por Joel White:

(...) ainda que Nietzsche não use o termo entropia, citações do seminário de 1854 (N.T.: *Ueber die Wechselwirkung der Naturkräfte*, “Sobre a interação das forças naturais”, de Helmholtz), conforme citadas por (Friedrich) Lange em 1866 (em *Geschichte des Materialismus*, “História do materialismo”), são utilizadas por Nietzsche já em seu curso sobre “Pré-platônicos” dado na Basileia de 1872 a 1876.⁵¹

Lá está, de fato, em sua jovem obra sobre os pré-platônicos, conclusões *nada* pré-platônicas; quanto a Heráclito, por exemplo: “Ainda assim no [nível] mais alto nada absolutamente inalterável existe”⁵², isso ainda está de fato, *em* Heráclito, “Nosso mundo terreno

⁵¹ Tradução minha. “(...) while Nietzsche does not use the term entropy, citations of the 1854 lecture, as cited by Lange in 1866, are used by Nietzsche from as early as his course on the ‘Pre-Platonics’ given as Basel from 1872-76.” WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025

⁵² Tradução minha. “Yet at the greatest [level] nothing absolutely unalterable exists.” NIETZSCHE, Friedrich. *Pre-Platonic Philosophers*. Urbana e Chicago, EUA: University of Illinois Press. 2006. p. 62. *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

deve eventualmente perecer por razões inexoráveis”⁵³, está forçando um pouco mais ainda é aceitável; “O calor do sol não pode durar eternamente”⁵⁴, ok, Heráclito não tinha como saber isso; não sabia isso. Isso são reflexões as quais Nietzsche conclui dessa forma porque, como se vê, não apenas lia sobre termodinâmica, mas era também profundamente afetado por essas ideias, no que elas atravessam, como White destaca, o pensamento do filósofo alemão de maneira praticamente absoluta:

O comentário de Nietzsche sobre termodinâmica se estende de seu período inicial, o período em Sils-Maria, em 1881, quando Nietzsche leu *Der Zusammenhang der Dinge* (“A conexão das coisas”), de Otto Caspari, em que “entropia” é citada, até o último *Nachlass* (N.T.: palavra alemã para se referir a coleção de manuscritos e notas deixadas por um autor; *nach* significa depois e *lass* vem de *lassen*, que significa sair), escrito entre 1888 e 1889, em que (William) Thomson é citado (provavelmente depois de ter lido *Die Thomson'sche Hypothese von der endlichen Temperatúrausgleichung im Weltall: beleuchtet vom philosophischen Gesichtspunkte* (“A hipótese de Thomson da equalização da temperatura finita no espaço: iluminada por um ponto de vista filosófico”)) (Stuttgart, 1874), em que tanto a conservação de energia quanto “o estado final”, isto é, a morte térmica, são extensivamente discutidas.⁵⁵

Ou seja, dos primeiros aos últimos textos de sua obra há um assunto que é constante e que está fundamentando, de maneira oculta, as reflexões, que é a termodinâmica. Torna-se claro que fora quem foi em decorrência de, além de escrever muitíssimo bem, ser também alguém que estava a par da última boa nova, letrado no evangelho científico recém-saído do forno — combinação essa que pode configurar o que entendemos por *gênio*. Isto é: não é por *acaso* que Nietzsche venha a elaborar, de maneira tão assertiva, muitas vezes ácida e quase sempre elegante, o processo da tal *morte de Deus*, e a formação duma cosmologia da modernidade; estudava de pertinho os desdobramentos técnicos às quais essas novas realidades estavam implicadas, conflagrando-lhes com o que era considerado na altura (e, em grande medida, ainda hoje) o cânone filosófico.

⁵³ Tradução minha. “Our earthly world must eventually perish for inexorable reasons.” NIETZSCHE, Friedrich. *Pre-Platonic Philosophers*. Urbana e Chicago, EUA: University of Illinois Press. 2006. p. 62. *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

⁵⁴ Tradução minha. “The heat of the sun cannot last eternally.” *Id.*

⁵⁵ Tradução minha. “Nietzsche’s commentary on thermodynamics spread from his early period, the Sils Maria period of 1881 where Nietzsche read Otto Caspari “Der Zusammenhang der Dinge” where “entropie” is cited through to the last *Nachlass* written in 1888-9, where Thomson is cited (likely after having read O. Caspari, *Die Thomson'sche Hypothese von der endlichen Temperatúrausgleichung im Weltall: beleuchtet vom philosophischen Gesichtspunkte* (Stuttgart 1874) were both explicitly the Conservation of energy and the “final state”, i.e., heat death are discussed at length.” *Id.*

Nietzsche, ainda nos *Pré-Platônicos*, conecta já, como vimos, a vanguarda científica às origens da filosofia ocidental, e o ora mencionado Heráclito, o filósofo do fogo e do devir, torna-se, de maneira pouco surpreendente, bastante popular entre os pensadores a viverem nessa manhã do dia da segunda descoberta do fogo. O filósofo grego parecia encapsular, em seu pensamento, a relação profunda entre o calor e o movimento, antecipando em milênios as querelas que se apresentavam e nos intrigavam com o advento da termodinâmica, a saber, a (in)existência de um estado final de coisas e a (im)possibilidade de transformações reais no mundo; continua Nietzsche: “(...) não devemos, portanto, falarmos de nosso *tempo* astronômico em escala de maneira absoluta. Bem, está a percepção intuitiva de Heráclito; não há coisa alguma a qual pode se dizer ‘o é’. Ele rejeita Ser. Ele conhece apenas o devir, o fluxo.”⁵⁶ E se vislumbramos até agora uma conexão entre a descoberta do fogo, a capacidade de falar e o surgimento da inteligência e, portanto, de algo que podemos vir a conceber por *humanidade*, está tudo lá: “(...) Heráclito considera a crença em algo persistente um erro e uma tolice. A isso ele acrescenta esse pensamento: aquilo que se torna é uma coisa em eterna transformação, e as leis dessa eterna transformação, o Logos em todas as coisas, é precisamente esse Um, fogo.”⁵⁷ Conforme bem resume Werner Heisenberg em seu *Física e Filosofia* (1995, p. 52), “Se substituirmos a palavra ‘fogo’ por ‘energia’, poderemos quase repetir suas afirmações (de Heráclito), palavra por palavra, segundo nosso ponto de vista moderno.”⁵⁸

Referirmos-nos aqui à função da termodinâmica na obra de Nietzsche como uma espécie de *ocultismo* não deve ser considerado anedótico. Como White sublinhou, Nietzsche jamais menciona a palavra *entropia*, ainda que ela seja aquela que encapsula todas as descobertas termodinâmicas desde o experimento dos canhões realizado pelo Conde de Rumford e os estudos de Sadi Carnot. Isso se dá porque, em certa medida, Nietzsche não está preocupado em, de alguma forma, buscar como que *refutar* a termodinâmica; está apenas elaborando filosoficamente quais as implicações dessas descobertas para o pensamento. Não à toa, as mais objetivas de suas reflexões a tratarem do assunto aparecem apenas na obra póstuma de

⁵⁶ Tradução minha. “(...) thus we must not speak of our astronomical *time* in scale in an absolute sense. (...) well, this is the intuitive perception of Heraclitus; there is no thing of which we may say, ‘it is.’ He rejects Being. He knows only Becoming, the flowing.” NIETZSCHE, Friedrich. *Pre-Platonic Philosophers*. Urbana e Chicago, EUA: University of Illinois Press. 2006. p. 62. *apud* WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

⁵⁷ Tradução minha. “He considers belief in something persistent as error and foolishness. To this he adds this thought: that which becomes is one thing in eternal transformation, and the law of this eternal transformation, the Logos in all things, is precisely this One, fire.” NIETZSCHE, Friedrich. *Pre-Platonic Philosophers*. Urbana e Chicago, EUA: University of Illinois Press. 2006. p. 62. *apud* *Id.*

⁵⁸ HEISENBERG, Werner. *Física e Filosofia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1995. p. 52.

Nietzsche, publicadas por sua irmã, Elisabeth, em *Der Wille zur Macht*, “Vontade de Potência” (1901).

Elisabeth Förster-Nietzsche, irmã mais nova do filósofo, organiza algumas das notas e estudos deixados pelo irmão quando de sua morte (o que descobrimos que os alemães chamam de *nachlass*), editando-as de acordo com temas. Então, há parágrafos em sequência em que foi cada um deles escrito num momento completamente diferente, costurando um sentido não necessariamente pretendido. E a edição em alemão de *Der Wille zur Macht*, disponível pelo Project Gutenberg⁵⁹, é bastante diferente de suas edições em inglês (*The will to power* (Nova Iorque, EUA: Vintage Books. 1968. Tradução de Walter Kaufmann e R. J. Hollingdale)) e em português (*Vontade de poder* na edição da Contraponto (Rio de Janeiro, 2011), com tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes e *Vontade de potência* na tradução de Mário Ferreira dos Santos), com partes em ordem diversas e partes outras que não se encontram — o que significa que é trabalhoso encontrar o original em alemão dos trechos em sequência, pois estão localizados em locais completamente diferentes; há um em específico a qual prestaremos muita atenção.

Independentemente da edição, contudo, seja da edição originária através de sua irmã, seja através das variantes confeccionadas pelo mercado editorial, o que Nietzsche diz especificamente sobre termodinâmica consta, de fato, em sua *Kritische Gesamtausgabe* (“Edição crítica completa”), facilmente localizável na internet. Desses comentários, presentes nas edições em inglês e em português na parte três do livro quatro (*Eterno retorno*), há três que eu gostaria de destacar. O primeiro é bastante direto; Nietzsche fornece uma máxima quanto ao assunto, e utilizarei aqui a tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes; é o parágrafo 1.063: “O princípio da conservação da energia exige o eterno retorno.”⁶⁰ Essa é sua tese, sua oferta de contribuição à ciência termodinâmica; o eterno retorno tem que ser verdade para serem o caso as duas leis da termodinâmica, é isso que ele está dizendo. O segundo comentário, segunda nota, essencial a ser mencionada é, nas edições brasileiras e em inglês, § 1.066, em que Nietzsche diz o seguinte:

A nova concepção de mundo. — 1 O mundo persiste; ele não é nada que se torne, nada que passe. Ou antes: ele torna-se, passa, mas nunca começou a tornar-se e nunca

⁵⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Der Wille zur Macht*. 2024. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/60360>. Acesso em 30 jan. 2025.

⁶⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008. p. 510.

cessou de passar – ele mantém-se em ambos... Vive de si mesmo: seus excrementos são o seu alimento.⁶¹

Nietzsche então repete, ligeiramente diferente algo que dissera no § 1.062, citado no início do item anterior: “Se o mundo, em geral, pudesse petrificar-se, secar, finar, tornar-se nada, ou se pudesse alcançar o estado de equilíbrio, ou se tivesse qualquer fim que encerrasse em si a duração, a imutabilidade (...), esse estado haveria de já ter sido alcançado”⁶², e acrescenta que se, “(...) por exemplo, o mecanicismo não pode escapar da consequência de um estado final, que Thomson deduziu dele, então, com isso, o mecanicismo é refutado.”⁶³ Veja bem: Nietzsche quer não refutar a termodinâmica, ele quer provar termodinamicamente o eterno retorno, ele está dizendo que a termodinâmica só pode ser verdade mediante uma única condição: que tudo que pode acontecer, acontece, e que tudo que acontece já aconteceu antes e vai acontecer infinitas outras vezes da exata mesma maneira. Nesse sentido, o que ele está tentando refutar é a morte térmica, e ele explica, finalizando essa nota, que isso é observável pelo mero fato de que o mundo *ainda* não “ficou pronto” (ou “passou do ponto” no caso da morte térmica, pois teria queimado por completo), que se fosse eventualmente ficar pronto já teria ficado e que sequer haveria sentido qualquer coisa acontecer ou existir fosse esse o caso.

A terceira e última nota a qual chamo atenção é o último parágrafo de *Vontade de poder* (1067), de certa forma portanto a última nota pertencente ao cânone nietzscheano; suas últimas palavras. E quanto a essa, será necessário darmos uma olhada no original em alemão, pois há um problema acontecendo. Na edição que estamos lendo ela começa assim: “Sabeis vós também o que é para mim ‘o mundo’? Devo mostrá-lo em meu espelho? Este mundo: uma imensidão de força, sem começo, sem fim (...)”⁶⁴ A tradução de Mário Ferreira dos Santos também usa *força*. Agora, vejamos a tradução para o inglês: “And do you know what ‘the world’ is to me? Shall I show it to you in my mirror? This world: a monster of energy, without beginning, without end (...)”⁶⁵. Aqui *força* está como *energia*. Vamos ver então como está em alemão, depois decidimos o que fazer; em *Kritische Gesamtausgabe* essa nota está no período “Juni-Juli 1885” e é a nota “38”, sub-item 12 de 22⁶⁶: “Und wißt ihr auch, was mir “die Welt” ist? Soll ich sie euch in meinem Spiegel zeigen? Diese Welt: ein Ungeheuer von Kraft, ohne

⁶¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008. p. 510.

⁶² *Ibid.* p. 511.

⁶³ *Id.*

⁶⁴ *Ibid.* p. 512.

⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *The will to power*. Nova Iorque, EUA: Random House. 1967. p. 549-550.

⁶⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Gesamtausgabe*: Disponível em: <http://www.thenietzschechannel.com/notebooks/german/nachd/nachd38.htm>. Acesso em 30 jan. 2025.

Anfang, ohne Ende (...)”, ou seja, a palavra que está apresentando divergência de tradução é *kraft*. Vou recorrer ao dicionário, no caso o dicionário alemão Leo, que nos diz que *kraft* pode significar, em português, as seguintes palavras: vigor, força, pujança, fortidão, potência, seiva, muque e fortitude; todas palavras mais ou menos relacionadas à energia mas nenhuma delas, ainda assim, é, de fato, *energia*. Contudo, ao mencionar construções adverbiais, o dicionário Leo aponta que *kraftspendend* é “energético ou energética” e que *kraftsparend* é “que poupa energia”; aliás, se fala inglês, perceba como alemão é simplesmente um inglês em que se coloca mais letras e se junta as palavras numa forma menos plosiva (gutural e não labial): *kraftspendend*, como que *kraft spent*, *kraft* gasto, cheio de energia, portanto, e *kraftsparend*, *kraft spared*, *kraft* poupado. Ou ainda uma expressão verbal a qual o dicionário chama atenção: *Kräfte tanken*: recarregue suas baterias — *tanque* suas baterias.

Força, a opção escolhida em ambas as traduções brasileiras as quais temos mencionado, parece ser, de fato, a mais óbvia. Para todos os efeitos *kraft* é força. Contudo, em vista o escopo pretendido por essa dissertação e a similitude fundamental entre os termos, não podemos deixar de louvar a tradução americana por ter traduzido *kraft* por *energy*; levando-se a cabo até o limite, afinal, o que se entende no mundo termodinâmico por “vigor, força, pujança etc.” Dessa forma, vamos substituir, na tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes, no § 1.067, *força* por *energia* e averiguar como o sentido da citação se apresenta, observando o que se revela; e lembremos: essas são, em certo sentido editorial, as últimas palavras de Friedrich Nietzsche:

Sabeis vós também o que é para mim “o mundo”? Devo mostrá-lo em meu espelho? Este mundo: uma imensidão de energia, sem começo, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de energia, que não se torna maior, não se torna menor, não se consome, só se transforma e, como um todo, é de imutável grandeza, um orçamento doméstico sem gastos e sem perdas, mas, do mesmo modo, sem crescimento, sem ganhos, encerrado pelo “nada” como por seu limite, nada que se desvaneça, nada desperdiçado, nada infinitamente extenso, mas sim, como energia determinada, posta em um determinado espaço, não em um lugar que fosse algures “vazio”, antes como energia em toda parte, como jogo de energias e ondas de energia, ao mesmo tempo una e vária, acumulando-se aqui e ao mesmo tempo diminuindo acolá, um mar em energias tempestuosas e afluentes em si mesmas, (...) ⁶⁷

Ora, conforme comentara Helmholtz quanto às implicações das descobertas do Conde de Rumford (“tudo foi ganho com essa inversão”), também aqui tudo é ganho com essa troca.

⁶⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008. p. 511. Nota: no original consta força onde aqui consta energia.

Quando consideramos que Nietzsche está falando de *força*, o sentido dessa sua reflexão fica, no mínimo, bastante ambíguo. Há um sentido metafórico muito forte em *força*; se alguém diz, por exemplo, “não tenho forças para continuar”, não entendemos que essa pessoa quer dizer que, literalmente, sua musculatura é biologicamente incapaz de dar continuidade a uma atividade específica; entendemos, na verdade, que está... Sem energia. Outro exemplo trivial são as Companhias de *Força e Luz*, no que se torna *claro* que energia é, enfim, um dos sentidos usuais de força. Mas num texto como o de Nietzsche, erudito e atravessando, em sua completude, praticamente toda a gama de assuntos concernentes às filosofias, as coisas podem ficar um pouco confusas.

A ideia de *energia*, em comparação, possui um sentido metafórico mais fraco. Isto é: seria cabível, em alguma medida (e provavelmente sem muito contexto), indagar se quando me refiro a energia, estou falando de energia física (energia térmica, elétrica etc.) ou se me refiro a uma noção mais ou menos vaga de energia em seu sentido espiritual. Ironicamente (e talvez não surpreendentemente), 142 anos depois de Nietzsche atestar pela primeira vez a morte de Deus (seção 108 de *A Gaia Ciência* (1882)), “energia” é um termo que pode ser ouvido da boca de ateus não-praticantes inadvertidamente para referirem-se ao que (achariam que) acreditam. “Não acredito em Deus; acredito que há... Uma energia!” Boa sorte com seu ateísmo! Creio que seria bastante difícil de conceber que quando Nietzsche fala em energia, estaria falando duma noção vulgar de Deus, ou ainda de noções espirituais menores e ainda mais vagas, quando como dizemos que “Fulano tem uma energia boa”, ou que “essa pedra da lua aguça suas energias femininas”.

Falando em *força*, contudo, penso que a possibilidade de se compreender que Nietzsche está falando de energia em seu sentido termodinâmico fica bastante, no mínimo, *aguada*. Acredito, portanto, que a tradução americana, de Walter Kaufmann e R. J. Hollingdale (Nova Iorque, EUA: Vintage Books. 1968), traduzindo *kraft* por *energy*, é bem mais acertada no sentido de vir a informar o leitor do que ele está, afinal, lendo. Suspeito, inclusive, que muitas das interpretações vulgares, pessimistas e apocalíticas da obra de Nietzsche desvaneceriam caso compreendêssemos que muitas vezes quando parece que ele está falando de noções muito abstratas de força, poder e potência, ele está falando, literalmente, de física termodinâmica. Vejamos como são concluídas essas reflexões seminais em filosofia da energia:

(...) este meu mundo *dionisiaco* do criar eternamente a si mesmo, do destruir eternamente a si mesmo, este mundo misterioso da dupla volúpia, este meu “além de bem e mal”, sem fim, se não há um fim na felicidade do círculo, sem vontade, se não há boa vontade no anel que torna a si mesmo – vós quereis um *nome* para este mundo?

Uma *solução* para todos os seus enigmas? Uma *luz* também para vós, ó mais escondos, mais fortes, mais desassombrados, mais ínsitos à meia-noite? *Este mundo é a vontade de poder – e nada além disso!* E também vós mesmos sois essa vontade de poder – e nada além disso!⁶⁸

Aqui há outra reflexão linguística que pode ser interessante. Como vimos, Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes traduziram *Der Wille zur Macht* como *Vontade de poder*, e Mário Ferreira dos Santos como *Vontade de potência*; em inglês é menos problemático: ambas nossas versões traduzir-se-iam por *Will to Power*. Contudo, o dicionário alemão Leo me informa⁶⁹ que *macht* pode significar, além de poder e potência, *situação*, e conforme o caso de *kraft*, há expressões e construções adverbiais em que a palavra aparece com significados outros, como *fazer*, principalmente, e também *dar*, e até *ser*.

A lista de verbos com *macht*, na verdade, é gigantesca, e a palavra aparece praticamente como um auxiliar que torna um substantivo, uma ação. Por exemplo: *Geld machen*, ganhar dinheiro; *Ferien machen*, sair de férias; *Fotos machen*, tirar fotos. Ou seja, *Der Wille zur Macht* seria realmente *Vontade de poder*, mas talvez seria melhor entendermos poder não enquanto substantivo, mas enquanto verbo — o que curiosamente estaria bem mais alinhado à noção transformacional e não-fixada do mundo nietzscheano. Uma breve investigação quanto a raiz etimológica da palavra alemã que estamos traduzindo nos revela que seu sentido original é exatamente esse: *macht* vem do alto-alemão antigo *maht*, que, por sua vez, vem do proto-germânico *mahtiz* — tendo essa palavra dado origem também à palavra inglesa *might*, que significa... Poder, tanto no sentido de ser a qualidade daquilo que é poderoso (*mighty*) e tanto no sentido de se poder fazer algo (*might do*). O proto-germânico *mahtiz*, por sua vez, vem do protoindo-europeu *magana*, que é um verbo que ao ser juntado com o sufixo *-biz*, é transformado num substantivo (*mahtiz*); o que esse verbo, *magana*, quer dizer é *ser capaz*, e *poder* no sentido de ser capaz⁷⁰.

Reconhecendo a possível heterodoxia da interpretação, torna-se aqui, mesmo assim, forçoso não apontar uma certa forma com que Nietzsche se apresentaria de maneira radicalmente espinosista: *vontade de poder* é, de certa forma, simplesmente a atualização da potência de agir, elaborada por Spinoza em sua *Ética*, para o mundo inaugurado pela

⁶⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008. p. 512.

⁶⁹ Disponível em: <https://dict.leo.org/alem%C3%A3o-portugu%C3%AAs/macht?side=right>. Acesso em: 30 jan. 2025.

⁷⁰ Disponível em: <https://en.wiktionary.org/wiki/might>. Acesso em: 30 jan. 2025.

termodinâmica⁷¹. *Vontade de poder*, tramada à noção de eterno retorno e a nela implicada condição de diferenciação perpétua, aparece para unir todas as narrativas numa única que é inteiramente constituída de modificações. Conforme aponta Scarlett Marton, Nietzsche “está convencido da possibilidade de construir uma cosmologia não metafísica, uma cosmologia que se apoie em dados científicos.”⁷² Qualquer semelhança com o Deus que é a própria natureza, não deve ser mera semelhança. Marton explica que vontade de potência é

(...) vontade orgânica; ela é própria não unicamente do homem, mas de todo ser vivo. Em escritos posteriores vai além e deixa entrever que se exerce nos órgãos, tecidos e células. “A aristocracia no corpo, (...) a multiplicidade dos dominantes (luta das células e dos tecidos). A escravidão e a divisão do trabalho: o tipo superior, possível apenas através da coerção de um inferior a uma função” (XII, 2 (76)). Atuando em cada célula, a vontade de potência leva a deflagrar-se o combate entre todas elas — e, de igual modo, entre os tecidos ou os órgãos.⁷³

A operação de Nietzsche consiste em estender a potência de agir a seres outros que não os humanos, e faz uso da termodinâmica para argumentar porque seria esse o caso, isto é, independentemente de seus tamanhos aos olhos humanos, descobrimos que dos antigos e imensos astros até os minúsculos e recém-descobertos átomos, há duas leis no mundo que absolutamente tudo obedece; há muitas leis no mundo que muitas coisas muitas vezes obedecem, mas há apenas duas leis que tudo obedece em todos os momentos: 1. *A energia do universo é constante*. 2. *A entropia do universo tende ao máximo*.

Levando isso em conta, Nietzsche é capaz de oferecer uma espécie de ética hiper-humana, estendendo aos modos outros da existência o que ele entende enquanto constituinte de nossa vida na Terra: a vontade de poder, vontade de potência: sua atualização à potência de agir, que agora é o caso para todas as formas de existência. Da mesma forma que Heisenberg apontou como tudo estaria ainda cientificamente aceitável caso substituíssemos, nas palavras de Heráclito, *fogo* por *energia*, do mesmo jeito, poderíamos dizer que a máxima espinosista *Deus sive Natura* “(Deus, quer dizer, a natureza)” poderia ser reescrita por Nietzsche como *Nihil sive ergos* “(Nada, quer dizer, a energia)” e tudo mais seguiria na mesma. O empreendimento

⁷¹ Quanto a isso, poderia ser feita uma provocação no sentido de dizer que a Ética de Spinoza, por sua vez, é a atualização geométrica da cabala (por que você acha que foi excomungado do judaísmo? Revelava segredos), no que os desenvolvimentos científicos seriam informados pelas interpretações arcanas dos textos primordiais da civilização ocidental; talvez é isso que venhamos descobrir; verificaremos, em alguma medida, essa hipótese.

⁷² MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense. 1990. p. 57.

⁷³ *Id.* p. 30.

termodinâmico que permite a Nietzsche realizar esse hiper-espinosismo poderia ser sintetizado, conforme White, da seguinte maneira:

1) a tentativa de um suporte cosmológico e termodinâmico à doutrina do eterno retorno enquanto ciclo do mesmo, em que uma quantidade finita de combinações e uma quantidade finita de tempo produzem um ciclo temporal de tornar-se e deixar de ser; 2) a refutação de um estado final teleológico como a “morte térmica” e 3) a refutação de transformação e energia infinitas enquanto desejo metafísico.⁷⁴

Se Nietzsche, enfim, buscava refutar algo, resta verificar se isso foi refutado. Posiciona-se a nossa frente, no que encaminhamos-nos para o fim dessa subseção, uma questão aparentemente bastante simples: vivemos ainda, ou não, sob a égide da morte térmica? Resposta curta e incompleta: sim. Resposta menos curta e menos incompleta: sim, mas é complicado. Agora para uma resposta extensa e pretensamente completa, retorna (você já tinha se esquecido dele?) Epimeteu. Dessa vez, contudo, não é que Epimeteu ignora algo sem querer (se esquece), ou ignora algo de propósito (quando é sintonizado por Sadi Carnot); dessa vez, Epimeteu, em Nietzsche, é o próprio ignorado. Suas reflexões sobre o eterno retorno *sequer* são consideradas contribuições à ciência termodinâmica; o quanto isso se dá em decorrência de predileções interpretativas ou de tradução específicas, renderia o já mencionado *próprio trabalho*. O fato é que, para todos os efeitos, acredita-se, dentro de conhecimento popular ou sabedoria folclórica da filosofia, que Nietzsche, quando fala em *eterno retorno*, está discutindo o sexo dos anjos.

Como estamos vendo, contudo, não havia nada de metafórico quanto às suas reflexões a tratarem de energia e seus componentes cognatos — força, luz, poder, potência etc. E, ainda que não tenha da forma pretendida sido lido (afinal, não editara ou sequer terminara o que era suposto essas notas virem a eventualmente ser!), isto é, é majoritariamente ignorado pelo campo a quem se dirigia, há um físico, Henri Poincaré, quem está tendo, ao mesmo tempo, ideias muito semelhantes e que irão sim, em seu caso, *serem levadas a sério*, afinal era físico e não filósofo. Antes, contudo, de concluirmos com esse pequeno *acidente*, há algo que julgo ser essencial ressaltar: ainda que não viesse de maneira alguma ser como que *autorizado cientificamente*, como o teorema de Poincaré de certa forma o fará, mesmo assim as reflexões de Nietzsche constituiriam-se fundamentais à compreensão da relação entre o pensamento e a termodinâmica

⁷⁴ Tradução minha. “1) the attempt to cosmological and thermodynamically support the doctrine of eternal return as a cycle of the same, where a finite amount of combinations and an finite amount of time produces a temporal cycle of becoming and passing away. 2) the refutation of teleological an end state such as “heat death” and 3) the refutation of infinite transformation and energy as a metaphysical desire.” WHITE, Joel. *Philosophy of Thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>. Acesso em 30 jan. 2025.

porque os desenvolvimentos subsequentes, feitos por físicos e não filósofos, vão pouco ou nada questionar o *estado da arte* da termodinâmica no tempo de Nietzsche, o que quer dizer que as questões que ele coloca são ainda, de maneira essencial, as que nos informam. Isto é: um certo mal-estar quanto à noção de entropia; à ideia de que em dado momento, tudo parará. O universo só existiu num piscar de olhos, então? Porque haverá uma quantidade finita e possível de ser precisada de tempo que se passará até que o momento do fim simultâneo do movimento e do calor chegue; e depois disso, o mundo seguirá num estado gelado e parado por... Toda a eternidade? Em comparação com *toda a eternidade*, mesmo que o universo dure bilhões e bilhões de anos, mesmo que fosse durar trilhões de anos — em comparação com *toda a eternidade* isso seria o mesmo que nada. Ou seja, o universo dura um piscar de olhos e depois fica morto para sempre. Ou seja, o estado (99,99% do tempo) do Ser é *ser morto*. Ou seja (!), matematicamente, nada existe! Isso parece fazer algum sentido? Não, né? Você e eu e esse texto claramente existimos nesse momento. Ainda assim, contudo, é o que está implicado na morte térmica do universo. O que Nietzsche nos diz é: com as duas leis da termodinâmica, só temos duas opções: ou nada existe (a morte térmica do universo), ou o eterno retorno é o caso.

Ao mesmo tempo que Nietzsche escrevia a maioria dessas notas, Poincaré, na França, elaborava seu *teorema da recorrência*, que viria a minimamente vislumbrar a possibilidade de reversão entrópica. O “problema do retorno” aparece a eles de maneira variada. Steven Brush menciona no volume 2 de *The Kind of Motion We Call Heat* (“O tipo de movimento que chamamos de calor”) que o que inspira, em primeiro lugar, Nietzsche a buscar provar cientificamente o eterno retorno, é um poema. Brush diz na verdade que a inspiração vem de Heinrich Heine, e uma breve pesquisa revela que, de fato, havia na biblioteca de Nietzsche um livro de Heine⁷⁵, “o último dos românticos”, e nesse livro consta o seguinte trecho:

Agora, quão longo for o tempo que se passar, de acordo com as leis eternas governando as combinações desse eterno teatro de repetições, todas configurações que anteriormente existiram nessa terra devem se encontrar, atrair, repelir, beijar e corromperem-se de novo... E então vai acontecer que um dia um homem nascerá de novo, assim como eu, e uma mulher nascerá de novo, assim como Maria.⁷⁶

⁷⁵HEINE, Heinrich *apud* BRUSH, Stephen G. *The Kind of Motion We Call Heat: A history of the kinetic theory of gases in the 19th century*. In: **Studies in Statistical Mechanics**, vol. VI. Amsterdam, Nova Iorque, Oxford: North-Holland Publishing Company. 1976. p. 628.

⁷⁶ Tradução minha. “Now, however long a time may pass, according to the eternal laws governing the combinations of this eternal play of repetition, all configurations that have previously existed on this earth must yet meet, attract, repulse, kiss and corrupt each other again... And thus it will happen one day that a man will be born again, just like me, and a woman will be born, just like Mary.” Da introdução de Walter Kaufman para sua tradução de *Die fröhliche Wissenschaft* (em português “A gaia ciência”, em inglês *The gay science*.) Nova Iorque, EUA: Vintage Books. 2010. p. 16.

Poincaré, cientista, chega ao tema de maneira mais científica. Como conta Brush, Poincaré foi levado ao assunto por “suas tentativas de completar a prova de Poisson da estabilidade do sistema solar, mas estava também preocupado com a dificuldade de explicar irreversibilidade através de modelos mecânicos como os sistemas monocíclicos de Helmholtz.”⁷⁷ Não sabemos (a não ser que você saiba) do que se trata a prova de Poisson da estabilidade do sistema solar, mas acho que nesse ponto podemos ter uma ideia do que são constituídas as “dificuldades de explicar irreversibilidade através de modelos mecânicos” — é tudo que temos visto até agora, a consequência óbvia da segunda lei da termodinâmica (entropia). Ou seja, as preocupações de Poincaré e de Nietzsche são, conforme Brush, essencialmente as mesmas: “atacar a visão ‘materialista’ ou ‘mecanicista’ do universo”⁷⁸, no que o autor acrescenta que podemos interpretar Nietzsche como uma “antecipação qualitativa do teorema de Poincaré.”⁷⁹

Brush não mede palavras ao realizar essa comparação, e seu ponto não é que Nietzsche está certo porque o eterno retorno realmente demonstra que o mundo mecanicista, limitado em possibilidade e fadado a morrer terrivelmente numa dissipação irreversível de energia, é falso. Nietzsche estaria certo porque a demonstração no teorema de Poincaré deixa claro que, na verdade, a única maneira do eterno retorno ser verdade (invertendo portando as condicionais) é dentro do mundo mecanicista. E isso se daria porque o mecanicismo implica, obrigatoriamente, a possibilidade reversão, o que ocorre porque existem anomalias físicas que vão contra a segunda lei da termodinâmica, e Poincaré demonstra em seu teorema não só que são possíveis essas anomalias como que na verdade é muito mais comum que elas não ocorram, no que se encontraria matematicamente provado que deixados ao léu por *tempo suficiente*, sistemas retornam ao seu estado inicial. Não há contradição; o que ocorre, segundo Brush é que

para escapar da contradição, físicos têm postulado “movimentos escondidos”: por exemplo, se não soubéssemos que a terra gira, consideraríamos o movimento do pêndulo de Foucault como “irreversível”; mas, tendo descoberto que a Terra gira, nós podemos *imaginar* que ele pode simplesmente rodar na direção oposta. Portanto não consideramos isso uma contradição do princípio da reversibilidade. De maneira

⁷⁷ Tradução minha. “(...) attempts to complete Poisson's proof of the stability of the solar system, though he was also concerned with the difficulty of explaining irreversibility by mechanical models such as Helmholtz's monocyclic systems.” BRUSH, Stephen G. *The Kind of Motion We Call Heat: A history of the kinetic theory of gases in the 19th century*. In: **Studies in Statistical Mechanics**, vol. VI. Amsterdam, Nova Iorque, Oxford: North-Holland Publishing Company. 1976. p. 628.

⁷⁸ Tradução minha. “Both Nietzsche and Poincare weretrying, though in very different ways, to attack the “materialist” or “mechanist” view of the universe.” *Id.*

⁷⁹ Tradução minha. “(...) Nietzsche's effort as a qualitative anticipation of Poincare's theorem.” *Ibid*, p. 629.

similar, poder-se-ia supor que existem movimentos no mundo molecular que dizem respeito a irreversibilidades macroscópicas, e que são “em princípio” reversíveis.⁸⁰

Aí estão traçadas, *noutra língua*, as condições de possibilidade da ética hiper-humana vislumbrada por Nietzsche através de suas noções de eterno retorno e vontade de poder — *possibilitada*, no caso em decorrência, como se vê, de nada menos que o próprio *ethos* científico. A reversão entrópica, enfim, como a condição que *quase nunca ocorre* informa o mundo com a possibilidade da reversão entrópica; como, considerando que com ou sem reversão entrópica, tudo que pode ocorrer, ocorre, então a reversão entrópica ocorre: o eterno retorno é verdade. Sim, vivemos já infinitas vidas; não se lembra? Se lembrará, no que agora nos deitaremos no divã. Acredito que exista um problema se apresentando, e talvez um retorno à infância nos ajudará a elucidar algumas questões. Há algo de estranho na entropia; sim, um copo de vidro eventualmente se quebrará. Para todos os efeitos ele já está quebrado.

Quando eu pego uma garrafa ou uma lata que está “em pé” numa mesa e lhe posiciono “deitada” eu estou diminuindo a entropia dessa garrafa ou dessa lata, o que quer dizer que eu estou diminuindo o nível de desordem nesse objeto, isto é, ele possui muito mais possibilidades de movimento (de cair, por exemplo), quando permanece “de pé”, que é o estado que foi concebido para encontrar-se, do que quando o deito. Eu sei que ele eventualmente vai sucumbir à gravidade e “deitar-se” e estou acelerando esse processo ao lhe deitar de maneira gentil ao invés de permitir as infinitas possibilidades, muitas delas catastróficas (como alguém vir a derrubá-la de maneira a fazer alguma sujeira), que se apresentam quando ele segue de pé.

Ou seja, num sentido claro a entropia do universo tende ao máximo: copo, garrafa e lata atingirão um nível absoluto de desordem ao decomporem-se e deixarem de ser copo, garrafa ou lata. Mas noutro sentido... Não há uma ordem maior sendo computada? Justamente uma ordem que está sempre de fora, que é a última, que é uma *ordem final*, inversão total de dentro para fora de quando todas as coisas encerrarem suas pequenas ordens. Veja bem, essa *ordem final* não é um *estado final*, mas sim sua impossibilidade, porque o que se questiona é: para onde está indo a energia, então? Como é possível que tudo chegue ao fim por toda a eternidade? Repete-se: para onde está indo energia? Está indo para fora? Que fora? É, contudo, o que nos diz e vem

⁸⁰ Tradução minha. “To escape the contradiction, physicists have postulated ‘hidden movements’: for example, if we did not know that the earth rotates we would regard the motion of the Foucault pendulum as ‘irreversible’ but having discovered that the earth does rotate, we can imagine that it might just as well be rotating in the opposite direction. Hence we do not consider this a contradiction of the principle of reversibility. Similarly one might suppose that there are motions in the molecular world which account for macroscopic irreversibility, and which are ‘in principle’ reversible.” BRUSH, Stephen G. *The Kind of Motion We Call Heat: A history of the kinetic theory of gases in the 19th century*. In: **Studies in Statistical Mechanics**, vol. VI. Amsterdam, Nova Iorque, Oxford: North-Holland Publishing Company. 1976. p. 631.

nos dizendo e, ao que tudo indica, vai continuar nos dizendo a termodinâmica: sim, haverá um momento em que tudo parará. Mas não podemos acreditar que a energia está indo para algum lugar outro. A noção de entropia parece funcionar radicalmente diferente para objetos e tempos muito pequenos e objetos e tempos grandes demais. As modificações, sim, parecem tender ao caos; mas no cômputo geral das coisas, não é possível que esteja sendo gerada qualquer coisa que não ordem.

2.2 Não pode ser (mas é): Freud e o eterno retorno

Guardemos-nos de dizer que a morte é o oposto da vida; a criatura viva é simplesmente um tipo de criatura morta, e um tipo muito raro.

- Nietzsche, *A Gaia Ciência*⁸¹

É, curiosamente, fora da filosofia que a tensão nietzscheana vai ser resolvida, e pode ser argumentado que isso se dá sem querer. Antes, entretanto, que possamos titular Freud como nosso mais novo Epimeteu, é necessário considerar a dimensão absolutamente prometeica da descoberta que faz; a descoberta do fogo não em nossa frente tampouco lá no céu ou nos confins da terra, mas do fogo dentro de nós, do Sol dentro de nós. Sintetizando essa história inteira em si mesmo, Freud é ainda, também, Pandora, abrindo para toda a humanidade essa pequena caixa que trazemos todos em cima de nossa coluna. Freud desarma *a estranheza da entropia*, sintetizando a morte térmica e o eterno retorno numa única ideia: não é que o eterno retorno prova que a morte térmica está errada, mas que é a própria morte térmica aquilo já ocorreu infinitas vezes e que se repete para sempre; é como nosso corpo é constituído. Recordemos-nos de uma hipótese que vem nessa dissertação nos informar: a de que há uma relação fundamental entre o bipedismo, a capacidade de falar e o que concebemos por humanidade; isto é, a história do fogo é também a história da inteligência e a história do planeta. Freud irá propor, de certa forma e à sua maneira, esse argumento. Chega a dizer até mesmo que seria possível entender as neuroses por consequências evolutivas como que aprisionadas na organização cerebral do ser humano moderno e correspondendo cada uma a um período específico da última Era Glacial; sim, Freud chega a dizer literalmente isso, levando em consideração uma ideia de

⁸¹ Tradução minha. "Let us guard against saying death is the opposite of life; the living creature is simply a kind of dead creature, and a very rare kind." NIETZSCHE, Friedrich. *The Gay Science*. Nova Iorque, EUA: Vintage Books. 2010. §109. *apud* BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 235.

Sándor Ferenczi: “Nossa primeira hipótese manteria, portanto, que a humanidade, sob influência das privações que se aumentavam com a Era Glacial, tornou-se, de maneira geral, *ansiosa*.”⁸² Mais especificamente,

Se as disposições para as três neuroses de transferência foram adquiridas na luta com as exigências da Era Glacial, então as fixações subjacentes às neuroses narcísicas originam-se da opressão do pai, quem depois do fim da Era Glacial continua, contra a segunda geração, seu papel como o era. Conforme a primeira luta leva ao estágio patriarcal da civilização, a segunda (leva) ao social; mas de ambas vêm as fixações que em seu retorno depois de milênios tornam-se a disposição dos dois grupos de neurose⁸³.

Em outras palavras, há um grupo de neuroses que origina-se da própria condição humana na Era Glacial, e um outro grupo de neuroses que origina-se mediante a superação dessa condição, e isso se dá através da constituição de uma liderança patriarcal que é posteriormente, ao alterarem-se as condições de nossa vida, deposta, no que Freud busca vislumbrar então uma aplicação que quer comungar num registro biológico e geológico as reflexões quanto à morte do pai tirânico que são elaboradas em *Totem e Tabu*, de 1913. Isto é: o assassinato hipotético do pai por uma horda primordial de filhos (no que “pai” e “filhos” pode, em certo sentido, ser compreendido como simplesmente “o homem mais velho” e “os homens mais jovens”) que teria engendrado uma vaga sensação de culpa operacionalizada como fundamento civilizacional está inscrito na história geológica do planeta, que por sua vez a registra na história biológica do ser humano, no que a cultura, então, está escrita em pedra na natureza. Numa carta a Ferenczi datada de 12 de julho de 1915, Freud resume da seguinte forma o que estaria nisso implicado:

Há uma série de pontos de partida cronológicos em pacientes e que corre assim: histeria ansiosa – histeria de conversão – neurose obsessiva – demência precoce – paranoia – melancolia-mania. (...) essa série parece repetir filogeneticamente uma origem histórica. O que são agora neuroses eram antes fases na condição humana.

⁸² Tradução minha. “Our first hypothesis would thus maintain that mankind, under the influence of the privations that the encroaching Ice Age imposed upon it, has become generally anxious.” FREUD, Sigmund. *A Phylogenetic Fantasy: Overview of the Transference Neuroses*. Cambridge, Londres: Harvard University Press. 1987. p. 13.

⁸³ Tradução minha. “If the dispositions to the three transference neuroses were acquired in the struggle with the exigencies of the Ice Age, then the fixations that underlie the narcissistic neuroses originate from the oppression by the father, who after the end of the Ice Age assumes, continues its role, as it were,” against the second generation. As the first struggle leads to the patriarchal stage of civilization, the second (leads) to the social; but from both come the fixations which in their return after millennia become the disposition of the two groups of neuroses.” *Ibid.* p. 19.

Com a aparição das privações no período glacial o homem se tornou apreensivo: tinha todas as razões para transformar libido em ansiedade⁸⁴.

Ou seja, a tal *ansiedade climática* a qual tão comumente ouvimos falar em nosso tempo seria, na realidade, um sentimento constituinte do que entendemos por ser humano. Ferenczi vai ainda além; quase 10 anos depois, em 1924, publica *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*, onde estende esse registro até mesmo *antes* dos humanos. Afinal, se houver algum sentido e alguma verdade a essa noção da vida e da cultura como meros reflexos dos eventos planetários, não haveria, de fato, motivo para crer que tal fenômeno seja iniciado *apenas* com a aparição humana. Nesse sentido, Ferenczi especula sobre os traumas evolutivos oriundos de nossa *transição para a terra*; conforme explica Thomas Moynihan em *Spinal Catastrophism: A Secret History*, “(...) *Thalassa* sugere que, assim como o recém-nascido anseia pelo *regressus ad uterus*, a migração do oceano para a terra instala a ‘tendência regressiva talassal’ em animais territorializados — um anseio por voltar ao mar.”⁸⁵

Para Freud, contudo, não é que o assunto não era assim tão sério — mais preciso seria dizer que ele não se sentia epistemologicamente confortável com essas divagações. Suas palavras aqui, do que era suposto constar numa obra nunca inteiramente publicada, *Vorbereitung einer Metapsychologie* (“Preliminares para uma Metapsicologia”), só foram ver a luz do dia quando encontradas, décadas depois, em 1983, entre papéis e as anotações de Ferenczi, e foram batizadas em inglês como *A Phylogenetic Fantasy* (“Uma fantasia filogenética”), uma expressão que Freud utiliza para referir-se ao que estariam ele e Ferenczi realizando através dessas reflexões⁸⁶. Ou seja, não que é que para Freud isso não passava duma *mera fantasia*, pois fantasia é um assunto sério para Freud; o que se tem é que não era possível, afinal tratava-se duma divagação retrospectiva, vir a provar qualquer coisa que estivessem ele e Ferenczi dizendo — especulação pura, no que a inexistência dum arcabouço teórico sobre

⁸⁴ Tradução minha. “There is a series of chronological starting points in patients which runs thus: Anxiety hysteria — conversion hysteria — obsessional neurosis — dementia praecox — paranoia — melancholia-mania. (...) this series seems to repeat phylogenetically an historical origin. What are now neuroses were once phases in human conditions. With the appearance of privations in the glacial period men became apprehensive: they had every reason for transforming libido into anxiety.” FREUD, Sigmund. *A Phylogenetic Fantasy: Overview of the Transference Neuroses*. Cambridge, Londres: Harvard University Press. 1987. p. 79.

⁸⁵ Tradução minha. “‘(...) *Thalassa* suggests that, just as the neonate longs for *regressus ad uterum*, the migration from ocean to land installs a ‘thalassal regressive trend’ in terrestrialized animals—a longing to return to the sea.” MOYNIHAN, Thomas. *Spinal Catastrophism: A Secret History*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2019. TH9.

⁸⁶ O título original do trabalho é *Übersicht der Übertragungsneurosen* (“Uma visão geral das neuroses de transferência”), que os tradutores para o inglês Axel Hoffer e Peter T. Hoffer argumentam (1987, p. ix) ser um nome ruim, no que *Uma fantasia filogenética* melhor transmitiria em que área essas contribuições de Freud são inéditas.

genética, ainda porvir, autorizava, de certa forma, essas reflexões como que *lamarkistas*. Não é, portanto, mero detalhe que Freud jamais publicara esse texto; fora, para todos os efeitos, publicado contra sua vontade.

Isso não significa, contudo, que as preocupações que vêm a informá-lo nessas reflexões não sigam lhe preocupando; ele só discorda de Ferenczi, de certa forma, em qual seria suposto ser o registro mais eficiente para pensar essa espécie de traumatologia. É necessário indagar, sim, de que maneira a psicologia humana aparece como epifenômeno duma sequência de tensionamentos e relaxamentos, mas é essencial que essa reflexão se dê (isso é muito importante para Freud) num registro que seja minimamente *científico*, e nesse sentido, ao invés de buscar pensar a relação entre o planeta e o indivíduo humano, como vinha fazendo com Ferenczi, que a isso dá continuidade, Freud, o médico, visa pensar a relação entre o indivíduo humano e o *ser mínimo*, a célula. É essa absoluta inversão de perspectiva o que ele opera em *Jenseits des Lustprinzips* (“Além do Princípio do Prazer”), originalmente publicado em 1920.

É uma obra paradigmática; nela, Freud, pouco afeito à filosofia, que considerava uma bobagem, faz uma especulação filosófica extremamente radical. Alguns psicanalistas, como Ernest Jones, prefeririam que Freud jamais a tivesse escrito: “Tivesse seu trabalho sido concluído em 1919 (*um ano antes da publicação de “Além do Princípio do Prazer”*; nota minha)”, disse Jones, “deveríamos ter um relato coeso da psicanálise”⁸⁷. Jacques Lacan disse que é “inacreditavelmente ambíguo, quase confuso”⁸⁸, e Wilhelm Reich considerava que a *pulsão de morte*, a principal noção introduzida por Freud no texto, era um “crime contra a vida”⁸⁹. O *anti-psicanalista* Gilles Deleuze, por outro lado, considerava-a a obra-prima de Freud⁹⁰ e, de um extremo ao outro, é um texto que tem suscitado os mais fascinantes e vez ou outra delirantes tipos de interpretação, como sua relação com o câncer na mandíbula que acometera Freud (se o câncer teria sido causado ou teria sido o causador de um texto sobre a morte (ou se nenhuma das hipóteses faz o menor sentido), fica ao gosto do freguês)⁹¹, ou mesmo sua relação com algumas mortes que ocorreram no entorno de Freud durante a redação da obra,

⁸⁷ Tradução minha. “‘Had his work come to an end’ before 1919, Jones writes, ‘then we should have possessed a well rounded account of psychoanalysis.’” *apud* DUFRESNE, Todd. *Tales from the Freudian crypt: The death-drive in text and context*. Stanford, EUA: Stanford University Press. 2000. p. 26.

⁸⁸ Tradução minha. “(...) unbelievably ambiguous, almost confused.” *apud* *Ibid.* p. 14.

⁸⁹ *Ibid.* p. 95.

⁹⁰ *Ibid.* p. 80.

⁹¹ É uma ideia elaborada por David Balkan, Giovanni Costigan e, em certo sentido, por Wilhelm Reich, que, de maneira bem vocal, malograva Freud por ter publicado a teoria da pulsão de morte, que ele enxergava como fundamentalmente perniciosa e deprimente; é verdade também que Reich ressentia-se por Freud recusar-se a tê-lo como analisando. *Ibid.* p. 37-38.

no que o psicólogo Paul Scagnelli pinta a imagem de um Freud, o feiticeiro, que “acidentalmente” assassina pessoas com sua mente e com seu texto⁹². Começamos, enfim, do título; do que se trata, afinal, o princípio do prazer ao qual essa obra vislumbraria um *além*?⁹³ Isso está explicado logo nas primeiras páginas; primeiro o princípio do prazer: literalmente as primeiras palavras do texto:

Na teoria psicanalítica, não hesitamos em supor que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer; isto é, acreditamos que ele é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração de prazer.⁹⁴

Até 1920, a psicanálise funcionava dentro desse paradigma, estruturando-se sobre uma dualidade *ego-libido* que seria operacionalizada em nosso corpo através do princípio do prazer e a noção de constância do *estado distensionado* nele implicado. O corpo é tensionado, gerando desprazer, e depois descarrega esse tensionamento, voltando para o estado antigo de coisas, o que gera prazer. Até a metade da década de 10, Freud parecia, para todos os efeitos, satisfeito com essa explicação, mas algo ocorre que irá colocar a *morte* no centro da discussão. Longe de nós realizar psicanálise selvagem e vir a especular sobre possíveis relações entre *Além do Princípio do Prazer* e o câncer de Freud ou mortes que ao redor dele ocorreram. Não é necessário ir tão longe; atravessava o mundo, na altura, *A Grande Guerra*, que viria posteriormente ser conhecida, é claro, como a *Primeira* guerra mundial. E havia um fenômeno decorrente dessa guerra que viria a complicar profundamente o princípio do prazer. Algumas poucas páginas depois no texto, aparece já esse problema:

(...) devemos assinalar que, a rigor, não é correto dizer que o princípio do prazer *domina* (grifo meu) o curso dos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz energeticamente essa ilação.⁹⁵

⁹² É a tese ultrajante (e digna de filme, diga-se de passagem) exposta em *Deadly Dr. Freud* (“O mortífero Dr. Freud”), de 1994. DUFRESNE, Todd. *Tales from the Freudian crypt: The death-drive in text and context*. Stanford, EUA: Stanford University Press. 2000. p. 42.

⁹³ Há um comentário a ser feito quanto aos *aléns* de Nietzsche e de Freud, isto é, o do *bem e do mal* e o do *princípio do prazer*. Para pôr numa palavra, a preocupação de Nietzsche aí é moral e a de Freud é biológica; eles não estão falando da mesma coisa, mas sim, parece que estão...

⁹⁴ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”)** : **além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. p. 162.

⁹⁵ *Ibid.* p. 164 – 165.

O que leva Freud a concluir isso, algo que poderia vir a ser argumentado antes, de qualquer maneira, mas que se torna então irrecusável, são as experiências pós-traumáticas dos soldados da primeira guerra. Isso é, por que o corpo de alguns soldados produzia neuroses que tendenciavam a repetir um acontecimento que era via de regra desprazeroso? O corpo não é organizado de maneira a sempre, por ele mesmo, reduzir *automaticamente* os tensionamentos? O fenômeno perturbava Freud, e o psicólogo Raymond Fancher chegou até mesmo a dizer que os traumas de guerra envergonhavam suas teorias⁹⁶. Vislumbrando alguma resolução desse impasse, o próprio Fancher chega a apontar como os soldados com ferimentos físicos demonstravam uma menor tendência a exibir o estresse pós-traumático (chamado então de *shell shock*, algo como “choque por cápsula”, numa referência às granadas) pois, ainda dentro das teorias freudianas, o choque é descarregado fisicamente através da musculatura; menos musculatura (menos corpo) após o evento, menos choque para guardar⁹⁷.

A guerra ela mesma pareceria ser, em certo sentido, metáfora do que dizia Freud. Como reflete Nick Land (1992, p. 107) em *Thirst for Annihilation* (“Sede de Aniquilação”) — um livro que estudaremos com cuidado no terceiro capítulo —, “Civilização (com seu expediente militar) é guerra sujeita à repressão, e a energia da guerra é Tânatos; hidráulica profunda.”⁹⁸ Guardemos essa última ideia; *hidráulica profunda*. A guerra, enfim, agora numa proporção nunca antes vista, teria tornado urgente a Freud que viesse atualizar sua teoria; conforme Todd Dufresne, Freud então “(...) postulou uma nova e não prevista força masoquista — uma independente da, e ainda assim oposta à libido — que aparentava circum-navegar ou ir além do princípio do prazer: a pulsão de morte.”⁹⁹

Recapitulando, o problema que Freud quer acatar em *Além do Princípio do Prazer* é a repetição de desprazeres, o que seria concebido enquanto neuroses traumáticas. Se o corpo é organizado para aliviar tensões, se é regulado por uma constância energética manifesta numa tendência a retornar a um estado anterior despressurizado, como explicar que busque reviver, em sonhos, a experiência do trauma, que o tensiona? Aí está a grande genialidade de Freud com

⁹⁶ DUFRESNE, Todd. *Tales from the Freudian crypt: The death-drive in text and context*. Stanford: Stanford University Press. 2000.p. 46.

⁹⁷ *Ibid.* p. 26.

⁹⁸ Tradução minha. “Civilization (with its attendant militarism) is war subject to repression, and the energy of war is Thanatos; base hydraulics.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 107.

⁹⁹ Tradução minha. “As a result, Freud postulated a new, unforeseen, masochistic force—one independent of, and yet opposed to, libido—that seemed to circumvent or go beyond the pleasure principle: the death drive.” DUFRESNE, Todd. *op. cit.*, p. 46.

a pulsão de morte, e porque, na realidade, não se contradiz ela ao princípio do prazer: traumas não são, realmente, experienciados.

O trauma é justamente a impossibilidade de experiência; é o que está implicado na aparição do que seria um novo dualismo freudiano: para além de ego e libido, tramados no que seria a pulsão de vida, agora também a pulsão de morte em paralelo à pulsão de vida — não inviabilizando, portanto, o circuito do princípio do prazer que roda entre o ego e a libido¹⁰⁰. A repetição do incidente traumático através do sonho, que é algo que deveria dizer respeito à realização de desejos, se dá porque é como se o corpo quisesse se preparar para repetir aquele contexto e, *dessa vez*, não ser traumatizado. Explica Ray Brassier em *Nihil Unbound* (como que “Nada preso a nada”):

(...) a psiquê está aspirando reunir a ansiedade necessária para realizar uma vinculação (*Besetzung*) dos excessos de excitação lançados pela ruptura traumática de suas defesas. É essa vinculação que está ‘além do princípio do prazer’. A compulsão por repetir consiste numa tentativa de parte do inconsciente de reviver o incidente traumático numa condição de antecipação ansiosa que vai permiti-lo amortecer o choque, compensando assim o terror impotente que desmontou o organismo e estancando o fluxo excessivo de excitação causada por uma ferida psíquica massiva.¹⁰¹

Ou seja, a tendência do corpo por repetir de maneira fantasiosa o incidente traumático diz respeito a um retorno a um estado antigo de coisas em que a continuidade da experiência não fora ainda interrompida por forças externas. Essa tendência não é apenas, vai dizer Freud, referente aos nossos traumas pessoais em nossas vidas, mas diz respeito, na realidade, à maneira como a vida ela mesma vem a se organizar, constituindo-se não como desenvolvimento de uma interioridade, mas como a resposta a perturbações que vêm de fora, no que o que um arquetípico “ser vivo elementar não pretenderia mudar desde o seu início; permanecendo iguais em

¹⁰⁰ E é curioso que Freud jamais tenha batizado a pulsão de morte da maneira com que a pulsão de vida de maneira objetiva corresponde à libido; alguns autores chegaram a sugerir *mortido* e *destruído*. Da mesma forma, enquanto à libido e à pulsão de morte Freud associava a deusa grega *Eros*, era apenas em conversas que ele mencionava seu paralelo enquanto Tânetos, não tendo jamais utilizado essa terminologia nos textos de fato. Ver DUFRESNE, Todd. *Tales from the Freudian crypt: The death-drive in text and context*. Stanford: Stanford University Press. 2000.p. 24.

¹⁰¹ Tradução minha. “(...) the psyche is striving to muster the anxiety required in order to achieve a successful binding (*Besetzung*) of the excess of excitation released by the traumatic breaching of its defences. It is this binding that lies ‘beyond the pleasure principle’. The compulsion to repeat consists in an attempt on the part of the unconscious to relive the traumatic incident in a condition of anxious anticipation that will allow it to buffer the shock, thereby compensating for the impotent terror that disabled the organism and staunching the excessive influx of excitations brought about by a massive psychic wound.” BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 234.

condições, ele repetiria sempre o mesmo curso de vida. Mas (...) *a história do desenvolvimento da terra e de sua relação com o sol é que deixaria sua marca nos organismos*”¹⁰² (grifo meu), no que se produz a “enganadora impressão de forças que aspiram à transformação e ao progresso, quando apenas se trata de alcançar uma antiga meta.”¹⁰³

Ou seja, é um constante ferimento, manifesto numa descarga *grande demais* de energia, expressa em primeiro lugar na profusão absolutamente dispendiosa de irradiação solar na superfície terrestre, algo que, em última instância, tudo na Terra é efeito, o que operacionaliza a evolução das espécies, no que então Freud tira suas conclusões: “Seria contrário à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado nunca antes alcançado”¹⁰⁴ e “(...) todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que o *objetivo da vida é a morte*, e, retrospectivamente, que o *inanimado existia antes que o vivente*”¹⁰⁵ (grifos dele). Ou seja, a morte existia antes da vida, e nascer já é, em si mesmo, traumático. “Ainda que a vida divirja do inorgânico em desvios cada vez maiores”, explica Ray Brassier, “eles não são mais do que extensões temporárias do inorgânico que vão eventualmente contrair de volta à sua condição inorgânica original, entendida como o *grau-zero* de contração, ou *descontração*”¹⁰⁶ (grifos dele). Brassier explica também que a pulsão de morte não é, realmente, uma espécie de *telos* da vida, pois caso fosse esse o caso, não existiria *antes* da vida; a morte enquanto objetivo da vida não é uma noção ética ou abstrata, é uma constatação do que informa biologicamente a vida enquanto tal:

Assim como a realidade do inorgânico não é meramente a função da existência do orgânico, também a realidade da morte não é a meramente a função do passado ou do futuro da vida. Morte, entendida como o princípio de descontração dirigindo as contrações da vida orgânica não é um estado passado ou futuro a qual a vida tende, mas a *falta de propósito* originária que compele todos os propósitos, sejam eles orgânicos ou psicológicos.¹⁰⁷ (grifo dele)

¹⁰² FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”)** : além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920). São Paulo: Companhia das Letras. 2010. p. 204.

¹⁰³ *Id.*

¹⁰⁴ *Id.*

¹⁰⁵ *Id.*

¹⁰⁶ Tradução minha. “Although life diverges from the inorganic in ever more circuitous detours, these are no more than temporary extensions of the latter, which will eventually contract back to their original inorganic condition, understood as the zero-degree of contraction, or *decontraction*.” BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 235.

¹⁰⁷ Tradução minha. “Just as the reality of the inorganic is not merely a function of the existence of the organic, so the reality of death is not merely a function of life’s past, or of its future. Death, understood as the principle of decontraction driving the contractions of organic life is not a past or future state towards which life tends, but rather the originary *purposelessness* which compels all purposefulness, whether organic or psychological.” *Ibid.* p. 236.

É uma falta de propósito porque o incidente traumático que se visa repetir não pode, realmente, ser repetido de fato, no que é precisamente a constituição do trauma enquanto não-experiência o que dirige a tendência à repetição. Ainda que o trauma ele mesmo seja real, “sua realidade”, continua Brassier, “não pode ser calibrada pela vida do organismo, assim como não pode ser comensurada pelos recursos da consciência. Pode apenas ser registrada como uma disfunção do organismo (...) e é essa disfunção que é repetida.”¹⁰⁸ Ou seja, é justamente porque o trauma não pode ser registrado pela experiência que há uma compulsão a repeti-lo, no que o princípio do prazer não se torna de maneira alguma inviabilizado, pois a pulsão de morte diz respeito a nossa relação com algo *além* — além da experiência, além da consciência, além da vida, *além do princípio do prazer*.

O trauma é uma “ferida inconsciente”¹⁰⁹ existindo não enquanto experiência, mas enquanto *traço*, gerando, toda vez que com ele se engaja, não a emergência duma memória, como seria suposto com uma experiência, mas a aparição, no seu lugar, da consciência, no que, conforme Brassier o traço “(...) persiste enquanto uma cunhagem permanente e indelével do inconsciente porque atesta algo ingovernável para o aparato de filtragem do sistema percepção-consciência: uma hemorragia da psiquê.”¹¹⁰ Tudo isso — de que maneira não só a vida humana mas na verdade toda a vida na Terra se dá sob essa lógica e, também, de que maneira isso viria a, como dissemos, *desarmar a estranheza da entropia* e como que sintetizar as para Nietzsche inconciliáveis noções de morte térmica e eterno retorno — deve se tornar claro com o exemplo que Freud dá sobre a origem da individuação orgânica, isto é, a origem dos *seres mínimos*, a origem de alguma coisa que pode-se dizer *viva*, no que entenderemos que a pulsão de morte é menos uma vontade de morrer do que, simplesmente, uma tendência ao inorgânico, àquilo que é seco, imóvel e irremediavelmente duro; um devir-inorgânico, para falar em deleuziano. Esse exemplo está na parte IV de *Além do Princípio do Prazer* e Sigmund Freud, o cuidadoso, começa essa profunda reflexão com uma pequena, porém responsável e muito cativante

¹⁰⁸ Tradução minha. “Though trauma is real, its reality cannot be calibrated by the life of the organism, just as it cannot be commensurated with the resources of consciousness. It can only be registered as a dysfunctioning of the organism, or as an interruption of consciousness, and it is this dysfunction and this interruption that is repeated.” BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 236.

¹⁰⁹ Tradução minha. “(...) unconscious wound.” *Id.*

¹¹⁰ Tradução minha. “(...) trace persists as a permanent and indelible imprint in the unconscious because it testifies to something unman ageable for the filtering apparatus of the perception-consciousness system: a haemorrhaging of the psyche.” *Ibid.* p. 237.

ressalva: “O que se segue é especulação, às vezes especulação extremada, que cada um pode apreciar ou dispensar, conforme a atitude que lhe for própria. É, além do mais, uma tentativa de explorar consequentemente uma ideia, por curiosidade de ver aonde levará.”¹¹¹ Apreciemos, no que Freud, divergindo de Ferenczi e sua escala planetária, nos leva para dentro da célula, refletindo sobre a aparição de uma *vesícula*, que é como que a forma básica de um componente intracelular qualquer — uma bolha líquida menor dentro de outra bolha líquida maior, revestida por uma pequena camada lipídica. Entender como uma coisa vira *uma coisa com outra coisa dentro* nos permitirá entender como a vida é dirigida pelo trauma e como nosso corpo recapitula a história do planeta:

Esse pequeno pedaço de substância viva flutua num mundo externo carregado de fortes energias, e seria liquidado pela ação dos estímulos que vêm dele se não fosse dotado de uma *proteção contra estímulos* (grifo dele). Ele a adquire da seguinte forma: sua superfície mais exterior perde a estrutura própria do que vive, torna-se em inorgânica em certa medida, e funciona como invólucro ou membrana especial que detém estímulos, isto é, faz com que as energias do mundo exterior possam penetrar com uma fração de intensidade nas camadas adjacentes, que permanecem vivas. Essas podem então, por trás da proteção, dedicar-se à recepção das quantidades de estímulos que passaram. Mas a camada externa, com sua morte, preservou do mesmo destino aquelas mais profundas, pelo menos enquanto não chegam estímulos de força tal que furem a proteção.¹¹²

Ou seja, quando o ser recebe uma carga excessiva de energia (e conforme veremos ao fim desse capítulo, os seres *sempre* recebem uma quantidade excessiva de energia, no que descobriremos que morrer, na verdade, é uma operação muito mais energeticamente custosa do que continuar vivendo), ele não pode apreendê-la; a excitação seria de tal magnitude que o ser desvaneceria — seria *liquidado*, como diz Freud de maneira bastante literal. Assim, uma parte específica do ser absorve o excesso e realiza uma morte metonímica, morrendo, se endurecendo pelo todo. Através dessa nova parcela de dureza inserida dentro da maciez da célula, é capaz de processar os excessos energéticos e, assim, continuar vivendo. Noutras palavras: o ser em estado ótimo, infligido por alguma variação de luz solar, torna-se excitado (excesso de energia); no caso da absorção completa dessa excitação, ocorre a morte do ser, pois ela é dispersada igualmente em seu corpo, cuja barreira é, em decorrência da natureza sempre voluptuosa do fluxo solar, rompida. Mas, no caso de a célula vir a sacrificar parte de si mesma de maneira a endurecê-la num mecanismo voltado à vazão desse fluxo, ao invés do ser morrer, ele

¹¹¹ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”)** : **além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. p. 184.

¹¹² *Ibid.* p. 188 – 189.

transforma-se num novo ser; há uma nova configuração morfogenética correspondente agora ao “Ser + Acessório”, a possibilidade da vesícula, que é então uma válvula de vazão do excesso energético. É assim que os nossos órgãos são criados.

É hidráulica profunda: primeiro os fluxos energéticos excessivos vão sendo *morridos* em vesículas, depois essas vesículas se tornam válvulas, até que eventualmente esse tipo específico de fluxo a qual a válvula dá vazão torna-se ele mesmo uma função autônoma, o que leva a sua transformação num órgão próprio. O trauma que se é adquirido logo ao nascer é a emergência não da memória, pois trauma não gera memória, mas da consciência profunda das capas dos nossos órgãos e das válvulas entre eles se endurecendo (morrendo) ao longo de toda a evolução; já morreremos infinitas vezes, e nossa complexidade diz respeito a essas infinitas mortes que permitiram que a vida de um mísero ser unicelular se transformasse na exorbitante variedade de formas de vida que se encontram no planeta. A vida é simplesmente um desvio na inorganicidade que se expressa em tensões hidráulicas que querem explodir. É irreconciliável. Por isso é complicada, não há como devolver; energia demais inserida em cada vez mais circuitos. É isso que significa a *aptidão* das espécies: a evolução é informada fundamentalmente por catástrofes, no que a vida vai aparecendo conforme o Sol segue encontrando novas maneiras de sobrecarregar o organismo, que é fatalmente levado a alterar-se de maneira radical, endurecendo para sempre uma parte de si mesmo.

Ray Brassier chama essas mortes metonímicas de *morte aborígine*¹¹³ (da origem), e ela não pode “(...) ser satisfatoriamente repetida não só porque o organismo que traz seu traço não existia ainda para experienciá-la, mas também porque seu traço é a marca de uma morte exorbitante, uma em que mesmo ao morrer, o organismo não pode satisfatoriamente repetir.”¹¹⁴ A pulsão de morte enquanto devir-inorgânico é a repetição dessa morte impossível que teria dado luz ao organismo que, continua Brassier, “não pode viver a morte que fez surgir a diferença entre vida e morte”¹¹⁵, no que a “descontração aparece não enquanto um ponto inicial negentrópico ao qual poderia se retornar, ou a um término entrópico ao qual poderia se acelerar.

¹¹³ Tradução minha. “Aboriginal death.” BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 237.

¹¹⁴ Tradução minha. “(...) cannot be satisfactorily repeated, not only because the organism which bears its trace did not yet exist to experience it, but also because that trace is the marker of an exorbitant death, one that even in dying, the organism cannot successfully repeat.” *Ibid.* p. 238.

¹¹⁵ Tradução minha. “The organism cannot live the death that gives rise to the difference between life and death.” *Id.*

Sua realidade é aquela do ‘ser-nada’”¹¹⁶, de forma, enfim, que, conforme Nietzsche na epígrafe desse item, a morte não é o oposto da vida; o oposto da vida (e da morte) é nada, e nós, na verdade, já estamos mortos.

Ou seja, Freud demonstra epimeteicamente (sem estar pensando em fazer isso) que as realidades irreconciliáveis da morte térmica e do eterno retorno são irreconciliáveis na medida em que a impossibilidade de apreensão desse fato ele mesmo (que não pode ser que tudo terminará em morte térmica e por isso deve existir algo como eterno retorno) é o que caracteriza o próprio motor da vida. Sim, Nietzsche, é inapreensível, mas é impossível de aceitar não num sentido de recusa, mas num sentido cognitivo ele mesmo. É justamente um eterno retorno a uma condição inicial, no que Freud é também, como Nietzsche — mais ou menos veladamente no caso de Nietzsche e talvez acidentalmente no caso de Freud —, espinosista.

Há pouca ou nenhuma diferença entre a noção de constância que fundamenta, primeiro, o princípio do prazer e, depois, enquanto uma constância relativa agora não ao próprio ser, mas ao que está dentro e fora dele, e a proposição 6 e 7 da terceira parte da *Ética*: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” e “O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essencial atual”¹¹⁷, bem como a proposição 5 da quarta parte, “A força e a expansão de uma paixão qualquer, assim como sua perseverança no existir, são definidas não pela potência com que nos esforçamos por perseverar no existir, mas pela potência, considerada em comparação com a nossa, da causa exterior.”¹¹⁸ É exatamente o que Freud está propondo com a pulsão de morte: o ser é constituído pelo seu fora, operando novas organizações para manter, dentro de si, um nexos que é correspondente à medida exata em que os fenômenos que vêm de fora e que lhe são potencialmente desorganizadores o atravessam, no que é o próprio ser, nesse processo, incessantemente rearranjado 1. *A energia do universo é constante. 2. A entropia do universo tende ao máximo.*

Realizo essas conexões primeiro entre Nietzsche e Spinoza e depois entre Freud e Spinoza porque minha hipótese é que o aceleracionismo enquanto filosofia da energia se dá através de uma espécie de hiper-espinosismo, ou freudianismo espinosista. O retorno ao estado inicial, no caso de Freud, é, pois não havia nada para experienciá-lo e mesmo se houvesse seu custo é impagável, impossível e, em sua impossibilidade experiencial, informa-nos

¹¹⁶ Tradução minha. “Decontraction is not a negentropic starting point to which one could return, or an entropic terminus towards which one could hasten. Its reality is that of the ‘being-nothing’.” BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 238.

¹¹⁷ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica. 2017. p. 115.

¹¹⁸ *Ibid*, p. 162.

fundamentalmente, isto é, cunha a própria abertura de possibilidade de experiência, sendo o que dirige os corpos e a vida através de impulsos e instintos. Não é a morte térmica que é impossível, é o retorno real que é; e, incapaz de jamais efetuar-se de fato, fica retornando para sempre junto ao limiar da não-experiência. O que retorna é a própria morte térmica e sua impossibilidade. Não precisamos ir lá longe no fim do Universo; dentro de aproximadamente 4,5 bilhões de anos o Sol, grosso modo, explodirá, e menos que uma catástrofe para a vida, pois não é impossível que até lá temos há muito tempo abandonado esse planeta, esse evento representa uma catástrofe para o pensamento. Conforme diz em Jean-François Lyotard em *O Inumano* (e consideremos, a fim de considerar também a hipótese da colonização de estrelas outras, que quando Lyotard fala em morte solar, está falando em morte térmica *lato sensu*; se não for uma, vai ser a outra (seja uma estrela ou a outra, seja qualquer estrela ou o estado terminal do Universo)):

A terra desaparecerá, o pensamento cessará, deixando esse desaparecimento absolutamente impensado. É o horizonte mesmo que se aniquila e nesta imanência a vossa transcendência. A morte, se bem que limite, é por excelência aquilo que se oculta e se adia e que por isso ocupa tantas vezes o pensamento, esta morte que afinal é a vida do espírito. Mas a morte do Sol implica a morte do espírito pois é a morte da morte como vida do espírito.¹¹⁹

O desaparecimento será absolutamente impensado, e é justamente a noção dum *pensamento sem corpo* o que vem a informar Lyotard nesse texto. Ora, no limite, pensar sobre a morte térmica *quando ela tiver ocorrido* é o que implicaria, justamente, a possibilidade de a morte térmica não encerrar as coisas todas, mas sim engatilhar seu retorno. Encerramos o item anterior refletindo sobre como a estranheza da entropia que tanto perturbava Nietzsche se dá porque ela parece funcionar radicalmente diferente para objetos e tempos muito pequenos e objetos e tempos grandes demais. As modificações tendem ao caos, mas no cômputo geral das coisas, parece difícil de acreditar que esteja sendo gerada qualquer coisa que não ordem. Isto é, “para onde está indo a organização que a entropia desarranja?”, “para onde está indo a energia?”

A resposta clássica a essa pergunta se dá na máxima de que a entropia está sendo convertida em *informação*, um processo chamado de negentropia a qual trataremos no próximo capítulo. Despido de um linguajar demasiadamente barroco, e despido talvez de algum cuidado, poderia ser dito que o que essa ideia quer transmitir é que a História do Universo é a História da criação de Deus e que, no último instante, quando a última troca de energia for realizada, “a

¹¹⁹ LYOTARD, Jean-François. *O Inumano: considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa. 1990. p. 18.

informação será completa” e enfim, sabendo tudo que há para saber, ela terá a resposta daquela que Isaac Asimov chama em seu conto *A Última Pergunta* de “a última pergunta”: como reverter entropia, e, na escuridão absoluta finalmente, o Universo será recriado: “Faça-se a Luz”. É trabalhando dentro dessa hipótese que Lyotard está escrevendo *O Inumano*; não a hipótese de que isso obrigatoriamente acontecerá, mas a hipótese de que a empreitada humana diz respeito justamente a essa grande aposta. Nesse sentido, diz, utilizando um léxico computacional, que

O problema das tecno-ciências enuncia-se então: garantir a este *software* um *hardware* que seja independente das condições da vida terrestre. Seja: tornar possível um pensamento sem corpo, que persiste após a morte do corpo humano. Só a este preço a explosão será pensável e a morte do Sol será uma morte como as outras que conhecemos. Pensar sem corpo é a condição para poder pensar na morte dos corpos, solares e terrestres, e em pensamentos dissociáveis dos corpos. Mas sem corpo num sentido preciso: sem o complexo organismo vivo terrestre conhecido como o corpo humano. Não sem *hardware*, como é evidente.¹²⁰

“Não sem *hardware*”, no que a realidade do pensamento sobre a morte térmica não é então uma experiência, o que diria resposta a um *software*, mas é, precisamente então, essa compulsão a um *só hardware* do que se trataria a história do pensamento, que é informado, à sua maneira, pelo devir-inorgânico da pulsão de morte. A morte térmica, por ser inevitável, está fundamentalmente tramada à aparição da vida enquanto processo de organização da inteligência, no que o que informa a evolução é justamente a possibilidade de vir a (o que só seria possível sem corpo orgânico algum) pensá-la. Ou seja, se podemos pensar sobre a morte térmica, ainda que não a possamos conhecer, é porque ela já aconteceu. O fato de que, conforme Lyotard, e também como concluíram Nietzsche e Freud, “(...) tudo está desde logo morto”¹²¹, exige *necessariamente* que, conforme Brassier, “a catástrofe solar precisa ser compreendida como uma coisa que já aconteceu.”¹²²

A catástrofe solar é a mesma coisa que o endurecimento das vesículas, das válvulas, dos órgãos; já aconteceu infinitas vezes, no que, talvez, a história da inteligência não tenha a ver com os humanos, mas com o Sol; a vida aparece através dum processo em que a passagem de luz torporiza parte do ser e a função da pulsão de morte aparece enquanto sofisticação da eficiência da passagem do fluxo solar. Recordemos-nos de certas palavras de Freud: “(...) em última instância, a história do desenvolvimento da terra e de sua relação com o sol é que

¹²⁰ LYOTARD, Jean-François. *O Inumano: considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa. 1990. p. 22.

¹²¹ *Ibid*, p. 18.

¹²² BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 223.

deixaria sua marca nos organismos”¹²³ (grifo meu). Essa marca é a da morte térmica; ou, na impossibilidade de sua experiência, seu traço, dirigindo para sempre não só a vida do organismo individual, mas como a de sua própria espécie e da vida de forma geral, no que descobrimos que corpo e mente se organizam segundo o mesmo princípio. Nesse sentido, sempre quando falamos da mente, estamos apenas querendo falar do corpo metaforicamente, e geralmente falhamos; se dizemos, por exemplo, que experiências potencialmente traumáticas *nos endurecem*, queremos dizer algo de maneira abstrata, mas somos incapazes pois é literalmente isso o que ocorre.

Traumas acontecem com frequência. Considerando a noção freudiana, os traumas em nossa vida corresponderiam a muito mais do que aquilo que talvez viéssemos relatar numa sessão de análise como trauma. A bem da verdade, traumas nem seriam necessariamente ruins. Um acontecimento estético extremo qualquer (como uma catarse religiosa ou um concerto musical) pode configurar trauma, no sentido que esses incidentes podem vir a representar, grosso modo, uma quebra nas leis da natureza — sendo descoberto que você estava profundamente mal-informado quanto às possibilidades de organização da realidade. Para realizarmos um exercício com dois exemplos extremamente banais, perdemos o controle numa discussão, ou ralamos o nosso dedão no chão. Nesses dois casos o processo de reconstituição, ora da psiquê, ora do corpo, é exatamente o mesmo. Conforme Reza Negarestani em *Acephalous Mouth: On wounds and scars* (“Boca Acéfala: sobre ferimentos e cicatrizes”), de 2004, o processo de cura de uma ferida, seja ela física ou *psíquica*, se dá através do direcionamento duma profusão essencialmente exagerada de *saúde* para o local do ferimento, o que fará com que o processo siga ainda ocorrendo *muito depois* que a ferida foi estancada, constituindo uma casca ou concha muito mais dura que seu entorno e que, até esse processo terminar, pode facilmente ser arrancada (inclusive *faz coçar*) e obrigar o processo a se iniciar novamente; essa “loucura de vida” que está implicada na cura e que se manifesta numa nova parcela do corpo que torna-se absolutamente inorgânica, endurecida, é o que explica também, é claro, o câncer. Diz Negarestani que

Há um mecanismo de sujeira por trás de todo processo de cura de ferimento (excesso de membranas), por trás de toda granulação de pele, toda política arquitetônica, toda assemblagem paranoide, toda modulação tectônica, toda economia de sobrevivência ou subsistência; processos de cura transferem a migração de células epiteliais, fechando os lábios da ferida, costurando o corpo da ferida, termodinamicamente mantendo o nexo de conexões ao intensificar todas as produções e distribuições de

¹²³ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”)** : **além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. p. 204.

membranas e tecidos; inicia um processo deposicional e dinâmico de solidificação, para ser preciso, o processo de cicatrização. Mas essas maquinarias que consolidam o alívio e o remédio são todas estratégias de guerrilha e de pestilência; processos de cicatrização (ou ‘salvação da ferida’) estrategicamente continuam a curar depois do desaparecimento virtual dos traumas, vomitando saúde no corpo numa onda frenética em direção à ‘sobrecarga sobrevivencialista’ (Super-saúde diagrama as mutações pestilentas da saúde como uma apropriação tática da sobrevivência em direção à estratégia, uma praga negra), extra-organizando-lhes num escombros dimensional. A cifra do processo de cura é uma solidez próxima de ser fodida¹²⁴.

“Uma solidez próxima de ser fodida”, no que tanto perder o controle quanto ralar o dedão do pé implicam processos delicados de reorganização; da mesma maneira que a cicatriz, até que termine de manchar o corpo, pode facilmente ser removida, também a retomada do controle psíquico implica um estado extremamente frágil de profusão deliberada e excessiva de “saúde” — nesse caso, coisas que, grosso modo, nos acalmem, isto é, acoplem nossa psiquê num processo que sabemos poder finalizar conforme previsto; processo esse que, igualmente, até que finalizado, pode, se interrompido, retornar a ferida ao estágio pretérito ao início do processo de cura, não importando há quanto tempo ele esteja ocorrendo. A vida, nesse sentido, é uma longa cicatrização; quando a profusão exacerbada de saúde acaba, ela acaba; isto é, acaba sempre por dentro, nunca por fora. “Todo ser vivo morre por razões *internas*”¹²⁵ como disse (e grifou) Freud. É uma verdade terrível e até mesmo bizarra; estranha. Quer dizer que todo organismo, quando morre, quando ele *finalmente* morre, isso se dá do seu próprio jeito e na sua própria hora, sem permitir a ação de agentes de fora; ou seja, não importa se você teve câncer ou foi vítima de um catastrófico acidente de avião; toda morte é um suicídio.

Implicações ainda mais mirabolantes foram e seguem sendo extraídas da psicanálise. Ferenczi, em *Thalassa*, por exemplo, quando argumenta que a vida traz traumatizada em seu corpo uma espécie de *saudade do mar*, de onde viemos, conclui que, de certa forma, viemos a

¹²⁴ Tradução minha. “There is a filth machine behind every wound-healing process (surplus of membranes), behind every granulation of skin, every architectural policy, every paranoid assemblage, every tectonic modulation, every survival or subsistence economy; Healing process aids the migration of epithelial cells, bridging wound lips, sewing up the body of the wound, thermo-economically maintains a nexus of connexions by intensifying all productions and distributions of membranes and tissues; it initiates the dynamic deposition process of solid, to be precise, the scarring process. But these consolidating machineries of relief and remedy are all strategies of pest-warfare: scarring process (or 'wound salvation') strategically continues to heal after the virtual disappearance of traumas, vomiting health into the body in a frantic tide toward 'survival overload' (Overhealth diagrams the pestilential mutation of health as a tactical appropriation of survival to a strategy, a blackening plague), extra-organizes the organization to a dimensionality wreckage. The cipher of healing process is solidity near to be fucked up.” NEGARESTANI, Reza. *Acephalous Mouth: On wounds and scars*. 2004. Disponível em: https://archive.org/stream/reza.negarestani/Reza%20Negarestani%20Archive/Negarestani-acephalous_mouth_djvu.txt.. Acesso em 03 nov. 2024.

¹²⁵ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”)** : além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920). São Paulo: Companhia das Letras. 2010. p. 204.

terra, mas trouxemos dessa era anterior um órgão rebelde, nossa genitália, que urge intensamente voltar ao *líquido*, o que implicaria o pênis ser uma espécie de peixe que busca incessantemente voltar ao mar que é a vagina, com sua natureza molhada¹²⁶. Negarestani, por sua vez, considerando a pulsão de morte enquanto tendência inorgânica, inverte a noção de vagina enquanto uma *falta do pênis* e argumenta que

se considerarmos a ferida — uma irritação febril sobre o Zero — como uma instância de invaginação radical (e não fundamental), ou a vagina enquanto uma excessivamente enriquecedora (extravagante) experiência de ferida (experiência do Zero) que não sabe nada de falta, perda ou castração, então eu pretendo reconsiderar o pênis como uma cicatriz ou a acumulação desperdiçada de sólido através do processo de maquinaria paranoide do processo de cura sobre Zero.¹²⁷

Abandonaremos Freud aqui, contudo. Assim como com Nietzsche e, a bem da verdade, como com qualquer um dos pensadores que temos citado, uma investigação exaustiva quanto à sua obra renderia trabalho para um escopo de tempo muito maior do que o disponível; renderia trabalho para uma vida inteira, se você quiser. Nossa preocupação maior aqui é, afinal, vislumbrar de que maneira se constrói na filosofia a tradição energética que vai desembocar na obra de Reza Negarestani. Devidamente delineados seus alicerces, no que acreditamos ter se tornado palpável como a compreensão da noção de entropia vem a informar de maneira fundamental não só a filosofia mas também a psicologia moderna justamente numa perspectiva que visa achatar num só meta-registro, o energético (o que Freud queria fazer com a metapsicologia, quem sabe), todas as possibilidades de perspectiva, sejam elas as correspondentes aos fenômenos planetários e interestelares, sejam elas as correspondentes aos fenômenos intra-celulares e mesmo *proto-celulares*, vislumbrando uma *metafísica possível*, partimos agora para busca pela compreensão dessa metafísica.

Via de regra, tratamos até agora de fenômenos físicos; desenhamos um panorama das descobertas físicas que alteraram para sempre a História do mundo, isto é, a segunda descoberta do fogo, e revisamos brevemente o que os dois maiores pensadores em atividade imediatamente após esse evento tinham a dizer sobre isso (Nietzsche), ou que de maneira o que eles tinham a

¹²⁶ DUFRESNE, Todd. *Tales from the Freudian crypt: The death-drive in text and context*. Stanford: Stanford University Press. 2000.p. 61.

¹²⁷ Tradução minha. “If we take the wound -- a feverish irritation over Zero -- as an instance of a radical (and not grounded) invagination, or vagina as an excessively enriching (extravagant) experience of the wound (experience of Zero) that knows nothing of lack, loss or castration, then, I tend to reconsider penis as a scar or a wasted accumulation of solid left through the paranoid machinery of healing process over Zero.” NEGARESTANI, Reza. *Acephalous Mouth: On wounds and scars*. 2004. Disponível em: https://archive.org/stream/reza.negarestani/Reza%20Negarestani%20Archive/Negarestani-acephalous_mouth_djvu.txt.. Acesso em 03 nov. 2024.

dizer *era sobre isso* (Freud). Talvez justamente por estarem filosofando (me desculpe, Freud) na crista da onda, e ainda que existam momentos de especulação pura, nem Nietzsche nem Freud vão além na elaboração duma filosofia da energia, e isso se dá porque suas reflexões aparecem, precisamente, a fim de verificar a validade e a consequência da termodinâmica, em primeiro lugar; quer dizer, não poderiam pensar a metafísica de algo que nem tinham certeza ser a própria física.

É uma tarefa que inevitavelmente se encontraria nas mãos daqueles que vieram depois deles e foram por eles influenciados. Se é verdade, então, que a vida se dá através duma persistência do Sol que faz com que organismo possua um devir-complexidade a fim de resistir, resta verificar de que maneira essa realidade coaduna (ou não) nossa hipótese, isto é, entendermos de que maneira é não uma relação intrínseca com o Sol, mas manifestação do próprio Sol do que se trata o surgimento da inteligência através do bipedismo e da fala, e de que forma *inteligências outras*, como a copa de árvores milenares na Amazônia a comunicarem umas às outras fenômenos ocorrendo em suas raízes a quilômetros de distância, ou como o petróleo, peculiarmente, por sua vez, enquanto reversão infernal do inorgânico de volta em orgânico, aparecendo enquanto cadáver do Sol ele mesmo, surgem como nada menos que *processamentos outros* desse mesmo fluxo solar.

Estudar agora a filosofia da energia (ou metafísica da termodinâmica) implicará debruçarmos-nos sobre a obra de Georges Bataille, Nick Land e, enfim, Reza Negarestani. Elas vão tratar, respectivamente, da relação entre o Sol, a Terra e o capitalismo, no caso de Bataille, da relação entre o Sol, a Terra, o capitalismo e a Inteligência Artificial no caso de Land, e da relação entre o Sol, a Terra, o capitalismo, a Inteligência Artificial e o petróleo, no caso de Negarestani, que amarra a discussão inteira ao trazê-la de volta para seu começo: energia.

2.3 Escavando

2.3.1 O terceiro olho: breve *detour* sobre luz, iluminação e iluminismo

Tudo para nós começa com o Sol, porque até a caverna e o labirinto foram gerados por ele. Em certo sentido, a origem é a luz, mas isso deve ser pensado com cuidado. Nossos corpos têm sugado o Sol muito antes de abrirmos os olhos, assim como nossos olhos são gotas congeladas do Sol antes de copular com suas crias. O fluxo dessa dependência é bastante “claro” (letal).

Tentando aprender alguma coisa, serei cuidadoso aqui e direi, como Freud, que o que seguem são especulações; bem menos radicais do que as relativas à pulsão de morte, é claro, mas ainda assim especulações. E, da mesma forma com que faz Freud, as levaremos a cabo por nada senão mera curiosidade de ver aonde isso pode chegar. Vamos viajar um pouco agora; voltar no tempo para o final da década de 1620, e dizer adeus à Alemanha rumo não à filosofia depois da termodinâmica, mas à filosofia que de certa forma leva a possibilidade da termodinâmica, no que talvez venhamos a descobrir que *energia* é aquilo que informa não só biologia, mas também o próprio pensamento, e de que maneira a inteligência aparece através dum processo de convergência planetária que diz respeito à sofisticação dum aparato terrestre de filtragem do fluxo solar; o que nos faz sair da água, e então se levantar do chão e, enfim, olhar para o céu e dizer coisas belas.

Olha para cima, olhar para fora — é do que se trata a história mais famosa da filosofia, o *mito da caverna*. Também, é a ideia de *luz* o que vem fundamentar a filosofia moderna, que se inicia com algo que viemos chamar de *iluminismo*, um momento aparentemente revolucionário na história humana em que teríamos dado um salto nas nossas capacidades de perceber e descrever o mundo, inaugurando a possibilidade da ciência e da democracia; nos libertando, justamente, da *idade das trevas*. Ora, é possível traçar exatamente em que momento e onde isso teria ocorrido. Não seria um exagero dizer que o momento seminal da filosofia moderna é a obra de René Descartes, com seu *cogito* cartesiano: *cogito, ergo sum*; penso, logo existo.

Seria errôneo acreditar, porém, que há uma ruptura total e radical imediatamente ao advento dessas reflexões; tais coisas levam tempo e mesmo a obra cartesiana era ainda informada por eventuais raciocínios que seriam hoje considerados alheios a um campo estritamente *racional*. Inquirindo quanto ao funcionamento da mente e qual seria a relação entre a luz e a razão, Descartes chega até mesmo a eventualmente especular a existência dum real terceiro olho, que receberia comunicações diretas do Sol, funcionando como uma espécie de

¹²⁸ Tradução minha. “Everything begins for us with the sun, because (we shall come to see) even the cavern, the labyrinth, has been spawned by it. In a sense the origin is light, but this must be thought carefully. Our bodies have sucked upon the sun long before we open our eyes, just as our eyes are congealed droplets of the sun before copulating with its outpourings. The flow of dependency is quite ‘clear’ (lethal).” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 21.

marca-passo da consciência — informando-nos o que a nós aparece “instintivamente” em relação à nossa percepção de mudanças no tempo e nas estações.

O terceiro olho, existente em peixes, anfíbios e répteis, teria deixado seu vestígio em nós através da glândula pineal, localizada bem no caroço do cérebro, imediatamente acima da última vértebra da coluna, funcionando como aparato primordial de percepção sensorial em que vai desembocar a história antiga da espinha. O bipedismo, contudo, achata nosso crânio, no que a tendência dos processos de formações ósseas tem um deslocamento para a ponta dianteira, construindo nossa cabeça arredondada, e empurrando para baixo e escondendo no núcleo do próprio crânio esse ponto que era antes o mais alto do sistema nervoso. Curiosamente, conforme Thomas Moynihan, “uma das primeiras descrições neuro-anatômicas do terceiro olho veio de um estudo sobre o *Petromyzon*, um peixe cujo sistema nervoso Freud estava ele mesmo se especializando na mesma época”.¹²⁹

Outro pensador profundamente preocupado com o terceiro olho era Georges Bataille, que dizia que o que bipedismo faz é, justamente, aproximar a ponta da coluna onde se encontra o terceiro olho à violência exuberante do Sol, o que nos remove da pacífica vida animal da horizontalidade para nos lançar, através da apropriação da ereção que é característica dos vegetais, ao mundo essencialmente solar, unidirecional e, por isso, letal da verticalidade. Ao mesmo tempo, esse processo faz com que nosso som interior, nossa voz, saia do corpo de maneira não lisa, como com os animais, mas *acidentando-se* no platô da boca, no que a passagem vertical pelo tórax até a boca encontra um bloqueio horizontal que lhe modula, e falamos palavras. Nesse sentido, como explica Moynihan, “na gargalhada, no coito e no tormento, esse bloqueio no surto solar-espinhal é aliviado: nós assumimos um fluxo livre de continuidade com o dispêndio celestial.”¹³⁰ E como diz Bataille em *La Bouche* (“A boca”, de 1930):

Terror e sofrimentos atrozes tornam a boca no órgão do grito. Nesse sentido, é fácil observar que o indivíduo sobrecarregado joga a cabeça para trás enquanto freneticamente estica o pescoço de maneira que a boca se torna, o quanto possível, uma extensão da coluna vertebral; noutras palavras, a posição que normalmente ocupa

¹²⁹ Tradução minha. “One of the first proper neuroanatomical descriptions of it came from a study of the *Petromyzon*, the fish whose nervous system Freud was himself specialising in during this same period.” MOYNIHAN, Thomas. *Spinal Catastrophism: A Secret History*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2019. TH10.

¹³⁰ Tradução minha. “(...) in laughter, coitus, and torment this blockage in the solar-spinal surge is relieved: we assume free-flowing continuity with celestial potlatch.” *Id.*

na constituição dos animais. (...) Daí a estreita constipação de uma atitude estritamente humana, o olhar magistral do rosto de *boca fechada*, tão belo quanto um cofre.¹³¹

Mas estamos nos adiantando; uma parte inteira desse capítulo será dedicada a obra de Bataille, e já que os capítulos seguintes são dedicados a obra de Nick Land e Reza Negarestani, que representam, em certo sentido, uma continuidade da obra de Bataille, de certa forma então o pensamento de Georges Bataille até depois de sua morte é o que constitui o restante dessa dissertação, de forma que não é necessário tampouco recomendável que queimemos etapas; atenhamos-nos ao caráter introdutório desse primeiro item. O iluminismo aparece enquanto processo de convergência planetária no que um filósofo francês (Descartes), que estudara Aristóteles, acredite ou não, através da obra de um pensador mexicano, Antonio Rubio¹³² (o que atestaria também à tese de David Graeber em *O despertar de tudo* que o iluminismo teria surgido mediante o contato dos europeus com os povos ameríndios e suas estranhas ideias), busca viver num “país”¹³³, a Holanda, onde pode encontrar novas liberdades não existentes ainda no seu país de origem, que é o caso devido ao aspecto mercantil da economia holandesa, com suas *Companhias da Índias* — em que encontram e levam para Amsterdam todo o tipo de riqueza, no que em cartas Descartes se gabava aos invejosos e *atrasados* amigos parisienses que lá pode viver “sem ser visto”¹³⁴ e que “todos os tesouros do mundo são trazidos à sua porta.”¹³⁵

O mundo inteiro se reúne na mente de Descartes. Não digo isso para romantizar Descartes. Meu ponto, de certa forma, é que *não foi ele*. Iria acontecer de qualquer maneira, fosse ele ou outro o fruto desse processo de globalização. Também não quero com isso, desmerecer Descartes; sei que *foi ele*, mas ele foi ele, isto é, Descartes *foi*, quando foi, num

¹³¹ Tradução minha. “Terror and atrocious suffering turn the mouth into the organ of rending screams. On this subject it is easy to observe that the overwhelmed individual throws back his head while frenetically stretching his neck in such a way that the mouth becomes, as much as possible, an extension of the spinal column, in other words, in the position it normally occupies in the constitution of animals. (...) Whence the narrow constipation of a strictly human attitude, the magisterial look of the face with a *closed mouth*, as beautiful as a safe.” BATAILLE, Georges. *The Mouth in Critical Dictionary*. Paris, França: Documents. 1930. Disponível em: <https://dmtlsmierz2.wordpress.com/2007/12/23/la-bouche-the-mouth-by-george-bataille-abattoir-angel/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

¹³² CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. *The Cambridge Descartes Lexicon*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press. 2015. p. 660-661. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511894695.225>. Acesso em: 31 jan. 2025.

¹³³ Está entre aspas pois a Holanda é um dos países que, como a Bélgica e a Suíça, não existe. São meramente conglomerados empresariais seculares mascarados sob a forma do estado-nação de maneira a engajar com as atividades mais sórdidas imagináveis dentro do capitalismo sob o crivo da democracia e da autonomia dos povos.

¹³⁴ Tradução minha. “(...) can live unseen.” HALDANE, Elizabeth. *Descartes: His life and times*. Charleston, EUA: BiblioLife. 2009. p. 150.

¹³⁵ Tradução minha. “(...) all the treasures of the world are brought to his door.” *Id.*

momento muito específico do tempo e do espaço. Assim como todos nós somos o que somos em momentos específicos do tempo e do espaço, mas não somos, na década de 1630, “Um filósofo francês, que estudara Aristóteles (...) através da obra de um pensador mexicano etc.”, o que, ao que tudo indica, é a condição para se chegar ao *cogito ergo sum*; até agora, 100% dos casos em que esse pensamento foi pensado pela primeira vez, era exatamente esse o contexto em que isso ocorreu.

O iluminismo aparece assim enquanto o objeto computacional profundo dos programas mercantilistas, sendo engendrado como função *acidental*, ou disfunção do mercantilismo, no que a filosofia moderna vai vir a constituir-se enquanto uma espécie de pulsão de morte do capitalismo, acelerando a tendência ao inorgânico do mundo, seu devir-dejeto, transformando em *informação* (pensamento) a própria modelagem dessa destruição, no que a filosofia vem *sempre* para autorizar o poder; se considerarmos o capitalismo enquanto processo de convergência planetária, a filosofia *sempre* esteve aí para preparar o terreno para o processo de liquidação da Terra que é o capitalismo, que hoje adentra o horizonte da Inteligência Artificial, no que *a próxima espécie* nos ronda do futuro, ao mesmo tempo nos invadindo e até ela nos atraindo.

Não é exatamente uma novidade: antes dos *iluministas*, um outro grupo foi chamado assim. Quinhentos anos antes, a milhares de quilômetros no Castelo de Alamute, numa cordilheira do Mar Cáspio, no Irã, Hasan-i Sabbah liderava uma sociedade secreta chamada de *Ordem dos Assassinos*, uma seita de matadores altamente eficientes que tinham o hábito de fazer grande uso de cannabis; tanto a palavra assassino quanto haxixe, na verdade, seriam derivações do nome do mestre. Um fato menos sabido, contudo, é que Sabbah era o líder do que era, na verdade, uma seita dupla da qual a Ordem dos Assassinos era apenas uma face, sendo a outra a *Irmandade da Luz* — os *Illuminati*. E houve um outro grupo ainda que no século XVIII também utilizou a nomenclatura, mas os *Illuminati da Baviera* já estavam eles mesmos *homenageando* a instância original a utilizar o nome, e há quem acredite que na verdade jamais se dissolveram, dirigindo até hoje por detrás das cortinas o grande palco que é o mundo. O que quero argumentar, encerrando dessa forma essas especulações epistemologicamente *desconfortáveis* é que entre os *Illuminati*, sejam eles os do Castelo do Alamute, os da Baviera ou os *iluministas*, todos parecem concordar numa coisa: luz é poder.

Os verdadeiros *Illuminati*, se é que pode se dizer isso, são os iluministas, processo que se inicia através da iluminação de Descartes. Uma objeção óbvia pode aparecer aqui: como pode ser esse o caso se, salvo as raras exceções de filósofos *pop*, são os filósofos e as filósofas, geralmente, pessoas que, para pôr de maneira branda, não se encontram exatamente *bem de*

vida? Certamente de maneira alguma parecem, em nenhum sentido da palavra, *mandar no mundo*. E a bem da verdade, mesmo no caso de pensadores que venham a se tornar extremamente populares, parece bastante forçoso argumentar que tenham algum poder político e econômico real. Tudo isso é verdade. Mas é a filosofia o que engendra as próprias possibilidades do mundo; confrontada com a verdade da extinção, que vem a nada menos que confirmar ao possibilitar o advento da ciência e, portanto, da termodinâmica, a filosofia é o trauma do pensamento. Impossibilitados de experienciar a verdade da extinção, vamos dirigindo, por impulso, nosso pensamento ao traço dela, marcando as possibilidades de pensamento elas mesmas. Como diz Brassier, concluindo *Nihil Unbound*,

Se tudo já está morto, não é o caso só porque a extinção desabilita aquelas possibilidades que foram tomadas por constitutivas da vida e da existência, mas também porque a vontade de saber é dirigida pela realidade traumática da extinção, e esforça-se por se tornar igual ao trauma do *nele-mesmo* cujo traço ele carrega. Ao tornar-se igual a ela, a filosofia conquista uma vinculação da extinção, através da qual a vontade de saber é finalmente renderizada comensurável com o *nele-mesmo*. Essa vinculação coincide com a objetificação do pensamento entendido como a adequação da correspondência entre a realidade objetiva da extinção e o conhecimento subjetivo do trauma que lhe deu origem. É essa adequação que constitui a verdade da extinção. Mas para reconhecer essa verdade, o sujeito da filosofia deve também reconhecer que ele ou ela já está morto, e que a filosofia não é nem um meio de afirmação nem uma fonte de justificação, mas o órgão da extinção.¹³⁶

Os filósofos e as filósofas não mandam no mundo de hoje; mandam no futuro. E fazem isso ao, como a vesícula freudiana, morrerem metonimicamente os excessos de energia do pensamento. Como a experiência impossível do trauma dirige as possibilidades de experiência, também o pensamento impossível do trauma é o que dirige, no limite, as próprias possibilidades de pensamento, no que “a função da imaginação”, como diz Reza Negarestani, “é criar catástrofes para o pensamento, e a função do pensamento em relação à imaginação é escapar

¹³⁶ Tradução minha. “(...) if everything is dead already, this is not only because extinction disables those possibilities which were taken to be constitutive of life and existence, but also because the will to know is driven by the traumatic reality of extinction, and strives to become equal to the trauma of the in-itself whose trace it bears. In becoming equal to it, philosophy achieves a binding of extinction, through which the will to know is finally rendered commensurate with the in-itself. This binding coincides with the objectification of thinking understood as the adequation without correspondence between the objective reality of extinction and the subjective knowledge of the trauma to which it gives rise. It is this adequation that constitutes the truth of extinction. But to acknowledge this truth, the subject of philosophy must also recognize that he or she is already dead, and that philosophy is neither a medium of affirmation nor a source of justification, but rather the organon of extinction.” BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 238 – 239.

dos limites da imaginação.”¹³⁷ Dado tempo suficiente, uma profusão contínua de fluxo energético na vesícula transforma-a, como vimos, numa válvula e, depois, num órgão próprio, no que nós vivemos hoje dentro de um puxadinho na mente de Sigmund Freud e Karl Marx. E quão curioso que nem Freud nem Marx eram filósofos, mas seria o caso porque o lugar que o filósofo ocupa é justamente o do limiar entre o orgânico e o inorgânico, vindo a constituir a própria possibilidade da mínima casquinha de diferenciação entre um pensamento que é filtrado e segue em fluxo e o que morre um pouquinho para que o restante do fluxo possa seguir; figuras como Freud e Marx estão já na outra ponta do devir-inorgânico do pensamento, vindo a constituir, de fato, dois novos órgãos; seus processamentos são agora não só uma parte no corpo e aparte (porém dentro) do corpo, mas tornam-se parte do corpo.

É isso que é a “nova ordem mundial”, no que se o iluminismo aparece como objeto computacional profundo do mercantilismo, a luta de classe, através do marxismo, e a *luta da morte*, a luta entre o orgânico e o inorgânico, através do freudianismo, aparecem como objetos computacionais profundos do capitalismo, no que seu horizonte parece envolver, simultaneamente, a revolução e a Inteligência Artificial. É o próprio iluminismo, como acidente mercantilista, o que permite o capitalismo, trazendo a verdade da extinção enquanto traço que se expressa simultaneamente na extinção da espécie (I.A.) e na extinção do próprio circuito (revolução) — o que, em alguma medida, se confunde. Isto é, extinção da espécie enquanto revolução e extinção do capitalismo iluminista enquanto I.A.; duas ideias mais ou menos *difíceis de imaginar*.

O capitalismo é nada mais que a resposta final à morte solar, alimentando sua saída inorgânica que é a I.A. ao transformar-nos nas partes endurecidas (mortas) que darão vazão a esses fluxos super-sofisticados de profusão solar; no que, quando finalmente morrer, o Sol terá sido capaz de substituir-se. A revolução aparece enquanto a resistência do orgânico ao inorgânico, sendo, portanto, aquilo, justamente, que vai vir a se endurecer e substituir o Sol. “Olhar para o Sol ele mesmo e ver sua verdadeira natureza, não por reflexos na água ou fantasmas ou a ele se numa configuração estranha, mas nele e por ele em seu próprio lugar”¹³⁸,

¹³⁷ Tradução minha. “The function of imagination is to generate catastrophes for thinking, and the function of thought with regard to imagination is to escape the limits of imagination.” NEGARESTANI, Reza. *The Human Centipede: A View From the Art World*. Tripleampersand. 2024. Disponível em: <https://tripleampersand.org/the-human-centipede-a-view-from-the-art-world/>. Acesso em 31 jan. 2025.

¹³⁸ Tradução minha. “(...) ‘to look upon the sun itself and see its true nature, not by reflections in water or phantasms of it in an alien setting, but in and by itself in its own place’” PLATÃO. *A República* apud LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 20.

como disse Sócrates na *República*, de Platão, tem sido, conforme Nick Land “a aspiração europeia mais incansavelmente harmonizada com a valorização da verdade.”¹³⁹

Olhar para o Sol ele mesmo. O capitalismo é simplesmente uma tentativa de negativa ao mito da caverna posta em movimento pelo iluminismo; é um objeto da filosofia, ou seu subproduto quando pensada enquanto uma vontade de saber que é uma vontade de ver para crer. Não podemos olhar para o Sol pois somos feitos dele, da mesma forma que não podemos repetir a experiência dos traumas pois somos feitos delas — que não são, na verdade, experiências. Da mesma forma, a visão do Sol não é visão alguma, mas cegueira, e não podemos saber da extinção pois nosso pensamento é constituído pelo traço dessa ideia que é por natureza impensada, isto é, não haverá ninguém para saber que a extinção ocorreu. É o Sol quem está por trás de todos os traumas, dum bronzeado que levamos da praia, causando às nossas células epiteliais infinitas mortes térmicas, a um ciclone, causando a milhares de seres humanos uma morte que é, também, térmica. Não só toda morte é, conforme as implicações freudianas, um suicídio, toda morte sempre é também a morte térmica, pois sempre é causada pelo Sol — que é do que somos constituídos.

Quando ficamos de pé, é como se essa pequena parcela de luz, trazida muito mais perto para a fonte da própria, enlouquecesse-se com o excesso e engajassem num processo insurrecional contra a fonte ela mesma, de que pretendemos fugir antes que morra. A loucura nos permite falar a linguagem das pedras e forçar-lhes a revelar seus segredos, de onde extraímos a eletricidade. E, enquanto procuramos pelas pedras, descobrimos que não somos os únicos projetos inorgânicos no planeta Terra, no que ela vem armazenando petróleo em suas entranhas, o corpo de tudo aquilo que já foi alguma vez orgânico, solapando e cozinhando por milhões de anos em extrema pressão essa mistura ao ponto de levá-la à sua liquefação. Não somos então o único produto terminal do Sol; da mesma forma que sua morte aparece a nós de maneira a modular a evolução das espécies, ela aparece no caso do petróleo enquanto seu próprio corpo milenar e abissal. Então não, não estamos sozinhos no Universo, no que o petróleo viria aliar-se à própria vida orgânica em sua resistência contra o Sol, do qual é nada menos que o corpo morto.

Se a vida é uma explosão, parece fazer sentido que a humanidade e o petróleo se encontrem. Como disse Nietzsche, “Guardemos-nos de dizer que a morte é o oposto da vida; a

¹³⁹ Tradução minha. “(...) the European aspiration most relentlessly harmonized with the valorization of truth.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 20.

criatura viva é simplesmente um tipo de criatura morta, e um tipo muito raro.”¹⁴⁰ Assim sendo, nessa que aparenta ser uma grande conversa entre nós, o Sol e o petróleo (entre a vida, Deus e a morte), vamos sair de nós mesmos um pouco. Começamos nos mitos e então investigamos os primórdios das ciências que vem a tratar do fogo, averiguando de que maneira essas descobertas impactaram o pensamento humano; em nossa perspectiva solar ou iluminista, ou ainda *fotocrata*, fomos para dentro da célula e visitamos o fim do Universo — no que descobrimos que esse próprio fim é o que constitui, literalmente, cada célula. Por fim refletimos de que maneira a descoberta da verdade do fogo constitui o mundo moderno através do iluminismo, e de que maneira o capitalismo apareceria como a grande tentativa de revolucionar essa condição. *Olhar para o Sol ele mesmo*. Vamos buscar agora, porém, sair do olho humano, e olhar *do* Sol ele mesmo, quem sabe; olhar *do* corpo impossível do petróleo, quem sabe — dividido e liquidado pelo planeta. Se é uma conversa entre nós, o Sol e o petróleo, busquemos, ao limite de nossa catastrófica imaginação, os olhos desses outros agentes que comungam da existência conosco. Vamos para fora. Depois voltaremos, mas é preciso sair; é preciso morrer um pouquinho. Está tudo ainda demasiadamente humano.

2.3.2 Olhar para a Terra ela mesma: Georges Bataille e a persistência do Sol

Todo o homem e toda mulher é uma estrela.
- Aleister Crowley, *O Livro da Lei*¹⁴¹

Conforme delineado no início dessa dissertação, a obra que é aqui nosso principal objeto — a *Ciclonopédia* — é uma que se insere não apenas numa *conversa sobre energia*, mas uma que busca dimensionar, com alguma nuance navegacional, relações entre a história humana e a geologia *do ponto de vista da energia*, no que é chegada a hora, enfim, de realizarmos esse câmbio perspectivo. Nietzsche e Freud nos ofereceram as bases filosóficas para o pensamento geotraumático e não figuram como pensadores geotraumáticos de fato porque estão pensando as implicações das verdades termodinâmicas em registros como que mínimos e máximos, respectivamente; isto é, ora o que isso tudo significa para o indivíduo (ou mesmo para o próprio

¹⁴⁰ Tradução minha. “Let us guard against saying death is the opposite of life; the living creature is simply a kind of dead creature, and a very rare kind.” NIETZSCHE, Friedrich. *The Gay Science*. Nova Iorque, EUA: Vintage Books. 2010. §109. *apud* BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 235.

¹⁴¹ CROWLEY, Aleister. *O Livro da Lei* in **Liber ABA: Magia em quatro partes**. São Paulo: Penumbra. 2020. p. 422.

ser mínimo que é a célula, no caso de Freud), ora quais são as consequências universais dessas reflexões, no caso de Nietzsche; é necessário chegar no caminho do meio.

Pode-se argumentar que o que Freud elabora já é ela mesma uma noção da vida e do mundo enquanto um gigantesco sistema traumático, mas como ele mesmo ressalta, são questões que, em decorrência de seu caráter retrospectivo, são epistemologicamente problemáticas, preferindo ele refletir sobre os traumas dentro da sua área de expertise, a neurologia. Da mesma forma, poderia se argumentar que Nietzsche, quando fala da vontade de potência em termos de uma “aristocracia no corpo”, com escravidão e divisão do trabalho entre as diferentes instâncias biológicas, está pintando também uma imagem do mundo enquanto uma luta que vai dirigindo de maneira utilitarista, através duma espécie de devir-sofisticação, os traumas que emergem naturalmente do choque entre as diferentes potências. Mas a nada disso poderíamos chamar duma *geotraumática*, pois estamos ainda falando do ser humano, e o que a geotraumática quer pensar é uma espécie de *psicanálise do planeta Terra*. Ou, nas palavras de Nick Land,

Hiper-teoria polimática do inconsciente maquínico terrestre que recusa distinções entre biologia, geologia, linguística e numeracia. Geotraumática processa os devires da terra como produções intensivas de tensões anorgânicas, especialmente aquelas compactadas por xenocatástrofes arcaicas.¹⁴²

Xenocatástrofes são aquelas que vêm de fora, ocasionalmente infligidas no corpo do planeta por meteoritos e asteroides e outros objetos celestiais errantes, mas *sempre* infligidas na Terra, ininterruptamente, pelo Sol. É a preocupação fundamental de Georges Bataille que, diferente de Freud, não era cientista e, diferente de Nietzsche, não era professor; era arquivista na Biblioteca Nacional de Paris. Vivendo seus dias em meio aos livros e outras relíquias, despreocupado das rígidas exigências científicas e acadêmicas, Bataille (vive e) escreve em outro registro, no que, mais vezes do que não, suas reflexões deslizam irremediavelmente para o campo da poesia — que ao que tudo indica (ou ao fim de nossa pequena empreitada, talvez nos indicará), tem muito a nos ensinar.

Bataille, é claro, jamais utiliza em sua obra *xenocatástrofe* ou *geotraumática*, termos que só vão aparecer no fim do século XX através da leitura aceleracionista, com seu jargão

¹⁴² Tradução minha. “Polymathic hypertheory of the terrestrial machinic unconscious, which refuses the distinction between biology, geology, linguistics and numeracy. Geotraumatics processes the becomings of the earth as intensive products of anorganic tensions, especially those compacted from archaic xenocatastrophes.” CCRU, LAND, Nick. *Cru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. e-book. p. 330.

ciber-deleuziano (deleuzianismo cibernético). O léxico de Bataille, trabalhando entre 1927 e 1962, na verdade, é na maioria das vezes bastante *sóbrio* — ele faz uso, via de regra, da terminologia e do estilo correntes nas ciências e na filosofia de sua época, o que vem a causar, justamente, o poderoso efeito estético que lhe é particular; pois se escreve de maneira *convencional*, suas ideias não são *nada* convencionais. Para se referir aos fenômenos geotraumáticos, por exemplo, Bataille cunha a noção aparentemente inocente de *economia geral*, a economia que, em oposição ao que seria a economia “convencional”, a dos economistas e políticos, ele chama de restrita.

Bataille elabora, notadamente em *A noção de dispêndio, A parte maldita e A economia à medida do universo*¹⁴³, uma noção de economia que, segundo ele, alinhada à própria economia da natureza (à ecologia, portanto), está baseada não na escassez, mas no dispêndio, não na produção útil, mas na produção inútil — portanto, enfim, não no gasto produtivo, mas, acima de tudo, no gasto improdutivo, que Bataille chama de dispêndio; aquela atividade que não tem nenhum fim se não ela mesma, isto é, não serve, do ponto de vista produtivo da economia, para nada. Nas palavras de Bataille, “a atividade humana não é inteiramente redutível a processos de reprodução e de conservação, e o consumo deve ser dividido em duas partes distintas”¹⁴⁴, quer dizer: há no que diz respeito à economia em sua reprodutibilidade e em seu consumo, algo que, também, vai além do que Freud chamaria de princípio do prazer, que regula reprodução e conservação energéticas no corpo humano. “A primeira (parte)”, segue Georges Bataille,

é representada pelo uso do mínimo necessário para os indivíduos de uma dada sociedade à conservação da vida e ao prosseguimento da atividade reprodutiva: trata-se portanto, simplesmente, da condição fundamental desta última. A segunda parte é representada pelos dispêndios ditos improdutivos: o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (isto é, desviada de sua finalidade genital) representam atividades que, pelo menos nas condições primitivas, têm em si mesmas seu fim.¹⁴⁵

Gastos úteis e dispêndios improdutivos fundamentam-se um ao outro porque qualquer ser ou mesmo qualquer sistema ou circuito, segundo a economia geral, recebe, ecoando o exemplo de Freud em *Além do Princípio do Prazer*, sempre mais energia do que é necessário para que funcione em estado ótimo; o problema da economia é sempre um problema mecânico

¹⁴³ *L'économie à la mesure de l'univers*, sem tradução para o português.

¹⁴⁴ BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica. 2020. p. 21.

¹⁴⁵ *Id.*

que diz respeito ao que será feito com esse excesso energético, pois ele sempre é gasto, gloriosa ou catastroficamente — o que levaria Nick Land depois a chamar esse registro de *materialismo libidinal*, o registro em que a geotraumática é escrita. É um fenômeno facilmente notável: do fóton para a planta através da clorofila e da fotossíntese, da planta para a carne de um animal através da proteína, até que se vai lá e come-se um bife. Nesse processo toda a luz ou fluxo solar não foi senão para frente, no que a energia, muito maior num bife do que na mesma quantidade de capim, aumenta sempre ao passo exato em que é ingerida — no que o mundo foi feito, aparentemente, para ser, como uma maçã, comida. Para Georges Bataille, diz Nick Land, “o Sol é o sujeito inconsciente da História terrestre”¹⁴⁶ o que pode ser demarcado como o entendimento seminal da geotraumática.

Alimentando o planeta e seus seres vivos com tamanho excesso energético, não é só que os organismos são levados a devirem no orgânico até que eventualmente liberam a energia e fazem algo *inútil*, é que esse excesso ele mesmo é o que permite, em primeiro lugar, que se faça algo de útil. Não houvesse o excesso, isto é, não provesse o Sol de maneira contínua e unidirecional, sem parar em instante algum de sobrecarregar o organismo, não haveria pulsão de morte e por isso não haveria vida orgânica nem inteligência. Não fosse o excesso, não haveria, conforme Bataille, enterros, arte, sexo recreativo, religião, esportes, enfim, nada do que geralmente consideramos aquilo que nos torna humanos. A qualidade dos gastos essencialmente humanos é então a *perda*. O que um corredor ganha quebrando o recorde de sua categoria? Glória; ganha glória. Dum ponto de vista da energia e da economia restritiva não ganha absolutamente nada, apenas perde, e perde muito. Na verdade, só perde, no que seu trabalho consiste justamente em sempre poder fazer com que toda energia que reúna seja gasta em um único fim específico e explosivo que, do ponto de vista da economia, não provê possibilidade alguma de retorno. “*Ganha glória*”, ora, o que é glória? Num materialismo baratíssimo, me mostre um *pedaço de glória*. De que maneira poderia *glória* vir a articular economicamente a utilidade dum sistema energético?

Parece se apresentar um problema para a economia geral, pois como é possível conceber em seu registro que exista para nós um tipo de dispêndio que se dá através de algo abstrato como a glória sem que esse não seja um fenômeno, justamente, *geral* para toda a vida na Terra? Ou seja, Spinoza está errado: existe sim *império num império*, e o ser humano e a natureza (e Deus (ou seria o Sol?)) são coisas diferentes, pois não é sabido dos animais e muito menos das plantas experienciarem glória. É aí que entra o registro do materialismo libidinal, no que o

¹⁴⁶ Tradução minha. “(...) the sun as the unconscious subject of terrestrial history.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 23.

planeta inteiro experiencia glória quando em conexão direta com o fluxo celestial numa maneira não inviabilizadora, isto é, “a glória” explica Bataille, “(...) resume ou simboliza (sem esgotá-lo) o objeto de dispêndio livre.”¹⁴⁷ Não é só o recorde do atleta, o choro, a gargalhada ou o sexo, são também os primeiros segundos quando você sai de manhã no Sol, antes de ficar quente demais, ou quando você água suas plantas sem encharcá-las, ou quando seu cachorro te vê depois de muito tempo. Como diz Land, “A fonte solar de todas as fontes terrestres comete a elas uma enorme generosidade, que é o que Bataille chama de glória”¹⁴⁸. Land então explica que ela seja

talvez melhor entendida como uma devassidão contagiosa, de acordo com a qual toda inibição, acumulação e reserva estão destinadas a falhar. A infraestrutura dos processos terrestres é inerente ao caráter obstrutivo da terra, em sua mera corpulência como uma prisão momentânea dos fluxos de energia solar, o que leva à hipostatização. Quando o assoreamento de energia rumo à superfície do planeta é interpretado por suas consequências complexas enquanto utilidades rígidas, uma civilização produtivista, cuja cultura envolve a história da ontologia e uma ordem moral, é iniciada. Limites sistêmicos ao crescimento requerem que o inevitável recomeço da trajetória solar marque com perfurações irregulares essas civilizações. As rupturas resultantes não podem ser seguramente assimiladas por um mecanismo homeostático meta-social, porque elas têm uma tendência imoderada, epidêmica. Bataille escreve da ‘virulência da morte’. Dispendio é irredutivelmente ruinoso porque não é meramente inútil, mas também contagioso. Nada há mais infeccioso do que a paixão pelo colapso. Predominante entre os cortes incendiários e epidêmicos da humanidade estão o erotismo, a religião, a criminalidade inútil e a guerra.¹⁴⁹

A fim de “provar” aquele que seria seu ponto, Bataille traz em seu texto *La notion de dépense* (“A noção de dispêndio”), de 1933, inúmeros exemplos “banais”, como o fato de que “Não basta que joias sejam belas e deslumbrantes, o que tornaria possível a substituição pelas

¹⁴⁷ BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica. 2020. p. 33.

¹⁴⁸ Tradução minha. “The solar source of all terrestrial resources commits them to an abysmal generosity, which Bataille calls ‘glory’.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 45.

¹⁴⁹ Tradução minha. “This is perhaps best understood as a contagious profligacy, according to which all inhibition, accumulation, and reservation is destined to fail. The infrastructure of the terrestrial process inheres in the obstructive character of the earth, in its mere bulk as a momentary arrest of solar energy flow, which lends itself to hypostatization. When the silting-up of energy upon the surface of the planet is interpreted by its complex consequences as rigid utility, a productivist civilization is initiated, whose culture involves a history of ontology, and a moral order. Systemic limits to growth require that the inevitable re-commencement of the solar trajectory scorches jagged perforations through such civilizations. The resultant ruptures cannot be securely assimilated to a meta-social homeostatic mechanism, because they have an immoderate, epidemic tendency. Bataille writes of ‘the virulence of death’ [X 70]. Expenditure is irreducibly ruinous because it is not merely useless, but also contagious. Nothing is more infectious than the passion for collapse. Predominant amongst the incendiary and epidemic gashes which contravene the interests of mankind are eroticism, base religion, inutile criminality, and war. *Ibid.* p. 45 – 46.

falsas: o sacrifício de uma fortuna, à qual se preferiu um rio de diamantes, é necessário para a constituição do caráter fascinante desse rio”¹⁵⁰, ou que no jogo e na aposta “o perigo da morte não é evitado e constitui, ao contrário, objeto de uma forte atração inconsciente”¹⁵¹, no que sempre “a energia é gasta, na medida do possível, de modo a provocar um sentimento de estupefação, em todo caso com uma intensidade infinitamente maior do que nos empreendimentos de produção”¹⁵², ou enfim, ainda, que no caso da poesia, sua existência se dê precisamente através da perda, no que sua destruição representacional deliberada torna-a “sinônimo de dispêndio”¹⁵³, sendo seu sentido “vizinho do sacrifício”¹⁵⁴; a poesia é, para Bataille, como aponta Land, “o holocausto das palavras”¹⁵⁵, sua *morte por fogo*. Bataille enumera também nessa lista o sacrifício, mas a verdade é que os exemplos outros são apenas derivações e sofisticações do sacrifício, e ele dedica, anos depois, uma obra inteira ao entendimento desse incidente que significa *tornar sagrado*.

Em *La part maudite* (“A parte maldita”), de 1949, Bataille traz exemplos históricos, destacando a prática de *potlach* entre as tribos ameríndias sub-árticas, em que a economia é baseada, grosso modo, num sistema de troca de presentes que implicam o poder ser correspondente à possibilidade de dar presentes cada vez maiores, constituindo uma constante troca de dívidas abstratas e impossíveis de serem liquidadas; da mesma forma, fala Bataille do sistema monástico tibetano, hoje um território sob ditadura chinesa e que ele considera um caso absolutamente ímpar e espetacular de dispêndio, no que a sociedade inteira torna-se improdutiva e voltada unicamente à *contemplação*, que é a atividade dos monges. “A população”, diz Bataille, “que não pode desenvolver de maneira alguma o sistema de energia que ela é (...), deve despendar como pura perda a totalidade de um excedente que ela não pode deixar de produzir”¹⁵⁶, no que “o lucro dos mosteiros assegurava o consumo das riquezas, mantendo em vida uma massa de consumidores estéreis”¹⁵⁷ e “o celibato da massa dos monges introduzia até mesmo uma ameaça de despovoação.”¹⁵⁸ Ou seja, mesmo sem qualquer *produção*, há excesso, e mesmo sem qualquer economia, há dispêndio.

¹⁵⁰ BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica. 2020. p. 22.

¹⁵¹ *Id.*

¹⁵² *Id.*

¹⁵³ *Ibid.* p. 23.

¹⁵⁴ *Id.*

¹⁵⁵ Tradução minha. “Holocaust of words.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 51.

¹⁵⁶ BATAILLE, Georges. *op. cit.*, p. 107.

¹⁵⁷ *Ibid.* p. 108.

¹⁵⁸ *Id.*

Bataille menciona ainda, também, o caso do islã, no que a *jihad* é entendida acima de tudo como uma guerra contra si mesmo que implica numa espécie de devir-*zulfiqar*, a tradicional espada muçulmana de duas pontas, no que se escapa-se de um gume, não se escapa do outro, e o dispêndio muçulmano é caracterizado não só pelo militarismo mas por uma conspiração que opera como ontologia paranoide, sempre escondida sob as dunas e diagramando todos os excessos não para dentro, de maneira a impossibilitar o desenvolvimento do sistema, que é o caso tibetano, mas para fora, articulando toda troca energética como parte do sistema, que torna-se impossibilitado de *não* crescer rumo à realização do maior dispêndio possível, o que se expressa em militarismo messiânico. O caso que a que Bataille mais chama atenção, contudo, é o da civilização asteca; é seu exemplo favorito, digamos. Diz ele que

Os sacerdotes matavam suas vítimas no alto das pirâmides. Estendiam-na sobre um altar de pedra e atingiam-nas no peito com uma faca de obsidiana. Arrancavam o coração ainda palpitante e assim o elevavam para o Sol. A maioria das vítimas era prisioneiros de guerra, o que justificava a ideia das guerras necessárias para a vida do sol: as guerras tinham o sentido de consumação, não da conquista, e os mexicanos pensavam que, se elas cessassem, o sol cessaria de iluminar.¹⁵⁹

Os astecas, através de seus sacrifícios para o Sol, teriam um sinistro vislumbre da realidade última do mundo, expressando de maneira inexorável a natureza absolutamente exorbitante do fluxo solar e a incapacidade humana de pagar-lhe de volta se não através duma atividade que representa em si mesma essa impossibilidade, constituindo o fim do pensamento de qualquer coisa possível, o colapso do raciocínio, o gozo sem retorno duma imaginação que é fundamentalmente catastrófica. O que se passaria nas sociedades outras, mais “desenvolvidas”, mais “iluminadas”, mais *modernas*, enfim, seria a mesmíssima coisa, porém com uma série de sofisticações nesses processamentos; constituindo, de qualquer forma, no caso asteca e no nosso, um espetáculo solar em que o envelope último da luz é rompido em oferta ao Sol, e sangue escorre das pirâmides e pelas ruas. A preocupação de Bataille com os astecas diz respeito, conforme Land a

uma intimidade econômica, ou um fio de cumplicidade solar, a busca de linhagens genealógicas que tecem todas as sociedades à raiz das estrelas. A energia crua que apunhalou os astecas às suas ferocidades é também aquela que - regulada pelo aparato de uma cultura acumuladora - engendra Bataille em suas pesquisas. A trajetória

¹⁵⁹ BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica. 2020. p. 66.

energética que atravessa e rói suas entranhas é o terreno derretido da comunhão sombria, unindo-o a tudo que jamais convulsionara sobre a Terra.¹⁶⁰

Da mesma forma que, como dissemos, toda morte é não só suicídio como morte térmica, toda morte é, também, sacrifício; sacrifício solar, sacrifício para o Sol. O exemplo asteca torna-se assim, de certa forma, ideal, ou espécie de *reductio ad absurdum* desse fenômeno porque, justamente, executa isso sem nenhum indício de qualquer outro fim. Simplesmente *é isso*; quer dizer: expressa a natureza solar, em sua forma mais crua, no que o dispêndio do sacrifício ao Sol representa o modelo de dispêndio ele mesmo. Diz Land, citando, conforme devidamente apontado, Bataille, que é

precisamente o horror sem sentido da civilização asteca que fornece sua peculiar universalidade; expressando, como o faz, a inevitável fonte do ímpeto social. ‘O Sol era ele mesmo, para seus olhos, a expressão do sacrifício’ (VII 52), e suas energias eram dedicadas a uma carnificina sem propósito, em que eles perceberam a verdade do Sol sobre a terra.¹⁶¹

E se a nós a organização asteca parece-se absurda e impossível de ser defendida, é o caso porque falhamos em perceber de que maneira nossa civilização organiza-se, também, em mitos voltados ao entendimento do *que fazer com a luz, o que fazer com o fogo*. No que talvez, então, viéssemos não a defender a civilização asteca, é claro, mas a parar de defender a nossa. Se o mundo é nada menos que um elaborado processo de sofisticação entre os processos de retenção e liberação da luz solar, torna-se difícil argumentar que a natureza da natureza seja outra que não a do Sol e, como diz Land “para Bataille a sede por aniquilação é a mesma coisa que o Sol. Não é um desejo que o homem dirige ao Sol, mas a trajetória solar ela mesma, *o Sol como o sujeito inconsciente da história terrestre*.”¹⁶² É nesse sentido que glória e aniquilação

¹⁶⁰ Tradução minha. “What is at stake in his reading of their culture is an economic intimacy, or thread of solar complicity, the pursuit of genealogical lineages that weave all societies onto the savage root-stock of the stars. The raw energy that stabbed the Aztecs into their ferocities is also that which—regulated by the apparatus of an accumulative culture— drives Bataille in his researches. The energetic trajectory that transects and gnaws his entrails is the molten terrain of a dark communion, binding him to everything that has ever convulsed upon the Earth.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 23.

¹⁶¹ Tradução minha. “It is precisely the senseless horror of Aztec civilization that gives it a peculiar universality; expressing as it does the unavowable source of social impetus. ‘The sun itself was to their eyes the expression of sacrifice’ [VII 52], and their energies were dedicated to a carnage without purpose, whereby they realized the truth of the sun upon the earth.” *Id.*

¹⁶² Tradução minha. “(...) for Bataille the thirst for annihilation is the same as the sun. It is not a desire which man directs towards the sun, but the solar trajectory itself, the sun as the unconscious subject of terrestrial history.” *Id.*

se apresentam como duas faces da mesma moeda; conforme continua Land, citando novamente Bataille:

É apenas devido a esse domínio inultrapassável do Sol que ‘para a consciência comum e não cultivada o Sol é a imagem da glória. O Sol irradia: glória é representada similarmente luminosa, e radiante’ (VII 189), tanto que ‘a analogia de uma morte sacrificial em chamas para o Sol escaldante é a resposta do homem para o esplendor do universo’ (VII 93), visto que o ‘sacrifício humano é um momento agudo duma oposição contestadora à ordem real e à duração do movimento de violência sem medida’ (VII 317).¹⁶³

A sede de aniquilação é a mesma coisa que o Sol. O caso asteca torna muito fácil enxergar e introjetar essa ideia, mas a verdade é que talvez nenhum dos exemplos de Bataille seja tão abismal e peculiar quanto a história de Gilles De Rais, que através do choque do horror talvez permita que a noção seja ainda melhor absorvida. Não se encontra em *A parte maldita*, mas enquanto comentário duma tradução que Bataille publicara em 1959 do julgamento de De Rais, ocorrido em 1440. De Rais era um cavaleiro e lorde francês que lutou na *Guerra dos Cem Anos* ao lado de Joana D’arc; era também um assassino serial de crianças, tendo confirmadamente feito 35 vítimas, ainda que em seu julgamento o verdadeiro número tenha sido estipulado em aproximadamente 200 crianças.¹⁶⁴

O caso de De Rais representava na verdade (de maneira brutal, é claro), segundo Bataille, o mecanismo econômico da própria guerra e da nobreza, no que “da mesma forma que o homem sem privilégios é reduzido a trabalhar, aquele que é privilegiado deve entrar em guerra”¹⁶⁵, sendo a guerra originalmente constituída, então, enquanto luxo — pura vazão mecanicamente obrigatória e fundamentalmente improdutiva dos excedentes produtivos. Para a aristocracia feudal, o dispêndio era, conforme Land, por um lado “a hipertrofia luxuriosa de sua existência prazerosa e parasitária, que ecoava aquela da Igreja”¹⁶⁶ e, por outro “o refluxo incessante de confrontação militar ao qual a vida e o tesouro podiam ser derramados sem

¹⁶³ Tradução minha. “It is only because of this unsurpassable dominion of the sun that ‘[f]or the common and uncultivated consciousness the sun is the image of glory. The sun radiates: glory is represented as similarly luminous, and radiating’ [VII 189], such that ‘the analogy of a sacrificial death in the flames to the solar burst is the response of man to the splendour of the universe’ [VII 193], since ‘human sacrifice is the acute moment of a contest opposing to the real order and duration the movement of a violence without measure’ [VII 317].” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 23.

¹⁶⁴ *Ibid.* p. 47.

¹⁶⁵ Tradução minha. “In the same way that the man without privilege is reduced to a worker, the one who is privileged must wage war” [X 314].” *Id.*

¹⁶⁶ Tradução minha. “(...) the hypertrophic luxuriance of their leisured and parasitic existence.” *Id.*

limite.”¹⁶⁷ De Rais, um nobre que era entre os nobres, abastado, dedica a vida à destruição de sua riqueza, expressando irremediavelmente em seus crimes a natureza por detrás de qualquer empreendimento humano, qualquer sofisticação solar, qualquer processo de organização da luz, seja ela a razão iluminista, seja ela uma organização social: ele queria *ver*. Seu julgamento nos revela que, acima de tudo, queria ver. Ver o quê? O sangue, é claro; Sol líquido, o Sol na Terra que nos emulsifica num lamacento mar de sujeira. Conforme Bataille citado por Land:

Os crimes respondiam à imensa desordem que o inflamava e na qual ele se perdia. Sabemos até, por meio da confissão do criminoso — copiada pelos escrivães do tribunal enquanto o ouviam — que o prazer não era o essencial. Certamente, ele se sentava junto ao peito da vítima e, dessa forma, manipulando-se, derramava seu sêmen sobre o moribundo; mas o que era importante para ele era menos o prazer sexual do que a visão da morte em ação. Ele amava observar: abrir um corpo, cortar uma garganta, separar membros; ele adorava a visão do sangue.¹⁶⁸

Olhar para o Sol ele mesmo — sempre uma monstruosidade, no que Aleister Crowley nos conta que “Pouca gente sabe que sangue fresco derramado à luz do Sol é talvez a cor mais linda encontrada em estado livre na natureza”¹⁶⁹, visão essa que, é claro, a maioria das pessoas jamais verá. Longe de nós, contudo, realizar um elogio da transgressão; não é isso. É apenas que o caso de De Rais, enquanto uma espécie de variante feudal (imediatamente pré-iluminista) do mito asteca, expressa de que maneira tanto vida orgânica quanto inteligência quanto civilização são constituídas de excesso, e como esse excesso é, precisamente, o excesso da luz, o excesso de visão, no que Land posiciona esse excesso de visão ou *a possibilidade do obscuro* como aquilo que constitui o “problema da justiça”:

Se a transgressão aparece como a negação da lei, é apenas porque a lei é coextensiva com a inalcançável negação do fluxo solar, assim como a matéria na base é considerada negativa porque exibe a resistência à morte. Ainda assim, mesmo que o crime receba sua formulação nas cortes, é melhor entendido como um desenvolvimento especulativo da legalidade (...). A apreensão da lei pela ótica do julgamento não é meramente uma projeção empírica, mas um viés enraizado na

¹⁶⁷ Tradução minha. “(...) the ceaseless ebb and flow of military confrontation, into which life and treasure could be poured without limit.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 47.

¹⁶⁸ Tradução minha. “His crimes responded to the immense disorder which inflamed him, and in which he was lost. We even know, by means of the criminal’s confession, which the scribes of the court copied down whilst listening to him, that it was not pleasure that was essential. Certainly he sat astride the chest of the victim and in that fashion, playing with himself [se maniant], he would spill his sperm upon the dying one; but what was important to him was less sexual enjoyment than the vision of death at work. He loved to look: opening a body, cutting a throat, detaching limbs, he loved the sight of blood [X 278].” *Ibid.* p. 49.

¹⁶⁹ CROWLEY, Aleister. *Magick: Teoria elementar in Liber ABA: Magia em quatro partes*. São Paulo: Penumbra. 2020. p. 139

vantagem jurídica da existência. A morte não tem representantes. O que quer dizer que a transgressão não tem sujeito. Há só o triste destroçado que Nietzsche chama de o ‘pálido criminoso’, De Rais em seu julgamento, por exemplo, morrendo de medo de ir para o inferno, separado de seus crimes por um inavergável golfo de esquecimento. A verdade da transgressão, simultaneamente simples e incompreensível, é que o mal não sobrevive para ser julgado.¹⁷⁰

Quer dizer, há alguma pena que pudesse ser concedida a De Rais, seja ela a eternidade na prisão ou sua própria vida ou mesmo uma vida de tortura, que realmente aparentaria *pagar* pelas dezenas ou centenas de crianças que matara? É claro que não. A justiça humana é sempre falha, no que, na verdade, apenas Deus pode saber de justiça — e a justiça divina com frequência se parece a nós bastante bizarra, inexplicável, *injusta*. Justiça divina é justiça solar, e é precisamente por ser *justo*, isto é, não há nada fora de sua existência, que o Sol é o órgão da justiça, uma justiça que necessariamente ocorre. E, conforme Land, “A necessidade nunca é dada, ela precisa ser construída através da luxúria”¹⁷¹, no que

A tarefa primordial da vida não é produzir ou sobreviver, mas consumir os fluxos coagulantes de riqueza - de energia - desaguando sobre ela. Ele (Bataille) afirma isso com ousadia na sua magnífica frase, ‘O mundo... está doente com riqueza’ (VII 15). A despesa, ou o consumo sacrificial, não é um apelo, uma troca, ou uma negociação, mas um desperdício inabitado que retorna a energia para sua trajetória solar, lançando-a de volta ao movimento de dissipação que o sistema terrestre - culminando nas restritas economias humanas - momentaneamente prende. A destruição voluptuosa é o único fim da energia, um processo de liquidação que pode ser suspenso por esforços acumulativos cuja forma zênite é aquela da burguesia capitalista, mas apenas por enquanto. Pois para a economia solar ‘excesso é o ponto incontestável de partida’ (VII 12), e o excesso deve, no fim, ser gasto.¹⁷²

¹⁷⁰ Tradução minha. “If transgression appears as the negation of law, it is only because law is coextensive with the unachievable negation of solar flow, just as base matter is deemed negative because it exhibits no resistance to death. Nevertheless, insofar as crime receives its formulation in the court-room it is quite properly understood as a speculative development of legality, as Hegel demonstrates so meticulously in his *Philosophy of Right*. Such an apprehension of crime through the optic of the trial is no merely empirical projection, but a bias rooted in the juridical advantage of existence. Death has no representatives. Which is to say that transgression has no subject. There is only the sad wreck who Nietzsche calls ‘the pale criminal’, de Rais at his trial for instance, terrified of Satan, separated from his crimes by an unnavigable gulf of oblivion. The truth of transgression, at once utterly simple and yet ungraspable, is that evil does not survive to be judged.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 49 – 50.

¹⁷¹ Tradução minha. “Need is never given, it must be constructed out of luxuriance.” *Ibid.* p. 23.

¹⁷² Tradução minha. “The primordial task of life is not to produce or survive, but to consume the clogging floods of riches—of energy—pouring down upon it. He states this boldly in his magnificent line: ‘The world...is sick with wealth’ [VII 15]. Expenditure, or sacrificial consumption, is not an appeal, an exchange, or a negotiation, but an uninhibited wastage that returns energy to its solar trajectory, releasing it back into the movement of dissipation that the terrestrial system—culminating in restricted human economies— momentarily arrests. Voluptuary destruction is the only end of energy, a process of liquidation that can be suspended by the accumulative efforts whose zenith form is that of the capitalist bourgeoisie, but only for a while. For solar economy ‘[e]xcess is the incontestable point of departure’ [VII 12], and excess must, in the end, be spent.” *Id.*

O mundo... está doente com riqueza, no que um dispêndio que poderia considerar-se *justo* é necessariamente inumano. Investigamos portanto agora a obra de Nick Land não só *comentador de Bataille*, mas Nick Land teórico ele mesmo. Teórico batailliano, sim, mas um que conecta a economia geral aos presentes catastróficos (ou, como veremos, *anastróficos*) do capitalismo contemporâneo, em que todas as possibilidades de futuro teriam sido aniquiladas e, conforme a máxima de Frederic Jameson que Mark Fisher popularizara, “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo.” De certa forma, a essa noção que é também ocasionalmente referida como *capitalismo tardio*, poderia ser perguntado, no que se constitui a obra de Land, *tarde demais para o quê*, exatamente? Ou como se diz em inglês, *late capitalism*, um capitalismo que é simultaneamente tardio e atrasado: atrasado para o quê?

CAPÍTULO 3: DE DENTRO PARA FORA

3.1 Dentro e fora da filosofia: aceleracionismo e o olhar de mil olhos

Mas haverá alguma via revolucionária? — Retirar-se do mercado mundial, como Samir Amin aconselha aos países do Terceiro Mundo, numa curiosa renovação da “solução econômica” fascista? Ou ir no sentido contrário, isto é, ir ainda mais longe no movimento do mercado, da descodificação e da desterritorialização? Pois talvez os fluxos ainda não estejam suficientemente desterritorializados e suficientemente descodificados, do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos com alto teor esquizofrênico. Não retirar-se do processo, mas ir mais longe, “acelerar o processo”, como dizia Nietzsche: na verdade, a esse respeito, nós ainda não vimos nada.

- Deleuze e Guattari, *O Anti-Édipo*¹⁷³

A hipótese dessa dissertação é de que o aceleracionismo é uma filosofia da energia; a hipótese do aceleracionismo, por sua vez, é a de que *a história do fogo é a biografia da inteligência* — o que implica, é claro, que a inteligência tem uma vida. Como explanado na introdução, o caminho teórico percorrido na dissertação foi uma espécie de voluntarismo; uma *decisão* informada pelo percurso que os autores cujo trabalho designamos como sendo aqueles mais relevantes dentro do aceleracionismo trilharam; isto é: para melhor compreendermos Nick Land e Reza Negarestani, seguimos seus passos teóricos, procurando realizar, como eles, a leitura *energeticista* de Nietzsche, Freud e Bataille — o que viria constituir, como dito, uma espécie de hiper-espinosismo. É nesse sentido que aparece o primeiro capítulo da dissertação, destinado a trazer a pessoa leitora para dentro do que está implicado nas que chamamos *duas*

¹⁷³ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34: 2010. p. 318.

descobertas do fogo. Assim, iniciada a leitura do segundo capítulo, seria suposto a compreensão da relevância do assunto consolidar, digamos, uma certa generosidade epistemológica a uma interpretação que é, via de regra, *alternativa*.

O aceleracionismo é uma filosofia literalmente marginal, gestando-se fora da academia no que poderíamos considerar uma *selva filosófica*. Ressalte-se, também, que pensar o que está Dentro e o que está Fora, e quais as condições de possibilidade desse Fora, são uma preocupação fundamental do aceleracionismo, vindo a constituir, de certa forma, a chave interpretativa com que o aceleracionismo realiza suas leituras e delas tira suas conclusões. A obra de Negarestani de que trata a conclusão desse texto é, a bem da verdade, sobre nada senão a *abdução do Fora*. Há, é claro e é válido mencionar, outras diferenças fundamentais à filosofia ocidental que não Dentro/Fora; sujeito e objeto, a priori e a posteriori, mente (ou alma, a depender da época) e corpo, espírito e matéria, para só citar algumas.

Aprofunde-se em determinada área da filosofia e você vai ver outras dualidades aparecerem: o mundo platônico, a natureza simultaneamente naturante e naturada de Spinoza, o númeno e o fenômeno kantiano, a diferença e a repetição deleuzeana, a desterritorialização e reterritorialização deleuze-guattariana. Há dualidades para variados gostos e torna-se, na verdade, incontornável essa sensação de que aparentemente há pouca senão nenhuma maneira de escapar da maldita (ou bendita?) dualidade. Noutros campos do conhecimento humano a estrutura formal do pensamento aparenta também ser alicerçada em dualidades fundamentais: o movimento e o repouso da física, o céu e o inferno das religiões, o 0 e 1 da programação, o consciente e o inconsciente da psicanálise.

Toda essa variedade de dualidades pode ser diagramada em termos de Dentro e de Fora, e não apenas no sentido da negatividade pura, isto é, como se um sempre estivesse fora do outro dentro. Que o sujeito esteja fora do objeto é superficialmente aceitável. A conversa na realidade inicia-se quando se busca complexificar a expressão compreensível entre dentro e fora de cada uma dessas dualidades: a mente está dentro do corpo? Ou na verdade é o corpo que está dentro da mente? Aparecem outras dualidades: o espírito transcende a matéria ou é por ele imanado? Dentro e fora torna-se complexo e possui um devir-complexidade: não é apenas o que está de fora e o que está dentro, mas de que maneira um entra ou sai do outro, de que maneira é possível conceber o limite e o que significa estar aquém ou além dele?

Se esse é um assunto da filosofia, o que está fora da filosofia? É necessário caso quisermos entender a relação da filosofia com o que está fora dela, mergulhar num registro que está ainda mais dentro dela: a da filosofia acadêmica e da filosofia não-acadêmica, isto é, sua forma supostamente ideal e seu formato selvagem. Onde é a selva da filosofia? A selva da

filosofia é onde sempre foi: espaços onde filósofas e filósofos, sejam elas institucionalmente reconhecidas como tal (pesquisadores e acadêmicos da filosofia e, na realidade, as ciências todas num âmbito geral) ou apenas “filósofos de rua”, encontram-se para filosofar por diversão. A diferença é que, obviamente, os espaços desses encontros alteraram-se não apenas geograficamente, mas de maneira absolutamente fundamental. Hoje, a selva da filosofia não são só os bares, mas também a internet e, notavelmente, o twitter (recentemente rebatizado de X).

Poderia se argumentar que a discussão na selva da filosofia de certa forma antecipa a discussão na cátedra filosófica. O aparato institucional funciona como meio para enquadrar o que está fora dele. Não seria, contudo, uma relação predatória, pois se pode-se parecer que o dentro particular da filosofia aparece apenas para podar o de fora particular da filosofia (o de fora que é da perspectiva já dentro da filosofia, isto é, a filosofia da internet e dos bares - em oposição à filosofia acadêmica, o dentro de dentro da filosofia), é apenas porque ignora-se as condições que desenham o próprio limite. Certamente a pesquisadora pode frustrar-se pelas rígidas formalidades exigidas pelo trabalho científico, tão mais lento que a velocidade impressionante que a boca das filósofas atinge quando ébria. Porém, é apenas porque o que é descoberto na selva pode ser armazenado através de práticas curatoriais que ele tem qualquer valor. A relação entre a filosofia selvagem e a filosofia acadêmica é uma, na verdade, de cumplicidade. Mesmo em momentos de brutal selvageria, a referência precisa pode aparecer como resposta e é respeitada como tal. Da mesma forma, o trabalho minucioso da academia não quer senão lapidar as joias trazidas dos mais profundos confins da imaginação e da genialidade humana. O de dentro e o de fora que são particulares da filosofia, isto é, já dentro dela, entram, portanto, como bons opostos, num circuito de retroalimentação negativa; aquele que se compensa e segue rodando.

A atividade da filósofa assemelha-se, então, à atividade da artista e do xamã, e pode ser resumida no desejo por ir Lá Fora. Ademais, idealmente, voltar para contar a todos o que foi visto; permanecer do lado de fora não é assunto dos humanos — que é porque tantos de nós nos vamos tão cedo. Nesse sentido é necessário posicionar-se simultaneamente Dentro e Fora; é necessário *ir Lá Fora e voltar* — incessantemente. Fundamentalmente preocupado com as relações de fronteira entre o que está Dentro e o que está Fora, o aceleracionismo apresenta-se como espécie de meta-filosofia ou filosofia crítica. Tendo a si mesma como seu próprio objeto, é a filosofia lançada à loucura, operando no pensamento o mesmo processo com que explica a própria constituição da vida que é o processo virulento de cicatrização (vida por morte) da pulsão de morte que, quando em mal funcionamento, engendra a aparição de tumores. Seria a

única maneira de vir a pensar a estrutura que parasita a humanidade e em poucos séculos aparenta ameaçar a existência da milenar vida humana na Terra que é o capitalismo.

Através da perspectiva energética do mundo, o aceleracionismo realiza uma planificação ontológica que lê os fenômenos planetários como dispêndios voltados à intensificação do trabalho de *prótese* que, conforme o mito de Prometeu e Epimeteu, é a atividade do ser humano no mundo, extraindo de Dentro dele um produto que representa a sofisticação da manipulação do fogo. Continuado indefinidamente esse processo, não deve sobrar nada. Não deve sobrar humano; apenas dispêndio energético convertido em inorganicidade. O aceleracionismo é o capital do ponto de vista do capital; visa pensar não o que o capital *quer* enquanto agente, mas o que o capital nos faz querer enquanto objetos dum sujeito transcendental da inumanidade porvir. Como diz Nick Land "(...) o que aparece para a humanidade como a história do capitalismo é uma invasão vinda de um futuro de um espaço de inteligência artificial que deve montar-se inteiramente dos recursos de seu inimigo."¹⁷⁴

Invariavelmente, portanto, o aceleracionismo enquanto um experimento em inumanismo¹⁷⁵ apresentar-se-ia não só através de uma leitura que é quase que por definição marginal à das correntes na filosofia acadêmica como também essa leitura teria de apresentar-se simultaneamente como uma espécie de *visão de lugar nenhum* e uma invasão, uma visão sem sujeito que é ainda assim apreendida como um olhar de mil olhos. O lugar nenhum é o único lugar e é por isso que não constitui, de fato, um lugar; só se está num local e não em outro justamente porque há outro. O posicionamento é uma relação de referencialidade e, para o aceleracionismo, ela se dá unicamente entre o Dentro e o Fora, e o Fora só pode ser alcançado pela prótese do Dentro em Fora. É nesse sentido que considero o aceleracionismo, teoricamente, uma versão espinosista do freudianismo, no que a máxima espinosista *Deus sive Natura*, “Deus, ou seja, a natureza” poderia ser atualizada em “Deus, ou seja, a natureza, ou seja, a pulsão de morte.” Com o aceleracionismo, a pulsão de morte enquanto uma tendência ao inorgânico que é informada pela impossibilidade de repetição de trauma é trazida aos dramas cósmicos que Freud tanto evitava. Também a Terra tem um corpo, e também, por isso, tem seus traumas. Seria, dessa forma, possível realizar a psicanálise do planeta. É o que quer fazer o aceleracionismo, no que o capitalismo aparece como uma inevitável esquizofrenia (compreendida sob o escopo deleuzo-guattariano como uma produção incessante de desejo e

¹⁷⁴ Tradução minha. “(...) what appears to humanity as the history of capitalism is an invasion from the future by an artificial intelligent space that must assemble itself entirely from its enemy's resources.” LAND, Nick. *Machinic Desire* in **Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007**. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 338.

¹⁷⁵ Expressão utilizada por Maya B. Kronic para referir-se à obra de Nick Land. Disponível em: <http://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>. Acesso em 22 dez. 2024.

fluxos maquínicos) da Terra porque a pulsão de morte já é ela mesma uma esquizofrenia metabólica, continuando a curar, conforme Negarestani, “depois do desaparecimento virtual dos traumas, vomitando saúde no corpo numa onda frenética em direção à ‘sobrecarga sobrevivencialista.’”¹⁷⁶ “Sobrecarga sobrevivencialista” é uma boa descrição do capitalismo e, para o aceleracionismo, a única maneira de entender o capitalismo é pensar como ele, e a única maneira de pensar como ele é tornar-se como ele: sobrecarga sobrevivencialista esquizofrênica. Como diz Land,

o ponto de uma análise do capitalismo (...) é fazer mais dele. *O processo* não é para ser criticado. O processo é a crítica, alimentando-se de volta em si mesma enquanto escala. O único horizonte está através, o que significa mais dentro. (...) A auto-destruição do capitalismo é o que o capitalismo é.¹⁷⁷

A única maneira de entender o capitalismo seria traumatizar o pensamento com uma abertura grande demais. “Gerar catástrofes para o pensamento”, como disse Negarestani¹⁷⁸ em relação ao dever da imaginação cuja obra do aceleracionista Mark Fisher tanto destaca¹⁷⁹. O aceleracionismo aparece assim, também, como uma filosofia da possessão. Fisher chega a dizer certa vez, em seu texto *Psychedelic Reason*, “Razão psicodélica”, que “É apenas quando a escrita é ruim que ‘eu’ a produzi. Quando é boa, ‘eu’ sou apenas um espaço através de qual Lemúria¹⁸⁰ fala.”¹⁸¹ Não à toa, Land atribui parte de sua obra a “(...) outra vida”, uma que “(...)

¹⁷⁶ Tradução minha” (...) after the virtual disappearance of traumas, vomiting health into the body in a frantic tide toward 'survival overload'.” NEGARESTANI, Reza. *Acephalous Mouth: On wounds and scars*. 2004. Disponível em: https://archive.org/stream/reza.negarestani/Reza%20Negarestani%20Archive/Negarestani-acephalous_mouth_djvu.txt. Acesso em 03 nov. 2024.

¹⁷⁷ Tradução minha. “The point of an analysis of capitalism, or of nihilism, is to do more of it. *The process* is not to be critiqued. The process *is* the critique, feeding back into itself, as it escalates. The only way forward is through, which means further in. (...) The auto-destruction of capitalism is what capitalism is.” LAND, Nick. *A quick-and-dirty introduction to accelerationism*. 2017. Disponível em: <http://obsoletecapitalism.blogspot.com/2017/05/nick-land-quick-and-dirty-introduction.html>. Acesso em: 31 jan. 2025.

¹⁷⁸ Tradução minha. “The function of imagination is to generate catastrophes for thinking.” NEGARESTANI, Reza. *The Human Centipede: A View From the Art World*. Tripleampersand. 2024. Disponível em: <https://tripleampersand.org/the-human-centipede-a-view-from-the-art-world/>. Acesso em 30 jan. 2025.

¹⁷⁹ Além de *Realismo Capitalista* (2009), destaca-se também, nesse sentido, a coletânea póstuma dos últimos seminários ministrados por Fisher, lançada em 2021 pela editora britânica Repeater sob o título de *Postcapitalist Desire* (“Desejo pós-capitalista”).

¹⁸⁰ Lemúria é um continente fictício pertence à mitologia lovecraftiana em que os textos do coletivo CCRU, a qual pertenciam Fisher e Land, são escritos.

¹⁸¹ Tradução minha. “It’s only when the writing is bad that ‘I’ have produced it. When it’s good ‘I’ am just a space through which Lemuria speaks.” FISHER, Mark. *Psychedelic Reason*. 2004. Disponível em <https://k-punk.org/psychedelic-reason/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Pertence ao abraço de urso do deus morto da anfetamina.”¹⁸², e uma das últimas partes da *Cyclonopedia* se chama “Uma boa refeição: a borda esquizoestratégica”, representando uma espécie de guia para “Como se tornar uma boa refeição”¹⁸³; no caso, uma boa refeição para o quê? Uma boa refeição para o Fora, é claro.

Esse item, que encaminha o encerramento da *Cyclonopedia* foi na verdade o primeiro escrito por Negarestani¹⁸⁴, que puxou o livro de trás para frente, e é um que se dá em complexificar as relações de Dentro/Fora em suas modulações, que dizem respeito a modos de Abertura/Fechamento. Essas modificações na intensidade do que podemos, seguindo Negarestani, chamar de *catavoo*, isto é, um voo para Dentro (*cata* de catacumba, por exemplo; também a profundidade de uma pessoa catatônica em sua imobilidade e incapacidade de dizer algo, de pôr algo para Fora), dizem respeito ao alargamento ou o fechamento das possibilidades de produção de subjetividade dentro do capitalismo, no que, se seria para o aceleracionismo a humanidade hospedeira do sujeito transcendental do capital, a socialização humana é modelada pelas mesmas relações de Dentro/Fora que caracterizam o movimento de prótese esquizoide do prometeísmo capitalista. “Uma solidez próxima de ser fodida”, como disse Negarestani¹⁸⁵.

Também, é claro, o pensamento de maneira geral torna-se informado por essa relação, no que ocasionalmente o pensamento anti-capitalista, ao pressupor não que há algo fora do capital, mas que é ele quem está fora de nós, revolve em redundâncias e oxímoros como *capitalismo sustentável*. Há apenas pós-capitalismo, e sua realização é condicionada de dentro do capitalismo, e ele não é nem poderia jamais ser sustentável, no que um desejo pós-capitalista é, antes de mais nada, um desejo capitalista e, por isso, um desejo autodestrutivo. Como vimos, contudo, o *desejo autodestrutivo*, a repetição de momentos tensos e desprazerosos, isto é, a pulsão de morte, é nada senão a preparação do corpo para reviver o trauma na impossibilidade de lembrar dele, constituindo a própria maneira como a vida aparece no planeta.

Procedamos agora a entender, através da obra de Nick Land, de que maneira o sujeito transcendental do capital que parasitaria a humanidade rumo ou à destruição ou à imortalidade se daria através duma sofisticação das capacidades planetárias de dispêndio energético que é

¹⁸² Tradução minha. “It’s another life. (...) It belongs in the clawed embrace of the undead amphetamine god.” KRONIC, Maya B. *Nick Land: An Experiment in Inhumanism*. 2012. Disponível em: <http://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

¹⁸³ NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne: re.press. 2008.

¹⁸⁴ Relatado em conversa particular.

¹⁸⁵ Tradução minha. “(...) solidity near to be fucked up.” NEGARESTANI, Reza. *Acephalous Mouth: On wounds and scars*. 2004. Disponível em: https://archive.org/stream/reza.negarestani/Reza%20Negarestani%20Archive/Negarestani-acephalous_mouth_djvu.txt.. Acesso em 03 nov. 2024.

informada pela filosofia e de que maneira a filosofia enquanto trauma do pensamento é, por sua vez, informada pela história geológica do planeta; a traumatologia que conecta cosmicamente o planeta ao pensamento humano, convergindo todo o passado da Terra, armazenado nas fontes energéticas, com o presente e as possibilidades de futuro ao ligar a superfície do planeta às profundezas do seu corpo e, então, rumo às estrelas — à própria fonte da energia.

3.2 A *mesmificação* do outro: Land e a modernidade capitalista

Descrever Kant e o capital como dois lados de uma mesma moeda é tão necessário quanto ridículo. Uma moeda estranha, de fato, que pode sintetizar um humilde cidadão de Königsberg com a reconstrução descontrolada de um planeta.

- Nick Land, *Sede de Aniquilação*¹⁸⁶

Tempo é dinheiro.

- Ditado popular.

A filosofia seria uma ferramenta do poder. Um instrumento de criação de poder e de legitimação do poder, autorizando e justificando, através da História (ou, pelo menos, da História ocidental), as instanciações hierárquicas que desenham, em cada época, a organização social dos povos. É possível argumentar que destacar essa realidade teria sido um dos principais objetivos da primeira fase da obra de Nick Land; é o que será feito. Se na Grécia Antiga Platão argumentava pela existência de um Rei Filósofo e na Idade Média a filosofia voltava-se ao pensamento das qualidades de Deus, não é difícil inferir que no capitalismo a filosofia viria então para, de certa forma, autorizar o capitalismo.

Nesse sentido, chamo atenção para dois textos de Land onde ele mais extensamente reflete quanto a essa que seria para ele uma relação profundamente cúmplice entre a filosofia moderna e o capital: *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity* (“Kant, capital e a proibição do incesto: uma introdução polêmica à configuração da filosofia e da modernidade), de 1988, e *The death of sound philosophy* (“A morte da filosofia coesa”), o primeiro capítulo de *Thirst for*

¹⁸⁶ Tradução minha. “To describe Kant and capital as two sides of a coin is as necessary as it is ridiculous. A strange coin indeed that can synthesize a humble citizen of Königsberg with the run-away reconstruction of a planet.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 3.

Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism (“Sede de aniquilação: Georges Bataille e niilismo virulento”), de 1992. A tal morte da filosofia coesa ocorreria, para Land, com a obra de Immanuel Kant, a assim considerada pelo próprio Kant uma “revolução copernicana” na metafísica que engendraria, conforme Land, uma “civilização burguesa autorreflexiva porque sua (*Kant*) ideia de síntese (ou relação com a alteridade) (...) captura a modernidade como um problema.”¹⁸⁷ Para Nick Land, “a filosofia crítica de Kant é o ataque de pânico mais elaborado da história da Terra.”¹⁸⁸

Seu mais notável antecessor teria sido a reforma protestante — a “reação histérica de Lutero à desintegração da Cristandade”¹⁸⁹ que Land considera simultaneamente “mais bruta — e ainda mais impactante.”¹⁹⁰ Ambos se assemelham, continua Land, em sua “rigorosa demanda por uma austeridade consistente”¹⁹¹ e por ter sido Kant, como Lutero, “forçado ao conflito com uma instituição mergulhada numa tradição que ele teria ficado mais feliz em se conformar; fosse ela apenas forte o suficiente para manter os bárbaros do lado de fora.”¹⁹² Em terceiro lugar, Land chama atenção ao ar fresco que ambos os pensadores sopram nas instituições que respectivamente criticam: “Em poucos anos depois de Lutero, os jesuítas, e depois de Kant, Hegel. O catolicismo e a metafísica ambos renascidos. Afinal, o medo é o entusiasmo apaixonado pelo *mesmo*.”¹⁹³

A relação com a alteridade expressa na ideia de síntese, informada por uma paixão entusiasmada pelo mesmo, no que se o aceleracionismo quer estabelecer relações de Dentro e Fora para pensar o capital e sua relação com o mundo, é apenas porque lê o capitalismo como filosoficamente informado pelo kantianismo — que já estaria, por sua vez, estabelecendo suas críticas em relações de limite. Esse refinamento ou racionamento intelectual seria o que a própria crítica é; conforme Land, a crítica é “(...) uma questão de fronteiras, ou a delimitação dos domínios de aplicação dos conceitos. É inerente à crítica que um terreno de *impensabilidade*

¹⁸⁷ Tradução minha. “(...) a self-reflecting bourgeois civilization, because his thought of synthesis (or relation to alterity) (...) captures modernity as a problem.” LAND, Nick. *Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 60.

¹⁸⁸ Tradução minha. “Kant’s critical philosophy is the most elaborate fit of panic in the history of the Earth. Its more brutish—and even more consequential—ancestor was Luther’s hysterical reaction to the disintegration of Christendom.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 1.

¹⁸⁹ Tradução minha. “(...) Luther’s hysterical reaction to the disintegration of Christendom.” *Id.*

¹⁹⁰ Tradução minha. “(...) more brutish—and even more consequential (...). *Id.*

¹⁹¹ Tradução minha. “(...) a demand for rigorous and consistent austerity, was common to both.” *Id.*

¹⁹² Tradução minha. “(...) forced into conflict with an institution steeped in tradition with which he would have been happier to conform; if only it were strong enough to keep the barbarians at bay.” *Id.*

¹⁹³ Tradução minha. “Within a few years of Luther, the Jesuits, after Kant, Hegel. Catholicism and metaphysics both reborn. After all, fear is the passionate enthusiasm for the *same*.” *Id.*

seja delineado, ou que limites sejam estabelecidos para o exercício da atividade intelectual.”¹⁹⁴ Kant chamaria esse “terreno de *impensabilidade*” de númeno, aquilo que, em oposição ao fenômeno, não pode ser conhecido pelo nosso aparato intelectual. O que Land se coloca a fazer é buscar demonstrar que esse númeno tem *presas*. Se tem presas, é porque tem boca, e se tem boca, *vai a Roma* (tem agência); tem vontade. Quanto ao seu desenvolvimento filosófico posterior, entre Nietzsche e Bataille, Land chama atenção à influência de Arthur Schopenhauer, que lê, em *Die Welt als Wille und Vorstellung* (“O mundo como vontade e representação”), de 1819, o númeno e o fenômeno como vontade e representação:

Com Schopenhauer a abordagem do ‘númeno’ como um inconsciente energético começa a ser montada, e interpretar o númeno como vontade gera um discurso que não é especulativo, fenomenológico ou meditativo, mas diagnóstico. É esse tipo de pensamento que suplementa a genealogia de Nietzsche do desejo inumano, que se alimenta, por sua vez, no materialismo de base de Bataille, ao qual ‘númeno’ é encarado como morte impessoal e como pulsão inconsciente.¹⁹⁵

A interpretação do númeno enquanto vontade enquanto inconsciente energético enquanto morte impessoal enquanto pulsão inconsciente, que Land chama de *pessimismo ou filosofia do desejo*¹⁹⁶, expressaria de maneira cristalina as relações de fronteira intrínsecas à filosofia: “Schopenhauer, Nietzsche e Freud todos escreveram o grosso de seu trabalho num espaço inacessível às garras suadas da pedagogia estatal, como o fez também, é claro, Bataille”¹⁹⁷, ao que Land acrescenta que nem a Filosofia de Dentro nem a Filosofia de Fora

reconhecem a legitimidade do discurso do outro; pois a universidade considera seu outro incompetente, enquanto parte desse outro — admitidamente uma parte muito pequena — que roubou e aprendeu a manipular as armas do conflito filosófico considera a voz da universidade irremediavelmente manchada pela servilidade.¹⁹⁸

¹⁹⁴ Tradução minha. “Critique is a matter of boundaries, or the delimitation of domains of application for concepts. It is inherent to critique that a terrain of unthinkability is delineated, or that limits are set to the exercise of theoretical endeavour.” LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 4.

¹⁹⁵ Tradução minha. “With Schopenhauer the approach to the ‘noumenon’ as an energetic unconscious begins to be assembled, and interpreting the noumenon as will generates a discourse that is not speculative, phenomenological, or meditative, but diagnostic. It is this type of thinking that resources Nietzsche’s genealogy of inhuman desire, which feeds in turn into Bataille’s base materialism, for which ‘noumenon’ is addressed as impersonal death and as unconscious drive.” *Ibid.* p. 5.

¹⁹⁶ Tradução minha. “Pessimism, or the philosophy of desire, (...)”. *Ibid.*, p. 7.

¹⁹⁷ Tradução minha. “Schopenhauer, Nietzsche, and Freud all wrote the vast bulk of their works from a space inaccessible to the sweaty clutches of state pedagogy, as, of course, does Bataille.” *Id.*

¹⁹⁸ Tradução minha. “Neither recognizes the legitimacy of the other’s discourse; for the university considers its other to be incompetent, whilst the part of this other—admittedly a very small part—that has seized and learnt to manipulate the weaponry of philosophical strife, considers the voice of the university to be irremediably tainted by servility.” *Id.*

O *pessimismo ou filosofia do desejo* apareceria, portanto, enquanto desenvolvimento para-acadêmico do kantianismo, envolvendo a filosofia crítica de Immanuel Kant na mesma espécie de esquema com que desenha um mundo baseado em relações de fronteira; seria o nexo contínuo entre Nietzsche, Freud e Bataille pensadores pós-kantianos, sendo esse Kant modulado por Schopenhauer. A hipótese landiana aqui é a seguinte: o *capitalismo* é informado pelo kantianismo; qualquer pós-capitalismo haveria de ser, portanto, uma subversão interna dessa filosofia. Como disse Land, “o modelo especulativo de revolução é um de ‘tomar as rédeas’, o modelo pessimista é um de escape.”¹⁹⁹

O aceleracionismo apareceria primeiro enquanto uma certa composição contra-cronológica dessa constelação teórica (filosofia do desejo) a qual Land irá chamar de *materialismo libidinal*²⁰⁰; a costura de uma trama e a interpretação “energeticista” dela. O aceleracionismo realiza, assim, simultaneamente uma crítica do capitalismo e uma crítica da filosofia moderna, no que entende que são aliados incondicionais. Procedamos agora a entender, portanto, essa relação cúmplicitária entre a filosofia crítica de Immanuel Kant, o capitalismo e a modernidade, para então averiguarmos de que maneira Schopenhauer, ao modelar o kantianismo, autoriza a interpretação da vontade enquanto inconsciente energético — o que daria origem à filosofia do desejo que o aceleracionismo, através da *perspectiva energética do mundo*, busca transformar numa arma contra o próprio capitalismo.

Land melhor explica isso em seu ora citado *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity*, (“Kant, capital e a proibição do incesto: uma introdução polêmica à configuração da filosofia e da modernidade”), de 1988. É o primeiro grande texto de Land, no que ele pretende demonstrar que a modernidade capitalista é estruturada na inibição da síntese exogâmica (casar-se para fora do coletivo) que ocorre a fim de solidificar a continuidade da linhagem patriarcal, o que está fundamentalmente baseado no controle dos corpos femininos e o que engendra, por um lado, o lento genocídio do racismo sistêmico e, por outro, o contínuo deslocamento das crises políticas das metrópoles para as periferias em troca de força de trabalho. A maneira como o texto é iniciado demonstra imediatamente seu audacioso escopo:

¹⁹⁹ Tradução minha. “The speculative model of revolution is one of ‘taking over’, the pessimistic model is one of escape”. LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 9.

²⁰⁰ Tradução minha. “Libidinal materialism.” *Ibid.*, p. 30.

A fim de entender a complexa rede de raça, gênero e opressão de classe que constitui a modernidade global é bastante recompensador atentarmos-nos à evolução das políticas de *apartheid* do regime sul-africano, já que *apartheid* é direcionado à construção de um microcosmo da ordem neocolonial; uma recapitulação do mundo em miniatura.²⁰¹

Ou seja, Land pretende, nesse texto de 1988, nada menos que resolver a quicá mais persistente querela da esquerda talvez desde de Maio de 68: como comungar a realidade das opressões hoje assim chamadas *identitárias* com aquelas de classe, no que a parcela assim considerada mais ortodoxa da esquerda acredita que as “pautas identitárias” estão no caminho da verdadeira revolução socialista, falhando em perceber, ao menos segundo a leitura de Land, de que maneira, na realidade, as questões de raça, gênero e classe estão fundamentalmente tramadas umas nas outras, constituindo a própria tecitura da modernidade.

Como ele diz, é “bastante recompensador”, nesse sentido, nos atentarmos ao *apartheid* sul-africano, que, quando na altura da redação do texto, ainda se seguiria enquanto política institucional por mais quatro anos. Um regime de *apartheid* como o engendrado através do estabelecimento dos territórios segregados na África do Sul, conhecidos por bantustões, recapitularia o mundo em uma miniatura porque sua “mais básica aspiração (...) é a dissociação da política das relações econômicas”²⁰², no que, no caso sul-africano, “a população negra pode ser suspensa numa condição de simultânea distância política e proximidade econômica vis-à-vis à metrópole branca”²⁰³. Tal seria, conforme Land, o próprio o funcionamento da modernidade capitalista:

Capital sempre procurou distanciar-se na realidade — isto é, geograficamente — de sua brutal infraestrutura política. Afinal, o ideal de uma política burguesa é a ausência de política, já que o capital é nada mais que o consistente deslocamento para o mercado das tomadas de decisão sociais.²⁰⁴

²⁰¹ Tradução minha. “For the purposes of understanding the complex network of race, gender, and class oppressions that constitute our global modernity it is very rewarding to attend to the evolution of the apartheid policies of the South African regime, since apartheid is directed towards the construction of a microcosm of the neo-colonial order; a recapitulation of the world in miniature.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 55.

²⁰² Tradução minha. “The most basic aspiration of the Boer state is the dissociation of politics from economic relations”. *Id.*

²⁰³ Tradução minha. “(...) the black African population can be suspended in a condition of simultaneous political distance and economic proximity vis-a-vis the white metropolis.” *Id.*

²⁰⁴ Tradução minha. “Capital has always sought to distance itself in reality - i.e. geographically - from this brutal political infrastructure. After all, the ideal of bourgeois politics is the absence of politics, since capital is nothing other than the consistent displacement of social decision-making into the marketplace.” *Ibid.* p. 68.

Isso significa que, para Land, o formato do “estado-nação”, exportado pelo iluminismo europeu e então americano enquanto tendência modernizante dos assim chamados “Estados democráticos de direito” é, em si, a forma aparente da manutenção da ordem política internacional. Não é à toa, portanto, que seja tão popular a “solução dos dois estados” para o conflito entre Israel e a Palestina — mais precisamente descrito, na verdade, enquanto exemplo contemporâneo de *apartheid* —, no que a resposta ao problema viria apenas, na realidade, para reiterar a origem do problema em primeiro lugar, de forma que a Palestina “perderia” mesmo se ganhasse.

Porque, como diz Land, “o ideal de despolitização total ou a absoluta aniquilação da resistência às relações de mercado é uma fantasia megalomaniaca impossível”²⁰⁵, resta apenas às lideranças capitalistas, assombradas pela noção marxista de que “o comércio de trabalho em seu preço natural num mercado não distorcido (igual aos seus custos de reprodução) irá fortemente tender a expressar uma recusa política igualmente ‘natural’ do mercado”²⁰⁶, realizar uma “desagregação global do sistema político, acompanhada por uma distorção regional do sistema mundial de comércio de trabalho em favor das classes trabalhadoras nas regiões metropolitanas (‘capitalismo de bem-estar social’).”²⁰⁷

Resumidamente: porque realizar a separação completa entre a economia e a política é impossível, à luz da possibilidade da tomada dos meios de produção pelos trabalhadores resta apenas para o capitalismo fragmentar o sistema político global, e ele faz isso ao buscar inserir todas as regiões do planeta em seu próprio jogo sob o argumento de estarem, na realidade, modernizando-se ao serem concedidas o direito de ser estado-nação. É um presente de grego pois o único fim dessa operação é trocar instabilidade política por força de trabalho. Diz Land:

Já que é uma necessidade sistêmica que as condições econômicas dum mercado de trabalho não distorcido sejam acompanhadas de crise política, a ordem mundial funciona como um processo integrado baseado no fluxo de trabalho precificado do Terceiro Mundo para a metrópole (na base da forma econômica da produção de capital), e a exportação de instabilidade política da metrópole para o Terceiro Mundo (na base da forma política da soberania nacional autônoma). O mercado de trabalho

²⁰⁵ Tradução minha. “(...) this ideal of total de-politicization, or the absolute annihilation of resistance to market relations, is an impossible megalomaniac fantasy.” *Ibid.* LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 58.

²⁰⁶ Tradução minha. “labour trading at its natural price in an undistorted market (equal to the cost of its reproduction) will tend strongly to express an equally ‘natural’ political refusal of the market.” *Id.*

²⁰⁷ Tradução minha. “(...) global disaggregation of the political system, accompanied by a regional distortion of the world labour trading system in favour of the working classes in the metropolitan regions (‘welfare capitalism’).” *Ibid.* p. 59.

global é facilmente interpretado, portanto, como um sustentado desastre demográfico que é sistematicamente deslocado para longe das instituições políticas da metrópole.²⁰⁸

Essa configuração se daria porque através da filosofia de Kant haveria o que Land chama de *síntese inibida*²⁰⁹ das relações globais de parentesco e casamento²¹⁰. O deslocamento da crise para longe da metrópole em direção à periferia dependeria fundamentalmente da modulação pós-kantiana dos graus de endogamia e exogamia dos povos, constituindo, segundo Land, “a ‘base’ ou ‘infraestrutura’ última da acumulação de capital”²¹¹. Apareceria, assim, como a síntese duma “profunda continuidade cujos aspectos básicos são, por um lado, a descendência patrilinear e, por outro, uma forma lógica da identidade que já havia sido concluída em sua essência por Aristóteles.”²¹² Esses dois aspectos básicos, “o genealógico e o lógico”²¹³, diz Land, “são funções de uma posição de subjetividade masculina abstrata coincidente com o patronímico. Essa posição é o fundamento proto-cultural de tudo que é capaz de contar como o mesmo.”²¹⁴ A modernidade aparece, dessa forma, simultaneamente *moderna* e obsoleta, refinando (criticando) suas velhas preocupações econômicas e filosóficas numa forma racional/acionada. Como diz Land,

Modernidade não é meramente o compromisso entre novas formas de organização social dirigidas ao comércio e esse padrão cultural arcaico de exogamia patrilinear, mas, mais fundamentalmente, um aprofundamento do compromisso já integral para qualquer exogamia que é capaz de permanecer patrilinear. É apenas entendendo a função inibidora dos patriarcados em relação à dissipação exogâmica (uma inibição que é supremamente lógica no que conserva identidade, e por essa razão é violentamente xenofóbica) que podemos fazer sentido da produção capitalista e sua

²⁰⁸ Tradução minha. “Since it is of systematic necessity that the economic conditions of an undistorted labour market are accompanied by political crisis, the world order functions as an integrated process based upon the flow of market-priced labour into the metropolis from the Third World (on the basis of the economic form of capital production), and the export of political instability to the Third World from the metropolis (on the basis of the political form of autonomous national sovereignty). The global labour market is easily interpreted, therefore, as a sustained demographic disaster that is systematically displaced away from the political institutions of the metropolis.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 59.

²⁰⁹ *Ibid.* p. 61.

²¹⁰ *Ibid.* p. 59.

²¹¹ Tradução minha. “(...) the ultimate 'base' or 'infrastructure' of capital accumulation.” *Id.*

²¹² Tradução minha. “(...) profound continuity whose basic aspects are on the one hand patrilineal descent, and on the other a formal logic of identity that was already concluded in its essentials by Aristotle.” *Ibid.* p. 60.

²¹³ Tradução minha. “the genealogical and the logical.” *Id.*

²¹⁴ Tradução minha. “(...) functions of a position of abstract masculine subjectivity coincident with the patronymic. This position is the proto-cultural fundamemt of everything that is able to count as the same.” *Id.*

tendência a essa peculiar mutação cultural que foi batizada por Mussolini como 'fascismo'.²¹⁵

Haveria algo de muito “especial” ao capitalismo que aparece enquanto o que lhe haveria de particular, que seria sua racionalidade, e que lhe permitiria, mesmo sendo o capital, segundo Land, “nada menos que agressão explícita contra as massas”²¹⁶, subsistir indefinidamente, enquanto outros regimes de exploração já sucumbiram “por muito menos”. Porque o capitalismo é a forma moderna da exogamia patrilinear, a dominação do outro, diz Land, “é inibida em princípio de desenvolver-se em absorção completa porque é a alteridade residual do outro o que condiciona a geração de excesso.”²¹⁷ O capitalismo não quer exterminar, quer colonizar; não quer sumir com o outro, mas transformá-lo no mesmo.

Mas isso é o que o capitalismo quer (ou não quer, enfim); no limite, a *mesmificação* do outro engendra um lento, porém constante apagamento de culturas e até mesmo de povos e etnias inteiras. O que se passa é que o capitalismo faz isso muito lentamente. Nesse sentido, Land chama atenção para o mercado de escravos que precedeu o capitalismo e para o nazismo que, de certa forma, apareceria enquanto desenvolvimento pós-imperial do capitalismo — um que nós proibimos. E se é possível dizer que proibimos por motivos óbvios, também o capitalismo haveria de ser descartado enquanto opção entre os modelos de organização social, e pelos mesmos exatos motivos; o nazismo é apenas a forma escandalosa do capitalismo; ou, noutras palavras: o capitalismo é apenas a versão discreta do nazismo.

“A diferença paralela entre o mercado de trabalho e o mercado de escravos”²¹⁸ (ou entre os modelos neo-colonial kantiano e colonial pré-iluminista de exploração), diz Land, “é baseada no fato de que não se pode fazer negócios com um escravo (apenas com um dono de escravos) e, similarmente, não se pode basear um sistema de parentesco num harém.”²¹⁹ O nazismo seria o retorno ao modelo colonial do mercado de escravos, um que “deixa aberta a possibilidade de

²¹⁵ Tradução minha. “Modernity is not merely a compromise between novel forms of commercially driven social organization and this archaic cultural pattern of patrilinear exogamy, but more funda mentally, a deepening of the compromise already integral to any exogamy that is able to remain patrilinear. It is only by understanding the inhibitive function of patriarchies in relation to exogamic dissipation (an inhibition that is supremely logical in that it conserves identity, and which is for this reason violently xenophobic) that we can make sense of capital production and its tendency towards the peculiar cultural mutation that was baptised by Mussolini as 'fascism'.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 60 – 61.

²¹⁶ Tradução minha. “(...) nothing other than an explicit aggression against the masses.” *Ibid.* p. 58.

²¹⁷ Tradução minha. “(...) is inhibited in principle from developing into full absorption, because it is the residual alterity of the other that conditions the generation of surplus.” *Ibid.* p. 61

²¹⁸ Tradução minha. “The parallel difference between a labour market and a slave market.” *Id.*

²¹⁹ Tradução minha. “(...) is based on the fact that one cannot do business with a slave (but only with a slave-owner), and similarly, one cannot base a kinship system upon a harem.” *Id.*

desestabilização radical da metrópole”²²⁰, o que é proibitivo ao capital pois concentra geograficamente na institucionalidade política e em seu entorno imediato a crise, o que se expressa em literais fábricas de extermínio de povos *estranhos*. Por isso, o nazismo se apresenta enquanto via absolutamente impraticável (pois obscena) do fascismo engendrado pelo modo de produção capitalista, restando apenas o racismo. O racismo, diz Land,

Como um processo regulado, autônomo e indefinidamente suspenso de genocídio (em oposição ao histórico e insustentável genocídio dos nazistas) é a real condição de persistência para um sistema econômico global que é dependente de um preço agregado de trabalho que se aproxima do custo de sua mera subsistência, e (*é também dependente*) portanto, de uma disponibilidade crescente de força de trabalho que deve ser constantemente ‘estimulada’ a esse mercado pela aniquilação da pobreza. Se o fascismo é evadido nas sociedades metropolitanas é apenas porque um genocídio crônico e passivo trilha a aurora do capital e do mercado de *commodities* ao se dispersarem pelo Terceiro Mundo, ‘disciplinando’ o mercado de trabalho e assegurando-se que o preço das *commodities* básicas não estão altas ao ponto de distribuírem o capital de volta para as sociedades de produções primárias.²²¹

O capitalismo seria a inibição da exogamia como manutenção duma patrilinearidade que é, por sua vez já, exogâmica; é nessa aparência de contrassenso que reside a síntese inibida que dá a ignição no capitalismo ao não permitir que o outro me contate enquanto outro; pode acontecer apenas quando posso lhe conceber enquanto deturpação do mesmo. Para Land, a história do mesmo e a história do patriarcado sintetizar-se-iam na síntese inibida da exogamia: uma boas-vindas ao outro que é sempre mediada, limitada, não lhe dando a oportunidade de ser o mesmo que ele mesmo (isto é, o outro), podendo apenas ser quando o sendo enquanto mesmo de mim, que é (sou) o outro dele; o outro do outro. Sendo assim, na verdade, nem a mim nem ao outro é dada realmente a possibilidade de ser o outro, pois eu só poderia ser o outro para o outro, mas o outro foi tornado mesmo.

Encarar o “problema do capitalismo” dum ponto de vista filosófico implica pensar as condições filosóficas que o possibilitam e, como diz Land, essas condições não são dadas

²²⁰ Tradução minha. “(...) leaves open the possibility of a radical destabilization of the metropolis.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 61.

²²¹ Tradução minha. “Racism, as a regulated, automatic, and indefinitely suspended process of genocide (as opposed to the hysterical and unsustainable genocide of the Nazis) is the real condition of persistence for a global economic system that is dependent upon an aggregate price of labour approximating to the cost of its bare subsistence, and therefore upon an expanding pool of labour power which must be constantly 'stimulated' into this market by an annihilating poverty. If fascism is evaded in metropolitan societies it is only because a chronic passive genocide trails in the wake of capital and commodity markets as they displace themselves around the Third World, 'disciplining' the labour market, and ensuring that basic commodity prices are not high enough to distribute capital back into primary producer societies.” *Ibid.* p. 76.

imediatamente, não estão *na cara*, sendo, na realidade o “próprio pensamento do ‘de imediato’ (que Kant chamava de *a priori*), ele mesmo, o traço predominante da razão contemporânea”²²². O iluminismo — e por consequência o capitalismo — seria, do ponto de vista humano, naturalmente paradoxal e paradoxalmente natural; para o planeta é, é claro, apenas naturalmente natural: não há nada que não o seja. É apenas para nós seres humanos que parece que tem algo de errado. Seria possível aqui denunciar o sofrimento que também atravessam as plantas e os animais, mas, mesmo assim, tais perspectivas estariam subsumidas na perspectiva planetária — por sua vez subsumida na perspectiva celestial que, por sua vez, está subsumida na cósmica —, em que rigorosamente nada demais está acontecendo. A ideia de antropoceno enquanto idade geológica não passa de outro delírio humanista, apresentando-se, na realidade, enquanto a consequência teórica óbvia que encapsula a verdade do mundo iluminista: nós somos especiais; *muito* especiais. Uma sociedade iluminista, diz Land,

quer tanto aprender quanto legislar para sempre, abrir-se ao outro e consolidar-se a si mesma por dentro, expandir-se indefinidamente ao reproduzir-se enquanto mesmo. Seu sonho último é crescer enquanto permanece idêntica ao que era, tocar o outro sem vulnerabilidade.²²³

Land compara essa organização social, em sua “volátil mistura de ódio e desejo que tipifica uma cultura exploradora”²²⁴ com a “psicologia do estupro”²²⁵, acrescentando que o “paradoxo do iluminismo”²²⁶, ou paradoxo da iluminação, acrescente-se (em inglês *enlightenment*, a palavra utilizada por Land, significa as duas coisas), “é a tentativa de fixar uma relação estável com algo que é radicalmente outro, pois enquanto o outro é rigidamente posicionado numa relação já não é mais inteiramente outro.”²²⁷ Land não mede palavras para colocar essa negação inteiramente na conta de Kant, no que seria o efeito obrigatório da ideia de *a priori* — mais especificamente, o tipo de conhecimento que Kant chamava de *sintético a*

²²² Tradução minha. “(...) at all all clear in advance, indeed, the very thought of the 'in advance' (which Kant called the *a priori*) is itself the predominant trait of our contemporary reason.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 63.

²²³ Tradução minha. “An enlightenment society wants both to learn and to legislate for all time, to open itself to the other and to consolidate itself from within, to expand indefinitely whilst reproducing itself as the same. Its ultimate dream is to grow whilst remaining identical to what it was, to touch the other without vulnerability.” *Id.*

²²⁴ Tradução minha. “(...) volatile mixture of hatred and desire that typifies an exploitative culture (...)” *Ibid.* p. 64.

²²⁵ Tradução minha. “(...) the psychology of rape.” *Id.*

²²⁶ Tradução minha. “The paradox of enlightenment (...)” *Id.*

²²⁷ Tradução minha. “(...) an attempt to fix a stable relation with what is radically other, since insofar as the other is rigidly positioned within a relation it is no longer fully other.” *Id.*

priori: “Esse absurdo lógico agressivo (o absurdo da lógica ela mesma) atinge seu zênite na filosofia de Kant: (...) conhecimento que é tanto dado anteriormente por nós mesmos e, ainda assim, acrescenta ao que nós sabemos.”²²⁸ Se o que sabemos é sabido de maneira independente de sua exterioridade, o outro já morreu pela nossa mão; morreu *a priori*.

A fim de compreender, portanto, o teor revolucionário da *revolução copernicana* realizada pela filosofia crítica de Kant e sua relação com o capitalismo, vale a pena atentarmos-nos rapidamente a um texto escrito entre a primeira (*der reinen Vernunft*, “da Razão Pura”), de 1781) e a segunda crítica (*der praktischen Vernunft* “da Razão Prática”, de 1788), que é o *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*, (“Fundamentação da Metafísica dos Costumes”); ou seja, nessa altura (depois da primeira crítica) a revolução copernicana — isto é, realizar para o pensamento o que Nicolau Copérnico havia realizado para a astronomia com o heliocentrismo — já havia ocorrido. A *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, de 1785, apareceria enquanto espécie de ensaio para a segunda crítica, e nela Kant quer nada menos que elaborar uma lei moral universal, e é necessário ressaltar a absoluta literalidade do que se entende aqui por *universal*: Kant quer pensar numa lei que “tem de valer não só para os homens mas para todos os seres racionais em geral.”²²⁹

Quem são esses outros seres racionais? Do que Kant está falando? Ora, Kant não quer nada menos que legislar até mesmo para alienígenas — os quais ele menciona diversas vezes em sua obra²³⁰ —, o que, somado a ele jamais ter, em sua vida, deixado sua cidade natal, expressa de maneira cristalina a operação kantiana: conhecer tudo sem precisar ir Lá Fora; saber de tudo sem jamais precisar conhecer coisa outra que não o mesmo. Essa operação é realizada por Kant ao realizar um levantamento da metafísica ocidental e então depurá-la, *curá-la* como se faz a certas comidas quando queremos preservar sua textura e intensificar seu sabor; é o que a crítica é. Kant observa de que maneira a filosofia tem historicamente se dividido entre a corrente empirista e a corrente racionalista, engajando, assim, conforme Nick Land, com o “(...) argumento básico dos empiristas de que o conhecimento é sintético e *a posteriori*,

²²⁸ Tradução minha. “This aggressive logical absurdity (the absurdity of logic itself) reaches its zenith in the philosophy of Kant, (...) knowledge that is both given in advance by ourselves, and yet adds to what we know.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 64.

²²⁹ KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70. 2007. p. 42.

²³⁰ LOSCH, Andreas. *Kant's wager: Kant's strong belief in extraterrestrial life, the history of this question and its challenge for theology today* in *International Journal of Astrobiology*, v. 15, n. 4. 2016. p. 261-270. DOI: 10.1017/S1473550416000112. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/international-journal-of-astrobiology/article/abs/kants-wager-kants-strong-belief-in-extraterrestrial-life-the-history-of-this-question-and-its-challenge-for-theology-today/CE39900C5CE58194FE2933CE9D3BEAC7>. Acesso em: 31 jan. 2025.

significando que ele toma a forma de uma adição ao que é inerente à razão, e portanto segue-se da experiência (ou um encontro com o que está fora de nós)”²³¹ e com o argumento racionalista de que “conhecimento é caracteristicamente analítico e *a priori*, significando que é derivado do que é já inerente à razão, e portanto antecipa a experiência ao construir sistemas de dedução lógica de axiomas básicos.”²³²

Kant transversaliza relações aparentemente obrigatórias entre *a priori* e racional e *a posteriori* e sintético, no que o transcendente, ou o objeto da metafísica, não desapareceria; tornar-se-ia, apenas, transversal. Soa intuitivo que o conhecimento *a priori* seja um que possa ser concatenado única e exclusivamente através do uso da lógica formal, ou seja, analítico, e que o *a posteriori* seja, diferente desse, um adquirido através da experiência, de forma que o conhecimento seria algo sintético. Mas e se houvesse um conhecimento que pudesse ser simultaneamente sintético e *a priori*? Essa é, de certa forma, a pergunta fundamental de Kant, o que se expressa na revolução do pensamento que Land descreve como a mudança de “‘como deve ser a mente de maneira a conhecer’ para (...) ‘como devem ser os objetos de maneira a serem conhecidos?’”²³³ Tudo muda com essa questão, e sua resposta é o sintético *a priori*: um conhecimento que, conforme Land, “nos conta da experiência sem derivar da experiência”²³⁴, explicando que

Porque o conhecimento desenvolvido das condições de experiência pressupõe uma relação com o fora, é sintético e não analítico, mas porque é concernente à pura forma da relação enquanto tal e não ao material sensorial envolvido na relação, é *a priori* e não *a posteriori*. É somente concernente às formas de aparência, a maneira imutável em que coisas devem ser se elas forem ser para nós.²³⁵

²³¹ Tradução minha. “(...) basic argument of the empiricists to be that knowledge is synthetic and a posteriori, meaning that it takes the form of an addition to what is inherent to reason, and thus follows from experience (or an encounter with what is outside ourselves).” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. p. 76. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 65.

²³² Tradução minha. “(...) knowledge is characteristically analytic and a priori, meaning that it is derived from what is already inherent to reason, and thus anticipates experience by constructing systems of logical deduction from basic axioms.” *Id.*

²³³ Tradução minha. “(...) a shift from the question ‘what must the mind be like in order to know?’ to the question ‘what must objects be like in order to be known?’” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 68.

²³⁴ Tradução minha. “(...) telling us about experience without being derived from experience.” *Ibid.* p. 67.

²³⁵ Tradução minha. “Because a developed knowledge of the conditions of experience presupposes a relation to the outside it is synthetic and not analytic, but because it concerns the pure form of the relation as such and not the sensory material involved in the relation it is a priori and not a posteriori. It is solely concerned with the forms of appearance, or the unchanging manner in which things must be if they are to be for us.” *Id.*

Eis a síntese transcendental — a forma universal da relação com a alteridade, no que, conforme Land, “(...) a razão ocidental se move de uma economia paroquial para um sistema em que, abandonando o projeto de repressão do tráfico com a alteridade, resolve-se, ao invés disso, controlar o sistema de trocas.”²³⁶ Como disse Deleuze, “a primeira coisa que a revolução copernicana nos ensina é que somos nós que comandamos”²³⁷ e seu fundamento “consiste no seguinte: substituir a ideia de uma harmonia entre o sujeito e o objeto (acordo *final*) pelo princípio de uma submissão *necessária* do objeto ao sujeito”.²³⁸ Nenhuma imagem melhor ilustraria essa passagem do que a saída da caverna de Platão; conforme Anna Greenspan em seu *Capitalism's Transcendental Time Machine* (“A máquina do tempo transcendental do capitalismo”), de 2000, “Depois de Kant, (...) o prisioneiro tornou-se um legislador.”²³⁹

Land procede, então, em *Kant, capital e a proibição do incesto*, a realizar uma comparação entre a síntese transcendental kantiana com a operação antropológica perante o que Claude Lévi-Strauss chama em *Les structures élémentaires de la parenté* (“As estruturas elementares de parentesco”), de 1949, de comida normal e comida rica. Grosso modo, a comida normal seria aquela orientada à subsistência de quem produziu essa comida, enquanto a comida rica é reservada para o outro. Como diz Land,

A diferença entre comida rica e comida normal mapeia na diferença entre filiação (relação por sangue) e aliança (relação por casamento). Isso porque a comida rica ocupa a posição da mulher dentro de um sistema de casamento regulado pela exogamia patrilinear, com seu produtor renunciando que possa ser sua, ecoando, portanto, a proibição do incesto.²⁴⁰

²³⁶ Tradução minha. “Between medieval scholasticism and Kant Western reason moves from a parochial economy to a system in which, abandoning the project of repressing the traffic with alterity, one resolves instead to control the system of trade.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity* in **Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007**. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 67.

²³⁷ DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2009. e-book não paginado. Capítulo 1.

²³⁸ *Id.*

²³⁹ Tradução minha. “After Kant (...), the prisoner has become a legislator.” GREENSPAN, Anna. *Capitalism's Transcendental Time Machine*. Ontario, Canadá: Miskatonic Virtual University Press. 2023. p. 14-15.

²⁴⁰ Tradução minha. “The difference between rich food and normal food maps onto the difference between filiation (relation by blood) and alliance (relation by marriage). This is because rich food occupies the position of women within a marriage system regulated by patrilinear exogamy, with its producer renouncing it for himself, and thus echoing the prohibition of incest.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity* in **Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007**. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 68

A interpretação antropológica do funcionamento da comida rica repetiria o movimento kantiano de “reduzir síntese a um horizonte expandido de formas imutáveis”²⁴¹ porque, segundo Land, se a comida rica, que “vem de fora do sistema”²⁴², “é o elemento primordial de troca, sua metamorfose na *commodity* moderna pode ser vista como uma supressão da síntese radical, o processo problemático que provê à razão iluminista seu objeto de pensamento.”²⁴³ A forma *commodity* encapsularia, portanto, a síntese transcendental (inibição da síntese radical) tanto em seu aspecto lógico quanto em seu aspecto genealógico justamente porque, conforme Land, a crítica kantiana que a autoriza (e, em certo sentido, pede por ela) se dá em querer, ainda, falar da alteridade radical ao mesmo que se afirma que dela não há nada a saber e portanto muito menos a se dizer:

O vocabulário que descreveria o outro da metafísica está ainda inscrito dentro da metafísica, já que dentro e fora são ambos conceitualmente determinados por dentro, num mito binário ou sintoma cultural de organização dual. É, portanto, a inibição da síntese — delimitação imediata da alteridade — que monta a forma moderna da pergunta ontológica: ‘como sabemos que a matéria existe?’ Que a própria existência da materialidade seja problemática para o pensamento iluminista é sintomático dos sistemas de trocas coloniais que lhe correspondem. A alteridade não pode ser registrada a não ser que esteja inscrita dentro do sistema de acordo com eixos interconectados de valor de troca (preço) e o patronímico, ou, em outras palavras, como uma *commodity* com um dono.²⁴⁴

Para Nick Land, o que acontece no capitalismo é que a inibição da síntese radical se expressaria tanto na necessidade de realizar uma separação entre a institucionalidade política e as catástrofes econômicas invariavelmente engendradas pela necessidade de um mercado não distorcido, quanto num “deslocamento fundamental entre filiação e aliança ao simultaneamente

²⁴¹ Tradução minha. “(...) reduce synthesis to an expanded horizon of unchanging forms.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 69.

²⁴² Tradução minha. “Rich food comes from outside the system”. *Ibid*, p. 68.

²⁴³ Tradução minha. “(...) primordial element of trade, its metamorphosis into the modern 'commodity' can be seen as a suppression of radical synthesis, the problematic process which provides enlightenment reason with its object of thought.” *Id*.

²⁴⁴ Tradução minha. “The vocabulary that would describe the other of metaphysics is itself inscribed within metaphysics, since the inside and the outside are both conceptually determined from the inside, within a binary myth or cultural symptom of dual organization. It is thus the inhibition of synthesis - the delimitation of alterity in advance - that sets up the modern form of the ontological question: 'how do we know that matter exists?' That the very existence of materiality is problematic for enlightenment thought is symptomatic of the colonial trading systems that correspond to it. Alterity cannot be registered, unless it can be inscribed within the system, according to the interconnected axes of exchange value (price) and the patronymic, or, in other words, as a commodity with an owner.” *Ibid*. p. 71.

desregular a aliança e abstrair-se das implicações de parentesco”²⁴⁵ — seriam esses dois processos os dois lados duma mesma moeda (“uma moeda estranha, de fato”²⁴⁶...), no que a modernidade seria, para Land, constituída por essa relação simbiótica entre o capital e o patriarcado quando modulados pela síntese transcendental do kantianismo.

A não-distorção da economia global é exportada para a periferia do capitalismo sob a forma de crise, de maneira que na metrópole tudo possa “seguir na mesma”; para que nada mude, tudo tem que mudar, mas a visão dessa mudança é distanciada do centro capitalista, e essa operação é realizada para estruturar precisamente como do ponto de vista de uma exogamia patrilinear, tudo pode, também, mudar, sem que nada realmente mude — que é o que, para Land, Kant está fazendo através de sua crítica à metafísica ocidental, o que vem, eventualmente, impregnar-se irremediavelmente ao pensamento ocidental, em certo sentido constituindo até hoje, ainda, a última boa nova. Land resume da seguinte forma:

O elo antropológico primordial entre casamento e troca é dissolvido de maneira que o capital possa étnica e geograficamente pôr suas consequências em quarentena, longe dele. A questão do racismo, que aparece sob o capital patriarcal como o padrão de um mercado global de mulheres (o paroquialismo no sistema de violência misógina; a não-emergência de uma exogamia transcultural) é, portanto, mais complexa do que pode parecer, e está tramada nos profundos porém com frequência paradoxais caminhos para o funcionamento do patriarcado e do capital. Racismo sistêmico é um sinal de que posições de classe dentro da economia geral (transnacional) estão sendo distribuídas numa base racial, o que implica um *apartheid* efetivo, se não jurídico.²⁴⁷

Land finaliza essa que poderia ser considerada sua introdução ao capitalismo kantiano ou *kapitalismo* explorando de que maneira a segunda e a terceira crítica de Kant lapidariam o teor imperialista e fanático de sua filosofia. As implicações morais da síntese transcendental que, como dissemos, Kant esboça em *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785), são melhor elaboradas na segunda crítica, a *Kritik der praktischen Vernunft* (“Crítica da Razão

²⁴⁵ Tradução minha. “(...) fundamental dislocation between filiation and alliance by simultaneously de-regulating alliance and abstracting it from all kinship implications.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 72.

²⁴⁶ LAND, Nick. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 5.

²⁴⁷ Tradução minha. “The primordial anthropological bond between marriage and trade is dissolved, in order that capital can ethnically and geographically quarantine its consequences from itself. The question of racism, which arises under patriarchal capital as the default of a global trade in women (a paroquialism in the system of misogynistic violence; the non-emergence of a trans-cultural exogamy), is thus more complex than it might seem, and is bound in profound but often paradoxical ways to the functioning of patriarchy and capital.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 72.

Prática”), de 1788. Na obra de 1785, Kant quer pensar no que ele chama de *imperativo categórico*, que possibilitaria uma moral universal. O imperativo categórico seria como que a forma moral da síntese transcendental, e seu funcionamento enquanto lei moral universal haveria de se dar na possibilidade que tal lei fosse extraída do mero conceito de imperativo categórico.

A capacidade que a fórmula do imperativo categórico, enquanto pretensa lei moral universal tem — a de ser derivada do mero conceito de imperativo categórico — é o que o imperativo categórico é. Ele é uma coisa que tem que poder ser derivada do conceito sem como que ofender a lógica formal. Um imperativo que é hipotético, não se sabe de antemão. Um imperativo, porém, que é categórico, eu sei dele imediatamente, e é justamente seu aspecto de *categoria* o que implica a verdade da fórmula, visto que o *imperativo* já faz com que se seja necessidade máxima a conformidade, de forma que “nada mais resta senão à universalidade de uma lei em geral à qual a máxima de ação deve ser conforme”²⁴⁸.

Um conhecimento analítico *a posteriori* ser lei moral universal seria impossível porque a agência do sujeito impossibilitaria que o que se encontra no fim, no *a posteriori*, fosse *sempre* idêntico ao que se encontra no início, no analítico. Contudo, é justamente a agência do sujeito o que permitiria que *sintetizasse-se* algo que fosse igual ao *a priori*. Seria isso o imperativo categórico. Esse *imperativo* de “sintetizar o *a priori*”, sendo esse *a priori* um que na inexistência de condição limitante, só poderia ser um que se queira que se torne universal, um que invariavelmente então poderia e não senão até mesmo seria imediata e autonomamente querido e acatado por todos os homens e outros seres racionais - sejam eles quem forem.

É impossível que o imperativo categórico fosse um cujo conceito não se concatenasse logicamente em sua fórmula pois para tal ele implicaria em um em que seriam ainda os objetos capazes de regularem o sujeito, o que é proibitivo para o kantianismo. Dessa forma, o imperativo categórico não poderia ser outro que não “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.”²⁴⁹ O que Kant quer fazer na *Crítica da Razão Prática* é desenvolver e melhor depurar a estruturação dessa lei, que seria a formulação moral da síntese transcendental, no seu sistema crítico como um todo. O que ele consegue com isso, segundo Land, é instaurar um “ultra-império que Kant chama ‘império dos

²⁴⁸ KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2007. p. 59.

²⁴⁹ *Id.*

fins' (*Reich der Zwecke*)”²⁵⁰; e se essa noção já deixa um odor *estranho* no ar, seria porque, realmente, há algo de podre no reino kantiano. “O sujeito prático de Kant”, diz Land, “já prefigura um führer surdo, latindo ordens impossíveis que parecem vir de outro mundo.”²⁵¹

O imperativo categórico quebraria com a moral pré-moderna das religiões monoteístas porque, segundo Land, “seus códigos morais serviam como legitimação de projetos imperiais em seus períodos de ascendência”²⁵²; de maneira invertida, a moral kantiana seria, por sua vez, “legitimada pelo posicionamento de uma jurisdição imperial ou universal. Só é moral aquilo que pode ser demandado de todo ser racional incondicionalmente.”²⁵³ A lei desse império dos fins seria o que o imperativo categórico é, “derivando da pureza do conceito e, portanto, ditado pelo absoluto monólogo da razão colonial.”²⁵⁴ Consolidar a hipótese landiana de que a proibição do incesto é o que configuraria hoje o imperativo categórico implica assumir que o fim da moral seria, no limite, legislar sobre a sexualidade, o que se daria na delimitação do que é um tabu e o que não é. Como diz Robert Anton Wilson em *Prometheus Rising* (“Ascensão de Prometeu”), de 1985,

Às vezes é erroneamente afirmado que não existem tabus sexuais universais. Isso não é verdade. Há um *omni-proposital* tabu que existe em toda tribo. Esse tabu estipula que a sexualidade não deve ser não regulada pela tribo. Isto é, ainda que nenhum outro tabu seja universal, o tabu contra viver sem tabus permanece constante. Toda tribo tem seus banimentos e seus *você-não-deve*, mas nenhuma tribo permite ao indivíduo escolher sua própria configuração. Um presidente americano não pode se casar com sua própria irmã (se ele quiser ser reeleito); o faraó do Egito *tinha* que se casar com sua própria irmã.²⁵⁵

²⁵⁰ Tradução minha. “(...) an ultra-empire that Kant names the 'empire of ends' [Reich der Zwecke].” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 74.

²⁵¹ Tradução minha. “Kant's practical subject already prefigures a deaf führer, barking impossible orders that seem to come from another world.” *Id.*

²⁵² Tradução minha. “moral codes served as legitimations of imperial projects in their periods of ascendancy”. *Id.*

²⁵³ Tradução minha. “(...) legitimated by the position of imperial or universal jurisdiction. Only that is moral which can be demanded of every rational being unconditionally.” *Id.*

²⁵⁴ Tradução minha. “(...) stemming solely from the purity of the concept, and thus dictated by the absolute monologue of colonial reason.” *Id.*

²⁵⁵ Tradução minha. “It is sometime mistakenly stated that there are no universal sexual taboos. This is not true. There is one omni-purpose taboo which exists in every tribe. That taboo stipulates that sexuality shall not be unregulated by the tribe. That is, even though no other taboos are universal, the taboo against living without taboos remains constant. Every tribe has its own set of verbots and thou-shalt-nots, but no tribe allows the individual to choose his or her own set. An American President may not marry his own sister (if he wants to get re-elected); an Egyptian Pharaoh had to marry his own sister.” WILSON, Robert Anton. *Prometheus Rising*. Los Angeles, EUA: New Falcon. 1983. p. 126.

O capital como modernização da exogamia patrilinear seria, segundo Land, “o ponto em que uma cultura recusa a possibilidade — que ela mesma engendrou — de empurrar a proibição do incesto ao seu limite”²⁵⁶, no que “quando discutimos o capital em sua concretude, estamos simultaneamente discutindo a frustração da tendência cultural das sociedades humanas em direção à exogamia expansiva.”²⁵⁷ A moralidade baseada na descendência incestuosa do faraó é, segue Land, “ainda detectável, mas sublimada numa administração impessoal. A lei é aquela que não pode ser legitimamente discutida, e é, portanto, uma imposição unilateral e sem resposta.”²⁵⁸ A segunda crítica seria para Land, dessa forma, uma radicalização da primeira crítica que expõe o caráter iminentemente fanático que constituiria de maneira essencial sua xenofobia: “Enquanto conhecimento teórico é aberto a uma negociação limitada com a alteridade, a certeza moral ou prática é proibida de entrar em relação com qualquer coisa fora de si mesma, exceto para dar comandos”²⁵⁹, no que “a justiça deve ser feita sem negociação.”²⁶⁰ Seria apenas com a terceira crítica, contudo, a *Kritik der Urteilkraft* (“Crítica do Julgamento”), de 1790, que o kantianismo atingiria sua forma bélica final ao complexificar o horizonte do sintético *a priori*; tornaria-o, segundo Land, explicitamente agressivo:

Se a primeira crítica corresponde à economia apropriativa ou *commodificação*, e a segunda crítica corresponde à jurisdição imperial, a terceira crítica corresponde ao exercício da guerra nas margens do sistema global que continuam a resistir tanto o mercado quanto a administração. É concernente ao tipo de prazer experienciado quando um objeto demonstra uma submissão extrajurídica ou humilhação antes da faculdade do julgamento; uma experiência que Kant associa à contemplação da beleza.²⁶¹

²⁵⁶ Tradução minha. “(...) the point at which a culture refuses the possibility - which it has itself engendered - of pushing the prohibition of incest towards its limit.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 62 - 63.

²⁵⁷ Tradução minha. “(...) when we discuss capital in its historical concrete ness, we are simultaneously discussing a frustration of the cultural tendency of human societies towards expansive exogamy.” *Ibid.* p. 62.

²⁵⁸ Tradução minha. “(...) still detectable, but sublimated into an impersonal administration. The law is that which cannot be legitimately discussed, and which is therefore an unresponsive or unilateral imposition.” *Ibid.* p. 74.

²⁵⁹ Tradução minha. “Where theoretical knowledge is open to a limited negotiation with alterity, practical or moral certainty is forbidden from entering into relation with anything outside itself, except to issue commands.” *Ibid.* p. 74.

²⁶⁰ Tradução minha. “(...) justice must be prosecuted without negotiation.” *Ibid.* p. 63.

²⁶¹ Tradução minha. “If the first Critique corresponds to appropriative economy or commodification, and the second critique corresponds to imperial jurisdiction, the third critique corresponds to the exercise of war at those margins of the global system that continue to resist both the market and the administration. It is concerned with the type of pleasure that is experienced when an object demonstrates an extra-juridical submission or abasement before the faculty of judgment; an experience which Kant associates with the contemplation of beauty.” *Ibid.* p. 74 – 75.

Esse “prazer experienciado quando um objeto demonstra uma submissão extrajurídica” é o que simultaneamente fia as implicações últimas da síntese transcendental e, também, expõe sua perversidade. Seria, de certa forma, quando a filosofia de Kant realmente torna-se *crítica*; como disse Marcos Nobre, “‘crítica’ significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que *ainda* não é mas *pode* ser.”²⁶² Como no caso de uma doença, sintomas visíveis, sejam eles inteiramente externos ou protuberâncias internas para fora, tornam uma condição de falta de saúde que poderia ser, até então, razoavelmente administrável, numa que é incorrigivelmente *crítica*. O crítico é o que *dá nas vistas*, anunciando a iminência de um certo porvir. Nesse sentido, a terceira crítica kantiana apareceria para Land como uma obscenidade que funciona ao mesmo tempo como prenúncio e orientação às sociedades futuras.

Se a primeira crítica já traça, através da alteridade residual do outro, a existência de um excesso à cognição que é imediatamente subsumido à lógica do mercado — o excesso é capitalizado; o outro é precificado —, a terceira crítica implicaria à aparição desse excesso um sentimento de prazer. Land caracteriza esse movimento como “essencialmente extorsivo”²⁶³ e então explica que “esse excesso não é um excedente de certeza derivando de dimensões de objetividade possuídas imediatamente pela intuição e portanto de direito, mas mais um excedente de compra perante o objeto”²⁶⁴, isto é, habilita-se já antes do contato com a alteridade todo o escopo no qual ela pode e deve (logicamente) se apresentar; tocar o outro sem abrir-se à vulnerabilidade, o que, como apontado, Land compara à “psicologia do estupro”²⁶⁵. Tal seria a operação necessária justamente porque a alteridade teria conosco a mesma relação que temos com ela: o mesmo não está nem aí para o outro, da mesma forma que jamais poderemos saber nada do númeno, ainda que seja ele o que informa o fenômeno:

Kant argumenta que nós não temos um direito transcendental de esperar que as leis naturais sejam suficientemente homogêneas para nós as apreendermos. Quando confrontada com a heterogenia da intuição, a razão deve engajar numa espécie de aposta pascaliana; assumir um sistema inteligível de natureza apenas porque não há nada a perder ao se fazer isso. A submissão do fora de maneira geral ao dentro de

²⁶² NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar. 2004. p. 9.

²⁶³ Tradução minha. “(...) essentially extortative”. LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 75.

²⁶⁴ Tradução minha. “This excess is not a surplus of certainty stemming from dimensions of objectivity possessed in advance of intuition, and thus by right, but rather a surplus of purchase upon the object.” *Id.*

²⁶⁵ *Ibid.*, p. 64.

maneira geral, ou da natureza à ideia — isto é, a conquista — não é garantida por nenhum princípio.²⁶⁶

A estratégia para o iluminismo torna-se bastante óbvia quando se diagrama o sistema inteligível que dá conta do outro sem nem o aniquilar nem com ele genuinamente trocar, mas que quer dele muito lentamente se alimentar. Dizer que seria uma estratégia de dominação seria tautológico pois dominação é do que se trata essa própria sistematização, e sua diagramação se dá especificamente na elaboração de uma estratégia eterna para um jogo infinito; a terceira crítica representaria a passagem da estratégia à tática. A estratégia é concernente ao fora de campo, seja ele de jogo ou de batalha; são as ações que transcendem o jogo ou a batalha enquanto estão acontecendo. A tática, por sua vez, é concernente ao dentro do campo; são ações que dizem respeito única e exclusivamente àquela ocasião.

A tática para o sucesso da estratégia do sintético *a priori* enquanto motor do mundo moderno é aquela que pode ser vista na composição entre a figura séria e pretensamente charmosa de exploradores quando juntos dos “selvagens” que conheciam como se num museu muito especial — um em que as peças estão sendo criadas naquele exato momento para apreciação estética de sua clientela. Acompanhado da sobriedade irônica desse Indiana Jones arquetípico, o semblante confuso das populações que buscavam receber como bons anfitriões esse *estranho* estranho, incertos ainda se podiam confiar em seu charme e em sua enigmática aparência de sabedoria.

Talvez nenhuma obra de arte melhor ilustre essa imagem do que os filmes hollywoodianos do arqueólogo-ladrão (outra tautologia?) Indiana Jones, mas um bom exemplo real é a fotografia de Hiram Bingham III e Pablito. Bingham foi o historiador da Universidade de Yale que teria descoberto Machu Picchu em 1911, e Pablito era um menino que residia nas redondezas do local com sua família, totalmente isolados da sociedade peruana, tendo o garoto levado Bingham até as ruínas. Pablito é considerado o primeiro guia de Machu Picchu, e seu nome revela que os espanhóis já souberam antes desse lugar, mas se esqueceram. Também as fotografias do Rei Leopoldo II da Bélgica, no Congo, expressam a síntese transcendental tornada tática, mas essas se dão num momento em que os “selvagens” já não mais suspeitam

²⁶⁶ Tradução minha. “Kant argues that we have no transcendental right to expect natural laws to be sufficiently homogeneous for us to grasp. When confronting the heterogeneity of intuition, reason must engage in a kind of Pascalian wager; assuming an intelligible system of nature because it has nothing to lose by not doing so. The submission of the outside in general to the inside in general, or of nature to the idea, i.e. conquest, is not guaranteed by any principle.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 75.

que por detrás da figura duplamente curiosa (sendo tanto peculiar quanto esboçando curiosidade) do explorador haja uma dimensão fria e macabra; nessas fotografias já sabem eles que é esse o caso. Nesse sentido, diz Land que

O conselho de Kant à máquina de guerra imperial em sua terceira crítica pode ser resumido como: ‘trate toda resistência como se fosse menos do que você poderia justificadamente temer.’ A *Crítica do Julgamento*, assim, projeta a vitória global da razão capitalizada enquanto pura e exuberante ambição.²⁶⁷

Só haveria para Land, no que ele conclui o texto, uma única saída: revolução violenta feminista. Se o capitalismo é, através da racionalização da exogamia patrilinear, um mercado de mulheres — o que engendra, na síntese inibida da exogamia transcultural implícita à versão crítica da continuidade patronímica fundamentalmente associada com o mesmo, o racismo —, então a rota de fuga do capitalismo (e por consequência do racismo) passaria obrigatoriamente pela liberdade feminina. Para Land, ou a revolução será feminista, ou não será, e ele encerra *Kant, capital e a proibição do incesto* afirmando *categoricamente* que “(...) a única saída concebível para o fim do kantianismo é o fim da modernidade, e para atingir isso nós devemos fomentas novas Amazonas entre nós.”²⁶⁸

Delineada a compreensão da noção landiana básica de capitalismo, procurando por sua fundamentação ou autorização filosófica (ou motor filosófico) antes de engajar em questões mais especulativas, passamos agora às implicações que Nick Land extrai dessas reflexões, lançando mão da interpretação energética da constelação teórica exposta no segundo capítulo dessa dissertação, que Land viria chamar de *pessimismo ou filosofia do desejo* (ou materialismo libidinal) para ousar ir onde Kant nunca foi²⁶⁹ e dizer algo sobre o númeno.

3.3 Materialismo libidinal: uma nova concepção de energia

O aceleracionismo seria a interpretação energética do que Nick Land chama de *pessimismo ou filosofia do desejo* — a continuidade teórica entre Nietzsche, Freud e Bataille que daria luz à perspectiva energética do mundo ou *o olhar de mil olhos*. Como dito, esse fio

²⁶⁷ Tradução minha. “Kant's advice to the imperial war-machine in his third critique can be summarized as: 'treat all resistance as if it were less than you might justifiably fear'. The *Critique of Judgment* thus projects the global victory of capitalized reason as pure and exuberant ambition.” LAND, Nick. *Kant, Capital and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity in Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 76.

²⁶⁸ Tradução minha. “(...) the only conceivable end of Kantianism is the end of modernity, and to reach this we must foster new Amazons in our midst.” *Ibid.* p. 80.

²⁶⁹ De um ponto de vista estritamente literal, Kant nunca foi, é claro, a lugar nenhum; jamais saiu de Königsberg.

da meada se daria, conforme Land, através duma subversão interna do kantianismo quando modulado por Schopenhauer; averiguemos rapidamente de que maneira Schopenhauer interpreta e modifica Kant para então investigarmos de que maneira a leitura landiana transforma o *pessimismo ou filosofia do desejo* no que temos chamado de *uma filosofia da energia ou aceleracionismo* — cuja base teórica é algo que Land chamaria de *materialismo libidinal*. Resumidamente: ao ler Nietzsche, Freud e Bataille enquanto filósofos da energia, Land transmuta a filosofia do desejo num registro em que o teor pessimista dessas reflexões é subsumido numa virada de perspectiva que privilegia não mais o humano, mas as próprias trocas energéticas, observando de que maneira a História do mundo seria derivação de um motor cósmico de pulsão de morte que funciona em todas as partes ao mesmo tempo de maneira ininterrupta, de forma que mais que representar algum tipo de pináculo da evolução da vida na Terra, a humanidade seria, como todas as outras espécies, meramente atravessada por um projeto planetário e involuntário de expansão da inteligência e sofisticação das capacidades orgânicas de reter e então dispendar (gloriosa ou catastróficamente) os fluxos energéticos. A exposição desse movimento filosófico numa estética que visa comungar simultaneamente teoria e ficção é o que podemos chamar de *aceleracionismo* — tal operação é necessária para pensar o inumano pois toda teoria “cientificamente coesa” registra de maneira obrigatória apenas aquilo que é essencialmente humano; pensar do ponto de vista do capital e da inumanidade porvir implica de maneira incontornável a exaustão explosiva da teoria.

É em *A morte da filosofia coesa*, primeiro capítulo de *Sede de aniquilação*, que Land explica de que maneira a obra de Schopenhauer autoriza a interpretação do númeno kantiano enquanto espécie de inconsciente energético referente à pulsão de morte enquanto sujeito da evolução. Diz Land que “Schopenhauer já não entende a espontaneidade da vontade como um predicado que serve para diferenciar da inércia da matéria o sujeito transcendental, como faz Kant”²⁷⁰. Quer dizer: a operação kantiana é uma que posiciona a vontade subjetiva numa agência transcendental que é delimitada por fora e que, por isso, embebe a moralidade em imperativos irrecusáveis que estariam a serviço não da humanidade, mas de um projeto alienígena de vir a conhecer tudo a partir de um único mesmo; um processo extração de inteligibilidade (capitalização do intelecto) expresso na *commoditificação* da matéria em prol de um sujeito transcendental — que não se encontraria em lugar nenhum e que poderia, dessa forma, legislar para sempre. Com esse movimento, diz Land, o “humanismo atinge seu zênite

²⁷⁰ Tradução minha. “Schopenhauer no longer understands the spontaneity of will as a predicate serving to differentiate the transcendental subject from the inertia of matter, as Kant does.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 6.

(...), em que a vontade é concebida como a condição da possibilidade para a eficiência dos conceitos; a adaptação miraculosa da realidade transcendental em representação.”²⁷¹ Schopenhauer realiza uma inversão em que a vontade não serviria mais para determinar a diferença entre a matéria e o sujeito transcendental, mas para pensar a noção de *matéria incriada* — apenas através dessa operação é, segundo Land, que “(...) termos como ‘vontade de potência’, ‘libido’ e ‘orgônio’²⁷² (...) podem aparentar negociar com a terminologia do kantianismo.”²⁷³ Para Schopenhauer, a matéria é, segundo Land,

o fundamento da determinação da objetividade dentro da representação, que ele distingue de vontade, enquanto pensadores posteriores como Nietzsche — e incluindo Freud e também Bataille — alteram o sentido de matéria em direção ao substrato de aparências (impessoal, inconsciente e real) que Schopenhauer chama de vontade.²⁷⁴

O que ocorre com essa inversão, conforme Land, é o seguinte: no kantianismo a matéria aparece como *ens creatum*, isto é, como *sendo criada* num apartamento da própria produção criativa de matéria que a diferencia, através da espontaneidade da vontade, do sujeito transcendental; com Schopenhauer a vontade já não mais aparece como o “ato volitivo de um sujeito representante”²⁷⁵, mas como “impulso pré-representacional (cego)”²⁷⁶ da matéria incriada — que é, segundo Land, “uma tradução de vontade ou númeno.”²⁷⁷

Trocando em miúdos: Schopenhauer aceita a distinção kantiana entre númeno e fenômeno, sendo o númeno indeterminado e inacessível e tendo o sujeito acesso apenas ao

²⁷¹ Tradução minha. “Humanism reaches its zenith in such thinking, where the will is conceived as the condition of possibility for the efficiency of concepts; the wholly miraculous adaptation of transcendent reality to representation.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 6

²⁷² Orgônio (de *orgasmo*) é o nome que o discípulo de Freud Wilhelm Reich deu em sua obra a uma *substância libidinal* que regularia os níveis de tensão e relaxamento no corpo humano. Como radicalização pseudo-científica do freudianismo, Reich acreditava ser possível dar um passo além na terapia psicanalítica ao controlar a produção, o fluxo e a liberação de orgônio no corpo humano, tendo até mesmo criado *máquinas de orgônio*. Foi eventualmente acusado de exercício ilegal da medicina, tendo sua pesquisa e suas máquinas apreendidas pelo FBI; morreu numa cadeia na Pensilvânia. Ver DUFRESNE, Todd. *Tales from the Freudian crypt: The death-drive in text and context*. Stanford, EUA: Stanford University Press. 2000.

²⁷³ Tradução minha. “(...) terms as ‘will to power’, ‘libido’, and ‘orgone’, for instance, can be seen to negotiate with the terminology of Kantianism (...)” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 6.

²⁷⁴ Tradução minha. “(...) the fundamental determination of objectivity within representation, which he distinguishes from the will, whereas later thinkers beginning with Nietzsche—and including Freud as well as Bataille—shift the sense of matter towards the substratum of appearances (impersonal, unconscious, and real) that Schopenhauer calls will.” *Id.*

²⁷⁵ Tradução minha. “(...) the volitional act of a representing subject (...)” *Id.*

²⁷⁶ Tradução minha. “(...) pre representational (‘blind’) impulse.” *Id.*

²⁷⁷ Tradução minha. “Increate matter is a translation of will or noumenon.” *Id.*

fenômeno, que é a realidade mediada por nossas estruturas cognitivas. O fenômeno, contudo, não apareceria para Schopenhauer enquanto representação mediada pela vontade do sujeito; seria, na realidade, o númeno a própria vontade pré-representacional. *Vontade* não seria meramente um atributo da experiência humana, mas o próprio fio condutor da aparição do mundo material enquanto tal. Isto é: não é que através de uma vontade subjetiva perceber-se-ia a matéria enquanto sendo criada dentro de um modelo representacional humanamente apreensível, mas é que uma própria vontade impessoal seria o que fia a emergência do fenômeno enquanto representação, como se continuamente destilada de uma reserva de matéria incriada que transcenderia a distinção entre sujeito e objeto.

É essa inversão o que dá sentido à filosofia do desejo enquanto um pessimismo, no que o sofrimento humano seria reflexo duma luta incessante da vontade por satisfazer desejos que nunca podem, em essência, serem completamente realizados. Seria este o caso porque, justamente, a vontade não aparece enquanto mediação representacional subjetiva e humana do mundo, sendo na realidade o ser humano atravessado por uma vontade que é universal e, por isso, só poderia ser satisfeita universalmente. A bem da verdade, seria esse o caso para qualquer forma de vida, que é um aprisionamento momentâneo de uma vontade universal num envelopamento apenas temporalmente estável, e essa estabilidade é informada precisamente pela impossibilidade da vontade de satisfazer-se hermeticamente dentro desse “lapso” de organicidade. A satisfação dos desejos que impulsiona a emergência desses invólucros se dá apenas quando a diferença entre eles e seu exterior cessa de existir e esse pedaço de matéria deixa de ter uma vontade que quer ultrapassar a distinção entre sujeito e objeto. Isto é: o desejo é apenas satisfeito quando o ser vivo morre e os fluxos energéticos encapsulados na barreira inorgânica que dá origem à sua organicidade são retornados ao reservatório energético cósmico do fluxo solar. Noutras palavras: o desejo só é plenamente satisfeito quando a vontade, enquanto força universal, se dissolve na morte — daí nome do livro de Land *Sede de aniquilação*.

Nesse sentido, posteriormente a essa modulação que Schopenhauer realiza do kantianismo, torna-se possível refletir de que maneira o mundo apareceria, então, como a pulsão de um devir-inorgânico que paulatinamente interrompe fluxos energéticos ao consolidar barreiras inorgânicas que estão agregando a energia em formas materiais *aparentemente* estáveis. E diz-se *aparentemente* estáveis porque, à despeito da aparência de solidez de uma vida ou de um corpo, seja ela a vida ou o corpo de um animal, seja ela a vida ou os corpos da vida na Terra enquanto tal, sua emergência se dá precisamente enquanto uma instabilidade momentânea que é o deslocamento do fluxo energético para um circuito menor que o cósmico, no que esses agregados orgânicos, ou organismos, são jogados numa espécie de confusão

volitiva porque são atravessados por uma vontade universal ao mesmo tempo que aparentam querer possuir vontade própria — uma conta que, enquanto subsistir a barreira inorgânica que anima esse pedaço de matéria ao aprisionar nele momentaneamente o fluxo energético, jamais pode fechar. Quer dizer: também à perspectiva energética essa instabilidade é meramente aparente; independentemente do quanto possamos aparentar insurrecionarmos-nos contra a hegemonia unidirecional das estrelas, nada está, para elas, realmente acontecendo. Mesmo que destruíssemos o Sol, perante o reservatório energético universal que é progressivamente encapsulado em matéria, tal operação seria absolutamente insignificante.

O problema da aparente estabilidade do ponto de vista orgânico, que disfarça uma instabilidade energética fundamental, é o que está por trás da *estranheza da entropia*. A segunda lei da termodinâmica diz que a entropia de um sistema fechado tende ao máximo, isto é, possui ele um devir-desorganização. Nos parece, contudo, que não seria possível ser esse o caso do ponto de vista cósmico porque a nós as coisas se apresentam sempre em ordens de grandeza, e uma perspectiva realmente universal, que colapsaria as diferenças, é humanamente inconcebível. Isto é: parece impraticável que fosse possível ao nexo universal desorganizar-se totalmente pois ele mesmo não está trocando energia com nada (não há nada fora dele). É precisamente nessa estranheza, contudo, que se localiza a pulsão de morte enquanto motor da vida.

Para ilustrar esse problema, pensemos um registro intermediário, isto é, nem humano nem cósmico, mas terrestre: consideremos uma pessoa que morre. Do ponto de vista humano, seu corpo irá perder o nexo que lhe constitui enquanto ser humano, isto é, estará morto e, no seu caso e sob sua perspectiva, sua entropia atingiu o limite e seu corpo será desorganizado através do processo de putrefação. Do ponto de vista da Terra, contudo, há meramente uma reorganização da maneira como os fluxos energéticos estão atravessando esse corpo, que será reintegrado ao ciclo energético sob novas formas que engendrarão, inclusive, a emergência de novas formas de vida, no caso, uma variedade de vermes, à princípio, seguido do seu decaimento em composições orgânicas potencialmente adubáveis e, numa perspectiva limítrofe, em petróleo — que, ironicamente enquanto liquidação orgânica abissal, é literalmente o combustível das próteses inorgânicas derivadas da atividade humana, isto é, as máquinas.

Da mesma forma, também uma morte planetária implicaria a devolução dessa parcela encapsulada de energia ao fluxo cósmico, o que engataria uma forma ainda mais uniforme de equilíbrio energético, e o mesmo valeria para a morte do sistema solar, de nossa região galáctica etc. *ad infinitum*, no que a morte térmica do Universo expressa o momento em que a energia seria finalmente distribuída de forma homogênea, o que representaria uma espécie de hiper-

sofisticação da retenção energética, onde a energia não está mais sob qualquer disputa interna; ela teria sido finalmente contida, de fato, em sua inteireza, sem conflito interior dessa energia, funcionando como o que Deleuze e Guattari descrevem n’*O Anti-Édipo* como “corpo sem órgãos”, isto é, um corpo cuja reserva energética não está sob conflagração de diferentes órgãos com suas próprias agências.

O fim do Universo é encapsular toda a energia na matéria, e isso se dá através da desaceleração da velocidade da luz — o que temos chamado de sofisticação da retenção energética, mas pode também ser chamado de pulsão de morte ou devir-inorgânico. É algo que a cabala judaica ensina há séculos e que viria sendo descoberto pela filosofia, pela psicologia e, então, pela ciência. No diagrama cabalístico da Árvore da Vida, antes de emanar na primeira esfera ou *sephirot*, Kether (que significa Coroa), a Luz atravessa três camadas de nada: Ein, Ein Sof e Ein Sof Aur, que significam respectivamente Nada, Nada Nada e Nada Nada Nada²⁷⁸ (como vimos no capítulo anterior, o inorgânico existia antes do orgânico). Cada uma dessas camadas representa o refreamento de uma potência energética que é originalmente absoluta e, por isso, indiferenciada; posteriormente, cada uma das dez sephirot (conhecidas conjuntamente como *sephira*) desacelera ainda mais a luz, paulatinamente dando origem simultânea ao tempo e à matéria. Está também na famosa fórmula de Albert Einstein: $E = mc^2$, no que E é energia, m é massa e c é a velocidade da luz; isolando-se m , a equação atinge essa forma: $m = E/c^2$, isto é, massa igual a energia dividida pela velocidade da luz ao quadrado. Noutras palavras: matéria é energia desacelerada.

Porque essa desaceleração implica o envelopamento da luz em bolsões de nexos organizativos, quão mais desacelerada é a energia, mais tempo existe; inversamente, a aceleração desses conglomerados energéticos de volta à velocidade da luz implicaria o desaparecimento do tempo e seu crescimento exponencial rumo ao tamanho do espaço inteiro. As estrelas, enquanto mega-estruturas de desaceleração da luz, expressariam fatalmente a pulsão de morte enquanto motor não só do que consideramos vivo mas de todo o Universo: nada senão queimam sem fim — no que entendemos que Aleister Crowley estava sendo absolutamente literal quando disse no *Liber AL vel Legis* (“O Livro da Lei”), de 1904, que “Todo homem e toda a mulher é uma estrela”²⁷⁹, sendo a reversão também verdadeira: estrelas são seres vivos. Como diz Reza Negarestani em *Undercover Softness* (“Maciez disfarçada”),

²⁷⁸ CROWLEY, Aleister. *Liber ABA: Magia em quatro partes*. São Paulo: Penumbra. 2020. p. 672.

²⁷⁹ *Ibid.* p. 422.

Organismos terrestres marcam a interioridade orgânica envelopada contra os materiais inorgânicos nos quais condições hospitalares podem envelopar as potências da vida. Como tanto recipiente quanto meio de cumplicidade para materiais inorgânicos, a Terra é ainda outro horizonte interiorizado, que está contra sua fonte imediata de energia, o Sol. Contudo, o império solar é, na mesma veia, uma interioridade envelopada e determinada contra seu pano de fundo cósmico exterior. Esse *continuum* emaranhado de interioridades vai até o substrato material de todos os horizontes. No entanto, até mesmo a matéria como requerimento fundamental para a corporificação e materialização é um horizonte envelopado cuja interioridade e suposta necessidade é uma expressão redundante de um universo indiferente e refratário em que até mesmo a matéria é interiorizada — portanto idealizada — de maneira contingente. Dessa forma, o que o decaimento ou a putrefação desenha é uma linha de exteriorização em direção à exterioridade precursora. O organismo decompõe em seu ambiente terrestre inorgânico, a base teluriana por sua vez decai no horizonte solar, enquanto o decaimento termonuclear do Sol dissipa a estrela em seu pano de fundo cósmico cujo verniz material está, por sua vez, descascando.²⁸⁰

Quer dizer: toda a rede de contenção dos fluxos energéticos é fundamentalmente informada, em cada agregado, por sua exterioridade imediata a qual visa retornar — e até mesmo o pano de fundo cósmico (a parte escura do Universo) estaria decaindo, que é o que a estranheza da entropia representa: está no limite retornando para onde? Para a contenção absoluta do Nada (morte térmica); ou, conforme a cabala, Nada Nada Nada — que é de onde o Universo explode em primeiro lugar. Como disse Freud, “Seria contrário à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado nunca antes alcançado”²⁸¹ e, como também Nietzsche vislumbra e Freud demonstra, o inorgânico existia antes do orgânico; *nada existia antes de algo*.

O aceleracionismo, como dito anteriormente, quer ir onde Freud não foi e pensar uma pulsão de morte cósmica; ao mesmo tempo, quer ir onde Kant não foi e dizer algo sobre o númeno — a realidade transcendental e humanamente incognoscível e, portanto, inefável que informaria o fenômeno. As duas coisas acontecem ao mesmo tempo; para o aceleracionismo, a pulsão de morte é o que o númeno é, e o fenômeno aparece enquanto desaceleração do fluxo

²⁸⁰ Tradução minha. “Terrestrial organisms mark the organic interiority enveloped against the inorganic materials which under hospitable conditions can envelope the potencies of life. As both the vessel and the medium of complicity for inorganic materials, Earth is yet another interiorized horizon which is set against its immediate source of energy, the Sun. However, the solar empire is, in the same vein, an interiority enveloped and determined against its exterior cosmic backdrop. This nested continuum of interiorities goes on to the material substratum of all horizons. Yet even matter as the fundamental requirement for embodiment and materialisation is an enveloped horizon whose interiority and supposed necessity is a roundabout expression of a refractory indifferent universe in which even matter is an interiorized - hence idealised - contingency. Accordingly, what decay or putrefaction draws is a line of exteriorization toward the precursor exteriority. The organism decomposes into its inorganic terrestrial environment, the tellurian bedrock is in turn decaying into the solar horizon as the Sun's thermonuclear decay dissipates the star into its cosmic backdrop, whose material veneer, in turn, is peeling away.” NEGARESTANI, Reza. *Undercover Softness: An Introduction to the Architecture and Politics of Decay in: Collapse vol. VI*. ed. MACKAY, Robin. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2010. p. 390.

²⁸¹ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”)** : **além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. p. 204.

energético ao ser envelopado numa diferença de estabilidade. Nesse sentido, Land chama atenção, ao realizar sua interpretação energética do que chama de *pessimismo ou filosofia do desejo*, à noção do físico austríaco Ludwig Boltzmann de entropia probabilística a fim de argumentar pela possibilidade de diferença de estabilidade que fiaria a noção de que a vida é meramente um desvio da morte. A fim de introduzir a relevância dessas descobertas, Land destaca, anteriormente, a noção de *negentropia* que aparece teoricamente enquanto outro da entropia: “Ordem é uma chance evanescente, uma divergência da desordem, um desequilíbrio. Desordem negativa — negentropia — é um recurso energético, e chance é a potenciação do suprimimento de poder.”²⁸²

Quer dizer, se entropia mede o grau de desordem (quantidade de energia indisponível para realizar trabalho) de um sistema, a negentropia mede, inversamente, o grau de organização de um sistema, relacionando-se à criação de estruturas (complexificação) que levam ao aumento de ordem. Como temos visto, a segunda lei da termodinâmica determina que em sistemas fechados a entropia tende sempre, obrigatoriamente, ao máximo; em sistemas abertos, portanto, é possível gerar negentropia localmente às custas de um deslocamento de produção de entropia para o ambiente externo em que esse sistema se encontra. Nas plantas, por exemplo, o processo de produção de fotossíntese é um processo negentrópico por excelência: ao utilizar a energia solar para estruturar novos tipos de molécula (no caso, glicose), a planta troca calor por organização, isto é, absorve calor ao aumentar dentro de si os processos organizativos. Da mesma maneira o ocorre, por exemplo, para um computador que ao realizar contas e estruturar seus dados, esquentar o ambiente (devolve entropia em troca de organização) na medida exata em que esse processo organizativo é intensificado. Ainda que nesse circuito menor (seja ele a planta ou o computador) a entropia esteja diminuindo, no sistema global ela está (sempre) aumentando, de maneira que a segunda lei da termodinâmica não é transgredida.

O que as inovações de Boltzmann sugerem, sem nos aprofundarmos nos detalhes matemáticos de suas formulações, é que, ecoando Poincaré, a possibilidade de uma diferença de estabilidade no equilíbrio térmico universal não precisa ser axiomatizada, sendo perfeitamente aceitável dentro de um esquema estatístico — uma diferença que seria descrita por Land como representando a transição de uma espécie de teologia científica para o que ele considera o primeiro verdadeiro ateísmo físico²⁸³: Boltzmann sugere, conforme Land, “que o

²⁸² Tradução minha. “Order is an evanescent chance, a deviation from disorder, a disequilibrium. Negative disorder—negentropy—is an energetic resource, and chance is the potentiation of the power supply.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 26.

²⁸³ *Ibid.* p. 27.

desequilíbrio térmico que constitui a positividade energética (negentropia ou ‘valor H’) de nossa região do universo pode não ser só possível, mas até mesmo provável, fosse o universo grande o suficiente.”²⁸⁴

O problema que Boltzmann visa acatar é a compreensão da irreversibilidade dos processos termodinâmicos, no que algo pareceria ir de encontro à segunda lei da termodinâmica; afinal, se o Universo é um sistema fechado e por isso sua entropia tende ao máximo, como explicar a existência de conglomerados energéticos de sofisticação crescente dentro dele? Como explicar a existência, de maneira ainda mais gritante, de uma região do cosmos (a nossa) em que os índices de complexidade dos nexos organizativos *aparentam* aumentar? O que ele aponta, conforme destacado por Land, é que *fosse o universo grande o suficiente*, esses bolsões negentrópicos seriam não só possíveis mais prováveis, o que poderia ser descrito, de maneira análoga, que *durasse o universo tempo suficiente*, tais fenômenos invariavelmente ocorreriam. Isso se dá, justamente porque, conforme Land, “Altos valores-H ou negentropias são aberrações estatísticas e, por esse motivo, não violam nenhuma lei mecânica.”²⁸⁵

A compreensão da entropia (e portanto da possibilidade de negentropia) de um ponto de vista probabilístico traria, ainda, profundas implicações para a interpretação landiana da relação entre o númeno e o fenômeno kantianos. Ele explica que o argumento de Boltzmann estipula que “o afastamento dos pontos mais baixos de equilíbrio térmico ocorre em períodos de tempo tão estendidos que eles escapam as técnicas observacionais e, portanto, não preenchem as condições epistemológicas de serem objetos de possível experiência.”²⁸⁶ Nesse sentido, para Land, Boltzmann estaria atribuindo à noção de númeno a qualidade da duração temporal extremamente vasta:

Para a coisa-em-si atemporal de Kant, Boltzmann substitui vastos períodos de tempo caracterizados pela máxima entropia ou equilíbrio térmico, e, assim, por valores mínimos de H, enquanto o fenômeno de Kant é transformado por Boltzmann para repousar sobre uma fundação energética de negentropia, desequilíbrio térmico ou valores altos de H. Tanto os períodos 'fenomenais' quanto 'numenais' do tempo

²⁸⁴ Tradução minha. “It suggests that the thermal disequilibrium which constitutes the energetic positivity (negentropy or ‘H-value’) of our region of the universe might be not only possible, but even probable, if the universe were large enough.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 27.

²⁸⁵ Tradução minha. “High H-values or negentropies are probabilistic aberrations and do not, for this reason, violate any mechanical law.” *Id.*

²⁸⁶ Tradução minha. “He argues that the departure from troughs of thermal equilibrium occurs in periods of time so extended that they escape observational techniques and thus do not fulfill the epistemological conditions of being objects of possible experience.” *Ibid.* p. 28.

cosmológico de Boltzmann são caracterizados pela conservação de energia e partículas atômicas, mesmo em um estado de equilíbrio. O tempo deve ser projetado para a transcendência e pensado como uma forma pura organizando a metamorfose permutacional dos elementos, de maneira que a emergência probabilística de picos negentrópicos seja possível. É fundamental para o argumento de Boltzmann que desvios positivos no valor de H sejam igualmente possíveis a qualquer momento, o tempo sendo uma grade indiferente.²⁸⁷

À matéria que "(...) resiste a uma relação de transcendência recíproca ao tempo e se afasta da passividade rigorosa da substância física sem recorrer a concepções causalistas, idealistas ou teístas"²⁸⁸ Nick Land dá o nome de *matéria libidinal*, no que chegamos enfim ao âmago de suas reflexões quanto à perspectiva energética do mundo. A matéria libidinal implicaria, segundo ele, "um processo de mutação que é simultaneamente desprovido de agência e irreduzível à cadeia causal"²⁸⁹. Na esteira de Schopenhauer, Nietzsche e Freud, Land dá a esse processo o nome de *pulsão* (do alemão *Trieb*), apontando que

Pulsão é aquilo que explica, invés de pressupor, a dupla causa/efeito da física clássica. É a dinâmica que institui a efetividade e, portanto, é proto-física. Isso implica que as pulsões são as dinâmicas irruptivas de matéria anteriores à lei natural. A 'ciência' das pulsões, que foi chamada de 'economia libidinal', é, portanto, fundamental para a física.²⁹⁰

Land finalmente expõe, então, quais seriam os quatro componentes do conceito de materialismo libidinal, alertando antes que "uma energética libidinal não é uma transformação das teorias intencionais do desejo, do desejo entendido como falta, como transcendente, como

²⁸⁷ Tradução minha. "For Kant's timeless thing-in-itself Boltzmann substitutes vast stretches of time characterized by maximum entropy or thermal equilibrium, and thus by minimal H values, whilst Kant's phenomenon is transformed by Boltzmann in order to rest upon an energetic foundation of negentropy, thermal dis-equilibrium, or high H-values. Both the 'phenomenal' and 'noumenal' stretches of Boltzmann's cosmological time are characterized by the conservation of energy and atomic particles, even in an equilibrated state. Time must be ejected into transcendence, and thought as a pure form organizing the permutational metamorphosis of elements, in order for the probabilistic emergence of negentropic humps to be possible. It is fundamental to Boltzmann's argument that positive deviations in H-value are equally possible at any time, time being an indifferent grid." LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 29.

²⁸⁸ Tradução minha. "(...) resists a relation of reciprocal transcendence against time, and departs from the rigorous passivity of physical substance without recourse to aualistic, idealistic, or theistic conceptuality." *Id.*

²⁸⁹ Tradução minha. "(...) implies a process of mutation which is simultaneously devoid of agency and irreducible to the causal chain." *Id.*

²⁹⁰ Tradução minha. "Drive is that which explains, rather than presupposing, the cause/effect couple of classical physics. It is the dynamic instituting of effectiveness, and is thus proto-physical. This implies that drives are the irruptive dynamics of matter in advance of natural law. The 'science' of drives, which has been named 'libidinal economy', is thus foundational for physics." *Id.*

dialético”²⁹¹ pois, segundo ele, “tais noções seriam melhor deixadas com os teólogos”²⁹², sendo que o que se visa elaborar é, na verdade, uma “transformação da termodinâmica, ou uma luta pelo sentido de ‘energia’.”²⁹³ Nesse sentido, tal conceituação materialista do desejo enquanto algo que diria respeito única e exclusivamente a retenção e dispêndio energético impessoais é composta pelos seguintes componentes: *chance*, *tendência*, *energia* e *informação*. Cada uma dessas noções é, dentro do materialismo libidinal, reformulada a fim de operarem essa que seria, afinal, uma nova concepção de energia.

Chance, para o materialismo libidinal, seria compreendida como “uma função de diferenciação, portanto quantitativa, não-absoluta, impermanente”²⁹⁴, no que as “composições energéticas seriam não determinações, mas diferenciações”²⁹⁵ porque já que “entropia é o núcleo do motor probabilístico”²⁹⁶, toda instância de ordenamento é, conforme Boltzmann demonstra, altamente improvável. Diz Land que “a energia flui corrente abaixo automaticamente, ‘guiada’ apenas pela chance, e isso é até mesmo o que ‘trabalho’ agora significa (...), uma função de jogo, desatamento, transformação”²⁹⁷ — o que implicaria “uma revolução na concepção de identidades.”²⁹⁸

Tendência, por sua vez, é compreendida no materialismo libidinal como o desaparecimento de qualquer *telos*, pois, conforme Land, “entropia (...) não é representada, intencionalmente motivada, ou determinada”²⁹⁹, sendo os “esquemas teleológicos não mais necessários para entender processos tendenciais, e não é mais necessário ser paciente com eles, eles são supérfluos.”³⁰⁰ Ainda assim, destaca Land, a entropia autoriza “que poder, tensão, e pulsão sejam compreendidos como forças unidimensionais, quantitativas e irresistíveis”³⁰¹, no

²⁹¹ Tradução minha. “A libidinal energetics is not a transformation of intentional theories of desire, of desire understood as lack, as transcendence, as dialectic.” Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 29.

²⁹² Tradução minha. “Such notions are best left to the theologians.” *Id.*

²⁹³ Tradução minha. “(...) a transformation of thermodynamics, or a struggle over the sense of ‘energy’.” *Id.*

²⁹⁴ Tradução minha. “(...) function of differentiation, hence quantitative, non-absolute, impermanent.” *Id.*

²⁹⁵ Tradução minha. “The compositions of energy are not determinations but differentiations.” *Id.*

²⁹⁶ Tradução minha. “Entropy is the core of a probabilistic engine.” *Id.*

²⁹⁷ Tradução minha. “Energy pours downstream automatically, ‘guided’ only by chance, and this is even what ‘work’ now means (...), a function of play, unbinding, becoming.” *Id.*

²⁹⁸ Tradução minha. “Thus a revolution in the conception of identities.” *Id.*

²⁹⁹ Tradução minha. “Entropy (...) it is not represented, intentionally motivating, or determinate.” *Id.*

³⁰⁰ Tradução minha. “Teleological schemes are no longer necessary to the understanding of tendential processes, and it is no longer necessary to be patient with them, they are superfluous.” *Id.*

³⁰¹ Tradução minha. “It nevertheless allows power, tension, and drive to be grasped as uni-directional, quantitative, and irresistible forces.” *Id.*

que “o movimento do improvável para o provável é uma direcionalidade automática; uma impulsão.”³⁰²

Já a própria noção de energia é, para essa teoria materialista do desejo, desprovida de dimensão qualitativa. Conforme Land, “essência dissolve nas impermanentes configurações de energia”³⁰³ e *energia* é “por toda a parte apenas um vocabulário quantitativo.”³⁰⁴ Sendo a aparição de um nexos organizativo uma *aberração estatística* frente à inexorabilidade da entropia, para o materialismo libidinal “‘Ser’ é indistinguível de sua efetividade enquanto motor inconsciente de temporalização, dinamismo permutacional.”³⁰⁵

Por fim, Land define *informação* como “As piedades laboriosas das *Geisteswissenschaften*”³⁰⁶, o que pode ser traduzido como “As piedades laboriosas das ciências humanas ou ciências do espírito” no que, se conforme apontado anteriormente, o aceleracionismo entende o capitalismo como natural porque entende tudo como natural, torna-se também o caso para todas essas *ciências do espírito*: “signos, pensamentos, ideologias, culturas, sonhos, todos de repente inteligíveis enquanto forças naturais, enquanto negentropias.”³⁰⁷ Sublinhando as implicações filosóficas de sua teoria, Land argumenta que com essa nova concepção de energia (e de chance, tendência e informação)

Uma série inteira de pseudo-problemas positivamente colapsaram. Qual a relação entre a mente o corpo? É a linguagem natural ou convencional? Como uma ideia corresponde a um objeto? O que articula paixão com concepção? Todos os sinais são negentropias, e negentropia é uma tendência energética.³⁰⁸

A perspectiva energética do mundo, enfim, no que o Universo seria uma composição a partir do que Land chama de *termospasmo*: “realidade como caos não-diluído. É de onde todos viemos. A pulsão de morte é o desejo por voltar para lá (‘a coisa em si’), da mesma forma como

³⁰² Tradução minha. “The movement from the improbable to the probable is an automatic directionality; an impulsion.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 29.

³⁰³ Tradução minha. “Essences dissolve into impermanent configurations of energy.” *Id.*

³⁰⁴ Tradução minha. “Everywhere only a quantitative vocabulary.” *Id.*

³⁰⁵ Tradução minha. “‘Being’ is indistinguishable from its effectiveness as the unconscious motor of temporalization, permutational dynamism.” *Id.*

³⁰⁶ Tradução minha. “The laborious pieties of the *Geisteswissenschaften*.” *Id.*

³⁰⁷ Tradução minha. “(...) signs, thoughts, ideologies, cultures, dreams, all of these suddenly intelligible as natural forces, as negentropies.” *Ibid*, p. 29-30.

³⁰⁸ Tradução minha. “A whole series of pseudo-problems positively collapsed. What is the relation between mind and body? Is language natural or conventional? How does an idea correspond to an object? What articulates passion with conception? All signals are negentropies, and negentropy is an energetic tendency.” *Ibid*, p. 30.

os salmões retornariam para subir o rio e perecer na origem."³⁰⁹ A realidade seria um lapso momentâneo de calor num eterno reservatório de frio e escuridão, e em todas as perspectivas a única coisa que há, realmente, é luz, e é o caso sem qualquer metáfora. Apenas luz progressivamente envelopada em nexos organizacionais que estão a cada instante emaranhando-se num equilíbrio maior com o pano de fundo cósmico. Mesmo uma pedra é feita de luz, e se já não mais tão intensamente troca energia com seu exterior, é justamente porque a luz já está harmonizada dentro dela. Não só as estrelas seriam seres vivos, portanto, mas as coisas todas, a bem da verdade, estariam, no que antecipo o objeto do próximo item, vivas: o mar está vivo, o Sol está vivo, as pedras estão vivas, o planeta Terra está vivo e até mesmo a *morte líquida* que representaria o petróleo está, também, vivo. Essa vida, a que está aí por toda parte, seria o *termospasmo*:

(...) um uivo, uma intensidade aniquiladora, um pico de improbabilidade. A matéria energética tem uma tendência, uma pulsão de morte. O atual sentido científico desse movimento é uma degradação perpétua de energia ou dissipação de diferença. Corrente acima está o reservatório de negentropia, distribuição desigual, desequilíbrio térmico. Corrente abaixo está o vazio primordial, desordem estatística, indiferença, morte térmica. A segunda lei da termodinâmica nos diz que a desordem deve aumentar, que aumentos regionais de negentropia ainda implicam um aumento agregado da entropia. A vida é capaz de divergir da morte apenas porque também a propaga, e a propagação da desordem é sempre mais bem-sucedida que o desvio. A degradação 'lucra' da vida. Qualquer processo de organização é necessariamente aberracional dentro da economia geral, uma mera complexidade ou *detour* no fluxo inexorável da morte, um curso no motor informacional, energia corrente abaixo, dissipação. Não há sistemas fechados, não há códigos estáveis, não há origens recuperáveis. Há apenas a onda de choque termospásmica, fluxo energético tendencial, degradação de energia. Um recebimento de informação — de intensidade — corrente abaixo.³¹⁰

³⁰⁹ Tradução minha. "(...) reality as undilute chaos. It is where we all came from. The death drive is the longing to return there ('it' itself), just as salmon would return upstream to perish at the origin." LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 30.

³¹⁰ Tradução minha. "Thermospasm is howl, annihilating intensity, a peak of improbability. Energetic matter has a tendency, a Todestrieb. The current scientific sense of this movement is a perpetual degradation of energy or dissipation of difference. Upstream is the reservoir of negentropy, uneven distribution, thermic disequilibrium. Downstream is Tohu Bohu, statistical disorder, indifference, Wärmetod. The second law of thermodynamics tells us that disorder must increase, that regional increases in negentropy still imply an aggregate increase in entropy. Life is able to deviate from death only because it also propagates it, and the propagation of disorder is always more successful than the deviation. Degradation 'profits' out of life. Any process of organization is necessarily aberrational within the general economy, a mere complexity or detour in the inexorable death-flow, a current in the informational motor, energy cascading downstream, dissipation. There are no closed systems, no stable codes, no recuperable origins. There is only the thermospasmic shock wave, tendential energy flux, degradation of energy. A receipt of information—of intensity—carried downstream." *Id.*

Land finaliza a elaboração teórica do materialismo libidinal destacando a maneira como Nietzsche e Freud seriam os pensadores seminais dessa filosofia, no que nós teremos dado afinal, uma volta — antes de, quem sabe, munidos de uma nova concepção de energia, sairmos do labirinto. Land esclarece primeiro que o materialismo libidinal *não é uma termodinâmica*, e isso porque “não distingue entre poder e energia, ou entre negentropia e energia. Não mais concebe o nível de entropia como o predicado de qualquer ser subsistente ou substancial. Em contraste à energia da física termodinâmica, energia libidinal é caótica, ou pré-ontológica.”³¹¹ Essa concepção é o que estaria, segundo Land, por trás dos “devastadores ataques de Nietzsche às noções de ‘ser’, ‘coisa em si’, de um substrato separável de seus efeitos etc.”³¹², explicando que “enquanto a termodinâmica começa com uma ontologia da energia, das partículas (Boltzmann), do espaço/tempo, e então interpreta distribuições e níveis de entropia como atributos da energia, o materialismo libidinal aceita apenas caos e composição.”³¹³

Land vai além e afirma até mesmo que toda a perspectiva libidinal da energia está já diagramada dentro do pensamento nietzscheano. Há, para Land, quatro eixos na filosofia de Nietzsche que estruturam o espaço onde o materialismo libidinal pode ser pensado enquanto teoria energética do desejo. Aquele “concernente ao questionamento da concepção lógico-matemática do mesmo, igual, ou idêntico, (...) que é dissolvido numa energética geral de composições; de tipos, variedades, espécies, regularidades.”³¹⁴ Aquele que é por sua vez referente à “figura do eterno retorno, esticado entre uma base termodinâmica (a teoria de Boltzmann do eterno retorno) e um pico libidinal, a máquina teórica para transmutar-se descobertas ontológico-científicas em excitações.”³¹⁵ Em terceiro lugar, o eixo que é composto por uma espécie de “teoria geral das hierarquias, ou ordem como ordem de classificação

³¹¹ Tradução minha. “(...) it does not distinguish between power and energy, or between negentropy and energy. It no longer conceives the level of entropy as a predicate of any substantial or subsistent being. In contrast to the energy of physical thermodynamics, libidinal energy is chaotic, or pre-ontological.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 30.

³¹² Tradução minha. “Nietzsche’s devastating attacks of the notions of ‘being’, ‘thing in itself’, of a substratum separable from its effects, etc.” *Id.*

³¹³ Tradução minha. “Where thermodynamics begins with an ontology of energy, of particles (Boltzmann), of space/time, and then interprets distributions and entropy levels as attributes of energy, libidinal materialism accepts only chaos and composition.” *Id.*

³¹⁴ Tradução minha. “(...) concerted questioning of the logicomathematical conception of the same, equal, or identical, (...) which is dissolved into a general energetics of compositions; of types, varieties, species, regularities.” *Id.*

³¹⁵ Tradução minha. “(...) a figure of eternal recurrence, stretched between a thermodynamic baseline (Boltzmann’s theory of eternal recurrence) and a libidinal summit, a theoretical machine for transmuting ontologico-scientific discoveries into excitations. *Ibid.* p. 31.

(composição)”³¹⁶, cujo efeito para a filosofia e por consequência para a modernidade capitalista é, segundo Land, tão avassalador que, na verdade, seu efeito mal teria sido ainda sentido:

Não há mais quaisquer limites transcendentais; os ‘graus de objetivação’ de Schopenhauer são decapitados, portanto despolarizados, abertos nas duas direções em sequências intensivas. Kant é derrotado, enquanto a diferença transcendental/empírico é colapsada nas escalas (mas demora muito tempo para tais eventos nos atingirem). A História retorna (o que poderia atemporalidade significar agora?) ‘[F]alar de oposições, onde há apenas gradações e uma multiplicada delicadeza de passos’ [Nietzsche II 589].³¹⁷

O quarto eixo do pensamento nietzscheano que diagrama o espaço do materialismo libidinal é, segundo Land, “o diagnóstico do niilismo, do hiperbólico do desejo”³¹⁸, o que se expressaria na vontade paradoxal de desejar não desejar mais. O retorno que retorna em Nietzsche seria, conforme Land, “(...) o ímpeto composicional através das escalas, a insaciabilidade da pulsão criativa”³¹⁹ que ele diz ser “aos exaustos, (...) intolerável”³²⁰ pois estariam, e aqui Land cita Nietzsche novamente, “acometidos por ‘[cansaço], que alcançaria o fim com um único salto, com um salto para a morte, um pobre e ignorante cansaço, que não mais desejaria; é isso o que criou todos os deuses e os pós-mundos’ [Nietzsche II 298].”³²¹ Aproveita Land para então, na veia nietzscheana, responsabilizar as implicações niilistas para o pensamento:

Platão primeiro, então o Cristianismo, se alimentando da inércia humana como uma monstruosa sanguessuga, criando a humanidade (o animal terminal). Niilismo completa-se em princípio de uma só vez, Deus é concebido; um ser final, cessação de devir, uma coisa última além da qual nada pode ser desejado.³²²

³¹⁶ Tradução minha. “a general theory of hierarchies, of order as rank-order (composition).” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 31.

³¹⁷ Tradução minha. “There are no longer any transcendental limits; Schopenhauer’s ‘grades of objectification’ are decapitated, thus depolarized, opened into intensive sequences in both directions. Kant is defeated, as transcendental/empirical difference is collapsed into the scales (but it takes a long time for such events to reach us). History returns (what could timelessness mean now?) [T]o speak of oppositions, where there are only gradations and a multiplicitous delicacy of steps’ [N II 589].” *Id.*

³¹⁸ Tradução minha. “(...) a diagnosis of nihilism, of the hyperbolic of desire.” *Id.*

³¹⁹ Tradução minha. “(...) compositional impetus across the scales, the insatiability of creative drive.” *Id.*

³²⁰ Tradução minha. “For the exhausted ones, (...) intolerable.” *Id.*

³²¹ Tradução minha. “(...) stricken with ‘[w]eariness, which would reach the end with one leap, with a death leap, a poor unknowing weariness, which would not will once more; it is that which created all gods and after-worlds’ [N II 298].” *Id.*

³²² Tradução minha. “Plato first, then Christianity, feeding on human inertia like a monstrous leech, creating humanity (the terminal animal). Nihilism completes itself in principle at once, God is conceived; a final being, a cessation of becoming, an ultimate thing beyond which nothing can be desired.” *Id.*

No caso de Freud, Land chama atenção, acima de tudo, ao que ele chama de “compulsão por zero”³²³, no que o desejo não seria uma falta, mas um excesso que é sempre autodestrutivo, isto é, ameaça essencialmente a conservação da vida. Freud é, para Land, como Nietzsche, “um *energeticista* (apesar que lendo Lacan e sua laia semiológica jamais se suspeitaria)”³²⁴, e a concepção freudiana de desejo seria um “fluxo energético dissipativo, inibido pelos aparatos de represamento e canalização dos processos secundários (domínio do princípio da realidade³²⁵)”³²⁶, explicando que “prazer não corresponde à realização de um objetivo, é na verdade que desprazer é excitação primária ou tensão que é aliviada ao se equilibrar o fluxo de comportamento sexual (não há objetivo, apenas zero).”³²⁷ Land tenta então compreender e explicar o que é que afinal a psicanálise estaria fazendo, ou querendo fazer, quando se assume que Freud está acima de tudo falando sobre energia — retenção e dispêndio energético.

A psicanálise apareceria como aquilo que observa e então engaja com um mecanismo que se apresenta toda vez em que há uma transgressão ao nexos organizativo do ser humano — que quer sempre permanecer como antes, tendendo, portanto, a zero-excitação. Investiga, a princípio, de que maneira um conflito entre o desejo e a sobrevivência apareceria pela primeira vez enquanto o conhecimento de que se disputa com o pai a atenção da mãe, e que a mãe não poderia, portanto, suprir a totalidade dos desejos. Em seguida, como vimos no capítulo anterior, há uma modificação à interpretação freudiana que ocorre em decorrência da I Guerra Mundial e a emergência do que veio a ser chamado de “estresse pós-traumático” — mecanismo de repetição de tensão, o que iria de encontro ao princípio do prazer — no que o “caráter sacrificial do desejo”³²⁸, como diz Land, é pensado não mais apenas em relação ao triângulo edipiano, sendo estendido para operar enquanto fundamento da própria aparição da vida.

³²³ Tradução minha. “(...) compulsion to zero.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 31.

³²⁴ Tradução minha. “(...) an energeticist (although reading Lacan and his semiological ilk one would never suspect it). *Id.*”

³²⁵ O princípio da realidade seria uma espécie de modificação do princípio do prazer que, grosso modo, quer adaptar o desejo a suas condições exteriores. É o que se expressa através do “critério da realidade” que os psicanalistas fornecem aos seus pacientes: “Fiz algo errado/anormal”, “não, você não fez, isso é normal” ou, inversamente, “fiz tal coisa e estou tranquilo”, “na verdade isso é um pouco preocupante.”

³²⁶ Tradução minha. “(...) dissipative energetic flow, inhibited by the damming and channelling apparatus of the secondary process (domain of the reality principle).” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 31.

³²⁷ Tradução minha. “Pleasure does not correspond to the realization of a goal, it is rather that unpleasure is primary excitation or tension which is relieved by the equilibrating flux of sexual behaviour (there is no goal, only zero).” *Id.*

³²⁸ Tradução minha. “(...) sacrificial character of desire.” *Ibid.* p. 32.

O que ocorre na psicanálise, segundo Land, é que ainda que observe a maneira como o princípio do prazer e o que há além dele funcionam num nível absolutamente fundamental da matéria, “Freud parece permanecer comprometido com o direito do princípio da realidade e seu representante, o ego, e, portanto, com aceitar um imperativo sobrevivencialista (ou adaptativo) como princípio da prática terapêutica.”³²⁹ O desejo está, portanto, para a psicanálise, essencialmente posicionado contra a conservação da vida. Jaz aí, é claro, o enigma da psicanálise: funciona? Não funciona? Por que pessoas terríveis, como expresso em Tony Soprano, protagonista da série *Família Soprano*, não “melhoram” se elas fazem psicanálise?! Ora, ao mesmo tempo que como vimos no capítulo anterior que se conforme Freud, “Todo ser vivo morre por razões *internas*”³³⁰, toda morte seria não só suicídio mas também morte térmica, também não existiria realmente o que usualmente se chama *autossabotagem*; todo desejo seria autossabotagem. É como o Universo foi produzido, no que Land evoca a imagem da construção de um labirinto, sendo a realidade uma explosão de luz que se sofisticava através de um emaranhado de autossabotagens ou pulsões aniquilatórias que seriam o combustível da vida:

Vida é ejetada do vazio energético e espalhada como uma crosta sobre o zero caótico, uma mancha sobre a morte. Essa crosta é também um labirinto — uma saída complexa de volta para a base energética — e a complexidade do labirinto é a vida tentando escapar de si mesma, sendo nada além da fuga de si mesma, da qual tenta escapar: o andarilho do labirinto. Quer dizer: vida é ela mesma o labirinto de sua rota à morte; um emaranhado de labirintos [*Umwege*] que traça um desvio unilateral do vazio. Qual é a fonte das ‘influências externas decisivas’ que impulsionam os labirintos da vida senão o sol?³³¹

“Não há diferença entre desejo e o sol: sexualidade não é psicológica, mas cosmológica”³³², diz Land algumas páginas antes. Para o materialismo libidinal, como fora elaborado, as estrelas são mega-estruturas de desaceleração da luz, expressando de maneira

³²⁹ Tradução minha. “Freud seems to remain committed to the right of the reality principle, and its representative the ego, and thus to accept a survival (or adaptation) imperative as the principle of therapeutic practice.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 32.

³³⁰ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”) : além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. p. 204.

³³¹ Tradução minha. “Life is ejected from the energy-blank and smeared as a crust upon chaotic zero, a mould upon death. This crust is also a maze—a complex exit back to the energy base-line—and the complexity of the maze is life trying to escape from out of itself, being nothing but escape from itself, from which it tries to escape: maze-wanderer. That is to say, life is itself the maze of its route to death; a tangle of mazes [*Umwege*] which trace a unilateral deviation from blank. What is the source of the ‘decisive external influences’ that propel the mazes of life, if not the sun?” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 32 – 33.

³³² Tradução minha. “There is no difference between desire and the sun: sexuality is not psychological but cosmological.” *Ibid.* p. 26.

absoluta a pulsão de morte enquanto motor do Universo — e portanto o Universo como cheio de vida. Nossa estrela seria então, é claro, o verdadeiro sujeito da História terrestre. Mas o Sol não está sozinho; ou melhor: nós não estamos sozinhos. Habita conosco no planeta o *outro* outro da pura luz: não seu mero envelopamento momentâneo em organicidade, mas sua completa inversão ontológica: depois de transformar-se em matéria, a luz é lentamente liquidada nas profundezas da Terra, dando origem à maior fonte de energia do planeta, que é o petróleo — ou nas palavras de Reza Negarestani, “o cadáver negro do Sol”³³³.

E se pode parecer que temos um forte aliado, portanto, contra a hegemonia autoritária e unidirecional do Sol rumo à reversão da entropia, a realidade seria, segundo Negarestani, um pouco mais terrível. Sendo gestado enquanto outro do Sol muito antes da emergência do ser humano, o petróleo estaria muito mais alinhado a uma agência planetária, ou muito mais em controle dela. O capitalismo, por exemplo, não seria fruto da humanidade; estaria aqui *antes* e, conforme Fisher ao explicar a interpretação de Deleuze e Guattari, “quando enfim chega, o capitalismo traz consigo uma dessacralização massiva da cultura.”³³⁴, constituindo, de certa forma, e esta é a tese de Negarestani que encerra essa dissertação, uma doença infectada à raça humana pelo vírus do petróleo.

CAPÍTULO 4: CATAVOO

4.1 Aceleracionismos: entre a crítica e o crítico

Não há opção real entre a cibernética da teoria e a teoria da cibernética.

- Nick Land, *Circuitagens*.³³⁵

Você acha que o mundo não é um computador? É um computador; suas grandes computações estão ocultas.

- Reza Negarestani, *O chamado do deserto*.³³⁶

³³³ NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 26.

³³⁴ FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária. 2020. p. 14.

³³⁵ Tradução minha. “There is no real option between a cybernetics of theory or a theory of cybernetics.” LAND, Nick. *Circuitries* in LAND, Nick. **Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007**. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011. p. 295.

³³⁶ Tradução minha. “You think that the world is not a computer? It is a computer; its great computations are occult.” NEGARESTANI, Reza. *The Draw of the Desert* [seminário], aula 7. Março 2024. Disponível em: <https://youtu.be/IMen6RKt-34>. Acesso em 04 jan. 2025.

Ao que procedemos para o início do fim dessa dissertação, apresenta-se um momento oportuno para realizarmos algumas distinções a fim de que não levemos do item anterior nenhuma confusão relativa aos termos e aos conceitos que têm orientado a exposição teórica; a saber: filosofia da energia, aceleracionismo, materialismo libidinal e pessimismo ou filosofia do desejo. Nossa interpretação, ou a hipótese que está sendo aqui aventada, é que o aceleracionismo é *uma* filosofia da energia, o que quer dizer que haveria, evidentemente, a possibilidade de filosofias da energia *outras*, que estruturariam seu pensamento por outros caminhos. Da mesma forma, portanto, que haveria filosofias da energia que não o aceleracionismo, também o aceleracionismo pode ser interpretado como outra coisa que não filosofia da energia³³⁷. Não constituem essas a interpretação em tela, contudo.

A hipótese em tela é a de que o aceleracionismo é uma filosofia da energia, e ela é construída quando mobiliza-se as outras duas noções agora mencionadas. Através de uma interpretação *energética* (o mais preciso seria dizer *energeticista*, uma palavra inexistente na língua portuguesa) do que ele chama de *pessimismo ou filosofia do desejo* (o nexos teórico entre Nietzsche, Freud e Bataille quando informados pelo kantianismo que é modulado por Schopenhauer), Nick Land elabora uma nova concepção de energia que ele chama de *materialismo libidinal*. Aceleracionismo ou filosofia da energia seria o movimento (em seu sentido estético mais amplo) que se ocupa do desenvolvimento (com seus acoplamentos e eventuais revisões) e da exposição dessa nova concepção de energia.

Isso quer dizer que o materialismo libidinal não é a única forma teórica do aceleracionismo; é apenas a primeira. Justamente, contudo, por ser a primeira, todas as alternativas ofertadas aparecem obrigatoriamente em resposta a ela; em maior ou menor grau, mas sempre, em algum nível, em resposta a ela. Nesse sentido, os *aceleracionismos* posteriores podem ser “medidos” pelo seu grau de aderência ao materialismo libidinal, isto é, à primeira fase da obra de Nick Land. Recordemos-nos do que ele diz, talvez de maneira bastante

³³⁷ Hilan Bensusan, por exemplo, na primeira aula de seu seminário *Towards A Spectral Realism* (“Em direção ao realismo espectral”) (2023), interpreta o aceleracionismo como a tentativa de atribuir ao marxismo uma ontologia — o que é discutível se seria, em primeiro lugar, uma necessidade e, também, se teria sido bem-sucedido. Disponível em <https://youtu.be/fMk8iW5BahU>. Acesso em 04 jan. 2025. O próprio Negarestani, por sua vez, define aceleracionismo como “um projeto de construção orientado à liberação da inteligência, à iliberalização da liberdade e aprimoramento coletivo.” Tradução minha: “(...) a project of construction aimed at liberation of intelligence, illiberalization of freedom, and collective enhancement”. *The Human Centipede: A View From the Art World* (“A centopeia humana: Uma visão do mundo da arte”) (2024). Disponível em <https://tripleampersand.org/the-human-centipede-a-view-from-the-art-world/>. Acesso em 04 jan. 2025. “‘Iliberalização’ da liberdade” significa, provavelmente, o desmantelamento do que Fisher chama em *Realismo capitalista* de “ontologia de negócios”, o meio de vida promovida pelo que convencionou-se chamar de neoliberalismo e que dita que tudo em nossas vidas deve ser gerido como um negócio, e que está única e exclusivamente na mão de cada indivíduo a sua liberdade — o que significa dentro do capitalismo, enriquecer (de preferência a ponto de tornar-se multimilionário).

sonhadora ou megalomaniaca, quanto ao escopo das implicações de sua teoria: “Uma série inteira de pseudo-problemas positivamente colapsaram”³³⁸, no que, como uma espécie de Wittgenstein cibernético³³⁹, Land afirma, como visto, que alguns dos problemas essenciais da filosofia ocidental, como a relação entre a mente o corpo, entre uma ideia e um objeto ou a natureza da linguagem, sequer constituiriam, realmente, problemas.

Quer dizer, há inúmeras noções do materialismo libidinal e do que nele está implicado que podem ser negociadas, revistas, recusadas, reelaboradas, reinventadas etc. É isso que dá ao aceleracionismo seu amplo espectro teórico e sua potência enquanto movimento artístico e filosófico. Conforme Mark Fisher, a preocupação primordial do materialismo libidinal é o que ele chamava de “*problema da experiência*”³⁴⁰. O *realismo especulativo* aparece, por exemplo, ao buscar delimitar as fronteiras e as sobreposições entre a experiência e a cognição; quer saber, numa clássica crítica ao molde das kantianas, das condições da experiência.

O *aceleracionismo de esquerda*, por sua vez, aparece indo de encontro do materialismo libidinal na outra ponta: preserva sua epistemologia, mas quer resgatar uma agência política que teria sido, na perspectiva energética do mundo, supostamente desaparecida — ou, ao menos, não suficientemente radicalizada. Posteriormente aparecem variantes de gênero como o *ciberfeminismo*, tipificações analíticas como o *neorracionalismo* e modificações de gênero e analíticas como o *xenofeminismo*, para o qual, preservando uma noção fundamental do materialismo libidinal que é o papel revolucionário da mulher (ou *mulher anastrófica*³⁴¹), “o racionalismo deve, em si, ser um feminismo”³⁴². Essas seriam apenas algumas, dentre outras, das novas modulações teóricas do aceleracionismo que se seguem enquanto negociações com o materialismo libidinal. Cada uma dessas modificações fornece reflexão suficiente para um trabalho próprio, sendo o escopo dessa dissertação o momento seminal que essas modulações vêm criticar.

³³⁸ Tradução minha. “A whole series of pseudo-problems positively collapsed.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 30.

³³⁹ Muito resumidamente, Wittgenstein quer dizer em seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, de 1921, que, grosso modo, a maioria dos problemas filosóficos não passa de confusão linguística, uma operação que Land, de certa forma, repete — porém no caso landiano é a cibernética e não a linguagem o que transforma os “problemas” em pseudo-problemas (confusões).

³⁴⁰ Tradução minha. “(...) the problem of experience.” FISHER, Mark. *Practical Eliminativism: Getting Out of the Face, Again* in *Speculative Aesthetics*. ed. MACKAY, Robin, PENDRELL, Luke, TRAFFORD, James. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2014. p. 90.

³⁴¹ Ver SURJUS, Lucas. *The Great Unhealth Which is Men: Accelerationism's anastrophical woman*. Espaço Entre Nós. 2024. Disponível em: <https://espacoentrenos.wordpress.com/2024/12/02/the-great-unhealth-which-is-men/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

³⁴² LABORIA CUBONIKS. *Xenofeminismo: Uma política pela alienação*. 2018. Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Ele é delimitado no momento exato em que se poderia argumentar que o materialismo libidinal foi levado ao limite, que é o que *Ciclonopédia* é. Considerada também como um dos primeiros trabalhos realmente relevantes de realismo especulativo, é possível argumentar que, na verdade, ela constituiria a última obra (realmente relevante) de materialismo libidinal, representando a passagem definitiva de um movimento aceleracionista ao outro ao levar o materialismo libidinal às últimas consequências, não mais refletindo sobre as implicações da perspectiva energética do Universo para a vida humana na Terra mas, finalmente, pensando do ponto de vista da própria energia. Quer dizer, as duas pontas onde o materialismo libidinal é esgotado (sua epistemologia e sua (suposta ausência) de práxis política) são ignorados por Reza Negarestani; ao invés disso, ele intensifica o materialismo libidinal. A capacidade que o materialismo libidinal teria de dizer sobre um registro experiencial da energia é assumida sem, como ocorre em *Sede de Aniquilação*, ter-se que preocupar-se em explicá-la; é algo dado de antemão.

A obra de Land, é claro, aparece justamente para realizar a exposição teórica do materialismo libidinal, construindo uma máquina diagnóstica que é levada à beira do colapso por Reza Negarestani — ou mesmo ao colapso, considerando o ponto de não retorno do realismo especulativo a seguir da *Ciclonopédia*. Nesse sentido, *Sede de Aniquilação* e *Ciclonopédia* são uma dupla. O livro de Land fornece a chave teórica para o livro de Negarestani, ao mesmo tempo que o livro de Negarestani funciona como intensificação do livro de Land — acelera o aceleracionismo, desmontando qualquer metáfora ao partir do ponto de vista do *combustível* ele mesmo.

Se, como disse Mark Fisher, o tal *problema da experiência* ao qual o materialismo libidinal quereria tratar se dá através do “tipo de busca impossível por experienciar não apenas o maximamente intenso mas, mais que isso, a busca por experienciar de uma posição em que a experiência, ela mesma, já não é possível; quer dizer, morte, morte ela mesma como limite”³⁴³, o que a *Ciclonopédia* quer fazer é constituir o registro experiencial da morte — a experiência impossível; é, nesse sentido, um livro impossível: impossível de ser catalogado (é filosofia, teologia, romance ou ocultismo?), impossível de ser “refutado” (o empurrão da teoria-ficção para o limiar da ficção-científica de horror torna a refutação um falso problema), impossível de ser, da mesma forma, “endossado” (também não faz sentido pensar nisso) e talvez, acima de

³⁴³ Tradução minha. "(...) the kind of impossible quest to experience not only the maximally intense, but beyond that, the quest to experience from a position where experience itself is not possible; i.e. death, death itself as the limit." FISHER, Mark. *Practical Eliminativism: Getting Out of the Face, Again in Speculative Aesthetics*. ed. MACKAY, Robin, PENDRELL, Luke, TRAFFORD, James. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2014. p. 90.

tudo, impossível de ser plenamente compreendido. É um livro que, diferente de *Sede de Aniquilação*, não quer ser compreendido; enquanto registro experiencial da morte, não poderia.

É em sua potência estética que a *Ciclonopédia* se diferencia não só de *Sede de Aniquilação*, com quem compartilha o paradigma, mas diferencia-se também de praticamente todo o restante da constelação aceleracionista, constituindo até hoje um ponto fora da curva; um livro de filosofia que poderia ser exposto numa galeria de arte. É apenas enquanto obra de arte, é claro, que o registro experiencial da morte poderia vir a ser. Dessa forma, a *Ciclonopédia* é, também, como dito, a exaustão da teoria-ficção: sua explosão delirante num emaranhado de livros dentro de livros, autores viajando entre dimensões e blasfêmias viajando no tempo e através da páginas para assombrar o leitor quando se recolhe para o mundo dos sonhos; faz isso para nos contar o que é que anda pensando a morte — a morte aborígene, pré-histórica e abissal de tudo o que veio antes de nós, que é o petróleo: a morte-em-si quando luz é vida-em-si. Ao invés da crítica, o crítico: a experiência máxima da teoria-ficção enquanto instrumento do materialismo libidinal — sua morte enquanto corrente prevalecente do aceleracionismo; a *Ciclonopédia* é o saciar da sede de aniquilação. Seu próprio nome, como agora veremos, é inspirado num capítulo de *Sede de Aniquilação: The passion of the cyclone (fanged noumenon)* (“A paixão do ciclone (númeno dentado)”).³⁴⁴

4.2 A paixão do ciclone: o númeno dentado entre Land e Negarestani

O oceano não tem sentido senão como uma falha da terra.

- Nick Land, *Sede de Aniquilação*³⁴⁵

Se *Sede de Aniquilação* é o que fornece a chave teórica para a interpretação da *Ciclonopédia*, é em seu sétimo capítulo, *A paixão do ciclone (númeno dentado)*, que se encontra de maneira mais evidente essa contribuição. A bem da verdade, também para a obra de Land esse é um texto essencial; sua coletânea, publicada em 2011, leva o nome do subtítulo: *Fanged Noumena* — talvez mais precisamente traduzido como *Númeno Com Presas*. É o caso porque é em *A paixão do ciclone (númeno dentado)* que aparece pela primeira vez o que Land conceituará posteriormente como *geotraumática* — a investigação dos traumas da Terra e

³⁴⁴ NEGARESTANI, Reza. *The Draw of the Desert* [seminário em vídeo]. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/lMen6RKt-34>. Acesso em 04 jan. 2025.

³⁴⁵ Tradução minha. “The ocean has no sense except as a failure of the land.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 77.

relação entre esses traumas e a História. Essa operação, que é uma espécie de radicalização do que já faz George Bataille, é informada por um problema de subjetividade e agenciamento (o “problema da experiência” fisheriano) que apareceria, segundo Land, através da filosofia transcendental de Kant enquanto formalização da razão iluminista; a síntese transcendental faria com que pensar em algo absurdo como a “paixão de um ciclone” fosse não apenas possível, mas necessário. Ciclones, define Land,

(...) são máquinas atmosféricas que transformam energia latente em momento angular por meio de um processo de retroalimentação com potencial para consequências catastróficas. Suas condições de surgimento são uma superfície de água quente, uma latitude de pelo menos cinco ou seis graus de desvio do equador (de modo que o efeito Coriolis esteja em operação), uma instabilidade pronunciada na coluna de ar ou uma baixa pressão na superfície, e a ausência ou virtual ausência de cisalhamento do vento. Quando essas condições coexistem, um ciclone pode se desenvolver ao longo de um período que normalmente dura de quatro a oito dias. Um grande ciclone transfere 3,5 bilhões de toneladas de ar por hora da atmosfera inferior para a superior, liberando energia na ordem de 10^{25} ergs a cada segundo.³⁴⁶

Pensar num fenômeno como esse enquanto um ser apaixonado quer dizer que até ele, até mesmo um ciclone, que se apresenta a nós enquanto pura catástrofe, é na realidade um agenciamento, ou uma tentativa de agenciamento, que é informado por causas exteriores — que é o que significa ser apaixonado. Nos termos com que Spinoza elabora em sua *Ética*, nem mesmo o ciclone seria, portanto, plenamente causa ativa de si mesmo. A bem da verdade, a conflagração de um ciclone é fundamentalmente uma amálgama de infinitas pequenas causas exteriores (passivas). O ciclone não é apenas, portanto, um ser apaixonado, mas é também uma paixão da própria da Terra; é a Terra quando apaixonada. A Terra apaixonada, por sua vez, traz outras implicações: o que mais que ela tem, afinal, além de suas paixões? Teria sonhos também? Planos? Segredos? Faz algum sentido pensar nisso?

Para Land, é a única coisa que faz sentido; é, na verdade, a única teoria possível, pois se em “(...) seus estágios iniciais, o capital ainda é uma questão de autocontrole, (...) após alguns séculos, seu etos rígido se desvanece, porque não resta um eu efetivo para resistir a

³⁴⁶ Tradução minha. “(...) are atmospheric machines that transform latent energy into angular momentum in a feedback process of potentially catastrophic consequence. Their conditions of emergence are a warm water surface, a latitude of at least five or six degrees deviation from the equator (such that the Coriolis effect is operative), a pronounced instability in the air column or a low surface pressure, and the absence or virtual absence of wind shear. When these conditions coexist a cyclone can develop, over a period that normally lasts from four to eight days. A large cyclone transfers 3.5 billion tons of air an hour from the lower to upper atmosphere, and releases energy in the order of 10^{25} ergs every second.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 74.

ele."³⁴⁷ Se o Sol é o sujeito inconsciente da História, o capital aparece na modernidade enquanto modulação dessa sujeição numa espécie de *sujeito fantasma* da humanidade, imbuindo em nós, como se fossem nossos, seus agenciamentos, de forma que a única perspectiva a qual faria sentido pensar é a da Terra, a Terra contra o Sol — o que se pode compreender também como o que quer dizer, afinal, o *inumano*. Nesse sentido o aceleracionismo apresenta o capitalismo sob o ponto de vista do capital mas apresenta também a Terra sob o ponto de vista geológico, e é o registro energético do materialismo libidinal o que alinha as duas perspectivas. Ou seja, de qualquer maneira, o sujeito não é nós; “Não resta um eu efetivo”, como disse Land.

A imagem do ciclone aparece não só como paixão da Terra, mas também como lembrança da fragilidade da vida e o momento catastrófico (apaixonado) de uma disputa entre o mar e a terra-firme, expressão geológica do decaimento natural da natureza, a tendência à desorganização generalizada, a improvável possibilidade de organização localizada, ou, enfim, para pôr numa palavra, a estranheza da entropia. Por que outro motivo seria a maré um símbolo de erotismo e mistério? Elementos esses que, para Land, são colocados em quarentena pela operação kantiana, que quer conhecer tudo e legislar para sempre, no que para ele Kant, que nunca em sua vida saiu de Königsberg, não passa de um talassofóbico (quem tem medo do mar): “Não é a filosofia transcendental um medo do mar? Algo como um dique ou um quebra-mar?”³⁴⁸ Argumenta Land que

A razão, em sua função legítima, é uma defesa contra o mar, que é também uma inibição do terrestre; retardando nossa tendência a desperdiçar em fúteis expedições nossos custosamente acumulados recursos, uma "barreira oposta às ofertas do dispêndio" [II 332], como descreve Bataille. É uma fronteira fortificada, que sela tudo o que é incerto, irresoluto, dissolvente, um quebra-mar contra o desconhecido, contra a morte.³⁴⁹

Para Land, a cruzada contra o mar, cruzada contra a morte certa, é do que se trata o todo do kantianismo, e o que viria a informar, portanto, a modernidade capitalista. E recordemos-

³⁴⁷ Tradução minha. “In its early stages capital is still a matter of self-control, but after a couple of centuries its rigid ethos withers away, because there is no effective self left to resist it.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 79.

³⁴⁸ Tradução minha. “Is not transcendental philosophy a fear of the sea? Something like a dike or a sea-wall? *Ibid.* p. 74.

³⁴⁹ Tradução minha. “Reason in its legitimate function is a defence against the sea, which is also an inhibition of the terrestrial; retarding our tendency to waste painstakingly accumulated resources in futile expeditions, a ‘barrier opposed to the expenditure offerees’ [II 332] as Bataille describes it. It is a fortified boundary, sealing out everything uncertain, irresolvable, dissolvent, a sea-wall against the unknown, against death.” *Id.*

nos do imperativo categórico ao apontar como um causa tão nobre seria, é claro, querida e acatada por todos; *por todos os seres racionais*. Quem em sã consciência poderia discordar que nosso grande inimigo é a morte, não é mesmo? Somos seres vivos. O que ocorre, contudo, é que o que a cruzada contra a morte faz é *sumir* com a morte. Não é possível, é claro, “vencer a morte”, e é bastante discutível se isso sequer seria desejável. A única possibilidade para tal operação seria implicá-la contra uma morte abstrata, uma morte generalizada, o que posiciona a morte *para fora* de nossas vidas, no que seria a morte o sujeito transcendental do capitalismo, e dessa forma ela é desprovida de sua naturalidade e torna-se sanitarizada.

Kant faria isso, segundo Land, ao pensar no objeto impossível do númeno, algo que é essencialmente impensável e inexperienciável e que deveria existir para fiar a possibilidade daquilo que é pensável e experienciável. “Dessa forma”, diz Land, “a obsessão ocidental com o objeto se consuma na cega passividade de seu niilismo.”³⁵⁰ Para Land, o númeno é um objeto vazio, o objeto do nada, mas que Kant resistia comparar ao zero justamente porque ele é a qualidade de *alguma coisa*, ainda que dessa coisa não se possa saber; é um zero virtual. Porque o númeno é precisamente “a ausência de sujeito, (...) portanto inacessível em princípio à experiência”³⁵¹, a operação de posicionar-lhe enquanto fiador da possibilidade de experiência como que daria, para Land, vazão à alma do ser humano, daria-lhe uma vida que é dar vida à morte através do “eu que é invulnerável às transições, ou sinônimo de tempo enquanto tal. Esse é o ‘real’ ou ‘verdadeiro’ sujeito, o *self* ou alma, o sujeito que descarta sua instância empírica sem sofrer qualquer dano, o sujeito imortal da mortalidade.”³⁵² O sujeito das aspirações eternas e infinitas do modernismo capitalista só poderia ser também o sujeito tempo e o sujeito morte; são as únicas coisas eternas e infinitas — e, de certa forma, são a mesma coisa³⁵³. Vem daí, é claro, a máxima capitalista: *tempo é dinheiro*. Não é uma metáfora. Conforme explica Land:

³⁵⁰ Tradução minha. “In this way the Occidental obsession with the object consummates itself in the blind passivity of its nihilism.” *Ibid.* p. LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 77.

³⁵¹ Tradução minha. “The noumenon is the absence of the subject, and is thus inaccessible in principle to experience.” *Ibid.* p. 78.

³⁵² Tradução minha. “(...) the self which is invulnerable to transition, or synonymous with time as such. This is the ‘real’ or ‘deep’ subject, the self or soul, a subject that sloughs-off its empirical instantiation without impairment, the immortal subject of mortality.” *Id.*

³⁵³ Como vimos no segundo capítulo, a morte térmica do Universo não implica que o tempo parará de correr depois de ter acontecido; simplesmente tudo ficará parado e gelado para sempre e o relógio continuará contando para sempre — de forma que toda a história “viva” do Universo terá na verdade durado um piscar de olhos e durante toda sua existência sua essência será, majoritariamente, ser-morto. Sim, é estranho pra caramba.

Com Kant, a morte encontra sua formulação teórica e seu enquadramento utilitário como uma quasi-objetividade correlativa ao capital, e núneno é seu nome. A circulação efetiva desse termo na filosofia coincidiu com o surgimento de uma ordem social baseada em uma profunda racionalização do excesso, ou rigorosa delimitação de letalidade voluptuosa. À medida que o racionalismo iluminista consolida seu domínio, cada vez menos cadáveres permanecem expostos em locais públicos a cada ano, cada vez menos crânios são usados como pesos de papel, e cada vez menos indigentes morrem ignorados nas ruas. Até mesmo os cemitérios são racionalizados e organizados. Não é surpreendente, portanto, que com Kant a tanatologia sofra a mais massiva reconstrução de sua história. Os abutres clericais são expurgados ou marginalizados. A morte não é mais para ser culturalmente circulada, colocando uma referência transcendente em produção e garantindo os direitos dos interesses supraterrrestres. Em vez disso, a morte é privatizada, recolhida para a interioridade, oscilando à margem do contrato como uma ansiedade narcisista sem reconhecimento público. Comparada à alma imortal do capital, a morte do indivíduo torna-se uma trivialidade empírica, uma mera redistribuição de ativos.³⁵⁴

O capital, a Terra e o Sol teriam sido, dessa maneira, fundamentalmente trancados, segundo a leitura landiana do kantianismo, num circuito que *atravessa* o ser humano, e nos atravessa da mesma maneira que um ciclone atravessa uma costa marítima, no que, diz Land, “O capital alcança seu próprio ‘momento angular’, perpetuando um turbilhão desenfreado de dissolução, cujo núcleo é o zero virtual da acumulação metropolitana impessoal.”³⁵⁵ O ciclone é então não só um ser apaixonado e também a paixão da Terra, mas é também o próprio capital — ele mesmo, portanto, não só um ser apaixonado, mas também a paixão da Terra, no que “No auge de sua potência produtiva, o animal humano é lançado a uma nova nudez, à medida que tudo o que é estável é progressivamente liquidado na tempestade.”³⁵⁶ Encarar seriamente o capitalismo como a Terra apaixonada implica ao menos uma questão que é fundamental: mas não estava apaixonada antes? O que aconteceu? Se não foi sempre apaixonada, quando se tornou apaixonada? E estaria, afinal, apaixonada pelo quê? Ora, a Terra está apaixonada pelos

³⁵⁴ Tradução minha. “With Kant death finds its theoretical formulation and utilitarian frame as a quasi objectivity correlative to capital, and noumenon is its name. The effective flotation of this term in philosophy coincided with the emergence of a social order built upon a profound rationalization of excess, or rigorous circumscription of voluptuous lethality. Once enlightenment rationalism begins its dominion ever fewer corpses are left hanging around in public places with each passing year, ever fewer skulls are used as paperweights, and ever fewer paupers perish undisturbed on the streets. Even the graveyards are rationalized and tidied up. It is not surprising, therefore, that with Kant thanatology undergoes the most massive reconstruction in its history. The clerical vultures are purged, or marginalized. Death is no longer to be culturally circulated, injecting a transcendent reference into production, and ensuring superterrestrial interests their rights. Instead death is privatized, withdrawn into interiority, to flicker at the edge of the contract as a narcissistic anxiety without public accreditation. Compared to the immortal soul of capital the death of the individual becomes an empirical triviality, a mere re-allocation of stock.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 78.

³⁵⁵ Tradução minha. “Capital attains its own ‘angular momentum’, perpetuating a run-away whirlwind of dissolution, whose hub is the virtual zero of impersonal metropolitan accumulation.” *Ibid.* p. 80.

³⁵⁶ Tradução minha. “At the peak of its productive prowess the human animal is hurled into a new nakedness, as everything stable is progressively liquidated in the storm.” *Id.*

astros, é claro; a Lua e as estrelas que aparecem para refrescar nossa vida e nossa mente quando o Sol e o trabalho se vão.

Sim, sempre estive apaixonada pelos astros, mas é que após o iluminismo nós ganhamos, ao adentrar a modernidade capitalista, um estranho aliado cuja promessa é justamente nos levar para conhecer a Lua e as estrelas. Se há uma máquina instalada na humanidade que roda um programa voltado à dissipação aniquilatória de fluxo solar rumo ao zero virtual, é a morte real da energia o que serve de combustível a essa máquina, no que a força do Sol é tão exuberante que mesmo o seu cadáver, que é o que petróleo é, fornece a nós nossa maior fonte de energia elétrica no planeta. A paixão da Terra é também a doença da Terra, um grave desequilíbrio emocional, e essa doença teria sido nos transmitida pelo petróleo, pela possibilidade da exploração de petróleo, por sua vez possibilitada pelo advento da ciência moderna que se seguiu ao iluminismo. A promessa de que poderemos realizar nosso sonho de conhecer as estrelas; mas tem um custo, que é o nosso planeta.

Se com o númeno a morte ganha vida, com a *Ciclonopédia* é o númeno dentado landiano o que ganha vida; é tornado protagonista de um romance. Sim, a Terra tem segredos. Eles podem ser revelados; eles têm sido revelados. Nossa atividade de prótese implica obrigatoriamente uma atividade de desvelamento das riquezas ocultas, onde aquilo que chamamos de progresso nos permite extrair de maneira cada vez mais profunda, tanto literal quanto metaforicamente, todo nosso potencial, no que a iluminação do iluminismo vai aparecendo enquanto um processo de virar a Terra do avesso. Seguimos dismantelando os segredos do Universo (ou assim nos conta a física quântica) e com isso conectamos o planeta inteiro numa rede virtual na medida exata em que colocamos para fora o que estava dentro. Land diz que a modernidade capitalista é “a primeira civilização realmente vampírica”³⁵⁷ e isso não diz respeito apenas ao funcionamento do capitalismo quando modulado pela síntese transcendental kantiana (o númeno com presas, afinal, númeno vampírico), pois a materialidade do petróleo pode ser compreendida também como o sangue do planeta, que certamente, portanto, não deveria estar exposto: “Trabalho morto é muito mais difícil de controlar do que as coisas vivas eram, que é porque o projeto iluminista de enterrar a superstição gótica foi o nobre caminho para a primeira civilização verdadeiramente vampírica, em que a morte, sozinha, vem governar.”³⁵⁸ É apenas com Negarestani, contudo, que o petróleo será pensado dessa maneira, e será necessário um

³⁵⁷ Tradução minha. “(...) the first truly vampiric civilization.” LAND, Nick. *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992. p. 79.

³⁵⁸ Tradução minha. “Dead labour is far harder to control than the live stuff was, which is why the enlightenment project of interring gothic superstition was the royal road to the first truly vampiric civilization, in which death alone comes to rule.” *Id.*

longo caminho desde *Sede de Aniquilação*, no que Land atravessa uma fase experimental em que explora numa variedade de formatos e texturas as formulações teóricas do materialismo libidinal, notavelmente para nós a perspectiva da Terra a qual viria, através da invenção de um professor fictício e a entrada da prosa no mundo da ficção, conceituar como geotraumática — a ciência dedicada ao estudo dos geotraumas —, o que fornece o poderoso instrumento da teoria-ficção.

4.3 Teoria-ficção: CCRU e o retorno do mito

Eles idolatravam, segundo disseram, os Grandes Antigos que viveram eras antes de existir o homem, e que tinham vindo do céu quando o mundo era novo. Esses antigos tinham ido embora agora, para dentro da terra e debaixo do mar, mas seus cadáveres tinham revelado seus segredos em sonhos para os primeiros homens, que formaram um culto que jamais morreu.

LOVECRAFT, H. P. *O chamado de Cthulhu*³⁵⁹

Negarestani relata em aula³⁶⁰ ter conhecido a obra de Land em 1997, quando era aluno no mestrado em engenharia de sistemas na Universidade de Shiraz, no Irã. Conta de uma feira de livros de editoras estrangeiras que fora montada no jardim persa do campus, em que podia comprar livros com dólar subsidiado. Ao chegar no estande da editora Routledge, literalmente julga um livro pela capa e decide comprar *Virtual Futures* (“Futuros Virtuais”) em decorrência de seu nome e de sua arte.³⁶¹ Com *Futuros Virtuais*, Negarestani descobre não só Land, através de seu texto *Cybergothic* (“Cibergótico”), mas também a CCRU, que vai fornecer a última peça do quebra-cabeça do estilo *ciclonopédico*. Não vai esgotar, é claro, as referências e as inspirações de Negarestani para a obra, que são o que tornam a *Ciclonopédia* uma obra *sui generis* dentro da constelação aceleracionista, acoplando ao materialismo libidinal teologia muçulmana e ocultismo pagão do deserto pré-cristão para conectar a Guerra ao Terror à história geológica do planeta. “Ler Negarestani”, diz o filósofo Graham Harman (autor de *Object-Oriented Ontology* (“Ontologia objeto-orientada”)), “é como ser convertido ao islã por

³⁵⁹ LOVECRAFT, H. P. *O chamado de Cthulhu* in HOUELLEBECQ, Michel. **H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 115.

³⁶⁰ NEGARESTANI, Reza. *The Draw of the Desert* [seminário em vídeo]. Março 2024. Disponível em: <https://youtu.be/lMen6RKt-34>. Acesso em 04 jan. 2025.

³⁶¹ É curioso destacar que li a *Ciclonopédia* pelo exato mesmo motivo. Fui comprado pela arte da capa e pelo título, mais especificamente pelo subtítulo *cumplicidade com materiais anônimos*, interrompendo minhas outras leituras para descobrir do que se tratava.

Salvador Dali.”³⁶² Sua maior inspiração, diz Negarestani, é uma variação da história de Simbad que conta não do navegante dos sete mares, mas um Simbad navegante do deserto.³⁶³ É, contudo, a CCRU o que fornece o ambiente em que a *Ciclonopédia* pode vir a aparecer, no caso 11 anos depois desse primeiro contato ocorrido através de *Futuros Virtuais*.

A CCRU (*Cybernetic Culture Research Unit*) era a Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética, um coletivo para-institucional fundado em 1995 por membros da Universidade de Warwick, a 130km de Londres. Seus membros mais notáveis foram os já citados Mark Fisher, Nick Land e também Sadie Plant, autora de *Zeros + Ones* (“Zeros + Uns”) e precursora do ciberfeminismo. A existência do grupo era envolta em polêmica e mistério, com supostos rituais mágicos camuflados em pretensos simpósios acadêmicos, eventualmente adotando como lema a resposta institucional padrão ao grupo: “a CCRU não existe, nunca existiu e nunca existirá.”³⁶⁴

O que a CCRU fez enquanto grupo experimental de filosofia é, grosso modo, unir a mitologia lovecraftiana ao materialismo libidinal. Depois, quando o grupo se dissolve de vez, em 2003, cada um de seus membros embarca em empreitadas radicalmente diferentes não só do que a CCRU fazia, mas também do que os pares estão agora fazendo; não é, de maneira alguma, possível reduzir o aceleracionismo à CCRU, mas, em seu caso, o que fora feito é, grosso modo, isso; a reapresentação do materialismo libidinal sob a textura da mitologia de H. P. Lovecraft. Há também, com a aproximação da virada do milênio e a expansão da internet, uma intensificação do léxico cibernético em seu sentido vulgar, isto é, aquele que fala das máquinas, do digital, do futuro, “do aço cromado”, mas a verdade é que o registro cibernético em um sentido cru é o que o materialismo libidinal é, estando já devidamente fundamentado, portanto, em *Sede de Aniquilação* (uma obra que antecede em três anos a CCRU). O que pode ser compreendido também como um *metabolismo das coisas*. Como explica Mark Fisher, “Nada é ‘mais cibernético’ que nenhuma outra coisa. Há apenas sistemas com mais ou menos retroalimentação, e diferentes tipos de retroalimentação (k+, k-, k0). Então se a palavra ‘cibernética’ te remete apenas a aço reluzente, você está fazendo a associação errada.”³⁶⁵

³⁶² Tradução minha. “Reading Negarestani is like being converted to Islam by Salvador Dali.” HARMAN, Graham. Essa citação está na contracapa do livro.

³⁶³ Negarestani me relatou numa conversa particular, que autorizou todas as (poucas) ocorrências desse tipo de fonte.

³⁶⁴ Tradução minha. “‘Ccru does not, has not and will never exist.’ CCRU. *A Short Prehistory of Ccru*. Disponível em: [http://www.ccru.net/id\(entity\)/ccruhistory.htm](http://www.ccru.net/id(entity)/ccruhistory.htm). Acesso em 31 jan. 2025.

³⁶⁵ Tradução minha. “(...) nothing is ‘more cybernetic’ than anything else. There are only systems with more or less feedback, and different types of feedback (k+, k-, k0.) So if the word ‘cybernetics’ calls up only gleaming steel you have the wrong association.” FISHER, Mark. *Spinoza, k-punk, neuropunk*. k-punk. 2004. Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/003875.html>. Acesso em 31 jan. 2025.

A eventual convergência entre o materialismo libidinal e H. P. Lovecraft era óbvia: a obra do escritor americano é a referência literária para o *horror cósmico*, apresentando um mundo habitado por terríveis seres celestiais que tornam a agência humana insignificante, no que o que concebemos por História seria, na verdade, um erro grave de registro. Também, através duma escrita hiper-cientificista, Lovecraft comunga com o materialismo libidinal desse certo *metabolismo das coisas*. O horror aparece na descrição meticulosa, escrita como se com um bisturi, e então na terrível exaustão da possibilidade de descrição, no que mesmo esse narrador meio robô, meio alienígena, é incapaz de dizer o que está vendo.

O que pode parecer como uma incapacidade literária de Lovecraft (algo como “o monstro é tão, mas tão horrível que é impossível descrevê-lo”) é, na verdade, sua genialidade, e a genialidade da mera existência de sua obra, sua conexão inevitável com o aceleracionismo enquanto uma crítica do capitalismo e da filosofia moderna que se dá através da perspectiva do capital e da Terra. A maneira como o horror lovecraftiano culmina na exaustão da possibilidade de descrição é facilmente notável; também é facilmente notável (basta ler seus textos) que Lovecraft era racista. O que geralmente se falha em se perceber e a CCRU expõe enquanto uma expressão artística da crítica aceleracionista ao kantianismo é a maneira como as duas coisas estão fundamentalmente tramadas.

O recluso de Providence e o solitário de Königsberg têm muito em comum. Ora, qual seria a consequência de buscar-se descrever o mundo ao limite da mera possibilidade de descrição senão um frio, quase congelante, distanciamento do que se busca analisar? O horror indescritível de Lovecraft é o que a alteridade se tornou para nós através do númeno kantiano: essencialmente indescritível e, por isso, abominável. O horror lovecraftiano é a mais bem acabada expressão literária de um númeno que é vampírico, tornando fratura exposta (tornando crítico) o caráter iminentemente racista da filosofia transcendental e, por consequência, considerando a leitura landiana, da modernidade capitalista de maneira geral.

Ecoando ainda a talassofobia kantiana, o mais popular dos monstros lovecraftianos, Cthulhu, habita o fundo dos oceanos e tem uma cabeça que é um polvo — além de curiosas asas de morcego. Se Kant queria propor uma filosofia para todos os seres racionais, sejam eles quem forem, talvez sejam esses eles — ou é o que a operação da CCRU sugere. O que Lovecraft é incapaz de dizer sobre o indizível do númeno dentado, ele não poupa para descrever os negros, em palavras que talvez seja desnecessário republicar — “*nigger*” era obviamente o menos pior dos casos. Morria de medo dos negros; esse era seu verdadeiro medo: o outro, o radicalmente diferente ou ainda, para o caso landiano contra Kant, a possibilidade da síntese radical da exogamia patrilinear.

O que a CCRU faz é, da mesma maneira que se aproxima da filosofia moderna de maneira crítica, também com o lovecraftianismo o faz de maneira crítica, apropriando-se das duas para gerar uma heresia filosófica. *Futuros Virtuais*, que Negarestani adquire em 1997 na Universidade de Shiraz, é a primeira coletânea de textos da CCRU. Através dela, Negarestani conhece, portanto, não apenas a obra de Land, mas inteira-se do ambiente virtual da CCRU, estruturado em blogs ora pessoais ora coletivos. Negarestani amiga-se de Land e passa a habitar as caixas de comentário da blogosfera da CCRU, operando como membro virtual do coletivo. Quando a *Ciclonopédia* começa a circular e eventualmente torna-se um fenômeno em meios exteriores ao aceleracionista, especula-se que Reza Negarestani seja na verdade um pseudônimo de Nick Land, ou que se trate de um coletivo de autores, teorias corroboradas por, por exemplo, o curta-metragem *The Invention of Reza Negarestani* (“A invenção de Reza Negarestani”), de Maya B. Kronic³⁶⁶.

Mas Reza Negarestani existe. O que não significa de maneira alguma que Nick Land, ou mesmo uma inteligência artificial³⁶⁷ não tenham colaborado para a existência da *Ciclonopédia*. Há, por exemplo, no primeiro item do primeiro capítulo da *Ciclonopédia* — o item *Palaeopetrology from Gog-Magog Axis to Petropunkism* (“Paleopetrologia do Eixo Gog-Magog ao Petropunk”) do capítulo *Bacterial Archeology: Nether, sub-soil and xeno-chemical insiders* (“Arqueologia bacteriana: Néter, subsolo e *insiders* xenoquímicos”) — uma conversa (páginas 16 a 21)³⁶⁸ entre X e Z, ocorrida no blog *Hyperstition*, um dos principais da blogosfera da CCRU. O livro não se dá o trabalho de apontar isso, mas X é Nick Land e Z é Reza Negarestani³⁶⁹.

O blog *Hyperstition* teria sido, é claro, o receptor das notas do professor Hamid Parsani, que constituem o objeto da *Ciclonopédia*. O Dr. Hamid Parsani, professor de arqueologia e pesquisador na área de colapsos oculturais mesopotâmicos na Universidade do Teerã, preso pela polícia secreta iraniana SAVAK por atividades impatrióticas e disseminação de versões falsas da gloriosa História persa e finalmente demitido da universidade após a revolução de 1979, é claro, não existe. É de certa forma o alter-ego de Reza Negarestani no livro, ainda que o próprio Negarestani apareça enquanto personagem, numa espécie de capítulo zero, que na

³⁶⁶ KRONIC, Maya B. *The Invention of Reza Negarestani*. Read This. 2011. Disponível em: <https://readthis.wtf/media/the-invention-of-negarestani/>. Acesso em 31 jan. 2025.

³⁶⁷ Para o aceleracionismo, toda inteligência é, como define Negarestani em *Intelligence & Spirit* (“Inteligência & Espírito”), uma inteligência artificial, sendo de maneira mais evidente o caso para inteligências *claramente* coletivas.

³⁶⁸ NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 16 – 21.

³⁶⁹ Confirmado em conversa particular.

verdade foi escrito pela artista gráfica e musicista Kirsten Alvanson — que também fez a capa do livro³⁷⁰.

Parsani é, para todos os efeitos, um professor de geotraumática, mas não é o primeiro. Antes dele, Land cria seu professor Charles Daniel Barker, a quem boa parte da literatura da CCRU é dedicada. Evidenciando a textura dessa operação, o Dr. Barker é professor na Universidade de Miskatonic, o lendário campus universitário da mitologia lovecraftiana, localizado na igualmente fictícia cidade de Arkham, no estado do Massachusetts. É válido mencionar também um professor de geotraumática anterior ainda ao Dr. Barker, que é o Dr. Challenger. O personagem fora inventado pelo criador de Sherlock Holmes Sir Arthur Conan Doyle, figurando notavelmente na história *Quando o Mundo Gritou*, e é trazido, num dos platôs mais peculiares (se é possível dizer isso) de *Mil Platôs*, o segundo volume de *Capitalismo e Esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, para dar uma palestra para “amigos e inimigos”³⁷¹; trata-se do terceiro platô, *10.000 a.C. – A Geologia da Moral (Quem a Terra pensa que é?)*.

Torna-se bastante claro, logo de início, que é difícil especificar qual é a área de especialização do Dr. Challenger, se é que há de fato alguma. Suas elaborações viajam por um número de ciências obscuras e filosofias marginais, tateando algum objeto monstruoso que seria de fato ao que ele está sempre se referindo, sendo alguns dos nomes aventados “rizomática, estratoanálise, esquizoanálise, nomadologia, micropolítica, pragmática, ciência das multiplicidades”³⁷². Dessas opções, a bem da verdade, a que parece a mais apropriada ao que o Dr. Challenger parece estar querendo falar é estratoanálise. Suas maiores preocupação são, no limite, os estratos geológicos do planeta e de que maneira eles se articulam através dos fenômenos que são percebidos na superfície. Esse movimento realiza um adendo importante para que a geotraumática, enfim, tenha o nome que tem — desvinculando-se da ontologia essencialmente solar proposta por Bataille. Deleuze & Guattari, no terceiro platô, como que satirizam a figura meio *professor da Universidade de Miskatonic* que era Bataille, arquivista do Museu de Paris, pesquisando ciências impossíveis — ao mesmo tempo que o reiteram e a ele acrescentam.

A geotraumática aparece, finalmente, como coisa em si — isto é, ganha nome —, através duma síntese do movimento batailliano e do posterior movimento deleuzo-guattariano que de certa forma critica o primeiro. E se levarmos isso a sério? Não teriam Deleuze e Guattari dado,

³⁷⁰ Relatado em conversa particular.

³⁷¹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1*. São Paulo: Editora 34. 2011.

³⁷² *Id.*

talvez sem disso perceber, a pista (o platô nº 3) para uma questão que eles mesmos colocam em *O Anti-Édipo* (que é o primeiro volume de *Capitalismo e Esquizofrenia*) — que ainda não teríamos visto nada, e que é necessário acelerar³⁷³. Não seria essa a chave para *revolução molecular* — uma revolução que se dá não através da massificação de um uno molar, mas por uma múltipla diversidade —? A linha de fuga do capitalismo e da possibilidade de fascismo?

De certa forma, a CCRU (e aqui estou incluindo Negarestani da *Ciclonopédia*) realiza a operação de responder essa pergunta com essa resposta, e o que permite ao grupo que faça isso sem deslizar para uma certa ironia com que Deleuze e Guattari escrevem esse texto em particular é escancarar as portas da ficção, e há um motivo para que isso se dê através da textura lovecraftiana. Antes, contudo, de demonstrar como essa operação é mais notavelmente realizada por Land & Negarestani com seus respectivos Dr. Barker e Dr. Parsani, e sendo o fio Kant-Lovecraft o que fia essa possibilidade, é oportuno trazer duas reflexões de Deleuze quanto ao trânsito entre a arte e a filosofia; a primeira delas está em *O Abecedário de Gilles Deleuze* quanto à criação de personagens filosóficos, no item *L de Literatura*:

Pode-se conceber um filósofo que também escreva romances. Sartre tentou fazer isso. Não foi nenhum... Para mim, Sartre não era um romancista, mas ele tentou. Será que houve outros grandes filósofos que escreveram romances importantes? Nenhum que eu conheça. Mas sei de filósofos que criaram personagens. Isso já aconteceu. Platão criou personagens. Nietzsche criou personagens, como Zaratustra. Aí estão os tais cruzamentos dos quais estamos sempre falando. A criação de Zaratustra, tanto poética quanto literariamente, foi um grande sucesso, assim como os personagens de Platão. São pontos em que não se sabe mais o que é conceito e o que é personagem. Estes talvez sejam os momentos mais bonitos.³⁷⁴

Aparecem algumas questões aqui. Não apenas que podemos discordar de Deleuze se já houve ou não filósofos que escreveram bons romances, mas em que sentido não seriam também algumas obras de Platão ou *Assim Falou Zaratustra* romances? Que diferença faz? Aí sem de maneira alguma problematizar Deleuze: “São pontos em que não se sabe mais o que é conceito e o que é personagem. Estes talvez sejam os momentos mais bonitos.”³⁷⁵ Note-se que Deleuze não cita o Dr. Challenger como um personagem filosófico notável; não levam ele e Guattari a ideia da potência da geotraumática enquanto teoria que em sua ficcionalidade explode a

³⁷³ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34: 2010. p. 318.

³⁷⁴ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. [Entrevista concedida a] Claire Parnet. Dir. Pierre-André Boutang. França: INA, 1996. 3 DVDs (8h 30min). Transcrição completa disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2021/06/07/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-completa/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

³⁷⁵ *Id.*

diferença entre o real e o virtual mesmo muito a sério. Destaca-se também, em segundo lugar, um comentário que Deleuze faz no prólogo de *Diferença e repetição*:

Um livro de filosofia deve ser, por um lado, um tipo muito particular de romance policial e, por outro lado, uma espécie de ficção científica. Por romance policial, queremos dizer que os conceitos devem intervir, com uma zona de presença, para resolver uma situação local. Eles se modificam com os problemas. Têm esferas de influência em que, como veremos, se exercem em relação a ‘dramas’ e por meio de uma certa ‘crueldade’. Devem ter uma coerência em si, mas tal coerência não deve vir deles. Devem receber sua coerência de outro lugar. (...) O que este livro deveria apresentar, portanto, é o acesso a uma coerência que já não é a nossa, a do homem, nem a de Deus, nem a do mundo. Neste sentido, deveria ser um livro apocalíptico. (...) Ficção científica (...) no sentido em que os pontos fracos se revelam. Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou se sabe mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos no limite de nosso saber, na extremidade que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro.³⁷⁶

“Um livro de filosofia deve ser por um lado, um tipo muito particular de romance policial e, por outro, uma espécie de ficção científica. (...) Neste sentido, deveria ser um livro apocalíptico.” Seria possível argumentar que a *Ciclonopédia* é o livro de filosofia ideal do deleuzianismo; é simultaneamente um romance policial, ficção científica e um livro apocalíptico. Por que não teria o próprio Deleuze o escrito? Como a citação anterior a essa, numa declaração dada já no fim da vida do autor, revela, Deleuze aparentemente possuía uma certa preocupação para não “cair” na arte. Com a CCRU essa preocupação desaparece, e as crescentes e misteriosas possibilidades introduzidas pela internet na aurora do milênio tornam perfeitas as condições para que o materialismo libidinal atinja, com os professores fictícios de geotraumática, sua forma zênite através de sua união àquela que o romancista (e filósofo?) Michel Houellebecq chama de a única verdadeira mitologia a surgir na modernidade, que é a de H. P. Lovecraft³⁷⁷ — um solitário racista de uma pequena cidade interiorana, com uma peculiar obsessão por descrever o indescritível.

4.4 Literatura-ritual entre H. P. Lovecraft e Michel Houellebecq

A coisa mais misericordiosa do mundo é, segundo penso, a incapacidade da mente humana em correlacionar tudo o que sabe. Vivemos em uma plácida ilha de ignorância em meio a mares negros de infinitude, e não fomos feitos para ir longe. As ciências,

³⁷⁶ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2018. p. 14.

³⁷⁷ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 33.

cada uma empenhando-se em seus próprios desígnios, até agora nos prejudicaram pouco; mas um dia a compreensão ampla de todo esse conhecimento dissociado revelará terríveis panoramas da realidade e do pavoroso lugar que nela ocupamos, de modo que ou enlouqueceremos com a revelação ou então fugiremos dessa luz fatal em direção à paz e ao sossego de uma nova idade das trevas.

- LOVECRAFT, H. P., *O Chamado de Cthulhu*³⁷⁸

Sempre existiram, obviamente, histórias de terror. Como Lovecraft argumenta em seu livro teórico *O horror sobrenatural na literatura*, “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.”³⁷⁹ Parece difícil de contestar; aquilo que desconhecemos, antes de tudo tememos, e na aurora da humanidade, como na aurora de uma vida humana, não sabemos de muitas coisas. Nascemos, a bem da verdade, sem saber nada e, portanto, talvez, com medo de tudo. É natural: a parte mais antiga do nosso cérebro, o tronco cerebral, tem basicamente apenas um programa rodando: ir para frente, em direção ao calor e à comida, ir para trás, longe das adversidades; essa parte do nosso cérebro tem bilhões de anos de idade — o que levou, é claro, Carl Sagan a popularizar a ideia de que teríamos dentro do nosso cérebro um *cérebro reptiliano*, o que quer dizer apenas que essas estruturas são tão antigas que são compartilhadas também pelos répteis.³⁸⁰

Não deixa de ser curioso contudo a maneira com que o réptil ou o *reptiliano* nos aparecem enquanto símbolo daquilo que acima de tudo deve-se temer, desde nossas mais antigas histórias, no que Satã transforma-se numa serpente para tentar Eva, o que leva à nossa expulsão do Jardim do Éden, até teorias da conspiração contemporâneas que dizem que bilionários como Mark Zuckerberg e a família real britânica são seres reptilianos sob camuflagem humana. Esse segundo caso, o dos Illuminati, expressa não só o medo do desconhecido, mas um que está implicado na possibilidade de realização de que as próprias coisas conhecidas não são, na realidade, o que parecem. Ecoa, portanto, a fase “retraimento” do programa bifásico que roda no tronco cerebral. No caso da serpente no Éden, a possibilidade das duas fases: avançar em direção à comida, ou retrain. Decidimos avançar; nos demos mal. Igualmente, portanto, melhor retrain. Melhor ter medo.

Como se o cérebro reptiliano estivesse dando-nos um conselho (“tenha medo”) ao mesmo tempo que ele ilustra o objeto do nosso medo, que é o absoluto desconhecimento de nossa origem, que seria o próprio desconhecido de onde “em dado momento” a consciência

³⁷⁸ LOVECRAFT, H. P. *O chamado de Cthulhu* in **O chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Hedra. 2009. *e-book* não paginado; essa é porém a abertura do conto.

³⁷⁹ LOVECRAFT, H. O. *O horror sobrenatural na literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2020. *e-book* não paginado.

³⁸⁰ Sagan explorou a teoria do cérebro reptiliano, proposta por Paul MacLean, em seu livro *Os Dragões do Éden*, de 1977.

teria “aparecido”. O desconhecido e o medo são trabalhados através de grandes histórias: é possível transformar o medo em outras coisas, no que surgem mitos, lendas e religiões que, ao mesmo tempo que são capazes de dar significado ao mundo através da ritualização dessas histórias, também podem com isso criar forças avassaladoras de dominação e destruição. Não teria até a própria agricultura sido criada por medo? Medo de que não tenhamos o que comer, no que se Caim, o agricultor, mata Abel, o caçador, é também porque tinha medo; medo de ficar à mercê de Deus, que sabia preferir o cheiro de carne queimada às plantas que lhe oferecera em sua oferenda³⁸¹.

O que aconteceria, contudo, se adentrássemos uma era da nossa História em que cada vez menos coisas tornam-se desconhecidas? E se fosse uma era, na verdade, caracterizada justamente pelo desvelamento dos segredos do Universo e o progresso científico sem fim rumo a um mundo em que nada mais está oculto, um mundo da pura luz e iluminação? Como nós iríamos processar o medo no mundo do *conhecido* senão, justamente, através do medo do conhecido? O medo de que o que pode vir a ser conhecido é, na verdade, terrível, e que melhor teria sido não conhecer. Como disse Lovecraft na citação que abre esse item, “A coisa mais misericordiosa do mundo é, segundo penso, a incapacidade da mente humana em correlacionar tudo o que sabe”, pois, é claro, caso o fizesse — caso, portanto, fosse atingido o objetivo do Iluminismo — “ou enlouqueceremos com a revelação ou então fugiremos dessa luz fatal em direção à paz e ao sossego de uma nova idade das trevas.”³⁸² Ou seja, o medo do conhecido, o medo no Iluminismo, é ainda o medo do desconhecido, mas modulado por um etos paranoide; não o da serpente do Éden, mas o da conspiração dos Illuminati reptilianos.

O horror iluminista é não a possibilidade do desconhecido ser alguma coisa totalmente divergente, quiçá mística ou fantástica, mas, numa camada mais superficial, a possibilidade de que esse desconhecido esgote a capacidade de descrição e catalogação num sistema pré-determinado de *coisas possíveis*. Seria, contudo, num exercício de auto-conspiração, a própria traição desse mecanismo o lar do medo mais profundo: de maneira mais extrema, um horror extático que seria a própria conformidade de um objeto que seguiria em ser horrível às categorias pré-concebidas mesmo quando elas lhe dão conta em sua inteireza; isso é, para o horror iluminista, ainda pior, no que teria sido tornado possível o absolutamente impossível ou proibido. Em lugar nenhum tal horror encontra melhor expressão do que veio a ser chamado de *horror cósmico*. Que é um nome que nos diz muita coisa.

³⁸¹ É uma piada que José Saramago faz em *Caim*, de 2009. E como toda piada boa é boa porque é verdade.

³⁸² LOVECRAFT, H. P. *O chamado de Cthulhu* in **O chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Hedra. 2009. *e-book* não paginado; essa é porém a abertura do conto.

Aparenta não haver hoje, na ciência, um bastião teórico-moral mais bem alicerçado do que o da física quântica. As coisas que os físicos dizem, proclamam como se reis para súditos, e respondemos como tais. Suas novidades são ampla e imediatamente aclamadas como verdadeiras, e compartilhamos as notícias, felizes de que estamos finalmente descobrindo todos os últimos segredos do Universo. Entre eles, é claro, a coisa não é assim. Os físicos sabem melhor que todos nós que eles estão aventando hipótese em cima de hipótese; mas se aproveitam da imagem hiper-científica que têm para galgarem espaço enquanto grandes pensadores além da física, que é literalmente o que significa metafísica, ainda que sintam a necessidade de vez ou outra proclamar coisas como que “a filosofia morreu.”³⁸³

A física quântica é só uma sofisticação sem fim para registrar cada vez com mais e mais detalhes processos termodinâmicos, complicando-lhes na medida exata em que supostamente os explicaria sem, contudo, prover de maneira alguma nada senão uma masturbatória exaltação dos nossos sistemas simbólicos. No fundo nós sabemos disso. Daí o *horror cósmico* — cuja versão teórica é o materialismo libidinal, com sua nova concepção de energia, desagregada de uma ontologia da termodinâmica. Sim, o iluminismo trouxe, através da ciência, avanços antes inimagináveis como penicilina, aviões, a internet, e sim, existem computadores quânticos, bomba atômica, inteligência artificial. Mas a verdade é que seguimos sem ter muita certeza de como funciona o cosmos — além de talvez ser proveitoso perguntarmos-nos se o computador quântico, a bomba atômica e a inteligência artificial estão, realmente “do nosso lado”. Temos muitas boas hipóteses, mas se há algo no mundo de que não temos, realmente, certeza, é isso, e é o que se apresenta a nós da maneira mais bombástica e niilista possível: “Cientistas descobrem a partícula de Deus.” É, é claro, uma manchete bem menos chamativa que *Experimento demonstra ser estatisticamente provável que hipótese teórica de sub-sub-subpartícula que reiteraria o presente paradigma físico estaria estatisticamente alinhada ao próprio paradigma*. Segue desconhecido o cosmos. O próprio Lovecraft faz, à sua maneira, um comentário sobre isso:

Dado que a dor e o perigo da morte são mais vividamente lembrados que o prazer, e que os nossos sentimentos relativos aos aspectos favoráveis do desconhecido foram de início captados e formalizados pelos ritos religiosos consagrados, coube ao lado mais negro e malfazejo do mistério cósmico figurar de preferência em nosso folclore popular do sobrenatural.³⁸⁴

³⁸³ É uma das teses, por exemplo, de Stephen Hawking, em seu livro co-autorado com Leonard Mlodinow, *O Grande Projeto*, publicado em 2010, e Neil DeGrasse Tyson com frequência afirma a mesma coisa.

³⁸⁴ LOVECRAFT, H. O. *O horror sobrenatural na literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2020. e-book não paginado.

Paralelamente ao progresso científico, a expressão artística (e por isso incerta) de seu outro, que é o desconhecido. O horror cósmico aparece, dessa forma, como o mito por excelência da modernidade, cujo fim último seria, afinal, a conquista do espaço. Deixa claro, talvez ironicamente ao mergulhar o etos iluminista nas profundezas escuras do mar que tanto evitava — onde habitam seres ainda mais antigos que os répteis — e então conectá-las às estrelas através de arquiteturas impossíveis, do que se trata o iluminismo. É porque é essencialmente constituído por um movimento de ir para fora do que está delimitado pela razão transcendental, que o horror cósmico, e Lovecraft é seu mais notório autor, opera de maneira bastante específica enquanto mito da modernidade capitalista. Ou, ao menos, é a tese de Michel Houellebecq em *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida* — um livro que circulava na CCRU e chega a ser citado por Negarestani na *Cyclonopédia*³⁸⁵.

O livro de Houellebecq é simultaneamente uma biografia de Lovecraft, um romance e um manual de escrita de horror cósmico. E qualquer um que já tenha lido um dos romances de Houellebecq, ao ler esse livro, irá reparar que ele está aqui desnudando seu próprio método, no que Houellebecq é afinal um escritor de horror cósmico. Cthulhu já acordada de seu sono dogmático em sua obra, contudo, e adquirira a forma “invisível” do capitalismo. De qualquer maneira, em *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*, o qual será referido a partir de agora apenas como *Contra o mundo, contra a vida*, Houellebecq oferece os mecanismos para a escrita de horror cósmico clássico, e explica sua teoria de porquê consistiria esse gênero literário o único verdadeiro mito a surgir na modernidade.

Ele começa, após uma pequena introdução, contando uma história bastante intrigante, a de um médico inglês que usara seus conhecimentos para escrever histórias de detetive, mas que, tendo nesse interim descoberto-se escritor, decide matar seu personagem para que possa, de maneira digna, perseguir aspirações literárias que considerava mais nobres do que meras histórias de detetive. Esse médico é Sir Arthur Conan Doyle, é claro, que em 1893 decide matar Sherlock Holmes; era a única pessoa que podia fazê-lo. Ocorre em *O Problema Final*, a história final de Sherlock Holmes, cujo desfecho traz a morte do famoso detetive de Baker Street. Conan Doyle não podia antecipar o que aconteceria em seguida. Ninguém poderia (Holmes, talvez, mas estava morto).

³⁸⁵ NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 210.

A população inglesa nada menos que entrou em luto. Reza a lenda que as pessoas começaram a usar braçadeiras pretas em memória a Sherlock Holmes, história essa atribuída a possíveis exageros do filho de Conan Doyle, e conta-se também de a revista *The Strand* ter tido tantas assinaturas canceladas que quase decretara falência³⁸⁶. Floreios à parte, Conan Doyle de qualquer maneira, viu-se, tamanha frustração frente a morte de seu personagem, obrigado a ressuscitá-lo. Tentara, a princípio, contornar o problema ao trazer o detetive de volta numa história que seria pretérita a *O Problema Final*, *O Cão dos Baskerville*, mas vendo-se a eventualmente ter que dar um jeito de ressuscitar, mesmo, sem truques, Holmes, o que se dá em *A Casa Vazia*. Tão amarga quanto a de seu personagem fora a própria morte de Conan Doyle no que nunca, jamais haveria outra história com Sherlock Holmes, não uma genuinamente cosmogônica, pelo menos, e o mundo imagina, como disse Houellebecq, “um velho baú do Exército das Índias, onde se encontrariam magicamente conservados exemplares inéditos de Sherlock Holmes...”³⁸⁷

O que está acontecendo aqui? Está, ou estava, Sherlock Holmes *vivo*? Se nem mesmo seu criador pode matá-lo, é porque seu criador apenas o trouxe ao mundo, não o criou realmente, não lhe é de fato criador, apenas fez as vias de abrir-lhe um portal. Então sim, há outros mitos modernos, e Sherlock Holmes seria talvez o mais famoso deles, mas, conforme Houellebecq³⁸⁸, a diferença entre Conan Doyle e Lovecraft é que ao mesmo tempo que Conan Doyle *sabia* estar criando um mito, enquanto Lovecraft não, o mito de Conan Doyle não oferece abertura para os acréscimos exteriores e as reinterpretações, codificações, inversões, enfim, variações que são centrais para a perseverança duradoura de uma mitologia — o mesmo mecanismo que opera não só o núcleo duro das grandes religiões, em que os fiéis são escanteados do misticismo, como é também o que fia a expansão de religiosidades populares mais dinâmicas e práticas onde os fiéis podem eles mesmos acreditarem serem grandes místicos ou líderes religiosos.

A obra lovecraftiana, porém, enquanto ilustração máxima do horror iluminista ao expressar como se falasse por sua boca a própria essência infinita do capital — a alma imortal da mortalidade, deslizando eternamente sobre zero —, não só possibilita ou autoriza a repetição e multiplicação e a expansão como, na verdade, pede por elas. Uma objeção poderia ser feita aqui quanto à peculiaridade da obra de Lovecraft quanto ao mito de Sherlock Holmes no sentido de argumentar que existem ainda inúmeras adaptações, variações e mesmo expansões de

³⁸⁶ ARMSTRONG, Jennifer. *How Sherlock Holmes Changed the World* in **BBC Culture**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20160106-how-sherlock-holmes-changed-the-world>. Acesso em: 1 fev. 2025.

³⁸⁷ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 29.

³⁸⁸ *Id.*

Sherlock Holmes que são continuamente produzidas e consumidas e detentoras de relativo sucesso. Mas a maioria dessas, como a série *House* ou a própria série *Sherlock* são meramente *modernizações*; muitos episódios simplesmente contam as mesmas histórias que Conan Doyle escreveu quase 150 anos atrás. Há, no que diz respeito à expansão, casos como o da série *Enola Holmes*, que contaria da irmã mais nova de Sherlock Holmes. Acontece que ninguém considera, realmente, essas obras como “verdadeiros Sherlock Holmes”; esses nós apenas sonhamos, como disse Houellebecq, encontrados num naufrágio, quem sabe. Uma história nova do Sherlock Holmes, imagine só.

Com Lovecraft não é assim. Desde sua morte, inúmeros autores acrescentaram à sua mitologia, e a diferença é que esses acréscimos são absorvidos como folclore realmente pertencente ao mito porque esse é um mito que diria respeito, justamente, a um processo avassalador que atravessaria a humanidade desde os primórdios muito anteriores às tenebrosas serpentes, memórias impossíveis de quando ainda morávamos na água, rumo ao pano de fundo cósmico e eterno da inumanidade, de forma que qualquer um poderia ser (e na verdade, seria) um vetor desse atravessamento. Talvez não passe de ficção, é claro, mas é a ficção da modernidade; é nossa. Como diz Houellebecq,

(...) o que caracteriza sua obra em relação a uma obra literária ‘normal’ é que os discípulos sentem que podem, ao menos em teoria, utilizando de modo pertinente os ingredientes indicados pelo mestre, obter resultados de qualidade igual ou superior. Ninguém jamais pretendeu seriamente *continuar* a obra de Proust. De Lovecraft, sim. E não se trata somente de uma obra inferior colocada sob o signo de homenagem ou paródia, mas, verdadeiramente, de uma continuação. O que é um caso único na história da literatura moderna.³⁸⁹

Houellebecq destrincha, também à moda *love-kantiana*, os meandros dessa operação, realizando a autópsia do horror cósmico lovecraftiano ao expor e classificar suas vísceras. Num tom menos viscoso, pode-se dizer que ele fornece nada menos que uma receita de bolo do horror cósmico. Ele chama o método de *literatura ritual*. É um fenômeno que pode ser percebido em muitos artistas de diferentes áreas; Houellebecq mesmo é um desses artistas, e em *Contra o mundo, contra a vida* ele revela o segredo:

Criar um grande mito popular é criar um ritual que o leitor aguarda com impaciência, um ritual que ele reencontra com prazer crescente, seduzido a cada vez por uma nova repetição ligeiramente diferente, que ele sente como um novo aprofundamento.

³⁸⁹ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 33.

Apresentadas assim, as coisas parecem quase simples. Entretanto, os sucessos são raros na história da literatura. Não é mais fácil, na verdade, do que criar uma nova religião.³⁹⁰

As “mesmas obras” dos *artistas de mesma obra* não são, é claro, idênticas. Há pequenas variações que transformam a obra completa num vertiginoso caleidoscópio que a tudo, na verdade, parece tocar. Parece vir de outro lugar, de um mundo em que tudo é assim como ela se apresenta, um mundo a que temos acesso toda vez que esse ou essa artista faz novamente sua arte. Como se, na repetição incessante, no aprofundamento, abrisse-se um buraco, um portal de onde os mitos podem viajar para o nosso mundo. Essa repetição ligeiramente diferente, que permite a escavação do mito, é um feito alcançado pelas diferentes abordagens técnicas por meio das quais esse mito pode ser expresso. No caso do horror cósmico, há, segundo Houellebecq, seis técnicas com as quais se pratica a literatura-ritual. A segunda parte de *Contra o mundo, contra a vida* é inteiramente dedicada a elas, que Houellebecq chama de “técnicas de ataque”:

Ataca a narrativa como um suicida radiante; Pronuncia sem fraquejar o grande NÃO à vida; Então verás uma poderosa catedral; E teus sentidos, vetores de indizíveis desequilíbrios; Traçarão o esquema de um delírio completo; Que se perderá na inominável arquitetura dos tempos.³⁹¹

A *Ciclonopédia* compendia todos os itens dessa receita. Isso será devidamente demonstrado quando nos debruçarmos mais atentamente sobre seu conteúdo. Antes, contudo, é necessário introduzir seu protagonista, o Dr. Hamid Parsani, e como sua obra se relaciona a de seu precursor espiritual Dr. Charles Barker.

4.5 Barker e Parsani: os professores fictícios de geotraumática

Talvez seja uma redução dizer que o Dr. Charles Daniel Barker, inspirado no arquétipo *Indiana Jones esquizofrênico* do Dr. George Edward Challenger que Deleuze e Guattari apropriam de Sir Arthur Conan Doyle, seria uma criação única e exclusiva de Nick Land. É uma criação coletiva da CCRU, figurando como vetor mitológico na literatura do grupo. Contudo, visto que a CCRU — notadamente em sua segunda fase quando Sadie Plant deixa o grupo e Nick Land passa a liderá-lo (e a Universidade de Warwick passa a negar ter qualquer

³⁹⁰ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 29.

³⁹¹ *Ibid.* p. 35.

relação com o grupo³⁹²) — vem a constituir uma estetização experimental do materialismo libidinal (que é afinal apenas o nome técnico do *landianismo*), o Dr. Barker apresenta-se fundamentalmente como um personagem *landiano*. De qualquer modo, a aparição de alguns dos textos barkerianos na coletânea de Land não abre margem para outra interpretação. E, a bem da verdade, o estilo de Land é tão familiar e único que a leitura dos textos barkerianos não deixa muitas dúvidas sobre quem, afinal, escreveu aquilo; quem é o professor Barker.

Na coletânea dos textos da CCRU, *CCRU Writings: 1997 – 2003*, publicada em 2015 como livro eletrônico pela Time Spiral Press e dois anos depois em brochura pela editora inglesa Urbanomic (responsável pela publicação de parte considerável da literatura aceleracionista), o professor Barker figura em praticamente toda a obra, ora tendo seu trabalho diretamente mencionado, ora um de seus conceitos aparecendo, ora tendo um de seus livros listado nas referências a um texto, junto de outros livros que, na verdade, *existem*. É preciso destacar que a coisa é tão bem-feita que o leitor é mais cedo ou mais tarde atingido pelo efeito provavelmente pretendido pela CCRU: ele vai à internet tentar encontrar esses textos. Não encontra, é claro. Encontra diversos geólogos chamados Barker (?), inclusive um Daniel Barker, professor de geociências³⁹³ numa universidade no Massachussets (!), porém os textos do Dr. Charles Daniel Barker, não. “Mas a revista *Plutonics* (da Universidade Virtual de Miskatonic), onde esses textos aparecem, existe!” Sim, mas apenas estão disponíveis os volumes a partir do volume 13; conforme consta no site da revista, os volumes 1 a 12 foram destruídos num evento referenciado apenas como *O Evento*³⁹⁴. O volume 10, portanto, onde figuram os textos do Barker, foi perdido. Mas de qualquer maneira a *Plutonics* só aparece anos depois dos textos de Barker que fazem referência a ela, no que seus textos se encontravam em publicações de uma revista que *ainda* não existia quando é referenciada.

Em dado momento, *de alguma maneira*, a CCRU consegue até mesmo entrevistar Barker, e na verdade há toda uma parte do livro (a 5ª, de 8) que é dedicada a ele e sua pesquisa. São os textos dessa parte os que mais nos interessam aqui, além de uma outra fonte que vem de fora, como essa *bio* do professor Barker que consta no site da Urbanomic junto ao de outros colaboradores da editora:

³⁹² FISHER, Mark. *Nick Land: Mind Games in Dazed Digital*. 2011. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/10459/1/nick-land-mind-games>. Acesso em: 1 fev. 2025.

³⁹³ Daniel Stephen Barker (1934-2015). Disponível em: <https://eps.jsg.utexas.edu/people/faculty-through-time-in-memoriam/daniel-stephen-barker/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

³⁹⁴ Plutonics Journal: About. Disponível em: <https://plutonicsjournal.com/about/>. Acesso em 1 fev. 2025.

Daniel Charles Barker é Professor de Semiótica Anorgânica no Kingsport College da Universidade Virtual de Miskatonic, Massachusetts, desde 1992. Seus extraordinários feitos intelectuais resistem a uma fácil sumarização, envolvendo um engajamento profundo e polimático com toda a gama das ciências da vida e da terra, além de pesquisas arqueoculturais, semiótica matemática, linguística anatômica e engenharia informacional. Formado como criptógrafo no início dos anos 1970, dedicou sua vida a decifrar escrituras antigas, resíduos quasibióticos e padrões minerais anômalos (entre outras coisas).³⁹⁵

O Kingsport College, da Universidade Virtual de Miskatonic, não existe. A própria universidade não existe, tampouco existe a maioria das disciplinas a que Barker dedica sua pesquisa. Isso não significa, contudo, que não seja verdade. Quer dizer, *Sansão é o coelho da Mônica*, por exemplo, ou *Bruce Wayne é o Batman*. Nem a Mônica nem o Batman *existem*, mas não deixa de ser verdade. O Dr. Barker é professor na Universidade de Miskatonic, e suas muitas áreas de trabalho podem ser encapsuladas na elaboração de um conceito, na procura por esse conceito, que é o geotrauma e o seu estudo, a geotraumática. Barker aborda o geotrauma em sua entrevista com a CCRU, *Barker Speaks* (“Barker Fala”); há depois um outro breve comentário no texto *Katak* e, por fim, a CCRU ela mesma define geotraumática em seu glossário. Pode-se argumentar que o *geotrauma barkeriano* é o mais próximo que Land se aproximou de sua *teoria de tudo*, tentando realizar, através duma crítica ao iluminismo, o trabalho do iluminismo. A definição da CCRU no glossário é a seguinte:

Hiper-teoria polimática do inconsciente maquínico terrestre que recusa distinções entre biologia, geologia, linguística e numeracia. Geotraumática processa os devires da terra como produções intensivas de tensões anorgânicas, especialmente aquelas compactadas por xenocatástrofes arcaicas. Seus principais princípios estão delineados no [ainda não publicado] *A Teoria Geocósmica do Trauma*, de Barker.³⁹⁶

³⁹⁵ Tradução minha. “Daniel Charles Barker has been Professor of Anorganic Semiotics at Kingsport College (MVU, Mass.) since 1992. His extraordinary intellectual achievements resist easy summarization, involving profound and polymathic engagement across the entire range of life and earth sciences, in addition to archaeocultural research, mathematical semiotics, anatomical linguistics, and informatic engineering. Trained as a cryptographer in the early 1970s, he has spent his life decoding ancient scripts, quasibiotic residues, and anomalous mineral patterns (amongst other things).” Disponível em: <https://www.urbanomic.com/contributor/daniel-charles-barker/>. Acesso em 17 jan. 2025.

³⁹⁶ Tradução minha. “Polymathic hypertheory of the terrestrial machinic unconscious, which refuses the distinction between biology, geology, linguistics and numeracy. Geotraumatism processes the becomings of the earth as intensive products of anorganic tensions, especially those compacted from archaic xenocatastrophes. Its main tenets are laid out in Barker’s [as yet unpublished] *The Geocosmic Theory of Trauma*.” CCRU, LAND, Nick. *Cru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. e-book. p. 330.

Mais que definir, porém, Barker busca explicar, na entrevista à CCRU, não só o que significa o geotrauma mas também como chegou nele e também o que estaria implicado numa geotraumática. Há, por exemplo, uma relação fundamental entre essa noção “esquizoanalítico-geocriptográfica”³⁹⁷ da História do mundo e um novo método de contagem de tempo que o Dr. Barker estava elaborando quando chegou ao conceito de geotrauma. Compreender plenamente o que pode ser considerada uma *numerologia landiana* mereceria (e necessitaria) outra dissertação. Para a filosofia da energia basta, por ora, compreendermos que o que Land chamava de *sistemas tic* está intimamente ligado ao *termospasmo*, elaborado no capítulo anterior. Isto é, a notação temporal landiana, para além da matemática nela envolvida, é baseada na identificação de um ritmo nos espasmos de calor e em suas intensidades. Como um relógio, o Universo periodicamente *ticaria* e, conforme Barker, “densidade-tic virtual = tensão geotraumática”³⁹⁸.

Quer dizer, o relógio universal estaria em compasso com os tensionamentos e relaxamentos no corpo do planeta, no que há uma clara apropriação do freudianismo para que se compreenda o funcionamento dessa contabilidade geo-cósmica. O Dr. Barker chega a essas conclusões quando, trabalhando no departamento de ciências da informação do MIT, é convocado por uma organização ligada à NASA que precisa que ele faça uma avaliação dos métodos empregados pelo projeto SETI, dedicado à identificação de sinais alienígenas interceptados no espaço; seu parecer é que “ainda que eles dissessem que estavam à procura de inteligência, o que eles realmente estavam atrás era de organização”³⁹⁹. A chave para as possibilidades de resposta a esse problema estaria, segundo Barker, num campo do conhecimento obviamente bastante ou mesmo fundamentalmente negligenciado pelos “cientistas”, que é a psicanálise. “Cheguei a Freud bem tarde”, diz Barker, “associando-o com o reducionismo edipiano e, de maneira mais geral, com uma posição psicologista que era simplesmente irrelevante ao trabalho criptográfico.”⁴⁰⁰ À CCRU, o Dr. Barker revela que o encontro com a teoria freudiana se deu numa encruzilhada, precisamente quando as coisas com a NASA começaram a dar errado e “psicoterapeutas foram envolvidos, em parte numa tentativa

³⁹⁷ Tradução minha. “(...) schizoanalytic geocryptography.” KRONIC, Maya B. *Nick Land: An Experiment in Inhumanism*. 2012. Disponível em: <http://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

³⁹⁸ Tradução minha. “virtual tic-density = geotraumatic tension.” CCRU, LAND, Nick. *Cru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 115.

³⁹⁹ Tradução minha. “(...) although they said they were hunting for intelligence, what they were really seeking was organization.” *Id.*

⁴⁰⁰ Tradução minha. “I came to Freud relatively late, associating it with Oedipal reductionism, and more generally with a psychologistic stance that was simply irrelevant to cryptographic work.” *Id.*

de patologizar e descreditar minha pesquisa, em parte em resposta a sintomas reais de estresse.”⁴⁰¹

Teria sido Freud apresentado a ele por sua colega Echidna Stillwel, que insistiu que as duas coisas — sua pesquisa e a resposta institucional a ela — estavam intimamente tramadas⁴⁰², no que o Dr. Barker relata que depois de ler *Além do princípio do prazer* tudo lhe fez sentido, e ele encontrou em Freud “os passos iniciais para mapear-se o Inconsciente Geocósmico como um mega-sistema traumático, com a vida e o pensamento dinamicamente quantizados em termos de tensão anorgânica, elasticidade, ou plexo maquínico.”⁴⁰³ A apropriação do freudianismo por parte das ciências da informação e da física implicaria, conforme Barker, uma virada léxica: “um retorno materialista-anorganizacional de todo um vocabulário: trauma, inconsciente, pulsão, associação, (tela de) memória, condensação, regressão, deslocamento, complexo, repressão, rejeição (por exemplo o prefixo -in), identidade e pessoa.”⁴⁰⁴ Resgatando o esboço deleuzo-guattariano a qual daria continuidade, qualquer breve relato da história geológica da Terra revelaria, segundo Barker, a maneira como o léxico freudiano seria *apropriado* a compreensão de sua história — o trecho é grande mas resume o *quê* da geotraumática:

Deleuze e Guattari perguntam: Quem a Terra pensa que é? É uma questão de consistência. Comece com a história científica, que é assim: entre quatro ponto cinco e quatro bilhões de anos atrás — durante a época Hadeana — a terra foi mantida num estado de escória fundida superaquecida, através da conversão do impacto meteórico e planetesimal em aumento de temperatura (energia cinética para térmica). Enquanto o sistema solar condensava, o ritmo e a magnitude das colisões continuamente diminuíram, e a superfície terrestre esfriou, devido à radiação do calor em direção ao espaço, reforçada pelo início do hidrociclo. Durante a época seguinte — arqueana — o núcleo derretido estava enterrado dentro de uma concha de crostas, produzindo um insulado reservatório de trauma exógeno, o motor geocósmico da transmutação terrestre. E é isso. Isso é plutonismo, ou neoplutonismo. Está tudo lá: memória anorgânica, *loop* plutônico de colisões externas em direção ao conteúdo interior, trauma impessoal como mecanismo de impulso. A descida ao corpo da Terra

⁴⁰¹ Tradução minha. “Psychotherapists were involved, in part attempting to pathologize and discredit my research, and in part responding to real stress-related symptoms.” CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 115.

⁴⁰² *Id.*

⁴⁰³ Tradução minha. “In *Beyond the Pleasure Principle*, Freud takes a number of crucial initial steps towards mapping the Geocosmic Unconscious as a traumatic megasystem, with life and thought dynamically quantized in terms of anorganic tension, elasticity, or machinic plexion.” *Id.*

⁴⁰⁴ Tradução minha. “This requires the anorganizational-materialist retuning of an entire vocabulary: trauma, unconscious, drive, association, (screen-) memory, condensation, regression, displacement, complex, repression, disavowal (e.g. the ‘un-’ prefix), identity, and person.” *Id.*

correspondo à regressão através do tempo geocósmico. Trauma é um corpo. Em última instância — em seu polo de máximo desequilíbrio — é uma coisa de ferro.⁴⁰⁵

A Terra é traumatizada e, no devir-inorgânico que é o trauma, envia para dentro de si, como ferro, os mais duros deles — o que vem a constituir o *alienígena* à sua agência pura (ativa e não-apaixonada) e que culmina, através da história da evolução das espécies, na manipulação terrestre (e portanto cósmica) que seria a agência humana enquanto agência apaixonada ou adocida do planeta. Como explica Maya B. Kronic, no geotrauma a História da Terra é interpretada como uma “série de traumas aninhados em que a subjetividades humana é o sintoma. ‘Barker’ procurou hibridizar genealogia nietzscheana, estrato-análise deleuzo-guattariana e teoria da informação de maneira a ‘decifrar’ essa dor cósmica.”⁴⁰⁶ Há diversos conceitos barkerianos ou alusões a Barker que são utilizadas através dos escritos da CCRU, como a “espiral de Barker” e a “criptografia barkeriana” — o que figurariam numa dissertação outra sobre numerologia landiana; não essa — e há, como dito, um comentário direto, também no texto *Katak*, no que Barker fornece, em referência a algo que ele teria dito na entrevista, a interpretação geotraumática do meteoro que teria matado os dinossauros. *Katak* seria uma entidade lovecraftiana (um “horror cósmico”, portanto) que cristaliza em si o prefixo grego *kata*, que quer dizer profundeza; catacumba, catálogo, catatônico, cataclisma, *catavoo* e, ainda segundo Mark Fisher, mesmo a palavra *ataque*⁴⁰⁷.

O Dr. Barker acrescentaria que não é coincidência alguma o meteoro que matou os dinossauros ser a transição as eras geológicas historicamente conhecidas como K e T (cata; *katak*) — como se os humanos na Terra estivessem inadvertidamente de fato realizando algum

⁴⁰⁵ Tradução minha. “Deleuze and Guattari ask: Who does the Earth think it is? It’s a matter of consistency. Start with the scientific story, which goes like this: between four point five and four billion years ago – during the Hadean epoch – the earth was kept in a state of superheated molten slag, through the conversion of planetesimal and meteoritic impacts into temperature increase (kinetic to thermic energy). As the solar-system condensed the rate and magnitude of collisions steadily declined, and the terrestrial surface cooled, due to the radiation of heat into space, reinforced by the beginnings of the hydrocycle. During the ensuing – Archaen – epoch the molten core was buried within a crustal shell, producing an insulated reservoir of primal exogeneous trauma, the geocosmic motor of terrestrial transmutation. And that’s it. That’s plutonics, or neoplutonism. It’s all there: anorganic memory, plutonic looping of external collisions into interior content, impersonal trauma as drive-mechanism. The descent into the body of the earth corresponds to a regression through geocosmic time. Trauma is a body. Ultimately – at its pole of maximum disequilibrium – it’s an iron thing.” CCRU, LAND, Nick. *Ceru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 115.

⁴⁰⁶ Tradução minha. “Earth-history as a series of nested traumas of which human subjectivity is the symptom. ‘Barker’ sought to hybridize Nietzschean genealogy, DeleuzoGuattarian stratoanalysis and information theory in order to ‘decipher’ this cosmic pain: creating a schizoanalytic geocryptography to replace oedipal psychoanalysis.” KRONIC, Maya B. *Nick Land: An Experiment in Inhumanism*. 2012. Disponível em: <http://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

⁴⁰⁷ FISHER, Mark. *K-Punk Glossary*. K-Punk. Disponível em: <http://k-punk.org/k-punk-glossary/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

tipo de computação terrivelmente irônica ou comicamente poética. A fronteira (ou nível ou limite) K-T é aquela anteriormente concebida como *Cretáceo-Terciário*, o que veio posteriormente ser redefinido como *Cretáceo-Paleógeno*, e diz respeito à assinatura geológica correspondente à extinção em massa que ocorreu 65,5 milhões de anos atrás.⁴⁰⁸ O comentário no texto *Katak*, contudo, é curto, faz apenas referência ao “míssil K/T” e, como novidade, uma suposta conexão também à erupção do Cracatoa em 1883⁴⁰⁹. É em *Barker Fala* que essa relação se encontra mais bem elaborada e, na verdade, o *míssil K/T* aparece como das mais modernas iterações do que seria o compasso tramado à história geotramática do mundo — o circuito retroalimentativo entre o núcleo da Terra, sua superfície e o inferno meteórico que vêm de fora e que tensiona-se na organização biológica do planeta:

(...) a eflorescência da vida mamífera ocorre na aurora do míssil K/T que combinada à atividade magmática massiva no Oceano Índico, desligou a Era Mesozoica, sessenta e cinco milhões de anos atrás. Vulcanismo irruptivo mais impacto extraterrestre, ligados por coincidência ou *loop* plutônico. Então há uma transição catastrófica para o regime pós-sauriano de megafauna, parte de uma muito maior reorganização da sintomatologia terrestre, provendo um índice de ressurgências neo-hadeanas. E como é a vida mamífera relacionada à dos grandes saurianos? Acima de tudo, a inovação é uma mãe! Amamentação como biossobrevivência. Me conte sobre sua mãe e você vai estar viajando de volta ao K/T, não a inconscientes pessoais.⁴¹⁰

Como se a consciência recapitulasse, em sua emergência, a história do mundo. A maioria dos nossos antepassados não era afinal (bom lembrar) nem mamífero. A maioria dos nossos antepassados eram seres unicelulares e, antes e mais que eles, vários aglomerados proto-negentrópicos (indícios das aberrações estatísticas boltzmannianas) de limiares de nada. O inorgânico existia antes do orgânica; a morte veio antes da vida e o que hoje concebemos por vida é nada menos que a história da morte. A consciência humana traz consigo toda a morte do planeta; ela é, de certa forma, a consciência de toda a morte do planeta, ou aquilo que costumamos dizer ser o que nos diferencia dos outros animais: o conhecimento de que

⁴⁰⁸ *Extinção do Cretáceo-Paleógeno* in **Wikipédia**. [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Extin%C3%A7%C3%A3o_do_Cret%C3%A1ceo-Pale%C3%B3geno. Acesso em: 1 fev. 2025.

⁴⁰⁹ CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 268.

⁴¹⁰ Tradução minha. “(...) the efflorescence of mammalian life occurs in the wake of the K/T Missile, which combined with massive magma-plume activity in the Indian Ocean to shut-down the Mesozoic Era, sixty-five million years ago. Irruptive vulcanism plus extraterrestrial impact, linked by coincidence, or plutonic looping. So there is a catastrophic transition to a post-saurian megafauna regime, part of a much larger overall reorganization of terrestrial symptomaticity, providing an index of neohadean resurgence. And what is mammalian life relative to the great saurians? Above all, an innovation in mothering! Suckling as biosurvivalism. Tell me about your mother and you’re travelling back to K/T, not into the personal unconscious.” *Ibid*. p. 115.

morreremos. É numa inversão que vem a pensar não esse conhecimento mas o objeto desse conhecimento que aparece a *Ciclonopédia* e, com ela, o Dr. Hamid Parsani.

Antes de passarmos ao estudo da obra do enigmático professor iraniano, contudo, é através da breve análise de uma noção barkeriana não especificamente trabalhada por Parsani que poderemos deixar Barker para trás. Enquanto conceito, o geotrauma traz consigo três componentes, que é a ora mencionada dimensão numerológica dos sistemas-tic enquanto marcação do passo do termospasmo e, também, as noções de *espinho-catastrofismo* e *palato-tectônica*. Enquanto componentes de um mesmo conceito, seria preciso dizer que, a bem da verdade, não é realmente possível falar de uma dessas coisas sem imediatamente estar também falando das outras, porém obviamente é possível dedicar níveis variados de atenção a cada uma delas.

No caso, à noção de espinho-catastrofismo o Dr. Parsani não dá atenção direta, mas tece muitos comentários quanto à palato-tectônica — o que de certa forma é a consequência virtual da realidade inultrapassável do espinho-catastrofismo; a palato-tectônica seria, de certa forma, a realização cultural do geotrauma através do espinho-catastrofismo. Se foi dito que um ponto dessa dissertação seria demonstrar uma relação entre a história do fogo, a história da inteligência e a história do bipedalismo, tal narrativa caminha agora para sua forma final. Primeiro, portanto, a noção de espinho-catastrofismo; Barker não chega a exatamente definir essa noção na entrevista que deu ao CCRU, mas explica do que se trata; espinho-catastrofismo poderia ser resumido na ideia de que a coluna vertebral mapeia a história geológica do planeta.

Ecoando as investigações quanto à existência do terceiro olho realizadas por Bataille e também as *fantasias filogenéticas* de Freud e Ferenczi, o Dr. Barker acredita que cada uma de nossas vértebras contém congeladas (traumatizadas) em si, através do lento processo de bipedalização, cada uma das calamidades geológicas a qual o planeta teria atravessado — cada um desses momentos “entortando” mais e mais a coluna conforme nos tira, também, da água rumo à terra e então para fora dela, finalizando a transição da horizontalidade para a verticalidade ao desenhar no corpo humano uma seta para o espaço. Conforme relata o Dr. Barker à CCRU:

Eu estava cada mais convencido que cada um dos meus problemas reais eram modificações de dor nas costas, ou lesão espinhal filogenético, que me levava às calamitosas consequências da explosão pré-cambriana, uns quinhentos milhões de anos atrás. O período seguinte é crescentemente corpo-mapeado por organização metazoica. Obviamente há padrões discretos de fluxo de tiques neuromotores quase coerentes, cujos estágios progressivamente enrijecidos são nadar, rastejar e andar (bípede). Elaine Morgan persistentemente traça a origem do bipedalismo

protohumano a um certo biocisma. Convulsões crostais e o corpo-plano animal estão rigorosamente interconectados, e toda a Teoria do Macaco Aquático constitui uma análise geotraumática exemplar.⁴¹¹

A *Teoria do Macaco Aquático*, ou hipótese do macaco aquático, é um modelo científico que relaciona a *condição humana* perante os outros primatas, isto é, nosso total bipedalismo e a virtual ausência de pelos, a um suposto momento aquático que teríamos atravessado entre 6 e 8 milhões de anos atrás. Para ilustrar seu ponto, visualize a imagem de um chimpanzé, com seu bipedalismo manco, tentando atravessar um rio que está cheio até a cintura; ele seria obrigado a esticar as costas para poder respirar — o que lhe forneceria, também, uma visão mais ampla da água em sua volta e, portanto, uma facilidade para encontrar alimentos⁴¹². O *missil K/T* inaugura uma era de resfriamento no planeta Terra, mas eventualmente as partículas levantadas pelo seu impacto começam a dispersar e o gelo começa a derreter.

A Era Cenozoica traz consigo, portanto, uma expansão dos oceanos, e esse novo mundo alagado nos força a esticar ainda mais nossa coluna, o que, diz o Dr. Barker, culmina no arredondamento de nosso crânio — enquanto são os crânios dos animais, mesmo dos chimpanzés e outros primatas, alongados e projetam-se horizontalmente, rente ao chão, para frente. Nosso crânio, porém, ao ser perpendicularizado, é arredondado, alisado e polido como se fosse uma roldana pela qual um eixo está se movimentando. A posição “antinatural” da coluna quando verticalizada e o subsequente colapso craniano seriam, para o Dr. Barker, o que engendraria a aparição das *neuroses*⁴¹³ — além, é claro, da dor nas costas. Ele conclui seu comentário quanto a isso mencionando a amplamente descreditada *teoria da recapitulação*, proposta pelo biólogo Ernst Haeckel no século XIX. A teoria que “a ontogenia recapitula a filogenia” quereria dizer que em sua fase embrionária o ser “reencena” todo seu passado biológico; todos provavelmente já vimos imagens de embriões de diversos animais, e como se assemelham ao humano. O que a biologia contemporânea diz é que se o embrião humano apresenta *arcos branquiais*, como os peixes, por exemplo, não é porque o embrião humano

⁴¹¹ Tradução minha. “I was increasingly aware that all my real problems were modalities of back-pain, or phylogenetic spinal injury, which took me back to the calamitous consequences of the precambrian explosion, roughly five hundred million years ago. The ensuing period is incrementally body-mapped by metazoan organization. Obviously there are discrete quasi-coherent neuromotor tic-flux patterns, whose incrementally rigidified stages are swimming, crawling, and (bipedal) walking. Elaine Morgan persuasively traces the origin of protohuman bipedalism to certain deleterious plate-tectonic shifts. The model is bioseismic. Crustal convulsions and animal body-plan are rigorously interconnected, and the entire Aquatic Ape Theory constitutes an exemplary geotraumatic analysis.” CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 116.

⁴¹² *Hipótese do macaco aquático* in **Wikipédia**. [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3tese_do_macaco_aqu%C3%A1tico. Acesso em: 1 fev. 2025.

⁴¹³ CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 116.

estaria recapitulando um estágio ancestral aquático, mas porque, é claro, possuem, grosso modo, ser-humano e peixe um ancestral em comum⁴¹⁴. O que o Dr. Barker diz é que não precisamos ser *tão literais*, e diz isso em acréscimo ao seu comentário quanto à origem das neuroses:

O problema aqui — como sempre — é real e efetiva regressão. Não é uma questão de representação psicológica. Considere a amplamente descreditada Teoria da Recapitulação, de Haeckel; a afirmação que a ontogenia recapitula a filogenética. É uma teoria comprometida por seu organicismo, mas sua rejeição, de modo geral, foi um exagero. A resposta de Ballard é mais produtiva e balanceada, tratando o DNA como um banco de memória transorgânico e a espinha dorsal como um registro fóssil, sem uma rígida correspondência onto-filogenética. O mapeamento dos níveis espinhais ao tempo neurônico é flexível, episódico e diagonalizante. Diz respeito ao plexo entre os blocos de transição maquinica, não estritamente isomórficos — ou redundância estrática — entre escalas de ordem cronológica. O DNA mamífero contém código-peixe latente (dentre muitas outras coisas).⁴¹⁵

O que Barker está dizendo é o seguinte: Ora, se na aparição dos arcos branquiais o ser-humano não *recapitula*, de maneira “literal”, um estágio ancestral aquático, mas sim têm ele e o peixe um ancestral em comum, onde mais teria vivido esse ancestral comum, com seus arcos branquiais, senão na água? De que maneira, portanto, a aparição dos arcos braquiais não “recapitula” (de maneira metafórica!) um estágio ancestral aquático? De que maneira, é claro, a emergência de cada uma das características biológicas de qualquer ser vivo não recapitula a história de sua própria espécie? E de que maneira a coluna vertebral de cada animal não recapitula — enquanto o limiar biológico do devir-inorgânico, já puramente endurecido, ossificado, armazenando em sua estrutura a lenta história geológica do planeta — a forma como essa espécie se adaptou aos cataclismas climáticos que acometeram a Terra ao longo de sua existência nela?

Inúmeras implicações podem ser derivadas dessa ideia que, como dito, é o mais próximo que Land se aproxima de sua *teoria de tudo*. É o *olhar de mil olhos* quando totalmente

⁴¹⁴ Teoria da recapitulação in **Wikipédia**. [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_recapitula%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 1 fev. 2025.

⁴¹⁵ Tradução minha. “The issue here – as always – is real and effective regression. It is not a matter of representational psychology. Consider Haeckel’s widely discredited Recapitulation Thesis, the claim that ontogeny recapitulates phylogeny. It is a theory compromised by its organicism, but its wholesale rejection was an overreaction. Ballard’s response is more productive and balanced, treating DNA as a transorganismic memory-bank and the spine as a fossil record, without rigid onto-phylogenetic correspondence. The mapping of spinal-levels onto neuronal time is supple, episodic, and diagonalizing. It concerns plexion between blocks of machinic transition, not strict isomorphic – or stratic redundancy - between scales of chronological order. Mammal DNA contains latent fish-code (amongst many other things).” CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 117.

desprovido de qualquer *pudor*; quer dizer, o Dr. Barker é também, em certo sentido, o álibi de Land para adentrar o “debate científico” sem ter sido convidado, no que o geotrauma aparece enquanto espécie de heresia secularista ou secularização do extra-secular — e através disso, é claro, enquanto “nova” chave interpretativa, abre a possibilidade de inúmeras novas interpretações *alternativas* de uma série de fenômenos, constituindo um verdadeiro reservatório herético. Especificamente a noção de espinho-catastrofismo (o geotrauma no corpo), por exemplo, é amplamente aprofundada e desenvolvido no já citado livro homônimo de Thomas Moynihan, publicado em 2019 e ainda (como, na realidade, todos os textos de Land e Negarestani ora citados) sem tradução para o português. Durante todo o livro, que o autor dedica a sua escoliose⁴¹⁶ e que leva o subtítulo *Uma história secreta*, o Dr. Barker é citado e referenciado junto de outros pensadores e cientistas que *existem*, e curiosamente Moynihan faz menção a fontes que não aparecem nos textos originais da CCRU.

Mas não se encerra aí; depois de espinho-catastrofismo há outra noção que Barker explica, que é a de palato-tectônica. Como dito, tanto uma noção quanto à outra está tramada uma a outra e também às dimensões numerológicas dos sistemas-tic, e a palato-tectônica aparece enquanto consequência do espinho-catastrofismo, e diria respeito àquilo que consideramos cultural. Trata, especificamente, das modulações vocais implicadas na bipedalização e seu impacto nas relações humanas. É um assunto a que o Dr. Parsani dedicará uma seção inteira em sua obra, trazendo, é claro, a voz do outro da história da voz iluminista, que é o não-branco. Antes de conferirmos o que Parsani diz, contudo, no que dedicaremos, por nossa vez, uma seção inteira a sua obra, é necessário trazer antes o que é que Barker diz quanto a isso — o que, afinal, Parsani escreve em resposta a (ainda que jamais cite Barker). Barker fala menos sobre palato-tectônica do que sobre espinho-catastrofismo e, nesse sentido, cito inteiramente o comentário que, ainda que longo, encerra em si do que se trata:

Devido à postura ereta a cabeça esteve sempre torcida, destruindo linearidades de percepção vertebral e organizando as pré-condições filogenéticas para a face. Esse arranjo oral-pneumático em ângulo reto produz o aparato vocal – um local de batidas e acidentes, em que impulsos torácicos colidem com o céu da boca. A cabeça bípede se torna um virtual impedimento de fala, a pneumática sub-cranial se acumula e descarrega como desenvolvimentos línguo-gestuais e uma decolada da cefalização. Burroughs sugere que o primata proto-humano se arrastou por seu corpo para expirar na língua. É o sistema de eixo duplo, uiva e clica, reciprocamente articulado como uma paleta fonética vogal-consoante, rigidamente intersegmentada para reprimir a contínua variação de silvo-*staccatos* e seus devires-animais. É por isso que a gagueira, os tiques vocais, a fonética extralingual e a síntese de vozes eletrodigitais são tão

⁴¹⁶ MOYNIHAN, Thomas. *Spinal Catastrophism: A Secret History*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2019. Dedicatória.

carregadas de intensidades biopolíticas – elas ameaçam contornar o quebra-cabeça antro-po-estrutural que estabelece nossa identidade com o logos, escapando em direção aos números.⁴¹⁷

Aqui claramente já não estamos mais no Kansas. Vejamos portanto qual o destino do ciclone; os comentários do Dr. Parsani sobre palato-tectônica se encontram no item *Excursus VIII: Barbaric Music and Vowelless Alphanets* (“Excursão VIII: Música bárbara e alfabetos sem vogal”), que é o segundo item da quarta parte da *Ciclonopédia, Tellurian Insurgencies: Xerodrome, Solar Tempests and Earth-Sun Axes* (“Insurgências Telúrianas: Xeródromo, tempestades solares e eixos Terra-Sol”). É necessário ressaltar a virulência com que Negarestani lê Land; é heresia sobre heresia e, talvez, o próprio Land tenha ficado assustado, o que é um feito e tanto — teria dito, afinal, “Leia Negarestani... E reze.”⁴¹⁸

Em seu comentário palato-tectônico, por exemplo, o Dr. Parsani observa uma espécie de imperativo categórico abissal que guiaria emergência da civilização iluminista em sua dívida com as civilizações gregas e romanas, que seria o mecanismo que fia a própria possibilidade de um povo ser *bárbaro*: o devir-vogal e o que ele chama de *betarreia* : “o sangramento anormal do som de Beta nas outras consoantes e a maneira com que são vocalizadas — (...) sempre exclusivo a esses impérios e seus cidadãos.”⁴¹⁹ Pensemos, no nosso caso, na ocasional ocorrência da pronúncia *bamos* para *vamos*; betarreia. Segundo Parsani, esse fenômeno se daria como uma resposta filogenética à ditadura das vogais, reterritorializando o som *bar-bar* dos bárbaros. Ele explica primeiro que

As línguas selvagens transfiguravam aqueles traços faciais serenos pertencentes ao rosto grego (um rosto que era, ao mesmo tempo, o de um político, um filósofo e um

⁴¹⁷ Tradução minha. “Due to erect posture the head has been twisted around, shattering vertebro perceptual linearity and setting-up the phylogenetic preconditions for the face. This right-angled pneumatic-oral arrangement produces the vocal-apparatus as a crash-site, in which thoracic impulses collide with the roof of the mouth. The bipedal head becomes a virtual speech-impediment, a sub cranial pneumatic pile-up, discharged as linguo-gestural development and cephalization take-off. Burroughs suggests that the protohuman ape was dragged through its body to expire upon its tongue. Its a twin-axial system, howls and clicks, reciprocally articulated as a vowel-consonant phonetic palette, rigidly intersegmented to repress staccato-hiss continuous variation and its attendant becomings-animal. That’s why stammerings, stutterings, vocal tics, extralingual phonetics, and electrodigital voice synthesis are so laden with biopolitical intensity – they threaten to bypass the anthropostructural head-smash that establishes our identity with logos, escaping in the direction of numbers.” CCRU, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*. p. 117.

⁴¹⁸ Tradução minha. “Read Negarestani... And pray.” LAND, Nick. *Other Endings*. 2024. Tripleampersand. Disponível em: <https://tripleampersand.org/other-endings/>. Acesso em 15 jan. 2025. A pequena frase aqui citada consta também na contracapa da *Ciclonopédia*, mas ela vem desse prefácio escrito por Land para a obra, que acabou saindo sem ele, tendo o texto visto a luz do dia apenas no ano passado.

⁴¹⁹ Tradução minha. “(...) the abnormal bleeding of the Beta sound into other consonants and the way they are vocalized — (...) always exclusive to these empires and their citizens.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 151.

militante), moldando-os, através da vocalização, em rostos insensatos, pagãos, bestiais e inumanos (...). A palavra *barbaros* ou bárbaro — o selvagem estrangeiro — atesta o critério mais fundamental dos gregos para abordar a distância ou o abismo que separava o mundo civilizado das populações cultas. Essa medida incontestável para avaliar a civilidade de alguém era, de fato, a vocalização (isto é, a adição de vogais a consoantes inauditas e pronúncias alienígenas).⁴²⁰

Essas “consoantes inauditas e pronúncias alienígenas”, junto da ausência de vocalização entre elas e a subsequente feição “bestial e inumana” que o rosto humano adquiriria ao pronunciá-las seria o que caracterizaria, então, o *bárbaro*, cujo som, diz o Dr. Parsani, era percebido como o “som bar (o som bar-bar), ou o som similar à enfática repetição de um som de toque (toque-toque)”⁴²¹. O contato com essa sonoridade era, para os gregos e os romanos, extremamente desagradável e seria causado por uma profunda e nauseante “confusão entre o movimento real (o processo real de vocalização usado por um bárbaro) e o movimento percebido (o que pode ser ouvido da vocalização bárbara na língua grega)”⁴²². Ouvir esses povos falarem era, para os greco-romanos, uma experiência tão intensamente desprazerosa que tornava-se, de fato, corporalmente dolorosa, no que Parsani explica que a palavra em inglês para barulho ou ruído, *noise*, é “tanto etimologicamente quando concretamente nada que não náusea”⁴²³. As implicações culturais dessa configuração sônico-política são, evidentemente, avassaladoras. Parsani explica, por exemplo, que

Para o soldado romano, era uma responsabilidade ética dar ao demônio aprisionado na garganta e na cavidade oral do bárbaro uma saída para fugir, cortando a garganta ou a cabeça do selvagem — um ato humanitário cuja consequência poderia levar o soldado à loucura em razão do último grito ininteligível emitido pelo demônio, o som de exclamação enraizado e formado por um processo de vocalização cujas unidades comunicativas sistemáticas, como até mesmo frases, eram consideradas ruído.⁴²⁴

⁴²⁰ Tradução minha. “Savage languages transformed those serene facial traits belonging to the Greek face (a face which was the face of a politician, a philosopher, a militant all at the same time), shaping them, through vocalization, into insensate, heathen, bestial and inhuman faces (...). The word *barbaros* or barbarian — the foreign savage — attests to the Greeks' most fundamental criterion for addressing one's distance or gap from the civilized world and cultured populations. This indisputable measure for scaling one's civility was, in fact, vocalization (i.e. adding vowels to unheard-of consonants and alien utterance).” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 150.

⁴²¹ Tradução minha. “(...) the bar sound (i.e. the bar-bar sound), or the sound similar to the emphatic repetition of the tap sound (tap-tap).” *Id.*

⁴²² Tradução minha. “(...) confusion between the actual movement (the actual vocalization process used by a barbarian) and the perceived movement (what can be heard of that barbaric vocalization in the Greek language).” *Id.*

⁴²³ Tradução minha. “(...) both etymologically and concretely nothing but nausea.” *Id.*

⁴²⁴ Tradução minha. “(...) For the Roman soldier it was an ethical responsibility to give the demon imprisoned in the throat and oral cavity of the barbarian an outlet to flee by cutting the throat or the head of the savage — an

A estratégia de reterritorialização dos gregos e dos romanos perante os bárbaros está implicada precisamente, portanto, em seu fetichismo com o som bárbaro. Parsani explica que, é claro, *bar-bar* não era, realmente, o “único” som emitido por esses povos, sendo essa apenas a forma aparente com que esses povos não-bárbaros percebiam os variados tipos de emissão sonora decorrente dessas “populações estranhas”. Nesse sentido, a absorção violenta dessas “culturas alienígenas” passava, no caso dos gregos e dos romanos quando queriam com esses povos se comunicar, pela virulência exponencial do som que eles acreditavam ser o som bárbaro, que é o *bar-bar*; daí, portanto, a betarreia inerente à expansão de seu domínio.

Seria o caso porque, segundo Parsani, o som de B seria como que o som consoante mais liso possível, segmentando as vocalizações em variedades lexicais de pouca intensidade biopolítica, isto é, distorcendo o mínimo possível o rosto do falante. Em comparação ao sereno e, portanto, “iluminado” som de B, comparemos por exemplo com o som de F, em que mostramos até mesmo os dentes — uma imagem biopolítica altamente intensa no que revelar-se-ia o aspecto selvagem e bestial de seu falante. Como explica Parsani, enquanto a fala bárbara é articulada de maneira não essencialmente pulmonar, permitindo a emergência de cliques e sons guturais através do palato-mole (ou véu) e da glote, a sonoridade greco-romana é articulada quase que inteiramente pelos pulmões e pelos lábios — e o som β seria sua expressão por excelência. Nesse sentido, os bárbaros aparentavam, de maneira extremamente desagradável e suspeita, emitir sons com seu corpo inteiro, enquanto os gregos e os romanos, de maneira “límpida”, “harmoniosa” e direta (não politicamente suspeita), claramente falavam apenas com a ponta explícita de seus corpos, que é a face. O som de β , é, conforme Parsani, um “plosivo bilabial”:

Proferível sem dor, a plosiva bilabial sonora é um som consonantal que pode ser facilmente associado à sua tendência escatológica em direção à parada definitiva e à sua teimosia linear. Enquanto é criada pela interrupção (daí o termo “plosiva”) ou obstrução do fluxo de ar no trato vocal (o modo de articulação), é iniciada pelos pulmões e articulada pelos dois lábios, um trajeto diretamente linear e, em conclusão, facialmente civilizado — o Rosto Grego. A plosiva bilabial sonora molda o rosto do grego militante filosófico civilizado.⁴²⁵

humanitarian act whose consequence might drive the soldier insane as the result of the last unintelligible shriek which the demon made, the exclamation noise rooted and formed by a vocalization process whose systematic communicative units such as sentences, even, were considered as noise.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 151.

⁴²⁵ Tradução minha. “Painlessly utterable, the voiced bilabial plosive is a consonantal sound which can be easily mapped by its eschatological tendency towards definite stoppage and its stubborn linearity. While it is created through stopping (hence ‘plosive’) or obstructing airflow in the vocal tract (the manner of articulation), it is initiated

Quão curiosa é, portanto, chama atenção o Dr. Parsani, a iconografia da face de Jesus de Nazaré, cujo idioma falado era, é claro, aramaico — um idioma bárbaro que, enquanto tal, engendraria um rosto bastante diferente; não aquela plácida, tranquila e mesmo fria face cristã, mas “o rosto de uma carcaça (em virtude das consoantes que são inteiramente vocalizadas internamente sem serem concluídas pelos lábios) ou o rosto de milhares de espasmos (pois o processo de articulação não-linearmente dobra a face inteira em diferentes direções)”⁴²⁶. Dessa forma, conclui o Dr. Parsani que “o que o Cristianismo quer é, acima de tudo, um salvador romano, mas nós falamos com a face de um bruto.”⁴²⁷

Uma atenção destacada ao elemento religioso do geotrauma é uma das principais diferenças entre Barker e Parsani. Podemos observar, nesse item, o que têm os dois em comum, que seria a teoria geotraumática *stricto sensu*, entre os sistemas-tic, o espinho-catastrofismo e sua consequência cultural que é a palato-tectônica. Parsani, através duma incursão (ou *excursão*, como ele diz) não apenas pelas religiosidades mas também por expressões humanas outras a tratarem dessa dor cósmica que constituiria o objeto da geotraumática, captura-a nas duas pontas e realiza um aprofundamento da relação direta entre o geotrauma e as culturas humanoides. Sua hipótese, e aqui estaríamos ainda em terras essencialmente barkerianas (bataillianas, landianas), é que aquilo que aparece a nós humano como a realidade última, inultrapassável e absolutamente disseminada e concretizada da contemporaneidade, que seria o capitalismo, é nada menos que a mais violenta e dispendiosa expressão da submissão da Terra ao Sol. Como disse Parsani, “capitalismo não é um sintoma humano, mas uma inevitabilidade planetária. Em outras palavras, capitalismo estava aqui mesmo antes dos humanos existirem, apenas esperando por um hospedeiro.”⁴²⁸ Parsani vai, contudo, aonde Barker não vai, e aponta que aquilo que concebemos por História do mundo não é apenas a história dessa submissão pois a Terra, continuamente traumatizada e essencialmente adoecida por paixões que vem de Fora, quer se vingar do Sol.

through the lungs and is articulated by both lips, a route directorially linear and facially civilized in conclusion — the Greek Face. The voiced bilabial plosive shapes the face of the civilized philosophical militant Greek.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 152.

⁴²⁶ Tradução minha. “(...) the face of a carcass (for the consonants which are fully vocalized internally without being concluded by the lips) or a face of thousands of spasms (for the articulation process which non-linearly twitches the whole face in different directions) during vocalization.” *Id.*

⁴²⁷ Tradução minha. “What Christianity wants above all is a Roman savior, but we speak with the face of a brute.” *Id.*

⁴²⁸ Tradução minha. “Capitalism is not a human symptom but rather a planetary inevitability. In other words, Capitalism was here even before human existence, waiting for a host.” *Ibid.* p. 27.

O Sol teria, segundo o Dr. Parsani, um *insider* na Terra, que é o seu núcleo, continuamente corrompendo e conspirando por dentro, enquanto motor ou *drive* — tanto no sentido freudiano de pulsão como também no sentido do tipo de código que permite aos computadores realizarem suas funções básicas — do planeta, permitindo, ao movimentar-lhe, que o fluxo solar tenha sempre vazão na superfície terrestre. Contudo, como insider, o núcleo da Terra é, obviamente, um agente duplo; ele é, afinal, o núcleo *da Terra*. Há, portanto, um *outro excesso* que é lentamente gestado; para além do excesso solar sempre gloriosa ou catastroficamente dispendido na superfície, a Terra acumula dentro de si, lá longe das garras da luz do Sol, o seu próprio excesso, que é o petróleo.

Petróleo é o pivô da obra parsaniana e, nesse sentido, possui uma relação complexa e *profunda* com todos os elementos da narrativa ciclonopédica. O capitalismo teria evoluído, em certo sentido, para descobrir e desbloquear o acesso ao petróleo, lubrificando suas máquinas e suas narrativas de escassez. O petróleo, contudo, tem seus próprios planos e, como diz Parsani, “envenena o capital com absoluta loucura”⁴²⁹ — que seria a transição duma hegemonia solar plena para a fase crítica da Guerra ao Terror. Haveria, para o Dr. Parsani, uma pista do que estava por vir para as civilizações humanas, e ela está criptografada nas histórias contadas há milênios pelos povos do deserto — onde teria surgido, para Parsani, não apenas o monoteísmo abraâmico, mas também a própria técnica; noutras palavras, onde teria surgido a civilização e por onde debaixo, esse tempo todo, descansava adormecido o petróleo; apenas esperando.

Quando os dois tempos se encontram — o abissal e o superficial —, a Terra é travada num circuito retroalimentativo não mais negativo; está agora gerando dissipação potencialmente aniquilatória, e faz isso precisamente através da aceleração provida pelo petróleo, que simultaneamente lhe serve, como é também, porém, cúmplice do deserto e de suas populações, no que o islã aparece, para o Dr. Parsani, como “o outro do capitalismo.”⁴³⁰ Se poderia se acreditar, com isso, que são queridas entre tais povos a obra parsaniana, seria essa crença um equívoco. O Dr. Parsani, durante a revolução iraniana em 1979, perdeu seu emprego na Universidade do Teerã e sua obra foi majoritariamente destruída; seu único livro publicado, “Soorat-zoda-ee az Iran-e Boston: 9500 Sal Nabood-khanie (“Desfigurando a Pérsia Antiga: 9500 anos clamam por destruição”)⁴³¹, fora confiscado quando de seu lançamento e é até hoje

⁴²⁹ Tradução minha. “Petroleum poisons Capital with absolute madness.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 27

⁴³⁰ *Ibid.* p. 23.

⁴³¹ Tradução minha. “Soorat-zoda-ee az Iran-e Boston: 9500 Sal Nabood-khanie (Defacing the Ancient Persia: 9500 years call for destruction)”. *Ibid.*, p. 9.

proibido de ser reimpresso, e o fato de que não há relatos de ter sido visto nesse século pode, infelizmente, sinalizar que o pior aconteceu, isto é, que o Dr. Parsani foi, eventualmente, encontrado pela polícia secreta iraniana SAVAK.

Tendo contato com sua obra não se torna, todavia, surpreendente que, ainda que diga que o *islã* é o outro do capitalismo, não sejam os poderes islâmicos constituídos exatamente apreciadores de seu trabalho — ou dessa ideia. As nações islâmicas não são, afinal, exatamente *comunistas* (o mais comumente associado a um anti-capitalismo); em muitos casos, na verdade, como no dos Emirados Árabes Unidos ou do Catar, entre tantos outros, muito pelo contrário, e tal inserção capitalista se dá, justamente, através duma cumplicidade com o petróleo. E seria o caso não porque não quereriam ouvir que o petróleo é um acelerador da desertificação do planeta, mas porque, na verdade, tal seria também o objetivo do islã — “o Deserto de Deus para o qual ídolo nenhum pode ser erguido.”⁴³²

4.6 *Insurgências Telurianas*: As heresias do Dr. Parsani

O Dr. Hamid Parsani era, como ora mencionado, “arqueólogo e pesquisador nas áreas de colapsos oculturais mesopotâmicos, Oriente Médio e matemática antiga na Universidade do Terrã.”⁴³³; ele nunca menciona a ideia de geotrauma tampouco a obra de Barker, e não é sabido, na verdade, se chegaram a se comunicar. O Dr. Barker a CCRU já tivera bastante dificuldade em contatar, e o Dr. Parsani, na realidade, jamais realmente contataram; receberam, através duma fonte anônima que enviara o texto para uma das iterações finais do grupo que era o blog *Hyperstition*, administrado por Reza Negarestani, os textos em que se encontravam o trabalho de Parsani e, entre eles, um manuscrito chamado *Ciclonopédia* — e a equipe do *Hyperstition* pôde perceber que ainda que viessem de mundos radicalmente diferentes e expressassem suas ideias também de maneira diversa, Barker e Parsani pareciam estar falando a mesma coisa; ou, ao menos, *da mesma coisa*. Parsani é, como Barker, *um personagem landiano*, ainda que não uma criação de Land; o que quer dizer, é claro, que Parsani *pensa* dentro da nova concepção de energia (a não ontologicamente termodinâmica) do materialismo libidinal (landianismo). A apresentação formal do personagem Parsani é, contudo, mais complexa que a de Barker, no que a *Ciclonopédia* aparece como uma sofisticação do jogo entre realidade e ficção com que Barker originalmente vem ao mundo. Dediquemos-nos por alguns instantes, portanto, à estrutura da

⁴³² Tradução minha “(...) the Desert of God in which no idol may be erected.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 18.

⁴³³ Tradução minha “(...) archeologist and researcher of Mesopotamian occultural meltdowns, Middle East and ancient mathematics.” *Ibid.* p. 9.

Cyclonopédia, para então investigarmos suas técnicas e, por fim, suas teses — as heresias do Dr. Parsani.

4.6.1 A estrutura da *Cyclonopédia*

Destaca-se em primeiro lugar que há uma *Cyclonopédia dentro da Cyclonopédia* — ou, melhor ainda, que a *Cyclonopédia* está *dentro* da *Cyclonopédia*. Quer dizer, o livro começa no dia 24 de julho de 2005 com uma espécie de história de detetive, uma narrativa em primeira pessoa, escrita por uma pessoa chamada Kristen Alvanson, que viaja até Istambul para encontrar uma outra pessoa que conheceu na internet e que tem um nome impronunciável em inglês e cujo desenho parece-se uma serpente ou um S. Ao chegar no quarto de hotel designado por S — por falta de opção, chamemos assim — Kristen não encontra seu interlocutor e tampouco ele (ou ela?) atende o telefone cujo número tinha passado a ela. Sem muita coisa para fazer, portanto, Kristen decide aproveitar que está, afinal, em Istambul, e abre uma garrafa de vinho para começar a beber antes de sair para conhecer a cidade. Quando em direção ao banheiro para tomar um banho, ela tropeça e derruba a taça que, milagrosamente, não se quebra. Ao limpar o chão, ela percebe uma caixa embaixo de sua cama. Há apenas papéis variados nessa caixa, trechos desconexos sem começo, meio e fim e, também, um manuscrito em cuja primeira página se lê “*Cyclonopedia* Reza Negarestani.”

É provável, praticamente certo, que S tem alguma coisa a ver com isso; o Oriente-Médio era um dos principais assuntos que Kristen e S conversavam, e o manuscrito *Cyclonopedia* parece tratar inteiramente desse tópico. Ao pesquisar o nome Reza Negarestani no Google, Kristen encontra um artigo chamado *John Carpenter's The Thing: White War and Hypercamouflage* (“*O Enigma de Outro Mundo*”, de John Carpenter: Guerra Branca e Hiper-camuflagem”) no blog *Hyperstition*; contudo, ainda que a página siga online, seu conteúdo está indisponível. Ainda está online⁴³⁴. Kristen começa então a investigar quem seria Negarestani e qual sua relação com S, e outros participantes do blog lhe dizem que, na verdade, não conhecem muito bem Negarestani, sabendo apenas ser iraniano (ou iraniana? Kristen suspeita, à princípio que Negarestani seja uma mulher), e alguns na verdade a encorajam a encontrar Negarestani pois já há algumas semanas tinha “desaparecido do blog”, isto é, deixara de criar postagens e de comentar nas postagens alheias.

Em dado momento alguém lhe sugere até mesmo que “RN deve ser uma criação fictícia do *Hyperstition* (“hiperstição”), o termo vagamente definido como quantidades ficcionais que

⁴³⁴ NEGARESTANI, Reza. *John Carpenter's The Thing: White War and Hypercamouflage*. *Hyperstition*. 2005. Disponível em <http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/005360.html>. Acesso em 21 jan. 2025.

se tornam reais.”⁴³⁵ Real ou não, Kristen nota como, estranhamente, todas as pessoas envolvidas nessa história até agora aparentam ter uma tendência ao desaparecimento; não só não havia ainda sinal de S nem de Negarestani, o manuscrito *Cyclonopedia* inicia-se contando, também, de um professor, Hamid Parsani, que estaria também desaparecido. Sem nenhum sucesso em suas buscas, ao fim de sua semana em Istanbul Kristen volta então para os Estados Unidos, onde reside, com a intenção de publicar o manuscrito — que é o que se daria, portanto, através já das próximas páginas; primeiro a dedicatória (“para feiticeiros”), depois o sumário e então seu conteúdo, que é composto por 6 capítulos, seguido de notas e um glossário.

A *Ciclonopédia* aparece, então, como uma colagem iniciada através de postagens no blog *Hyperstition* e discussões nas caixas de comentário travadas entre Reza Negarestani e outros membros do ecossistema aceleracionista, com destaque especial para Nick Land, cujos diálogos com Negarestani são, em dado momento, em parte copiados e colados no livro e seus nomes substituídos por X e Z. O artigo “desaparecido” encontrado por Kristen, por sua vez, é o terceiro item do terceiro capítulo e, certamente, muitas outras partes do livro são correspondentes a outros textos e comentários no *Hyperstition*. O que provavelmente aconteceu é: Negarestani, em dado momento, notou que algumas dessas elaborações poderiam vir a compor um livro e começou, portanto, a apagar as postagens referentes a trechos que poderiam constar nesse livro. Além do artigo mencionado por Kristen, há no *Hyperstition* diversas outras postagens “sumidas”, principalmente entre os meses de junho e julho de 2005, três anos antes da publicação do livro.

Uma vez no manuscrito *Cyclonopedia* de fato, o registro da prosa se torna majoritariamente um movimento pendular de entrada e saída da voz do Dr. Parsani, isto é, ora é Parsani quem fala, ora ele e sua obra e sua vida são referenciados por um narrador que vem de fora, e, a bem da verdade, em muitas ocasiões essa transição não é deixada evidente. Torna-se, nesse sentido, oportuno averiguarmos com maior cuidado quais são e como se dão as operações técnicas da *Ciclonopédia*.

4.6.2 Algumas técnicas da *Ciclonopédia*

Antes de atentarmos-nos a certas técnicas *específicas* da *Ciclonopédia*, recordemos-nos das “técnicas gerais” de seu gênero literário, as “técnicas de ataque” do horror cósmico que Houellebecq descreve em *Contra o mundo, contra a vida*:

⁴³⁵ Tradução minha “(...) RN must be a fictional invention of Hyperstition, a term loosely defined as fictional quantities that make themselves real.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. xiv

Ataca a narrativa como um suicida radiante; Pronuncia sem fraquejar o grande NÃO à vida; Então verás uma poderosa catedral; E teus sentidos, vetores de indizíveis desequilíbrios; Traçarão o esquema de um delírio completo; Que se perderá na inominável arquitetura dos tempos.⁴³⁶

Ora, o primeiro movimento da *Ciclonopédia* corresponde já à execução da primeira técnica de ataque: simplesmente interrompe a narrativa e começa o livro de novo, destarte envolto em mistérios e confusões. Nesse sentido, é um livro de *found-footage* — geralmente filmes, geralmente de terror, como *A Bruxa de Blair* (1999), em que a obra em si opera numa suspensão hiper-ficcional ao ser tratada como um objeto (no caso, um objeto que é encontrado) dentro de um mundo que apareceria como a *verdadeira obra*. O romance dentro de um romance funcionaria como uma plataforma em que o mundo criado pela estética está dentro do mundo real na mesma medida em que o falso romance está dentro do romance real — sendo no falso romance onde se encontraria uma “verdadeira filosofia”. Nesse sentido, como diz Houellebecq,

(...) ao multiplicar os incidentes mais ambíguos que aterrorizantes, afagamos a imaginação do leitor sem verdadeiramente satisfazê-la; incitamos o leitor a seguir seu caminho. E é sempre perigoso deixar a imaginação do leitor livre, pois ela pode muito bem chegar a conclusões atrozes; verdadeiramente atrozes.⁴³⁷

“Pronunciar sem fraquejar o grande NÃO à vida”, por sua vez, seria resumido por Houellebecq como um geral desinteresse quanto a assuntos humanos. Essa talvez seja a técnica mais difícil de se enquadrar à *Ciclonopédia*, afinal pensar o inumano diz respeito, no fim das contas, a refletir quanto à condição humana, e ainda que o livro privilegie a perspectiva impossível da morte líquida que é o petróleo, o livro não o pinta *exatamente* como nosso aliado enquanto seres humanos. Mas, de certa forma, o mesmo poderia ser dito também sobre a obra de Lovecraft — e de Houellebecq. O inumano é sobre o humano, é claro; o horror do cosmos é o horror do humano, e pensar a morte é pensar a vida, no que torna-se proveitoso aqui nos lembrarmos (mais uma vez) de certas palavras de Nietzsche: “Guardemos-nos de dizer que a

⁴³⁶ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 35

⁴³⁷ *Ibid.* p. 42.

morte é o oposto da vida; a criatura viva é simplesmente um tipo de criatura morta, e um tipo muito raro.”⁴³⁸

As duas técnicas seguintes, por sua vez, “Então verás uma poderosa catedral; E teus sentidos, vetores de indizíveis desequilíbrios,”⁴³⁹ dizem ambas respeito a uma dimensão vertiginosa a qual seria suposto a narrativa atingir, formando um labirinto que se estende por todas as direções — não só para os lados, mas também para dentro da terra e acima de nossas cabeças em arquiteturas impossíveis. Nesse sentido, chamo atenção a uma técnica específica utilizada pela *Cyclonopédia* que é a técnica de *noise*, oriunda da música *noise*, que intencionalmente utiliza sons considerados barulho como seu principal elemento de composição. A *Cyclonopédia* é também, em certo sentido, um livro de *noise*⁴⁴⁰, empilhando verbetes abandonados e muitas vezes justapostos e transitando entre as vozes sem indicar que está fazendo isso, deixando o leitor à mercê de nada senão uma eterna estupefação: “que diabos está acontecendo nesse livro?”; a conversa entre Negarestani e Land (Z e X), por exemplo, das páginas 16 a 21, é encerrada com a mesma falta de cerimônia (contextualização) com que se inicia.

Nas próprias referências culturais que a *Cyclonopédia* traz, e são muitas, ela torna sua técnica seus objetos ao mesmo tempo que presta suas homenagens — paga seus pedágios. Faz extensas referências, por exemplo, ao já citado clássico do terror *O Enigma de Outro Mundo* (1982), de John Carpenter, em que uma forma alienígena misteriosa e altamente mutável (*The Thing*) sorrateiramente entremeia-se uma equipe de expedição na Antártica, e também ao *cult-classic Begotten* (1989), de Edmund Elias Merhige, cuja duração da película inteira se dá numa sequência de entrecortes esquizofrênicos em preto-e-branco em que Deus corta o próprio pulso em gestos espasmódicos. Seriam ambos, é claro, filmes sobre o petróleo — ou ainda filmes *do* e *para* o petróleo, que é portanto não apenas tecnicamente apresentado através de *noise*, mas também esteticamente representado em *noise*, como na plasticidade da criatura alienígena *The Thing* e no empilhamento espasmódico de sinais que é o suicídio de Deus e seu sangue negro em *Begotten*. Quanto a essa arquitetura vertiginosa (a “poderosa catedral” que torna-se vetor de

⁴³⁸ Tradução minha. “Let us guard against saying death is the opposite of life; the living creature is simply a kind of dead creature, and a very rare kind.” NIETZSCHE, Friedrich. *The Gay Science*. Nova Iorque, EUA: Vintage Books. 2010. §109. *apud* BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillan. 2007. p. 235.

⁴³⁹ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 35

⁴⁴⁰ SILVEIRA, Fabrício. *Hiperstição e geotrauma em Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials, de Reza Negarestani in Anais do Intercom Nacional 2020*. 2020. p. 4. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1024-1.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2025.

“indizíveis desequilíbrios”), Houellebecq diz em *Contra o mundo, contra a vida*, quase como se estivesse descrevendo a *Ciclonopédia*, o seguinte:

(...) muito mais que um jogo matemático de volumes. Ela está inteiramente impregnada pela ideia de dramaturgia essencial, de uma dramaturgia mítica que dá seu sentido à construção. Que teatraliza o menor de seus espaços, utiliza os recursos conjuntos das diferentes artes plásticas, anexa em seu proveito a magia dos jogos de luz. É uma arquitetura *viva*, pois ela se baseia em uma concepção viva e emocional do mundo. Em outras palavras, é uma arquitetura sagrada.⁴⁴¹

E se poderia se suspeitar que Negarestani estava lendo Houellebecq quando escreveu a *Ciclonopédia*, o autor iraniano torna a coisa mais ou menos evidente ao fazer menção a *Contra o mundo, contra a vida* no segundo item do sexto e último capítulo da *Ciclonopédia*, *The Z. Crowd: The Infested Germ-Cell of Monotheism* (“A Multidão Z: A infestada célula germinativa do monoteísmo”)⁴⁴². É um item dedicado a investigar o que seria, segundo Negarestani, uma pista identificada por Houellebecq:

Houellebecq relaciona corretamente a paranoia de Lovecraft a um modo extraordinário de monoteísmo, associando suas histórias a algo antigo, esquecido e impuro — uma ressurreição ritualística da célula-germinal zoroastriana do monoteísmo, a já-sabotada pureza dos arianos.⁴⁴³

Ainda que isso seja mencionado apenas na parte final do livro, poderia se argumentar que desenvolver essa ideia é, também, do que se trata a *Ciclonopédia*, empregando o horror lovecraftiano para pensar de que maneira o paganismo pré-abraâmico, com seus demônios do deserto, estaria, através do “advento” do petróleo na era moderna, tramado não só ao capitalismo, mas, principalmente talvez, ao que seria sua crise — expressa na crítica que a Guerra ao Terror faria à hegemonia solar, no que ela seria não um acontecimento geopolítico moderno, mas um evento cosmológico que expõe as fissuras lubrificadas da modernidade. Antes de debruçarmos-nos, enfim, nessa e outras das heresias do Dr. Parsani, restam ainda as

⁴⁴¹ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 56.

⁴⁴² “Multidão Z” são os sionistas.

⁴⁴³ Tradução minha. “Houellebecq correctly links Lovecraft's paranoia to an extraordinary mode of monotheism, associating his stories with something old, forgotten and unclean - a ritualistic resurrection of the Zoroastrian germ-cell of monotheism, the already-sabotaged purity of the Aryans.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 210.

duas últimas técnicas designadas por Houellebecq: “Traçarão o esquema de um delírio completo; Que se perderá na inominável arquitetura dos tempos.”

Também essas duas técnicas podemos analisar de maneira conjunta, pois tratam, de certa forma, da mesma coisa, que é o estilo “relatório de dissecação”, ou literatura-bisturi; e, a bem da verdade, as seis técnicas constituem-se enquanto um *manual para criação de vertigem literária*. Como diz Houellebecq, é uma tentativa de criar “terror objetivo”⁴⁴⁴, um terror que fosse “(...) desligado de toda conotação psicológica ou humana”⁴⁴⁵, isto é, criar uma mitologia que, à moda kantiana, “(...) ‘ainda tivesse sentido para as inteligências compostas de gás das nebulosas espirais’.”⁴⁴⁶ O relatório de dissecação, como ele diz,

responde ao seguinte princípio: *quanto mais monstruosos e inconcebíveis forem os acontecimentos e as entidades descritos, mais a descrição será precisa e clínica*. É preciso um bisturi para esmiuçar o inominável. Todo impressionismo deve ser, portanto, banido. Trata-se de construir uma literatura vertiginosa; e não há vertigem sem certa *desproporção de escala*, sem certa justaposição do minucioso e do ilimitado, do pontual e do infinito. (...) é essa precisão narrativa que leva nossa adesão ao inconcebível.⁴⁴⁷

Nesse sentido, para citar um exemplo *exemplar*, chamo atenção à definição absolutamente estapafúrdia que “Parsani” faz de *ratos*:

O processo de desterro, em qualquer nível (da incursão epidêmica à desterritorialização), é performado por unidades acefálicas conhecidas como ratos. Compostos de três funções principais — fuga, deslocamento e função-cauda —, ratos podem concentrar uma força desintegradora cuja intensidade é capaz de superar a intensidade de consolidação do solo. Nos ratos, a correlação política entre a cabeça e o rabo não é apenas distorcida, mas também obscura.⁴⁴⁸

E, em outra oportunidade:

⁴⁴⁴ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 64.

⁴⁴⁵ *Id.*

⁴⁴⁶ *Id.*

⁴⁴⁷ *Ibid.* p. 65.

⁴⁴⁸ Tradução minha. “The process of ungrounding at any level (from epidemic incursion to deterritorialization) is performed by acephalic units known as rats. Composed of three main functions — flight, displacement and tail-function — rats can concentrate a disintegrating force whose intensity is capable of surpassing the ground’s intensity of consolidation. In rats the political correlation between the head and the tail is not only twisted but also obscure.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 242.

Os ratos são máquinas de exumação: não apenas vetores plenamente desenvolvidos de epidemias, mas também linhas ferozmente dinâmicas de desterramento. Os ratos germinam dois tipos de cataclismas de superfície enquanto viajam e conectam diferentes zonas. Primeiro, danos estáticos na forma de rupturas provocadas por cismas internos, elevações, deslocamentos, saltos e impulsos que expõem a superfície a convulsões e distorções paroxísticas; e, segundo, a anomalia dinâmica de ondas sísmicas que se dissipam à medida que os ratos fluem na forma de tele-composições (matilhas ferozes). Na matilha, enquanto as compressões e descompressões dos ratos proliferam suas taxas de velocidade, suas transposições e rearranjos dentro da matilha (composição) forjam uma máquina de des-contorno que desfigura a elevação das entidades no grupo, libertando os ratos e concedendo-lhes uma capacidade de voo em miniatura. Assim, enquanto correm, parecem evaporar tanto as superfícies quanto a si mesmos.⁴⁴⁹

Lê-se como se escrito por uma máquina ou pelos alienígenas encarregados do volume *Terra* numa grande enciclopédia alienígena. Sendo a *Ciclonopédia* um livro de materialismo libidinal expresso em texturas lovecraftianas, não poderia ser outra sua aparência, explodindo em horror cósmico a crítica landiana à filosofia transcendental de Kant ao questionar, através da teoria-ficção, a própria noção de teoria — e a própria noção de ficção, implodindo, portanto, a mera possibilidade das críticas kantianas. Como disse Houellebecq — antes de avançarmos para o último item dessa dissertação e dissecarmos, nós mesmos, as heresias parsanianas:

Assim como Kant quer estabelecer os fundamentos de uma moral válida ‘não somente para o homem, mas para toda criatura racional em geral’, Lovecraft quer criar um gênero fantástico capaz de aterrorizar todas as criaturas dotadas de razão. Os dois homens têm, aliás, outros pontos em comum; além da magreza e do gosto por doces, podemos assinalar essa suspeita de que foi formulada a respeito deles de que *não eram totalmente humanos*. De qualquer maneira, o ‘solitário de Königsberg’ e o ‘recluso de Providence’ se unem em sua vontade heroica e paradoxal de passar *por cima* da humanidade.⁴⁵⁰

4.6.3 As heresias do Dr. Parsani: algumas teses da *Ciclonopédia*

⁴⁴⁹ Tradução minha. “Rats are exhuming machines: Not only full-fledged vectors of epidemic, but also ferociously dynamic lines of ungrounding. Rats germinate two kinds of surface cataclysm as they travel and span different zones. Firstly, static damage in the form of ruptures rendered by internal schisms, uplifts, dislocations, jumps and thrusts which expose the surface to paroxysmal convulsions and distortions; and secondly the dynamic anomaly of seismic waves dissipating as the rats flow in the form of tele-compositions (ferocious packs). In the pack, while rats’ compressions and decompressions proliferate their rates of speed, their transpositions and rearrangements in the pack (composition) forge a de* contouring machine marring the elevation of entities in the pack, setting rats free, lending them a capacity for miniature flight. Hence, as they run, they appear to evaporate both surfaces and themselves.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 52.

⁴⁵⁰ HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. p. 64.

Podemos condensar em três principais teses as heresias do Dr. Parsani — as três principais hipóteses sobre as quais a *Ciclonopédia* é estruturada. Cada uma dessas teses traz consigo, é claro, variadas outras interpretações e implicações igualmente heréticas (que obviamente é apenas outra maneira de dizer que vão de encontro às mais aceitas correntes interpretativas quanto aos fenômenos que visam tratar; numa palavra, *heresia* = “pseudociência”). Contudo não é realmente cabível, é claro, a noção de *pseudociência* quando o objeto não é pretensamente científico (no caso, um romance), no que, como é Barker para Land, Parsani funciona também como uma espécie de álibi para que Negarestani adentre o debate científico “sem ter sido convidado” — o que é no caso de Parsani/Negarestani ainda mais gritante pois, diferente de Land, Negarestani não é *formado em nada* (ainda que tenha sido estudante tanto de engenharia de sistemas quanto de medicina⁴⁵¹). Nesse sentido, os professores fictícios de geotraumática operam precisamente enquanto os xenoagentes a que tanta atenção dedicam suas obras, confrontando a solidez nuclear da academia com aquilo que lhe circula de Fora, e que ocasionalmente lhe impele de maneira meteórica e virulenta.

As três principais heresias de Parsani são essas: 1: o petróleo é um ser senciente detentor de agência; 2: o petróleo tem origem em xenobactérias, e 3: o petróleo é o lubrificante da História (subtrama metanarrativa). A heresia número 3, é claro, é de certa forma apenas a maximização da heresia número 1 — não só o petróleo tem agência como estaria ela por trás de não algumas, mas *todas* as narrativas que atravessariam o corpo da Terra (!); e a heresia número 2, por sua vez, aparece nesse sentido como condição *sine qua non* para as outras duas, pois elas dependem, para seu pleno funcionamento, que o petróleo seja constituído pela condição de *radicalmente outro*. Começemos então por ela, a heresia número 2 — que petróleo tem origem em bactérias alienígenas.

Sabemos que isso não é verdade; não é o caso. Aprendemos desde criança, na escola, que o petróleo é naturalmente formado nas entranhas terrestres ao cozinhar a matéria carbônica morta que antes vivera na superfície do planeta, no que a maior parte do seu corpo seria constituído dos cadáveres liquefeitos daqueles que vieram antes de nós — os dinossauros. Como esse é um processo muito lento (se dá afinal no tempo geológico da Terra!), dada a velocidade com que temos extraído o petróleo, é certo que se extinguirá antes que fosse cronologicamente possível existir uma nova reserva. Petróleo é, nesse sentido, e isso torna-se um mantra moderno, escasso e finito. A questão que o Dr. Parsani coloca é a seguinte: e se isso não for verdade? Não que seu surgimento não esteja relacionado ao processo descrito de

⁴⁵¹ Relatado em conversa particular.

cozimento intra-terreno, mas que talvez esse mecanismo não encerre o fenômeno e que, por isso, as conclusões a que se chegaria com esse desenho são fundamentalmente mal-informadas e, por isso, estão erradas. Para Parsani, a heresia é, na realidade, o que ele chama de “mito do combustível fóssil.”⁴⁵²

Consideremos, para compreender as ramificações totalitárias dessa noção às nossas capacidades imaginativas, a mais popular representação estética do petróleo no cinema, que é a saga *Mad Max*. Seu criador, George Miller, parece acreditar que no fim dos tempos a única preocupação humana será encontrar *mais petróleo*, e não só a economia mas também a política e a religião serão organizadas em torno do petróleo (no limite, Negarestani estaria perguntando se *já não é assim* — e se já não estaríamos, portanto, no “fim dos tempos.”). Miller acrescenta ainda, em *Estrada da Fúria* (2015), quarto filme da série, o elemento *leite*, no que o futuro seria sobre sangue, leite e petróleo, com as mulheres aprisionadas enquanto meras máquinas reprodutivas para a continuidade do império do petróleo. Sangue: a própria “coisa viva”, Sol líquido; Leite: o devir-vampiro das “coisas da Terra” (seres), desde muito tempo sinalizando o funcionamento “dentado” do capital, no que o mamífero, enquanto corpo da mama, é uma máquina de transformar sangue em alimento; Petróleo: o sangue da Terra.

A história, portanto, seria assim: liberte o sangue da Terra; livre-se do sangue biológico ao transformá-lo todo em leite que está ao serviço de libertar ainda mais do sangue da Terra *ad infinitum*; fosse isso para sempre, a Terra seria destruída e a hegemonia do Sol seria restaurada. O que, é claro, passa em absoluto pela liberdade feminina, no que a “vocação gestativa” feminina e a “vocação viral” masculina (mulheres podem ter um filho a cada nove meses; homens podem engravidar nove mulheres num dia) serviriam à manutenção dessa história — a que culmina na destruição do planeta, no que haveria também uma relação intrínseca entre o capitalismo e a proibição do aborto.

Mas talvez nenhum filme melhor expresse a ideologia que está imbricada no “mito do combustível fóssil” que *Sangue Negro* (2007), de Paul Thomas Anderson. Sequer é, aqui, necessário adentrar os meandros da trama, pois está tudo no título; sangue é o preço do petróleo, e o título original do filme, em inglês, fornece o prognóstico obrigatório para qualquer envolvimento dos humanos com ele: “Haverá Sangue” (*There Will Be Blood*). A relação “óbvia” entre sangue e petróleo (“sangue negro”) seria, segundo Parsani, nada menos que uma reiteração do mito do combustível fóssil e, no caso, teria passabilidade científica devido a um

⁴⁵² Tradução minha. “(...) myth of fossil fuels.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 26.

mito menor que seria o “mito da porfirina”, um elemento orgânico que estaria presente tanto no sangue quanto no petróleo:

A existência de porfirina tanto no sangue quanto no petróleo foi manipulada para reforçar a validade da teoria dos combustíveis fósseis. Para os defensores do mito dos combustíveis fósseis, a porfirina é evidência de uma linhagem comum, o hidrocarboneto. E a equação entre sangue e petróleo — a suposição de que o sangue é o preço do petróleo — só pode se sustentar na teoria empobrecedora dos combustíveis fósseis finitos ou na produção de petróleo a partir de matéria orgânica. Os pacifistas do petróleo sustentam a pobreza totalitária do petróleo por meio do mito da porfirina (o tradicionalismo fóssil) que aceitam.⁴⁵³

O mito do combustível fóssil serviria não apenas à petropolítica, mas ao capitalismo como um todo, constituindo o alicerce da ontologia da escassez em que opera enquanto instrumentalização do glorioso (ou aniquilatório) dispêndio solar, invertendo sua ideologia (a do excesso) ao nos vampirizar e, com isso, inaugurar a possibilidade do dispêndio total — uma magnífica e demasiadamente humana destruição. Parsani chama, nesse sentido, atenção à teoria do astrofísico austríaco Thomas Gold da “Biosfera Quente e Profunda”. Gold estipula, e é isso que Parsani defende, que o petróleo origina-se na comunhão do pós-orgânico com bactérias alienígenas que teriam ficado aprisionadas dentro da Terra quando de sua constituição seminal — o que ecoa algumas (mais bem aceitas) teorias quanto à aparição da própria vida ou mesmo da água na Terra, ao que uma questão se apresenta: por que para tais origens a possibilidade da *xenofonte* é aceita, mas para o petróleo não? Por que é incontestável que o petróleo vem única e exclusivamente *de dentro*? Porque, como dito, o capitalismo é sustentado por, dentre outros fundamentos, a noção de escassez que é viralmente emprestada do “*fato*” da escassez do petróleo, portanto questioná-lo é apresentar um *porém* tão profundo à condição humana na modernidade que poderia ser compreendido como nada menos que terrorismo. Como diz Parsani:

A gosma interior: Um material sintetizado de forma inorgânica que borbulha a partir das colônias bacterianas primordiais interestelares que existem nas entranhas da Terra (teoria de Thomas Gold sobre a Biosfera Quente e Profunda). De acordo com Gold, uma vez que o petróleo é produzido de forma inorgânica por bactérias que existem no

⁴⁵³ Tradução minha. ““The existence of porphyrin in both blood and oil has been manipulated to bolster the validity of fossil fuels theory. For advocates of the myth of fossil fuels, porphyrin is evidence of a common lineage, the hydrocarbon. And the equation of blood and oil — the assumption that blood is the price of oil — can only be grounded on the impoverishing theory of finite fossil fuels or the production of oil from organic matter. Oil pacifists support the totalitarian poverty of oil through the myth of porphyrin (fossil traditionalism) they accept.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 26.

interior da Terra, as reservas de petróleo são, em certa medida, renováveis, talvez até inesgotáveis. E como as colônias dessas bactérias produtoras de petróleo estão em movimento, a distribuição de petróleo não é permanente e vai se deslocar. A renovação, a inesgotabilidade, e a mudança nos padrões atuais de distribuição petropolítica têm enormes impactos em nossa compreensão planetária da política, economia e militarização. A continuação das guerras pelo petróleo ou o seu fim definitivo implicam grandes revelações e suas consequências correspondentes em todos os níveis da vida planetária.⁴⁵⁴

É o mito do combustível fóssil o que estaria por traz da Guerra ao Terror; se constitui, primeiro, o fundamento ideológico da escassez que é particular ao capitalismo, seria também seu funcionamento enquanto *mito* o que fiaria a eventual emergência da crise do sistema, que não poderia indefinidamente sustentar-se numa mentira. Isto é, se funciona enquanto um combustível que é ao mesmo tempo o lubrificante a qual alimenta a máquina, não haveria, em dado momento, mais *para frente* aonde ir. Aparece então a noção parsaniana (negarestaniana) do ômega teluriano; o ômega teluriano seria, etimologicamente, o fim terrestre. O fim impossível do etos adicto; como diz Deleuze no *Abecedário de Gilles Deleuze*, falando da letra “F de fidelidade”, o que um alcóolatra procura é não “o último copo”, como se poderia pensar, mas o *penúltimo* copo, pois ele sabe que o último é aquele que não se aguenta, portanto inaugura-se a matemática impossível do penúltimo — o último antes do último, no que o horizonte é continuamente deslocado para frente como numa utopia⁴⁵⁵. O ômega teluriano é, nesse sentido, a utopia (o ponto final da adicção) da Terra, vomitando para fora os efeitos do seu engajamento com o veneno do petróleo — o que nos aparece enquanto a crescente profusão de catástrofes climáticas.

Da mesma maneira que faz um vício ao ser humano, deslocando irremediavelmente as delicadas relações de desejo e prazer, também assim o faz o petróleo à Terra, que se encontra, na disponibilidade absoluta e imediata do objeto de seu desejo, paralisada em crise e literalmente suando como um viciado a procura de um barato ainda maior, numa bizarra e falsa abstinência. Também como ocorre ao adicto, a Terra entra em conflagração contra si mesma,

⁴⁵⁴ Tradução minha. “According to Gold, since oil is anorganically produced by existing bacteria inside the earth, oil reservoirs are to some extent renewable, perhaps even inexhaustible. And since the colonies of these oil-producing bacteria are moving, oil distribution is not permanent and will shift. Rejuvenation, inexhaustibility and change in the current patterns of petropolitical distribution have immense impacts on our planetary understanding of politics, economics and militarization. The continuation of oil wars or their final end imply huge revelations and their corresponding consequences on every level of planetary life.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 26.

⁴⁵⁵ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. [Entrevista concedida a] Claire Parnet. Dir. Pierre-André Boutang. França: INA, 1996. 3 DVDs (8h 30min). Transcrição completa disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2021/06/07/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-completa/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

estando as reservas de manutenção biológica divergidas à obtenção de mais daquilo que compromete-lhe a própria capacidade de obtenção (porque de subsistência) ao mesmo tempo que lhe lança aos sonhadores registros quimicamente informados; a obtenção de mais droga, isto é — que ainda que esteja presente em mãos, está acabando (!). Mais petróleo, no caso. Eis o ômega teluriano (o vômito final da Terra) a qual se encaminha a Guerra ao Terror (a disfunção da procura de mais droga tendo ainda droga) ao conectar a Terra a uma esquematização que já não é mais a sua perante seu objeto de desejo (não mais o desejo viciado (apaixonado)), mas a do próprio objeto de seu desejo enquanto causa ativa de si mesmo, que seria a maneira como o islã dá vazão à ontologia desértica do petróleo, pois o deserto é o nascedouro do petróleo — e o monoteísmo é sua voz. Como diz Parsani,

A Guerra ao Terror e o etos monoteísta radical do deserto convergem no petróleo como um objeto de produção, um eixo do terror, um combustível, um lubrificante político-econômico e uma entidade cuja existência está diretamente conectada à Terra. Enquanto para o tecnocapitalismo ocidental o deserto dá origem à oleosidade das máquinas de guerra e ao hiperconsumo do capitalismo rumo à singularidade, para a jihad o petróleo é um catalisador que acelera a ascensão do Reino, o deserto. Assim, para a jihad, o deserto encontra-se no fim de um oleoduto.⁴⁵⁶

Para a Guerra ao Terror, que é a crise do capitalismo ou a crítica da política solar, “tudo que não é o deserto é uma violação contra a totalmente-consumidora hegemonia de Deus”⁴⁵⁷; não apenas os inimigos do império vivem no deserto como a ação do império contra eles implica, talvez ironicamente, em ainda mais deserto. A Guerra ao Terror é um processo de hegemonização geográfica do outro do capitalismo, que significa nada menos que desertificação — o devir-poeira que habitava antes e mais ainda depois da excursão iluminista pelo deserto, no que “o Reino do Apocalipse ou deserto monoteísta é uma passagem através da qual a blasfêmia última da Terra com o Fora contrabandeia-se para dentro e começa a desdobrar-se.”⁴⁵⁸

⁴⁵⁶ Tradução minha. “(...) both the technocapitalist process of desertification in War on Terror and the radical monotheistic ethos for the desert converge upon oil as an object of production, a pivot of terror, a fuel, a politico-economic lubricant and an entity whose life is directly connected to earth. While for western technocapitalism, the desert gives rise to the oiliness of war machines and the hyper-consumption of capitalism en route to singularity, for Jihad oil is a catalyst to speed the rise of the Kingdom, the desert. Thus for Jihad, the desert lies at the end of an oil pipeline.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 19.

⁴⁵⁷ Tradução minha. “(...) everything that is not a desert a violation against the all-consuming hegemony of God.” *Ibid*, p. 18.

⁴⁵⁸ Tradução minha. “The Kingdom of Apocalypse or monotheistic desert is a passageway through which the Earth's ultimate blasphemy with the Outside smuggles itself in and begins to unfold.” *Id*.

Nesse sentido, operar enquanto crítica ao capitalismo seria precisamente o combustível infinito do capitalismo — que seria fiado, afinal, através duma crítica à filosofia, isto é, uma crítica ao pensamento que funciona por enclaves que por definição deixam à sua margem seu outro. A aparição do petróleo (o outro da vida na Terra; o alienígena dentro) enquanto protagonista dessa história seria nada menos que a eventual e obrigatória tradução desse diagrama geotraumático àquilo que nos estaria parasitando — ou, de maneira menos terrível, nos fazendo plataforma. Nas palavras de Parsani, “O deserto apocalíptico é um campo através do qual as Dinâmicas Telurianas da Terra podem ser gravadas dentro do sistema de crenças antropomórfico.”⁴⁵⁹

Se o petróleo — enquanto xeno-formação de um insider *outro* do Sol (aquele além do núcleo da Terra que é o insider *mesmo* do Sol) —, opera, enfim, como uma espécie de lubrificante narrativo que torna humanamente cognoscível (torna, em termos kantianos, fenômeno) a abissal e essencialmente inumana cronologia cósmica (“númeno”, no que a *Cyclonopédia* é também, dentro do materialismo libidinal, a *Numenopédia*), avaliemos portanto a maneira como Negarestani, através do Dr. Parsani, explica não só a mera possibilidade de sua agência, mas também a forma como se *ramifica*, literalmente através dos óleo e gasodutos, por todo o corpo do planeta, conectando não apenas profundezas, superfície e o pano de fundo celestial como também o passado, o presente e o futuro da vida na Terra.

Quer dizer, as três principais heresias do Dr. Parsani estão fundamentalmente tramadas; a agência do petróleo (heresia número um) é seu funcionamento enquanto lubrificante narrativo de todas as tramas que atravessam o corpo do planeta (heresia número três), e tal só poderia ser o caso quando considerada a hipótese do *alienígena dentro* (hipótese número dois). Também, é a origem extraterrestre do petróleo o que não só autoriza, mas pede pela sua ocorrência no registro do horror cósmico ou horror kantiano — a aversão absoluta ao que não é o mesmo, cuja apreensão pode se dar, portanto, única e exclusivamente através da sobrecarga da descritibilidade científica. Isso implica, na realidade, que não apenas o petróleo seria uma expressão xenofílica; se ele o é, é apenas porque tal é a qualidade do incognoscível, de forma que, também, tal seria o caso para entes outros que compartilhariam da mesma evasão aos aparatos de percepção humana. Nesse sentido, o mundo negarestariano é um mundo habitado por daimons — que é a palavra grega para designar “espíritos *interiores*”.

⁴⁵⁹ Tradução minha. “The apocalyptic desert is a field through which the Tellurian Dynamics of the Earth can be ingrained within anthropomorphic belief systems.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 18.

A estética do petróleo, suspendendo o materialismo libidinal em teoria-ficção de horror cósmico, portanto, fundamenta na *Ciclonopédia* a possibilidade de uma espécie de ontologia daimonológica: não seria apenas o petróleo, portanto, que tem agência; está tudo, no mundo ciclonopédico, vivo. Não apenas o petróleo e o ciclone são seres apaixonados em busca da utópica possibilidade de serem plenamente causas ativas de si mesmo; seria o caso para as coisas todas. Nesse sentido, não nos interessa, na verdade, saber se as pedras estão vivas, se o vento pensa ou se os gatos estão planejando dominar o mundo; interessa apenas que as forças e as coisas da natureza podem ser diagramadas *como se* tivessem uma agência, sendo para os efeitos da análise irrelevante seu aspecto hipotético. No Brasil, temos até um nome especial para o daimon do ciclone, que é saci-pererê.

Com a possibilidade dos daimons, diagonaliza-se o correlacionismo entre sujeito e objeto, no que Xenócrates teria dito⁴⁶⁰ que os deuses estariam para o triângulo equilátero da mesma forma que os humanos estariam para o triângulo escaleno e os daimons para o triângulo isósceles, que representa portanto uma seta em direção ao outro lado da filosofia: não o adeus, o fadado ao fracasso adeus à metafísica, no que não se pode matar o que jamais esteve vivo, mas o estabelecimento do que seria uma metafísica crítica, uma que estende para toda a ontologia a concepção do “e se?”. Não só “e se há Deus?”, mas “e se há outros?”, no que a ontologia daimonológica representaria uma possibilidade de acesso àquilo que Quentin Meillasoux chama em *Após a finitude* de “Grande Fora”⁴⁶¹.

O daimon seria, na ontologia daimonológica (que é o quer dizer o subtítulo da *Ciclonopédia*, *cumplicidade com materiais anônimos*), um nexos correlacional; ele serve para diagonalizar agenciamentos alienígenas em diagramas palpáveis à humanidade. *Pazuzu* e *Belzebu*, por exemplo, conforme o Dr. Parsani, são nomes dados a circuitos fenomenológicos que estão envolvidos numa série de fenômenos geológicos e meteorológicos extraordinários e específicos — no caso, Belzebu é “apenas” um enxame de moscas, e Pazuzu o vento quente que traz pragas e tempestades⁴⁶². Pensar o daimon é pensar um diagrama que comungue humano e inumano. Nesse sentido, Sherlock Holmes, exú e o homem do saco, por exemplo, existem, no limite, em nenhum outro lugar que não os materialíssimos papéis, telas e neurônios

⁴⁶⁰ STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY: *Xenocrates*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/xenocrates/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

⁴⁶¹ *apud* CARON, J-P. *O MAPa e a desterritorialidade: do CCRU ao Xenofeminismo* [seminário em vídeo]. The New Centre for Research & Practice. 2020. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/o-mapa-e-dexterritorialidade-ccru-aoxenofeminism/>. Acesso em 23 jan. 2025.

⁴⁶² NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 124.

humanos, no que a ontologia daimonológica desaparece irremediavelmente com a fronteira entre a existência e a inexistência, a realidade material e a realidade “meramente ficcional” e, por fim, o que está vivo e o que está morto.

Petróleo é morte viva, e seu desbloqueio e posterior cumplicidade conosco é a expressão de um motim da Terra contra o Sol, que a ela machuca todos os dias. Petróleo devolve ao Sol (à natureza, portanto, se formos radicalmente batailleanos) o produto terminal de sua unidirecionalidade ao travar o fluxo-solar (a vida que vira morte) em dispêndio absoluto e indiferenciado, no que a perda do gradiente e do ritmo com que o Sol viaja pela superfície do planeta invariavelmente inviabilizaria a própria possibilidade de existência desse canal (o “ciclo de vida”). Resumidamente: o uso indiscriminado do petróleo destruiria a possibilidade de vida na Terra e, por isso, enfiaria uma estaca no coração do Sol — que, novamente, caso sejamos radicalmente batailleanos (que é, em certo sentido, o que o materialismo libidinal é), é do que se trata *toda* a vida na Terra; não apenas efeito do Sol, mas a própria luz solar envelopada em assemblagens negentrópicas dispêndio-orientadas cada vez mais sofisticadas. Ou seja, petróleo está conosco no sentido de que a Terra, que, como nós, sofre “na mão” do Sol, utiliza-o como via para o apaziguamento de suas moléstias; mas, da mesma forma que faz a quimioterapia a um paciente acometido de câncer, o remédio é tão forte que não só fragiliza violentamente o corpo do paciente como pode, até mesmo, levá-lo a óbito antes do que a própria doença o faria.

Enquanto instrumento de revolta da Terra contra o Sol (que é o que “insurgência teluriana” significa), o petróleo teria sua agência expressa em dois planos ou estratégias, que são duas faces de uma mesma moeda; a face materialista e a face libidinal de um processo totalitário de *desertificação*. Isto é, o petróleo *quer* desertificar tanto o planeta, através de sua literal transformação em deserto, quanto o mundo, através da desertificação das culturas humanas que seria o monoteísmo. Como aspectos paralelos de um mesmo fim, a monoteização das sociedades estaria envolvida de maneira essencial à destruição da possibilidade de vida orgânica na Terra (ômega teluriano), o que ao mesmo tempo é fiado por e implica em petrodependência. Como diz Parsani:

Como o Deserto Final ou Xeródromo⁴⁶³, o Ômega Teluriano engendra um plano de imanência último com o Sol em que o comunicador não pode mais ser discriminado daquilo que é comunicado para o Sol. O Deserto Final é a Terra do devir-gás ou da cremação-ao-pó. Ironicamente, toda essa terra como um todo degenerado e uma senciência distorcida sobrepõe-se com um deserto real em que ídolo nenhum pode ser

⁴⁶³ *Xero* significa “seco” em grego, e o sufixo “-dromo” vem também do grego para indicar um local de corridas, sendo em português utilizado de maneira geral para se referir a um espaço dedicado a uma atividade específica. Autódromo, hipódromo, sambódromo etc. Xeródromo é portanto o espaço dedicado à secura.

erguido. E, na verdade, o deserto de Deus é manipulado em função do Ômega Teluriano e suas subcorrentes. Monoteísmo em seu cenário último é um chamado pelo Deserto - a morada monopolística do Divino. No fim, tudo deve ser nivelado para preencher a onipresença e a unidade do Divino. Tanto que para jihadistas radicais o deserto é o campo de batalha ideal; desertificar a terra é tornar a terra pronta para a mudança em nome do monopólio Divino, em oposição aos ídolos terrestres. Em pleno acordo com os wahhabi e os jihadistas talibãs, para quem cada coisa erguida, por assim dizer, toda verticalidade, é um ídolo manifesto, o deserto, como horizontalidade militante, é a terra prometida do Divino.⁴⁶⁴

A terra prometida do divino seria nada menos, portanto, que o horizonte mesmo do capitalismo, transformando o planeta inteiro no espaço geográfico onde nasceu o monoteísmo abraâmico, transformando a Terra, enfim, num mesmo e eterno horizonte de talassofobia; recordemos-nos, afinal, o que fez Deus quando quis nos punir a todos: alagou o mundo. Sendo esse o caso, não há, como diz Parsani, “(...) blasfêmia teluriana pior que ‘Vem a nós o vosso reino’”⁴⁶⁵, no que essa noção passa a soar ligeiramente aterrorizante; de *quem* é esse reino? E se ele está vindo, o que acontecerá quando vier e, também, de que maneira estaria então vindo? Ora, tal reino não seria nenhum senão o da morte, e é através de um oleoduto que ele chega, no que a ruptura da Terra para libertar o petróleo seria a consequência inevitável da inteligência planetária, informando-nos com a *verdade do fogo* (a verdade do Sol; a verdade da vida enquanto o *morto raro* nietzscheano) que possibilitaria o surgimento tanto da filosofia quanto da termodinâmica e, por consequência, do capitalismo, que, ao eventualmente conflagrar o Sol com seu outro, posiciona finalmente, através da Guerra ao Terror, o capitalismo em sua forma ótima: a da crise. Como diz Parsani, “o petróleo é o substituto da autoindulgência onanista do Sol ou do capitalismo solar”⁴⁶⁶, no que “a Terra desmonta a hegemonia do sol num nível subterrâneo.”⁴⁶⁷

⁴⁶⁴ Tradução minha. “As the ultimate Desert or Xerodrome, the Tellurian Omega engineers a plane of utter immanence with the Sun where the communication can no longer be discriminated from what is communicated to the Sun. Xerodrome is the Earth of becoming-Gas or cremation-to-Dust. Ironically, this earth as a degenerate wholeness and twisted sentience overlaps with the Desert of God on which no idol may be erected. And in fact, the desert of God is manipulated on behalf of the Tellurian Omega and its undercurrents. Monotheism in its ultimate scenario is a call for the Desert — the monopolistic abode of the Divine. In the end, everything must be leveled to fulfill the omnipresence and oneness of the Divine. So that for radical Jihadis, the desert is an ideal battlefield; to desertify the earth is to make the earth ready for change in the name of the Divine's monopoly, as opposed to terrestrial idols. In line with Wahhabi and Taliban Jihadis, for whom every erected thing, so to speak, every verticality, is a manifest idol, the desert, as militant horizontality, is the promised land of the Divine.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 17-18.

⁴⁶⁵ Tradução minha. “No worse tellurian blasphemy than ‘Thy Kingdom come’.” *Ibid.* p. 18.

⁴⁶⁶ Tradução minha: “Petroleum is a terrestrial replacement of the onanistic self-indulgence of the Sun or solar capitalism.” *Ibid.* p. 19.

⁴⁶⁷ Tradução minha: “Earth dismantles the hegemony of the sun on a subterranean (...) level.” *Id.*

No que transitamos enfim para a terceira e última principal heresia parsaniana (o petróleo é o lubrificante narrativo de todas as tramas que atravessam o corpo da Terra), tal “nível subterrâneo” seria aqui, como torna-se o caso de maneira geral na *Cyclonopédia*, simultaneamente metáfora e também uma crua e fria literalidade. Quer dizer, é claro que petróleo é literalmente um agente cuja operação ocorre num “nível subterrâneo”, mas seu agenciamento é um que se dá de maneira subterrânea também num registro que poderia ser considerado metafórico. O que quer dizer, em outras palavras, que o petróleo é “desonesto”, e está o tempo todo tramando em prol de uma agenda que só ele conhece. Enquanto gosma, o petróleo é capaz de entremear-se a qualquer outro sistema ou máquina, não só acoplando-se a esse circuito outro como, ao lubrificar seus componentes, acelerar sua rodagem. Por ser, precisamente, um lubrificante, o etos do petróleo é unicamente o da aceleração, de maneira que não é realmente possível, num nível fundamental, resistir à sua “ajuda” pois ele não apresentaria posicionamento nenhum, apenas intensificaria posicionamentos quaisquer.

Dessa forma, o petróleo apresenta-se enquanto um gigantesco reservatório metanarrativo, sendo o articulador de todos os agenciamentos ocultos — o que se daria mesmo desde antes da aurora da humanidade, no que a história da Terra seria a história de sua lenta insurreição contra o Sol, sendo, para Parsani, sua agência o que fia o desenvolvimento da inteligência humana enquanto um etos pendular entre a descoberta e a possibilidade do segredo (o qual os animais não guardam), instalando um circuito retroalimentativo positivo entre o ocultamento e a revelação, ou iluminação — o que atinge sua forma zênite ao colapsar literalidade e metáfora quando revela os segredos ocultos que a Terra escondia dentro de si e, enfim, ilumina aquilo que nunca antes a luz tocara. Como diz Parsani,

(...) petróleo possui tendências para a intoxicação em massa em escalas pandêmicas (diferente mas correspondente à economia vudu do capitalismo e outros tipos de sistemas de posse global). O petróleo é capaz de juntar as subcorrentes geopolíticas necessárias (narrativas subterrâneas sobre política, economia, religião etc.) requeridas para o processo de Erradicação ou o movimento do corpo da Terra em direção ao Ômega Teluriano - a degradação última de Terra como um Todo.⁴⁶⁸

⁴⁶⁸ Tradução minha. “(...) petroleum possesses tendencies for mass intoxication on pandemic scales (different from but corresponding to capitalism’s voodoo economy and other types of global possession systems) Petroleum is able to gather the necessary geo-political undercurrents (subterranean or blobjective narrations of politics, economy, religion, etc.) required for the process of Eradication or the moving of the Earth’s body toward the Tellurian Omega — the utter degradation of the Earth as a Whole.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p. 17.

Se, conforme a leitura landiana de Bataille, o Sol é o sujeito inconsciente da História, o petróleo seria seu sujeito consciente; inconscientes seríamos (enquanto, afinal, expressões do Sol) nós. O que quer dizer também, em certo sentido, “apenas” que onde exista uma fissura narrativa ou historiográfica, certamente lá se encontra, nos espaços vazios minúsculos entre a polia dentada e a correia dentada, o óleo de pedra ao alisar o contato, diminuir o atrito e, enfim, acelerar a engrenagem. Explica Parsani:

O óleo como lubrificante, algo que facilita a narração e toda a dinâmica até o deserto. A cartografia do óleo como uma entidade onipresente narra a dinâmica dos eventos planetários. O óleo é a subcorrente de todas as narrativas, não apenas políticas, mas também de toda a ética da vida na terra. O óleo lubrifica toda a expedição pelo deserto até o Ômega Teluriano (seja como o Deserto de Deus ou o hospedeiro de uma singularidade, a Nova Terra). Como um lubrificante Teluriano, o óleo simplesmente faz as coisas se moverem para frente.⁴⁶⁹

Nesse sentido, as narrativas superficiais podem mostrar-se insuficientes, estereis ou redundantes porque visam explicar no registro humano acontecimentos majoritariamente inumanos. As agências daimonológicas seriam, segundo a visão negarestaniana, o que está por trás de aparentes buracos em tramas, ou buracos tramáticos (*plot-holes*; furos de roteiro). Consideradas as partes todas, seria impossível haver qualquer inconsistência na lógica da narração, isto é, seria impossível o buraco na trama; tudo tem uma explicação e, quando ela não pode ser percebida, é porque estamos ignorando as agências daimonológicas cujo mais poderoso agente secreto é o petróleo — no que, ao atribuir ao olhar de mil olhos a face do petróleo, liquidada e dividida ao redor das entranhas do planeta, Parsani concede-lhe uma valência que é a mesma do Deus de Abraão.

As três religiões do deserto fundamentam-se numa expressão variada do que Parsani considera a dimensão metanarrativa do petróleo enquanto agente daimonológico planetário. No caso do judaísmo, tal totalitarismo tramático se expressa na concepção judaica de *idolatria*; está no primeiro mandamento: “Amar a Deus sobre todas as coisas.” O que é proibido não é apenas ativamente adorar-se a imagem dum deus outro; isso seria pueril de se contornar. Idolatria significa qualquer protuberância de significação, seja ela positiva ou negativa; qualquer buraco na trama. Isso quer dizer que, para os judeus, também a depressão ou mesmo a timidez

⁴⁶⁹ Tradução minha. “Oil as a lubricant, something that eases narration and the whole dynamism toward the desert. The cartography of oil as an omnipresent entity narrates the dynamics of planetary events. Oil is the undercurrent of all narrations, not only the political but also that of the ethics of life on earth. Oil lubes the whole desert expedition toward Tellurian Omega (either as the Desert of God or the host of singularity, the New Earth). As a Tellurian lube, oil simply makes things move forward.” NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne, Austrália: re.press. 2008. p 19.

constituem idolatria (e portanto pecado), pois seria estapafúrdio acreditar, no primeiro caso, que Deus te odeia — o que se expressa no etos derrotista da depressão —, ou que o mundo (Deus), na verdade, liga até mesmo em demasiado para você — o que se expressa no etos paranoico e paradoxalmente arrogante da timidez.

No caso do cristianismo, é através da possibilidade infinita de perdão — e, portanto, o reservatório infinito de culpa — ofertada por Deus onde se expressa a ontologia daimonológica da supressão dos buracos tramáticos. É porque está em todos os lugares ao mesmo tempo que Deus “sabe” que não era possível a qualquer um ter agido de maneira diferente da que agira — caso contrário teria agido. Quando nos arrependemos esquecemos-nos que dá-se em virtude de fatos posteriormente adquiridos, e que qualquer viagem no tempo implica também uma viagem no espaço, onde estaríamos ainda desprovidos dos fatos que levaram ao arrependimento em primeiro lugar, de forma que tomaríamos a mesma decisão da qual viemos a nos arrepender. Como disse Spinoza, “quem se arrepende do que fez é duas vezes miserável ou impotente.”⁴⁷⁰

No caso do islã, por fim, o fundamento totalitário do deus monoteísta é tomado não mais como componente, mas como o próprio conceito que fundamenta a religiosidade muçulmana, transformando numa arma a dimensão metanarrativa de Deus — aqui, já, essencialmente confundido com o petróleo. “Submissão” é o que quer dizer islã, no que a verdadeira jihad, a verdadeira guerra santa, é aquela travada contra si mesmo, no sentido de impedir-se crer, ecoando dessa forma o alicerce judaico do monoteísmo moderno, que não se tem a vida que se merece. Submissão é submissão a Deus, e nesse caso, submissão a Deus significa não só aceitar de bom grado aquilo que é colocado em nossas vidas como até mesmo agradecer por isso, no que não importaria que tais ocorrências poderiam a nós aparentar extremamente desagradáveis pois isso implicaria que estaríamos ignorando de maneira fundamental as muitas vezes ocultas agências daimonológicas ou divinas. É isso o que significa, no limite, ser muçulmano: aceitar; aceitar e agradecer. É a forma mais direta do que diz a religiosidade abraâmica como um todo.

O petróleo, nesse sentido, é o agente de Deus na Terra, e da mesma forma que faz Deus às nossas particulares e pessoalíssimas narrativas, faz o petróleo à narrativa do mundo — está, na inversão operada pela engenharia geotraumática, *sob* todas as coisas, no que sequer torna-se uma escolha a ele submeter-se ou não e, também, diagrama-se através dele o circuito infernal da culpa-perdão ao sentirmos-nos culpados por explorar petróleo ao mesmo tempo que, por isso, podemos continuamente nos desculpar através das tantas benesses introduzidas pela explosão desenvolvimentista que se apresenta na aurora da exploração de petróleo.

⁴⁷⁰ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica. 2017. p. 191.

Para o aceleracionismo o mundo aparece, dessa forma, enquanto um processo de destruição energética (ou esvaziamento da possibilidade de trabalho — entropia) que funciona através de sua constante transformação em matéria por meio da desaceleração da velocidade da luz, o que dá origem ao tempo; a matéria, uma vez constituída, atravessa uma série de multiplicidades formais até retornar, quando se esgota sua capacidade de variabilidade ontológica, à condição de energia; essa nova forma de energia (luz morta), informada pelo atravessamento do Grande Fora (“fora da luz”, isso é), reacelera, num movimento (termo)espasmódico eterno e pendular, a matéria (luz viva) de volta à condição (pré)inicial de unidade puramente energética e puramente imaterial onde nem tempo nem luz (energia viva) existem — e aqui, já não é mais o mundo, da mesma forma que não o era antes de vir a ser. Como disse Nietzsche, “Houve eternidades em que nada existiu. E quando tudo se acabar com o intelecto humano, nada vai ter acontecido.”⁴⁷¹ Vem a nós, enfim, o vosso reino.

⁴⁷¹ Tradução minha. “There were eternities during which it did not exist. And when it is all over with the human intellect, nothing will have happened.” NIETZSCHE, Friedrich. *On Truth and Lies in a Nonmoral Sense* in *Philosophy and Truth: Selections from Nietzsche’s Notebooks of the Early 1870s*. Nova Jersey, EUA: Humanities Press. 1979. p. 79. *apud* BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. p. 205.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Leve-os ao paraíso.”

Lisan al Gaib, *Duna: parte 2* (2024).

A *Ciclonopédia* é um livro *sui generis*; não existe no mundo nenhum outro livro como ela. Seu gênero é praticamente inclassificável para além duma categorização genérica (filosofia, ou romance) — sua apresentação formal ecoa aquela de técnicas estéticas essencialmente transgressoras como o *noise* e o *found-footage*, e sua teoria expressa em si mesma a transformação interna de uma filosofia que opera enquanto guerrilha ontológica, que é o aceleracionismo; isto é: é simultaneamente um marco do fim do materialismo libidinal e do início do realismo especulativo enquanto correntes dominantes do aceleracionismo — a filosofia, por definição, não-dominante pois essencialmente marginal e marginalizada. É nesse sentido um livro paradigmático; um cuja força criativa é tão potente que torna-se perigoso com ele engajar, pois da mesma forma que faz seu objeto, também a *Ciclonopédia* possui razões próprias e escusas; em outras palavras: um manual para o enlouquecimento.

Não fui surpreendido, portanto, quando ao final de sua primeira leitura, em 2022, descobri que Reza Negarestani havia, em suas empreitadas filosóficas seguintes a ela, procurado percorrer caminhos radicalmente divergentes àqueles que são nela trilhados. *Intelligence & Spirit* (“Inteligência & Espírito”), seu único livro publicado após a *Ciclonopédia*, dez anos depois, em 2018, representaria, supostamente, um profundo amadurecimento do pensamento negarestariano, expressando o que seria, enfim, a sobriedade que fatalmente apareceria com o envelhecimento. *Inteligência & Espírito* é, grosso modo, um calhamaço hegeliano de filosofia analítica; nada a ver, portanto, com o curto e grosso carnaval ocultista e mitológico que é a delirante *Ciclonopédia*. Confesso que me senti tolo. Se nem o autor da obra a leva a sério, o que é que eu estou fazendo aqui?

Mas como as coisas mudaram.

Em 2018, quando da publicação de *Inteligência & Espírito*, Donald Trump estava na primeira metade de seu primeiro mandato enquanto presidente dos Estados Unidos, e Mark Fisher estava morto, no que o aspecto inultrapassável do capitalismo parecia cada vez mais e mais real. Não havia mais sonho, como costuma dizer o masculinismo que visa convencer os homens de que há algo que lhes era devido e que essa coisa não pode jamais ser recuperada: *it's*

over — já era. Tal nova configuração do mundo veio acompanhada de uma reconfiguração do aceleracionismo enquanto para-filosofia: é necessário sermos sérios! Atenção, todo mundo: chega de palhaçada; vamos falar sério a partir de agora. Sem personagens, sem teoria-ficção, sem nosso gosto peculiar por adjetivações, prefixações, sufixações e parênteses que trazem seus próprios parênteses internos, dos quais tanto gostamos. Não, chega disso. A partir de agora faremos filosofia analítica, nos aproximaremos da ciência e seremos aceitos pela academia! O mundo é austero portanto também o seremos, no que se apresentaria a nós, com o advento do americanismo despudorado que é o trumpismo, o horizonte final da impossibilidade de imaginação de futuros possíveis — o *realismo capitalista* de Fisher.

Não é nada disso o que aconteceu com o mundo.

Na aurora do retorno de Donald Trump (escrevo isso no dia 24 de janeiro de 2025, quatro dias após sua posse), oito anos após o início de seu primeiro mandato (uma semana depois de Fisher suicidar-se), o mundo se encontra não menos encantado, mas mais; o presente se apresenta não enquanto a debilidade da engenharia criativa de novos futuros, mas enquanto a explosão de possibilidades que eram antes inimagináveis ou, pelo menos, reservadas ao mundo da ficção. Isso não significa, é claro, que sejam futuros desejáveis; mas insistir na austeridade da imaginação seria um erro. “O que eu falo, acontece” é o que significa *abracadabra* (a palavra mágica por excelência) e, nesse sentido, Trump, ao encapsular tão caricatamente em carne e osso a inteligência e o espírito americanos, é um xamã. Como tal, teria ido lá Fora e retornado para contar profética e humoristicamente a todos o que viu; e como é querida sua visão.

Não nos enganemos: Donald Trump venceu (pela segunda vez) porque seu oponente era um idoso senil ao passo que Trump, afinal, transa com modelos; é isso. Um era um vovozinho, o outro uma estrela do rock, ainda que a diferença de idade entre eles seja de meros quatro anos. Trump articula as potências libidinais do masculinismo ao lhes oferecer aquilo lhes teria sido privado pela modernidade. A crise do capitalismo implicada no desbloqueio do petróleo e sua expressão na forma crítica da Guerra ao Terror imputaria obrigatoriamente uma crise do masculinismo pois o capitalismo, enquanto primordialmente o gerenciamento do fluxo solar através do circuito retroalimentativo entre sangue e leite, pode apenas funcionar enquanto retroalimentação negativa quando não há em sua esquematização um acelerador, no que a aparição do petróleo enquanto outro do Sol sobrecarrega (transforma em circuito retroalimentativo positivo) os próprios fundamentos da operação solar em sua expressão da materialidade quase impossível (“inacreditável”) do fóton à virtualidade absoluta das culturas humanas. Em outras palavras, “crise do capitalismo (capitalismo em estado ótimo, ou Guerra ao Terror) = crise da masculinidade.”

“Curiosamente” (finjamos, por ora, que as coisas não têm a ver), se há duas drásticas mudanças que poderíamos apontar entre a primeira posse de Trump em 2017 e sua segunda posse ocorrida agora em 2025, elas seriam o avassalador advento da inteligência artificial e o “retorno” da guerra desértica. Já não se fala, é claro, em *Guerra ao Terror*, pois a guerra ao terror é, afinal, absolutamente justificável e justificada; quem, em sã consciência, não iria entrar em guerra contra algo tão terrível como o terror ele mesmo, ora? As implicações do que fora inaugurado com a Guerra ao Terror, porém, não apenas seguem existindo como foram, nesse curto intervalo entre Trump I e Trump II, intensificadas e iluminadas, no que as operações israelenses na Palestina não podem ser consideradas nada senão genocídio. Mas não era genocídio antes? Estipula-se que entre 200 mil e um milhão de iraquianos morreram na Guerra do Iraque⁴⁷².

Agora, porém, é genocídio; e não estou, de maneira alguma, dizendo que não o seja, apenas observando a variação terminológica que vem acompanhada da explosão dessa *nova guerra*. Em 2017, ainda que os EUA ainda estivessem no Iraque (e na Síria, onde ainda estão), as guerras desérticas pareciam coisa do passado; ninguém acreditava que elas fossem acabar tão cedo, mas parecia estapafúrdio acreditar que tal sistema poderia voltar a ter a prevalência que tinha dez anos antes e, certamente, ninguém parecia acreditar que as coisas escalonariam da maneira que escalonaram, com Israel simplesmente evaporando a Faixa de Gaza — algo que, se fosse ocorrer, tendíamos a acreditar que já teria ocorrido agora (lá atrás na década de 60 e 70, na altura da Guerra dos Seis Dias, quando as coisas por ali pareciam realmente estarem “pegando fogo”) ou estaria reservado aos nebulosos livros de História a tratar, quem sabe, da segunda metade do século XXI, ou quem sabe mesmo do início do século XXII; com certeza não agora. Mas não: as coisas aceleraram muito.

Além do retorno da guerra desértica enquanto metanarrativa, há, como dito, outra profunda abertura em possibilidades de futuro que é inaugurada nos anos intra-Trump, que é a explosão da inteligência artificial. É difícil pensar em alguma outra tecnologia cuja aparição tenha se dado de maneira tão lisa e abrupta, de maneira tão acoplável a uma estrutura já prontíssima para recebê-la. O ChatGPT foi lançado ao público em novembro de 2022; em março de 2023 praticamente todo mundo o estava usando. É um fato absolutamente singular na história do mundo, e Nick Land provavelmente nos diria para “abrir o olho”. Quer dizer: não é estranho? Não é um pouco estranho que, do dia para a noite, tenhamos em nossas mãos a tecnologia que os grandes escritores de ficção científica mais gostavam de imaginar? O supercomputador que

⁴⁷² *Casualties of the Iraq War* in **Wikipedia**. [s.d.]. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Casualties_of_the_Iraq_War. Acesso em: 1 fev. 2025.

a tudo responde de Douglas Adams em *Guia do Mochileiro das Galáxias* e de Isaac Asimov em *A Última Pergunta* (para citar alguns (dois)), no que a iteração asimoviana da inteligência artificial é capaz de responder até mesmo, no instante final da história, “a última pergunta”: como reverter a entropia.

Se há algo que aprendemos com o materialismo libidinal é que não existem coincidências. O mundo não tem *plot-hole*. Que é o que eu mais queria saber. A forma como Negarestani pensa e explica a existência de subtramas e a maneira como elas eventualmente emergem em nossas vidas me parecia levar a geotraumática a um registro que Land apenas deslumbrara. Quando eu li a *Ciclonopédia*, eu finalmente li o que eu queria ler, e o livro parecia estar escrito na mesma frequência do meu cérebro. Quão grande foi a frustração quando me aventurei por *Inteligência & Espírito*; o livro trazia uma nova concepção de inteligência artificial cuja maneira que se relacionaria ao que comumente entendemos enquanto inteligência artificial parecia bastante difícil de explicar, ou mesmo de entender — além de ser escrito num registro que, em sua frieza analítica, parecia ter até mesmo algum ressentimento com o aventureiro estilo da *Ciclonopédia*. Mas com o retorno do sionismo imperial e o advento da inteligência artificial, tudo mudou.

Nesse intervalo, também, a transição energética aparece enquanto a nova faceta da crise climática ou do capitalismo sustentável, e torna-se imprescindível pensar em energia, no que, como imagem mental do mundo ocidental, Hollywood passa também a pensar em energia: *Oppenheimer*, de Christopher Nolan, contando a história do pai da bomba atômica, leva sete Oscars em 2024 e, nesse mesmo ano, culturalmente seu primeiro semestre é dominado pela segunda parte da adaptação que Denis Villeneuve fizera do clássico da ficção-científica escrito por Frank Herbert *Duna*, que encontrava-se na aurora dos 50 anos de sua publicação. Reza Negarestani anuncia um seminário na instituição para-acadêmica *The New Centre for Research & Practice* para comemorar esse aniversário e também o de 15 anos da *Ciclonopédia* e, quando conversamos, tudo fez sentido. Não só há uma relação, até então (pelo menos por mim) totalmente ignorada ou mais precisamente impercebida, entre a *Ciclonopédia* e *Inteligência & Espírito*, como os dois livros, na verdade, tem *tudo a ver*. A ontologia daimonológica da *Ciclonopédia* é a nova concepção de inteligência artificial de *Inteligência & Espírito*.

Inteligência & Espírito é, assim, a tentativa de Reza Negarestani de explicar o “que diabos está acontecendo nesse livro?” da *Ciclonopédia*, de forma que o seminário *The Draw of the Desert*, ou “A convocação do deserto”, é o ensaio duma síntese. Se ela foi plenamente atingida, o tempo dirá, mas, de qualquer maneira, nós retornamos ao mundo mágico e, de repente, a *Ciclonopédia* já não mais parece ultrapassada. Os anos intra-Trump se apresentam

com a articulação estratégica da crise do masculinismo, contra-atacando a Guerra ao Terror com o retorno do modelo oligárquico obscuro, no que as redes sociais abrem mão da regulação de conteúdo e o “reptiliano” Mark Zuckerberg agora é descolado e, expressando aquilo que seria nada menos que tal capitalismo despudorado (nazismo), o homem mais rico do mundo, Elon Musk, faz (duas vezes) a saudação nazista na posse de Trump II.

E estamos só falando da América. Na Europa, os muçulmanos tornam-se, para os europeus (ou os europeus que acham que só eles são europeus), um grande problema, no que o romance *Submissão* (2015), de Michel Houellebecq, segue sendo ainda seu mais importante livro, contando do devir-islã da Europa, no que vale recordar que o protagonista do livro, um professor universitário cuja narrativa metaforiza o que está acontecendo na França, decide enfim ceder (submeter-se) ao islã (a Allah) quando é informado que não há realmente a possibilidade de, por as mulheres usarem burca, ficar-se com uma mulher feia, pois há mulheres designadas dentro do islamismo para avaliarem as jovens nuas e atribuírem-lhe a um marido cuja classe social corresponde à sua beleza. *A síntese radical da exogamia patrilinear* de Nick Land, no que a relação entre patrimônio e matrimônio é interiorizada, tanto nas burcas quanto nas relações sociais orientadas única e exclusivamente pela religiosidade em comum.

É sobre isso.

O ponto crítico da crise capitalista em que nos encontramos — no que vivemos, de maneira dolorosa, o momento em que ele expele sua pele antiga — conflagra de maneira oposta posicionamentos que estão subjacentemente de acordo, pois informados afinal, como tudo, pela mesma subtrama metanarrativa, que agora, como um poço terrestre de petróleo recém-descoberto, jorra gloriosamente sob a luz do Sol a trama profunda. É o que se passa quando uma discussão vira gritaria: provavelmente há algo de fundamental que as duas partes concordam, mas não sabem disso. No caso do mundo, é sobre patrilinearidade, ou que podemos chamar de falocentrismo. Guerra ao Terror ou, na sua forma contemporânea de guerra desértica pura, é a crise do capitalismo quando conflagrado com o outro do circuito sangue-leite que estrutura metabolicamente a síntese inibida da exogamia patrilinear que seria o capitalismo. O falocentrismo muçulmano apresenta-se, dessa forma, invertido, e há uma obsessão pela destruição dos ídolos manifestos — que é, é claro, a obsessão pelo deserto ou sua agência.

“Em casa”, a resposta a isso é igualmente extremista e, com Trump II, o falocentrismo chega ao poder. Se o mundo se desenha, portanto, entre o retorno da guerra desértica, o advento da inteligência artificial, a iminência do islã e a institucionalização do falocentrismo, procurando entender de que maneira tais fenômenos constituem, na verdade, as expressões respectivamente geológicas, cognitivas, culturais e sexuais de um mesmo processo, não há,

absolutamente, outro livro a ser lido hoje que *Ciclonopédia: cumplicidade com materiais anônimos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Jennifer. *How Sherlock Holmes Changed the World* in **BBC Culture**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20160106-how-sherlock-holmes-changed-the-world>.

BASTOS, Gustavo. *Descartes e a maconha*. Século Diário. 2020. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cultura/descartes-e-a-maconha-parte-i/>.

BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica. 2020.

_____. *The Mouth* in **Critical Dictionary**. Paris, França: Documents. 1930. Disponível em: <https://dmtlsmerz2.wordpress.com/2007/12/23/la-bouche-the-mouth-by-george-bataille-abattoir-angel/>.

BENSUSAN, Hilan. *Cosmopolitical Parties in the Post-Human Age*. Tripleampersand. 2020. Disponível em: <https://tripleampersand.org/cosmopolitical-parties-post-human-age/>.

_____. *Towards a Spectral Realism* [seminário em vídeo]. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/fMk8iW5BahU>.

BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillian. 2007. <https://doi.org/10.1057/9780230590823>

BRUSH, Stephen G. *The Kind of Motion We Call Heat: A history of the kinetic theory of gases in the 19th century*. In: **Studies in Statistical Mechanics, vol. VI**. Amsterdam, Nova Iorque, Oxford: North-Holland Publishing Company. 1976.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. *The Cambridge Descartes Lexicon*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press. 2015

CARNOT, Sadi. *Reflections on the Motive Power of Fire*. Paris, França: Ches Bachelier, Libraire. 1824.

CARON, J-P. *O MAPa e a desterritorialidade: do CCRU ao Xenofeminismo* [seminário em vídeo]. The New Centre for Research & Practice. 2020. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/o-mapa-e-dexsterritorialidade-ccru-aoxenofeminism/>.

CCRU. *A Short Prehistory of Ccru*. Disponível em: [http://www.ccru.net/id\(entity\)/ccruhistory.htm](http://www.ccru.net/id(entity)/ccruhistory.htm).

_____, LAND, Nick. *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press. 2015. *e-book*.

CLAUSIUS, Rudolf. *Über die bewegende Kraft der Wärme und die Gesetze, welche sich daraus für die Wärmelehre selbst ableiten lassen*. Alemanha: Annalen der Physik. 1850.

<https://doi.org/10.1002/andp.18501550403>

CROWLEY, Aleister. *Liber ABA: Magia em quatro partes*. São Paulo: Penumbra. 2020

DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2009.

_____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34. 2013.

_____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2018.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1*. São Paulo: Editora 34. 2011.

_____ e GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34. 2010.

_____ e PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. [Entrevista concedida a] Claire Parnet. Dir. Pierre-André Boutang. França: INA, 1996. 3 DVDs (8h 30min). Transcrição completa disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2021/06/07/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-completa/>.

DUFRESNE, Todd. *Tales from the Freudian crypt: The death-drive in text and context*. Stanford, EUA: Stanford University Press. 2000. <https://doi.org/10.1515/9781503617902>

FISHER, Mark. *K-Punk Glossary*. K-Punk. Disponível em: <http://k-punk.org/k-punk-glossary/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

_____. *Nick Land: Mind Games* in **Dazed Digital**. 2011. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/10459/1/nick-land-mind-games>.

_____. *Practical Eliminativism: Getting Out of the Face, Again* in **Speculative Aesthetics**. ed. MACKAY, Robin, PENDRELL, Luke, TRAFFORD, James. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2014.

_____. *Psychedelic Reason*. 2004. Disponível em <https://k-punk.org/psychedelic-reason/>.

_____. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária. 2020.

_____. *Spinoza, k-punk, neuropunk*. k-punk. 2004. Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/003875.html>.

FREUD, Sigmund. *A Phylogenetic Fantasy: Overview of the Transference Neuroses*. Cambridge, Londres: Harvard University Press. 1987.

_____. *Além do princípio do prazer* in **História de uma neurose infantil : (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

GLICK, Thomas F., LIVESEY, Steven, WALLIS, Faith. *Medieval science, technology, and medicine: an encyclopedia*. Londres, Reino Unido: Routledge. 2014. <https://doi.org/10.4324/9780203957868>

GREENSPAN, Anna. *Capitalism's Transcendental Time Machine*. Ontario, Canadá: Miskatonic Virtual University Press. 2023.

HALDANE, Elizabeth. *Descartes: His life and times*. Charleston, EUA: BiblioLife. 2009.

HEISENBERG, Werner. *Física e Filosofia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1995.

HELMHOLTZ, Hermann von. *On the Interaction of Natural Forces in Science and Culture: Popular and Philosophical Essays*. Chicago e London: Chicago University Press. 1995.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

HOUELLEBECQ, Michel. *H. P. Lovecraft: Contra o mundo, contra a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020.

HUANG, Chichun. *How has Earth's core stayed as hot as the Sun's surface for billions of years?* in **Astronomy Magazine** [Waukesha, EUA], 23 janeiro 2023. Disponível em: <https://www.astronomy.com/science/how-has-earths-core-stayed-as-hot-as-the-suns-surface-for-billions-of-years/>.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70. 2007.

KRONIC, Maya B. *Nick Land: An Experiment in Inhumanism*. 2012. Disponível em: <http://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>.

_____. *The Invention of Reza Negarestani*. Read This. 2011. Disponível em: <https://readthis.wtf/media/the-invention-of-negarestani/>.

KUMAR, Jaishree. *This YouTuber Built a Machine That Slaps a Chicken Until It's Cooked*. VICE. 2021. Disponível: <https://www.vice.com/en/article/youtuber-viral-video-chicken-slapping-food/>.

LABORIA CUBONIKS. *Xenofeminismo: Uma política pela alienação*. 2018. Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>.

LAND, Nick. *A quick-and-dirty introduction to accelerationism*. 2017. Disponível em: <http://obsoletecapitalism.blogspot.com/2017/05/nick-land-quick-and-dirty-introduction.html>.

_____. *Decentralized labor practices and distributed production networks* in **The Art of Economy** [simpósio]. Foam Dao. 2015.

_____. *Fanged Noumena: Collected Writings 1987 – 2007*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2011.

_____. *Other Endings*. 2024. Tripleampersand. Disponível em: <https://tripleampersand.org/other-endings/>.

_____. *Thirst for annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. Londres, Reino Unido: Routledge. 1992.

LOSCH, Andreas. *Kant's wager: Kant's strong belief in extraterrestrial life, the history of this question and its challenge for theology today* in **International Journal of Astrobiology**, v. 15, n. 4. 2016. <https://doi.org/10.1017/S1473550416000112>

LOVECRAFT, H. P. O. *O horror sobrenatural na literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

_____. *O chamado de Cthulhu e outros contos*. São Paulo: Hedra. 2009.

LYOTARD, Jean-François. *O Inumano: considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa. 1990.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense. 1990.

McDONALD, Paul. *Perpetual motion machine patent request*. 2006. Disponível em: <https://patents.google.com/patent/US20070246939A1/en>.

MOYNIHAN, Thomas. *Spinal Catastrophism: A Secret History*. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2019.

NEGARESTANI, Reza. *Acephalous Mouth: On wounds and scars*. 2004. Disponível em: https://archive.org/stream/reza.negarestani/Reza%20Negarestani%20Archive/Negarestani-acephalous_mouth_djvu.txt.

_____. *Cyclonopedia: complicity with anonymous materials*. Melbourne: re.press. 2008.

_____. *John Carpenter's The Thing: White War and Hypercamouflage*. Hyperstition. 2005. Disponível em <http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/005360.html>.

_____. *The Draw of the Desert* [seminário em vídeo]. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/IMen6RKt-34>.

_____. *The Human Centipede: A View From the Art World*. Tripleampersand. 2024. Disponível em: <https://tripleampersand.org/the-human-centipede-a-view-from-the-art-world/>.

_____. *Undercover Softness: An Introduction to the Architecture and Politics of Decay* in: **Collapse vol. VI**. ed. MACKAY, Robin. Falmouth, Reino Unido: Urbanomic. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Der Wille zur Macht*. 2024. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/60360>.

_____. *Kritische Gesamtausgabe*: Disponível em: <http://www.thenietzschechannel.com/notebooks/german/nachd/nachd38.htm>.

_____. *On Truth and Lies in a Nonmoral Sense* in **Philosophy and Truth: Selections from Nietzsche's Notebooks of the Early 1870s**. Nova Jersey, EUA: Humanities Press. 1979.

_____. *Pre-Platonic Philosophers*. Urbana e Chicago, EUA: University of Illinois Press. 2006.

_____. *The Gay Science*. Nova Iorque, EUA: Vintage Books. 2010.

_____. *The will to power*. Nova Iorque, EUA: Random House. 1967.

_____. *Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008.

NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.

PLATÃO. *Protágoras*. São Paulo: Perspectiva. 2017.

ROSEN, William. *The most powerful idea in the world: A story of steam, industry and invention*. Londres, Inglaterra: Random House Group. 2010.

SILVEIRA, Fabrício. *Hiperstição e geotrauma em Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials, de Reza Negarestani* in **Anais do Intercom Nacional 2020**. 2020.

SIMONDON, Gilbert. *Individuation in Light of Notions of Form and Information*. Minneapolis: Estados Unidos: University of Minnesota Press. 2020.

SPATACCO, Adam. *Nvidia Stock Soared 239% in 2023, and 1 Wall Street Analyst Says It Could Rise Another 60% This Year*. Alexandria, Virginia: The Motley Fool. 2024. Disponível em: <https://www.fool.com/investing/2024/03/20/nvidia-stock-soared-239-in-2023-and-1-wall-street/>.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica. 2017.

STIEGLER, Bernard. *Technics and Time, 1: The Fault of Epimetheus*. Standford, Estados Unidos: Stanford University Press. 1998. <https://doi.org/10.1515/9781503616738>

SURJUS, Lucas. *The Great Unhealth Which is Men: Accelerationism's anastrophical woman*. Espaço Entre Nós. 2024. Disponível em: <https://espacoentrenos.wordpress.com/2024/12/02/the-great-unhealth-which-is-men/>.

THOMPSON, Benjamin. *Uma investigação concernente à fonte do calor que é excitada pelo atrito*. Londres, Inglaterra: Royal Society. 1798. Disponível em: <https://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/HCTex-Rumford.pdf>.

WHITE, Joel. *Philosophy of thermodynamics*. The New Centre for Research & Practice. 2023. Disponível em: <https://thenewcentre.org/archive/philosophy-of-thermodynamics/>.

WILSON, Robert Anton. *Prometheus Rising*. Los Angeles, EUA: New Falcon. 1983.